



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Dyel Gedhay da Silva

**O lugar historiográfico de Roma no período helenístico:** a história *ecumênica* e *poliagonística* de Políbio a partir da polêmica com Timeu

Florianópolis

2024

Dyel Gedhay da Silva

**O lugar historiográfico de Roma no período helenístico: a história  
*ecumênica e poliagonística* de Políbio a partir da polêmica com Timeu**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Dominique Vieira Coelho dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Dyel Gedhay da

O lugar historiográfico de Roma no período helenístico : a história ecumênica e poliagonística de Políbio a partir da polêmica com Timeu / Dyel Gedhay da Silva ; orientador, Dominique Vieira Coelho dos Santos, coorientador, Fábio Augusto Morales, 2024.

172 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Período Helenístico. 3. República Romana. 4. Historiografia Antiga. I. Santos, Dominique Vieira Coelho dos. II. Morales, Fábio Augusto . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

Dyel Gedhay da Silva

**O lugar historiográfico de Roma no período helenístico: a *história ecumênica e poliagnóstica* de Políbio a partir da polêmica com Timeu**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 20 de fevereiro de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Teresa Marques Gonçalves  
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Breno Battistin Sebastiani  
Universidade de São Paulo (USP)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em História.



Prof. Dr. Henrique Espada Lima  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof. Dr. Dominique Vieira Coelho dos Santos  
Orientador

Florianópolis, 2024.

A todo aquele que encontra no intelecto o fundamento da libertação espiritual e política.

## AGRADECIMENTOS

O curso de mestrado e a criação desta dissertação envolveram um grande número de pessoas. Agradecê-las é atividade das mais prazerosas e, ao mesmo tempo, das mais exigentes, uma vez que todo o meu reconhecimento parece não as recompensar suficientemente com relação a todas as formas pelas quais me nutriram.

Eu não poderia começar sem agradecer a todas as pesquisadoras e pesquisadores que compõem, no seu dia-a-dia, a rede de História Antiga no Brasil, que vem comprovando cada vez mais a sua importância na pesquisa, no ensino e na aprendizagem históricas. Agradeço, especialmente, aos membros do LABEAM — Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais, com os quais comecei, em 2018, a me instruir na pesquisa e, de forma mais ampla, na reflexão crítica sobre Antiguidade e Medievo. Ao Dominique Santos, coordenador do Laboratório e orientador deste jovem pesquisador desde então, dou meus profundos agradecimentos e admiração. Afinal, ele tem me guiado desde quando eu não tinha a mínima noção de como fazer uma pesquisa científica. As confluências e divergências entre História Antiga e Teoria da História a partir das fontes historiográficas gregas que animaram esta pesquisa foram gestadas ainda nas suas aulas durante a minha graduação em História. Por isso, desejo que a conclusão dessa pesquisa seja, ao menos em alguma medida, uma forma de honrar tão longos esforços.

Em se tratando de grupos, não posso deixar de agradecer aos membros do MITHRA — Laboratório de História Antiga Global, que me acolheram na ilha de Florianópolis desde 2022. Boa parte da estrutura desse trabalho e das reflexões que o conduziram começaram nas nossas reuniões. O aprofundamento e alcance maiores que pude desenvolver para além da trajetória de Políbio se devem, em grande medida, à orientação do Fábio Morales. Pensar e pesquisar o período helenístico ao restabelecer o elo da pesquisa com o social é aprendizado não só para esta dissertação, como para toda a vida.

Deixo um grande agradecimento aos professores Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG) e Breno Battistin Sebastiani (USP) por terem composto a banca de qualificação e a de defesa. A avaliação de vocês deu um direcionamento muito mais bem definido à pesquisa, e proveu condições para uma dissertação muito mais concisa do que inicialmente planejado. Além disso, suscitaram questões de retórica, história, cultura, política e linguagem que recebem um tratamento aqui, embora vão se converter em força criadora por muito mais tempo em atividades vindouras.

Aos membros do Humanitas — Núcleo de estudos em epistemologias, práticas e saberes interdisciplinares, pela construção do espaço e pela experiência do tempo da reflexão conjunta iniciadas em 2019. Se esta pesquisa transita por diferentes saberes e se arrisca na elaboração de ideias originais, os encontros com o grupo tem aproveitados como merecem. Que ela seja mais um passo em direção a uma universidade, de fato, plural e livre.

Agradeço aos estudantes-professores e professores-estudantes do PPGH-UFSC, que de tanto esforço despendem para que se mantenha o ensino público, democrático e de qualidade. Destaco os nomes da Aline Dias da Silveira, pela vivacidade com que assume as pautas dos estudantes e nos aponta caminhos para elaborarmos epistemologias concorrentes em um mundo pós-eurocêntrico; o da Eunice

Nodari, pelo comprometimento exemplar com a ciência em uma postura transdisciplinar, e por sempre nos lembrar do ambiente e do espaço na história; e o da Flávia Varela, pela perspectiva global com a qual pensa a Teoria da História e a História da Historiografia. Aproveito para agradecer à Flávia e à turma de Teoria da História I, do segundo semestre de 2022, por terem me acolhido e compartilhado perguntas e inquietações durante o meu estágio docência. Todas essas preocupações, exemplos e formações intelectuais moldaram esta pesquisa.

O estudo de língua grega foi indispensável para a realização desta pesquisa. Por isso, agradeço aos amigos pós-graduandos Vitória Menezes (PPGH-UFSC) e Rodrigo Oliveira (PPGH-UFSM) pelo nosso grupo independente, onde podemos nos auxiliar nessa empreitada em todos os aspectos, desde os mais técnicos da linguística até os mais práticos da vida de pós-graduandos no cenário atual. A combinação do formativo e do terapêutico proveniente das nossas reuniões encontra um de seus resultados nos trechos de fonte ora traduzidos.

Como a própria história nos ensina, a vivência em todos os seus aspectos edificam o pesquisador e contribuem para a objetividade de sua investigação. E o meu irmão Hasan é uma das pessoas a quem mais devo por me guiar em um modo de pensar e de agir radicalmente livre. Mais do que isso, me fez reconhecer o Abbas, quem faz ver vida nas mais pequenas partilhas; o Husein, por quem a sagacidade e a criatividade são ressignificadas; o Mohsen, que cultiva a curiosidade mais autêntica da infância; a Rafiq Salam, cuja sede de justiça a cada dia se reanima a partir de e por meio da comunidade. Com efeito, o Imam 'Ali ibn Abu Talib certa vez disse que “nenhuma riqueza tem valor maior do que a inteligência e a sabedoria”. E vocês são fundamentais no percurso nos aproxima desses tesouros ocultos e, o mesmo tempo, tão reais.

*À mes sœurs, Fatima Zahra Ibrahim, Naoual Fahsi et Nour Abbass, je vous dis merci avec tout mon cœur. Vous étiez avec moi pendant toute la période de la recherche en me rappelant de notre origine commune et en réfléchissant les saints noms de Allah dans vos esprits. La réflexion joue un rôle fondamental dans la lutte contre l'oppression — ça inclut l'oppression qu'on fait sur soi-même. Les bénédictions que je reçois de vous sont inestimables. Cet hommage n'est qu'une petite démonstration de reconnaissance que je peux vous donner en ce moment. Fatima, la société reconnaitra la liberté des femmes ; Naoual, l'investigation constante fait de toi une intellectuelle ; Nour, tu est victorieuse lorsque tu donnes des leçons d'humanité même dans un moment extrême. Le peuple libanais est libre, aussi bien que le paléstinien ; qu'ils aient, donc, le droit de garder et de cultiver le territoire qui leur appartient !*

A minha família não tem papel menor na construção dessa pesquisa. Agradeço muito à minha mãe Maria Noeli Marcelino, pela persistência nos estudos; ao meu pai Ademir da Silva, cultivador da leitura vagarosa e do gosto pela discussão; à minha irmã Rochele da Silva, pelo auxílio mútuo de tantos anos e pelos interesses comuns que ainda assim estamos por descobrir; ao meu irmão Nox Francys Marcelino Voss, por me ensinar tanto, mesmo sem querer; à minha avó Cecília Alves Monteiro, pela infância perene; à Rozane Oliveira, por tantas vezes me acolher, em todos os sentidos; à Viviane, à Daiane, ao Altair, ao Leonaldo e à Eliane, assim como ao Arthur, ao Rafa, ao Gabi, ao Joãozinho, à Bianca e à Betina pelos (re)encontros e con-

fraternizações na nossa terra vermelha; e à Ray, cuja inteligência desperta admiração desde tão cedo.

A luminosidade que me guia, me provém calor, discernimento e reconhecimento da vida recebeu um nome neste mundo: Ana Maria de Oliveira. A ela devo agradecimento imensurável, pois ela é a minha maior benesse; com ela, assumo as condições que nos surgirem, pois com ela me realizo. Se o leitor identifica neste texto o sopro que anima o ato desinteressado e amoroso da vida, ele sente a presença leve e, ao mesmo tempo, caprichosa da Aninha. Se ele nota o rigor e a dedicação à pesquisa, bem como a didática explicativa do magistério, ele sente a presença da professora, historiadora e mestra Ana. Obrigado, Aninha, por estar sempre comigo e por me ajudar tanto!

Enquanto este labor perdurar, que nos sirva de memória da Gabriela Camargo e do José Ademir do Prado de Oliveira. Pois eles estão mais vivos do que nós. “Nós pertencemos a Deus e a Ele retornaremos”.

Esta pesquisa contou com 19 meses de bolsa UNIEDU, um recurso proveniente do estado de Santa Catarina. Esse mantimento foi essencial em todos os aspectos, tanto para a investigação, em específico, quanto para a minha formação enquanto professor-pesquisador. Neste ano de 2024, entretanto, o grupo anti-educação encabeçado pelo atual governador Jorginho Mello extinguiu o programa. Sob greves de professores do estado, dos IF's, das IES's e dos TAE's, registro a aporia que nos acomete todos os dias: como nós, servidores da ciência e educação públicas, podemos ser tão desvalorizados por certos grupos da política institucionalizada? Esta dissertação não a responde, mas, direta ou indiretamente, procura por uma alternativa.



“O conflito é pai de todos, rei de todos: distingue deuses de humanos; faz de uns escravos e, de outros, livres”.

(Πόλεμος πάντων μὲν πατήρ ἐστι, πάντων δὲ βασιλεύς, καὶ τοὺς μὲν θεοὺς ἔδειξε τοὺς δὲ ἀνθρώπους, τοὺς μὲν δούλους ἐποίησε τοὺς δὲ ἐλευθέρους).

— Heráclito de Éfeso (c. 540 – c. 480 A.E.C.), F 53, tradução nossa.

## RESUMO

As *Histórias* de Políbio de Megalópolis (c. 203 – c. 120 A.E.C) são um dos testemunhos mais privilegiados para conhecermos como eram conceptualizadas, pelas historiografias helenísticas, as diferentes interações no Mediterrâneo. Escritas em 40 livros por um integrante da Confederação Aqueia que, exilado pelos romanos, passa a narrar o avanço deste povo sobre as redes de interações dos aqueus, elas buscam exprimir essas interações com conceitos de um modo específico. Esses conceitos tornam-se mais apreensíveis em passagens de polémica historiográfica, i. e., em momentos que Políbio ataca e defende seus predecessores visando construir a sua autoridade sobre a imagem de um passado em disputa. Timeu de Tauromênio (c. 350 – c. 260 A.E.C.), conhecido pela tradição posterior como o mais criticado por Políbio, havia similarmente polemizado com seus predecessores na condição de exilado em Atenas, quando passou a compor sua história sobre a Sicília e a Itália, de modo a deslegitimar a linha de governo de Agátocles, considerada tirânica. Conformados pela disputa de poder no mundo helenístico, os sentidos de história carregam, em ambos os historiadores, a necessidade de ressignificação das tradições a fim de enfrentar as novas composições de forças e ou negociar com elas. Considerando esse contexto, o nosso objetivo é compreender, a partir da polémica com Timeu, os conceitos usados por Políbio, especificamente como eles indicam o seu modo de pensar e de escrever história. Para tanto, nos apropriamos da teoria e do método da História dos Conceitos [*Begriffsgeschichte*], posto que compreendemos um conceito — em uma dada linguagem e em um dado contexto — como um conjunto de significados social e politicamente manifestado, sendo o conhecimento sobre ele construído pela análise diacrônica e, sobretudo, sincrônica de um respectivo conjunto de termos significantes dentro de suas relações empíricas de uso e interpretação. Uma vez deparados com tal esforço hermenêutico, o conceito moderno de *história universal* usado para qualificar as *Histórias* de Políbio contra as de Timeu, devido ao entendimento ocidental de sua obra ter tido como mote o avanço romano sobre a Grécia — o que era entendido como metonímia da universalização da história pela marcha da civilização — é problematizado. Por fim, buscamos corroborar a tese de que não haveria um conceito de história universal em Políbio, mas um modo particular de negociar com a rede de relações helenísticas, que compunham um espaço comum de interesses e de disputas, chamado, em grego, de *oikouménē*, e um modo de investigá-lo historicamente caracterizado pela variação de escalas. A fim de traduzir para uma linguagem contemporânea a defesa dessa prática historiográfica que Políbio constrói e com a qual ele valora a imagem de um passado comum da *oikouménē*, generalizando-o a partir das entidades políticas que dele participam, propomos o conceito de *história ecumênica*. Já para traduzir o modo multi-conflitivo como a investigação desse passado se dava, inerentemente ao seu contexto de constantes disputas e ao próprio objetivo de Políbio ao conceber suas *Histórias* como arma de combate, propomos o conceito de *história poliagonística*.

**Palavras-chave:** Período helenístico; República romana; historiografia antiga.

## ABSTRACT

Polybius of Megalopolis' (c. 203 – c. 120 BC) *Histories* are one of the most privileged testimonies for understanding how different interactions were conceptualised by Hellenistic historiographies in the Mediterranean. Written in 40 books by an Achaean Confederation member who, exiled by the Romans, begins to narrate the advance of this people over Greek networks, they seek to express these interactions with concepts in a specific way. These concepts become more apprehensible in polemical passages, i.e., in those which Polybius attacks and defends his predecessors in order to build his authority on the image of a disputed past. Timaeus of Tauromenium (c. 350 – c. 260 BC), known by later tradition as the most criticised by Polybius, had similarly acted with previous historians while in exile in Athens, when he began to compose his history of Sicily and Italy with the aim delegitimise the political heritage used by Agathocles' government, considered by Timaeus as tyrannical. Shaped by forces in dispute in the Hellenistic world, the meanings of history bring with them, in both historians, the need to re-signify traditions in order to face the new power compositions and or to negotiate with them. Considering this context, our aim is to understand, departing from the polemic with Timaeus, the concepts used by Polybius, specifically how they indicate his way of thinking and writing history. To achieve this, we served ourselves from the History of Concepts [*Begriffsgeschichte*] framework, since we understand a concept — in a given language and in a given context — as a socially and politically manifested set of meanings, being our knowledge constructed about it by means of diachronically and, more importantly, synchronically analysis of a respective set of significant terms within their empirical relations of use and interpretation. Given such hermeneutic effort, the modern concept of *universal history* used to qualify Polybius' *Histories* against those of Timaeus, due to the Western understanding of his work as having as its motto the Roman advance on Greece — which was understood as a metonymy for the universalisation of history through the march of civilisation — is problematised. Finally, we seek to corroborate the thesis that there was no concept of universal history in Polybius. Instead, there was a particular way of negotiating with the network of Hellenistic relations, which made up a common space of interests and disputes, called in Greek *oikouménē*, and a way of investigating it historically through variation of scales. In order to translate into contemporary language the defence of this historiographical practice that Polybius constructs and with which he values the image of a common past of the *oikouménē*, generalising it from the political entities that participate in it, we propose the concept of *ecumenical history*. For translating the multi-conflictive way by which the investigation of this past was conducted, inherently to its context of constant disputes and to Polybius' own objective in conceiving his *Histories* as a combat weapon, we propose the concept of *polyagonistic history*.

**Keywords:** Hellenistic Period; Roman Republic; Ancient Historiography.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — organização do conteúdo nas <i>Histórias</i> de Políbio por livro.....	66
---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Número de ocorrências da palavra *oikouménē* nas *Histórias* de Políbio por livro.....76

Tabela 2 — Número de ocorrências da palavra *empeiría* nas *Histórias* de Políbio por livro.....76

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I POLÍBIO E AS FORMAS DA HISTÓRIA.....</b>	<b>28</b>
1.1 AS FORMAS HISTORIOGRÁFICAS DO PERÍODO HELENÍSTICO: DA UNIVERSALIDADE À DESINTEGRAÇÃO.....	29
1.2 ROMA AVANÇA SOBRE A GRÉCIA: O SENTIDO HISTÓRICO DO “DOMÍNIO UNIVERSAL”.....	46
1.3 REPENSANDO AS <i>HISTÓRIAS</i> DE POLÍBIO NO HORIZONTE DAS HISTORIOGRAFIAS HELENÍSTICAS.....	56
<b>CAPÍTULO II DA CONFEDERAÇÃO AQUEIA À “<i>THÁLASSA HĒMŌN</i>”: O MODO <i>POLIAGONÍSTICO</i> DE SE PENSAR HISTÓRIA.....</b>	<b>73</b>
2.1 POSSUIRIA POLÍBIO UMA EXPERIÊNCIA DE QUASE TODO O MUNDO CONHECIDO?.....	74
2.2 <i>KAI KATHÓLOU KAI KATÀ MÉROS</i> : O LUGAR DE ROMA AO SE PENSAR A HISTÓRIA DAS PARTES AO TODO.....	87
2.3 SERIA ÉFORO O PREDECESSOR DE UMA HISTORIOGRAFIA EM LARGA ESCALA?.....	103
<b>CAPÍTULO III A <i>OIKOUMÉNĒ</i> NA POLÊMICA COM TIMEU: UMA DEFINIÇÃO DE <i>HISTÓRIA ECUMÊNICA</i>.....</b>	<b>115</b>
3.1 TIMEU DE TAUROMÊNIO PARA ALÉM DA SOMBRA DE POLÍBIO....	115
3.2 A <i>OIKOUMÉNĒ</i> COMO PARÂMETRO: O LUGAR DA SICÍLIA NA HISTÓRIA EM LARGA ESCALA.....	123
3.3 SOBRE O VALOR DE UM PASSADO (IN)COMUM.....	136
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>144</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>149</b>
A) FONTES.....	149
B) OBRAS DE REFERÊNCIA.....	151
C) BIBLIOGRAFIA.....	152

## INTRODUÇÃO

É comum dizer que Políbio de Megalópolis (c. 203 – c. 120 A.E.C) nos tenha legado uma história universal da Antiguidade: ao testemunhar o avanço de Roma sobre o mundo grego e o Mediterrâneo, os acontecimentos teriam seguido todos o mesmo destino. Esta dissertação consiste no esforço heurístico e hermenêutico crítico-compreensivo da conceptualização de histórias em variação de escalas ocidentalmente traduzida por *história universal* nas *Histórias* de Políbio. De modo a questionar a projeção do conceito moderno sobre a experiência indicada pela fonte antiga, buscamos, assim, desvelar sentidos e constelações conformadoras da vivência dos atores históricos durante as guerras e negociações intercomunitárias que caracterizaram o período helenístico. Para tanto, partimos da polêmica de Políbio com Timeu no momento da criação de sua obra a qual resultou em 40 livros.

A macronarrativa da tradição clássica oitocentista sobre as historiografias da Antiguidade comumente situa Políbio após Heródoto e Tucídides não apenas ao que é cronologicamente evidente, mas a uma narrativa sobre a origem da escrita da história em um mundo greco-romano entre os chamados *dois pais fundadores*, a qual teria sido continuada pelos romanos, formando, assim, a cadeia de transmissão dos *clássicos* nesse fazer-saber<sup>1</sup>. A escrita da história durante a Antiguidade e o Medievo, de acordo com essa perspectiva, chegou a ser reduzida a um procedimento o qual Collingwood denominou *recorta-e-cola*, no qual a narrativa era “construída por meio do recorte e da

<sup>1</sup> NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: From the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 3. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. 03; DROYSEN, Johann Gustav. **Histórica**: lecciones sobre la enciclopedia y metodología de la historia. Tradução de E. G. Valdés; R. G. Girardot. Barcelona: Editorial Alfa, 1983, p. 115; Em DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, a preocupação com as formas de apresentação da história (Tópica) é ilustrada com Heródoto, ao passo que a proposição da teoria da história em “ser um *organon* do pensamento e da pesquisa histórica” se tenha feito presente “desde Tucídides e Políbio até Jean Bodin e Lessing” (p. 42); já a ciência da história é definida como “o resultado de percepções empíricas, de experiências e da pesquisa (ιστορία)”, recorrendo, então, à palavra grega para história (*historia*) (p. 36); a tese da continuidade ocidental desde a Antiguidade grega e romana ainda é defendida em HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de G. J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017; para a compreensão de uma “modernidade tucidideana” entre os historicistas alemães, a qual teria adotado Tucídides como pai da ciência da história ocidental, ver PIRES, Francisco Murari. Ranke e Niebuhr: a apoteose tucidideana. **Revista de História**, São Paulo, n. 166, p. 71-108, 2012.

combinação de testemunhos de diferentes autoridades”, sendo assim até o século XVII na Europa, quando da publicação da *Scienza Nuova* de Giambattista Vico e do estabelecimento de um método científico<sup>2</sup>. Iniciativas editoriais no Brasil, entretanto, têm mostrado a presença de Políbio e demais historiadores da Antiguidade, da Antiguidade Tardia e do Medievo como parte da história da historiografia e da teoria da história<sup>3</sup>.

Com efeito, “não é por estarem mais afastados de nós que os povos da Antiguidade não nos podem fazer pensar sobre as escolhas que fizeram e sobre as atitudes que tomaram”<sup>4</sup>. Contra a suposição, ainda predominante no Brasil, de que o conceito de história somente passaria a sustentar um método na modernidade ao passo que o restante do planeta estaria aguardando a sua difusão, argumentamos que nós devemos nos responsabilizar pela abertura hermenêutica necessária a fim de, por meio do diálogo com as fontes, compreendermos as diversas experiências humanas da Antiguidade movidas pela investigação do passado em toda a sua complexidade<sup>5</sup>. A ambígua recepção dos textos historiográficos antigos pelos ocidentais, afinal, oscila entre uma fecunda apropriação — nem sempre admitida — que condicionou a ciência histórica enquanto disciplina e a submissão de todo registro outro de verdade que não obedecesse ao método histórico-filológico —, a qual persiste sob novas roupagens<sup>6</sup>. Assumimos o ponto de vista de Ana Teresa Marques Gonçalves, segundo o qual, no contexto criativo de Políbio, a não distinção entre história e literatura resultava em modos outros de investigar, conhecer e

<sup>2</sup> COLLINGWOOD, R. G. **The Idea of History**. Oxford: At the Clarendon Press, 1946, p. 257; 257-260. Segundo Collingwood, a mudança estaria na forma do historiador perguntar às fontes: conforme a lógica do *recorta-e-cola*, o historiador se restringiria a selecionar aquilo que é falso daquilo que é verdadeiro, enquanto na ótica de Vico, o historiador buscaria o sentido daquilo que a fonte pode comunicar-lhe.

<sup>3</sup> JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e retórica**: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira; SILVA, Glaydson José da (orgs.). **A ideia de história na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda Editorial, 2017; CARVALHO, Margarida Maria de; SILVA, Glaydson José da; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *A ideia de história na Antiguidade Tardia*. Curitiba: CRV, 2021.

<sup>4</sup> GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Desafios da pesquisa em História Antiga no Brasil. **Dimensões**, Vitória, v. 11, p. 167-174, 2000, p. 168.

<sup>5</sup> SANTOS, Dominique. Apresentação ao dossiê A escrita da história na Antiguidade. **Revista de Teoria da História**, ano 7, n. 13, p. 07-18, 2015; SILVA, Dyel.; SANTOS, Dominique. A historiografia antiga e a consciência do método da investigação histórica: uma leitura das Histórias de Políbio de Megalópolis. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 15, n. 40, p. 162–185, 2022. DOI: 10.15848/hh.v15i40.1960.

<sup>6</sup> JOLY, Fábio Duarte. Apresentação. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e retórica**: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 8-11.



comunicar, dado que era uma das expressões da “necessidade humana de interpretar a sua existência”, desencadeando, assim, um procedimento complexo no qual se apropriavam de todo o “potencial comunicativo que dispunham à época”<sup>7</sup>. Dentre esses modos, destacamos a polêmica historiográfica.

A polêmica historiográfica é uma categoria de análise usada em pesquisas sobre historiografias antigas que objetiva apreender a crítica aos predecessores e a consequente construção de autoridade pela reavaliação da tradição enquanto prática historiográfica constituinte das culturas de escrita da história em língua grega e latina<sup>8</sup>. Em linhas gerais, sendo uma categoria, a polêmica é usada como ferramenta heurística na medida que orienta as perguntas do pesquisador acerca do objetivo discursivo do historiador antigo ao criticar um predecessor. Por isso, o seu uso resulta em (a) uma apreensão dos meios pelos quais o historiador construiu a sua autoridade, e (b) no entendimento dos objetivos do historiador quanto ao caso estudado. Afinal, mormente a polêmica se dá em uma digressão (*parékbasis*), quando o historiador, ao passar de um assunto a outro, retém a atenção da audiência dialogando de modo mais direto com ela<sup>9</sup>. Esse uso é frequente em pesquisas sobre as historiografias gregas e romanas antigas a partir de uma ênfase filológica e retórica própria aos Estudos Clássicos — por nós ressignificada a partir da História Antiga —, especialmente nas dedicadas às obras pertencentes ao chamado período helenístico (323 – 33 A.E.C.), quando a prática discursiva da polêmica se acentua<sup>10</sup>. Em se tratando das correntes interpretativas acerca dos usos da polêmica por Políbio, identificamos duas que se destacam. Uma a prioriza como um conjunto de tentativas de destruir a reputação de um

<sup>7</sup> GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Entre gregos e romanos: história e literatura no Mundo Clássico, **Revista Tempo**, Niterói, v. 20, p. 1-14, 2014, p. 14.

<sup>8</sup> MARINCOLA, John. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Chippenham: Cambridge University Press, 1999, p. 2018.

<sup>9</sup> “A digressão (*parékbasis*) é um discurso que favoravelmente se usa em história ou genealogia” (Παρέκβασίς ἐστὶ λόγος χάριν ἱστορίας ἢ γενεαλογίας παραλαμβάνομενος, Trífon, *Sobre estilos*, 203, 21). Élio Téon, nos seus *Exercícios preparatórios* (75-80), enfatiza a justa medida da digressão de modo que não se desvie do objetivo da narrativa nem conduza a audiência ao sono. Também usam a palavra nessa acepção: Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, I, 53, 4; Flávio Josefo, *Contra Apiano*, I, 57, 2; Plutarco, *Dião*, XXI, 9, 6. Políbio emprega-a com o mesmo intuito nas seguintes passagens das suas *Histórias*: I, 15, 13; III, 2, 7; III, 9, 6; III, 33, 1; III, 59, 9; XXXI, 30, 4.

<sup>10</sup> MARINCOLA, op. cit., p. 217-257; p. 218; SCANLON, Thomas F. **Greek Historiography**. Malden; Oxford; Chichester: Wiley Blackwell, 2015, p. 230.

historiador representante de uma forma de historiar, tendo objetivos orientados por uma moral da vantagem sobre o outro<sup>11</sup>. Sem ignorar as disputas entre tradições de escrita da história, contudo, a segunda corrente a vê enquanto prática que alinhava política e historiografia, configurando-se, assim, em razões políticas, morais, investigativas, argumentativas e historiográficas<sup>12</sup>. A primeira abordagem, problematizada pela segunda, acaba por ser a corrente mais adotada atualmente e a que nos oferece maior abertura interpretativa, uma vez que propicia a análise da complexidade das interações de Políbio com diferentes povos.

O uso da categoria de polêmica historiográfica, a partir da História Antiga, com o objetivo de compreender o sentido histórico de tal atividade — a sua dimensão êmica — tem nos conduzido à formulação de ferramentas interpretativas específicas — à dimensão ética da interpretação do pesquisador, como veremos. Nesse sentido, argumentamos que é possível compreender os aspectos de todo um modo de se fazer historiografia por meio do conceito o qual denominamos *poliagonístico*<sup>13</sup> na medida em que as disputas acerca do passado, aludidas pela categoria de polêmica, implicam conexão por via da argumentação entre obras historiográficas portadoras de imagens candentes de um passado defendido. Essas disputas dão forma, assim, a um todo complementar e ao mesmo tempo conflitivo, onde cada lado disputa pela liderança. É mister clarificar que a palavra que elaboramos a fim de expressar o conceito ora descrito não ocorre na fonte; ela é uma tentativa de aproximação, por meio da análise histórica e da linguagem das *Histórias* de Políbio, à

<sup>11</sup>HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de G. J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 98-100; MARQUES, Juliana Bastos. Políbio. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e retórica**: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 45; MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de M. B. B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 78-79.

<sup>12</sup>SEBASTIANI, Breno B. Políbio contra Timeu, ou o direito de criticar. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**, n. 2, p. 6-25, 2008, p. 06; SEBASTIANI, Breno B. Políbio contra Filarco, ou crítica à historiografia trágica. **Hypnos**, n. 19, p. 68-84, 2007; ECKSTEIN, Arthur M. Polybius, Phylarcus, and Historiographical Criticism. **Classical Philology**, v. 108, n. 4, p. 314-338, 2013; PÉDECH, Paul. La culture de Polybe et la science de son temps. In: GABBA, Emilio (org.). **Polybe**. Entretiens sur l'antiquité classique, v. XX. Vandœuvres: Fondation Hardt, 1973, p. 39-60, p. 42-46; WALBANK, Frank William. Polemic in Polybius. **The Journal of Roman Studies**, v. 52, 1962, p. 1.

<sup>13</sup>Nós criamos essa palavra pela combinação de duas palavras gregas: *polýs* (“múltiplo”) + *agōnistikós* (“conflitivo”, “combativo”, relativo a contenda, a lados que disputam entre si pela liderança). Os motivos pelos quais a criamos são apresentados, especialmente, nesta Introdução e no segundo capítulo.

semântica dessa experiência de crítica. A análise dos múltiplos lados gerados por passados construídos e acontecimentos passados teria sido, então, o modo pelo qual Políbio chegou a uma conceptualização de histórias interatuantes. Esse modo de investigação, argumentação e construção de imagens do passado só se deixa ver pela série de conflitos e negociações intercomunitárias na qual a trajetória de Políbio se enreda.

As *Histórias* foram compostas no decorrer de uma série de conflitos capitaneados pelo avanço político-militar da república romana em direção às demais sociedades mediterrânicas. Políbio, quando chefe de cavalaria (hiparco; *hýparkhos*), prestes a assumir o posto político mais alto da Confederação Aqueia, o de estrategista (*stratēgós*), atuou do lado da Macedônia contra os romanos<sup>14</sup>. A Confederação, ao agir desse modo, buscava ser uma alternativa política entre gregos<sup>15</sup>. Levado como prisioneiro em 167 A.E.C. pelos romanos, que logo se elevaram a uma nova hegemonia nesse contexto geopolítico, Políbio se tornou um mediador entre eles — sobretudo por meio da *gens Fabia* devido à sua proximidade com o jovem Cipião Emiliano — e as populações gregas — prezando pelo seu lugar na elite da Confederação Aqueia e nas redes mediterrânicas que a constituíam —, ao passo em que escrevia as suas *Histórias*. Nessa obra, composta durante cerca de cinquenta anos<sup>16</sup>, o então historiador argumenta acerca da necessidade de um projeto historiográfico *universal* como o seu, elaborado para compreender o novo mundo que se configurava pela relação histórica causal entre povos diversos em torno do Mar Mediterrâneo até a Ásia, com o Reino Selêucida<sup>17</sup>. Ao realizar, em trechos de polêmica, a crítica aos historiadores precedentes e apontar para a relativa validade das obras deles frente a esse novo estado de coisas, Políbio

---

<sup>14</sup>CHAMPION, Craig B. **Cultural politics in Polybius's Histories**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2004, p. 16; LEONI, Álvaro M. M. **Entre Roma y el mundo griego: memoria, autorrepresentación y didáctica del poder en las Historias de Polibio**. Córdoba: Brujas, 2017, p. 18.

<sup>15</sup>CHAMPION, op. cit., p. 16-17; KRALLI, Ioanna. **The Hellenistic Peloponnese: Interstate Relations**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2017, p. 147.

<sup>16</sup>É a essa conclusão que chegamos se considerarmos o início do processo de composição das *Histórias* no ano de 167 A.E.C., e o seu fim posteriormente a 118 A.E.C. Notadamente, a menção da Via Domícia por Políbio (*Histórias*, III, 39, 8), a qual teria sido administrada pelos romanos sob o comando de Cneu Domício Enobardo em 118 A.E.C., nos sugere que esta tenha sido uma das últimas coisas que ele teria escrito, cf. WALBANK, Frank William. **A historical commentary on Polybius**. v. 1. Oxford: At The Clarendon Press, 1957, p. 373.

<sup>17</sup>SEBASTIANI, Breno B. **Bélica lição polibiana**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 91-102.

circunscreve o seu modo *poliagonístico* de fazer historiografia e política — nessa lógica, “ninguém está acima da batalha, porque a batalha é tudo o que há”<sup>18</sup>. O historiador conceptualiza a história, então, como coletivo singular, e advoga por uma tomada de ação com aquelas populações.

Não obstante as interações entre esses diferentes povos tenham ficado cada vez mais claras no meio acadêmico, notamos poucas problematizações acerca do conceito de *história universal*, que ocorre diversas vezes nas polêmicas historiográficas de Políbio, mesmo que venha se afirmando cada vez mais incisivamente que a semântica desse conceito seja moderna e não antiga<sup>19</sup>. O próprio termo *história universal* chegou à América Latina como um meio de subjugar as histórias locais a uma história europeia que se vê como auge da civilização e “cujas bases são projetadas na Antiguidade greco-romana”<sup>20</sup>. Se um dia fez sentido essa “história etapista, evolutiva e na qual as histórias locais se ligam a uma grande história, a história universal, a uma história do capitalismo mundialmente triunfante, ou à história da globalização”, hoje, definitivamente não o faz<sup>21</sup>. As diferentes análises sobre o Mediterrâneo antigo, baseadas em sistemas-mundo, globalizações múltiplas, conectividades e dinâmicas de integração, por seu turno, têm colaborado para desmobilizar ainda mais a visão de um mundo antigo estático: como os agentes das interações, trocas, conectividades e integrações teriam sido incapazes de ter consciência sobre seus atos e constructos? De um lado, não se nega que havia, em Políbio, um empreendimento historiográfico que visava uma compreensão em larga escala<sup>22</sup> e, de outro, tentativas de justificar ações

<sup>18</sup>SKINNER, Quentin. **Visions of Politics: Regarding Method**. v. I. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 07.

<sup>19</sup>ABURTO, Leslie Lagos; PIÑA, Felipe Montanares-. La geografía en la historiografía helenística. El concepto de *oikoumene* en las *Histórias* de Polibio. **Byzantion Nea Hellás**, n. 39, p. 101-124, 2020; TULLY, John. Ephorus, Polybius, and τὰ καθόλου γράφειν: Why and How to Read Ephorus and his Role in Greek Historiography without Reference to ‘Universal History’. In: PARMEGGIANI, Giovanni (Org.). **Between Thucydides and Polybius: The Golden Age of Greek Historiography**. Washington: Harvard University Press, 2014, p. 153-195.

<sup>20</sup>JOLY, Fábio Duarte. Antiguidade europeia e modernidade latino-americana: a Tradição Clássica como matriz de identidades. **Praesentia**, Mérida, v. 10, p. 1-12, 2009, p. 1.

<sup>21</sup>FAVERSANI, Fábio. Escrita da história e as histórias dos antigos. In: CERQUEIRA, Fábio Vergara; GONÇALVES, Ana Teresa Marques; MEDEIROS, Edalaura Berny; BRANDÃO, José Luís Lopes (orgs.). **Saberes e poderes no mundo antigo**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 19-34, p. 27.

<sup>22</sup>FOULON, Éric. Polybe et l’histoire universelle. **Histoire et historiographie dans l’Antiquité** (Actes du 11<sup>ème</sup> colloque de la Villa Kérylos à Beaulieu-sur-Mer les 13 & 14 oct. 2000). Paris: Académie des Inscriptions et Belles Lettres, p. 45-82, 2001.

políticas romanas pela criação de uma imagem grandiosa de um passado que os congregaria com comunidades gregas e helenísticas. O descompasso nessa conclusão impacta o que pensávamos que conhecíamos sobre um suposto gênero historiográfico *universal* e sobre conceptualizações histórico-espaciais na Antiguidade, conduzindo, assim, à nossa problemática: se Políbio não fez uma *história universal* tal qual se pensava até então, como ele teria conceptualizado as interações de diferentes histórias em um momento de reconfiguração geopolítica do chamado mundo helenístico?

As implicações anacrônicas do referido conceito teriam como marco as classificações presentes no monumental e extensamente difundido *Die Fragmente der Griechischen Historiker*, de Felix Jacoby: conforme o segundo tomo, Políbio teria produzido uma “história universal” (*Universalgeschichte*) dentro de uma “história contemporânea” (*Zeitgeschichte*), tendo assim se aproximado de Tucídides, o historiador considerado o mais desenvolvido porque fora eleito o modelo de escrita da história pelo ocidente<sup>23</sup>. Estamos diante, então, da circulação de um conceito moderno que condiciona interpretações específicas sobre uma fonte antiga. Mesmo reconhecendo as importantes contribuições das diferentes correntes historiográficas que estudam contextos amplos além da História Universal, como a História Mundial, a História Total, a História Global, as Histórias Entrelaçadas, dentre outras<sup>24</sup>, percebemos que elas não são suficientes para explicar conceptualizações antigas supostamente similares. Destacamos duas razões fundamentais: (a) essas subáreas são predominantemente dedicadas a períodos pós século XVI, embora não raro apresentem teorizações de pretensão universal com o fim de compreender a história; e (b) a recepção delas no Brasil, precisamente pela

<sup>23</sup>MARQUES, Juliana Bastos. Historicizando as categorias de Felix Jacoby: os gêneros historiográficos da Antiguidade e sua classificação pelos modernos. In: GUARINELLO, Norberto Luiz; SILVA, Uiran Gebara da; OLIVEIRA, Gustavo Junqueira Duarte; PIZA, Pedro Luís de Toledo (Orgs.). **Fronteiras mediterrânicas**: estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 225-250; PIRES, Francisco Murari. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 1999; VARGAS, Anderson Zalevski. Uma ambiguidade tucidideana: a interconexão entre o humano e o inumano no relato dos sofrimentos da guerra. **Revista de Teoria da História**, v. 13, n. 1, p. 52-86, 2015.

<sup>24</sup>SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História Global: um empreendimento intelectual em curso. **Tempo**, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017; HARTOG, François. Experiências do tempo: da História Universal à História Global? **História, histórias**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 164-179, 2013; PERNAU, Margrit. Para onde vai a História dos Conceitos? Das histórias nacionais às histórias entrelaçadas. **Esboços**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 197-211, 2021; CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016.

História Antiga, vem ocorrendo aos poucos desde os últimos 20 ou 25 anos. Elas têm mostrado, contudo, ser um ponto de partida a fim de compreender e explicar diferentes modos de interação na medida em que problematizam a experiência contemporânea de globalização e desglobalização — uma das condições históricas de interpretação mais marcantes de nossa época —, proporcionando uma reavaliação da História Antiga no Brasil enquanto disciplina e memória social.

Portanto, enfatizamos que a História Global não é o nosso ponto de partida, mas é por nós apropriada para se construir uma perspectiva global a partir da História Antiga. Afinal, as recepções da Antiguidade se deram de múltiplos modos em nosso território, desde as concepções das populações originárias, passando pela institucionalização da disciplina no Colégio Pedro II e pela representação do primeiro professor universitário de História Antiga e Medieval no Brasil, Eurípides Simões de Paula, quem já havia defendido uma dissertação, em 1942, sobre o comércio no Grão-Principado de Kiev, e uma tese, em 1946, sobre o Marrocos e suas relações ibéricas, um ano após se tornar professor catedrático da cadeira de *História da Civilização Antiga e Medieval*<sup>25</sup>. Ao menos desde Simões de Paula, portanto, já existe o debate acerca do lugar da Europa na história/História — o que é um dos princípios mais enfáticos dos historiadores globais — quando se estuda a Antiguidade e o Medieval em âmbito de pesquisa e de ensino desde o Brasil, bem como a especialização que cada um desses campos exige. Partindo deste contexto, e tendo em vista o nosso objetivo, será preciso, assim, somar esforços com a História dos Conceitos [*Begriffsgeschichte*].

---

<sup>25</sup> LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. Vida e obra de Eurípides Simões de Paula. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 39, n. 97, p. 294-295, 2000, p. 294; SILVA, Uiran Gebara da; FRIZZO, Fábio; GONTIJO LEITE, Priscilla. Devemos fazer Tábula Rasa dos Passados Distantes? A Antiguidade na Cultura Histórica e nas escolas brasileiras. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 05-27, 2023. Sobre a trajetória de Eurípides Simões de Paula vista pela problemática da formação da História Antiga no Brasil, ver SANTOS, Dominique. Eurípides Simões de Paula: pioneiro na formação da área de História Antiga no Brasil. In: MOERBECK, Guilherme; FRIZZO, Fábio. **Pesquisadores da Antiguidade: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil**. Serra: Editora Milfontes, 2023, p. 31-52, o qual tive a honra de ler no prelo e me foi de grande ajuda durante a escrita desta dissertação.

Aliando a busca da História Global por conceitos êmicos<sup>26</sup> e a confluência dessa área na História Antiga brasileira<sup>27</sup>, propomos compreender o conceito de *história universal* por meio de uma análise do vocabulário que linguisticamente o expressa e da relação dessa formulação linguística com as experiências históricas de Políbio, condicionadas por contextos históricos globais específicos situados entre as formas historiográficas do período helenístico e da *expansão* da república romana. Somado ao fato de que o referido conceito ocorre, sobretudo, em trechos de polêmica historiográfica, consequentemente se tem o dado de que ele era discutido em larga escala — o que vai de encontro à tese eurocêntrica que, segundo a sua *forma*, as histórias do período antigo seriam isoladas e encontrariam sentido somente em uma imagem moderna de Europa, configurando, assim, uma teleologia guiada pelo eurocentrismo morfológico<sup>28</sup>.

Desse modo, o nosso objetivo principal é compreender o conceito (ou constelação) ao qual nos conduz o uso heurístico de *história universal* nas *Histórias* de Políbio a partir dos trechos de polêmica historiográfica mediante as dinâmicas de interação entre os mundos que formam o autor e os que são por ele formados em diálogo com seus predecessores de tradições historiográficas.

<sup>26</sup> CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016, p. 185-204; PERNAU, Margrit; SACHENMAIER, Dominic. **Global Conceptual History: A Reader.** Londres; Nova York: Bloomsbury, 2016. O nome dado ao par conceitual êmico/ético vem do inglês *phonemic* (referente aos sons e palavras que fazem sentido em uma dada cultura) e *phonetic* (referente aos sons e palavras de uma dada cultura enquanto objeto de pesquisa de alguém não nativo da mesma cultura). A elaboração primeira se deu com Kenneth Pike no campo da Linguística, que logo ganhou desenvolvimento na Antropologia, porém não sem grandes discussões concernentes ao modo como se distingue a relação sujeito/objeto ou *insider/outsider*, dado que facilmente pode resultar em uma suposição ingênua de neutralidade do observador, cf. HEADLAND, Thomas N.; PIKE, Kenneth L.; HARRIS, Marvin (orgs.). **Emics and Etics: The Insider/Outsider Debate.** Newbury Park: Sage Publications, 1990; BUENO, Gustavo. **Nosotros y ellos: ensayo de reconstrucción de la distinción emic/etic de Pike.** Oviedo: Pentalfa Ediciones, 1990. A partir da hermenêutica gadameriana sobre a qual se estrutura a História dos Conceitos, como se verá adiante, a distância histórica propicia o diálogo e, logo, a compreensão das fontes e das tradições que conformam ambos em uma relação complexa de estratos e de agentes temporais, cf. GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** 3ª edição. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 436-440. O par conceitual êmico/ético, portanto, será sempre empregado segundo a apropriação da História dos Conceitos.

<sup>27</sup> MORALES, Fábio; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 40, n. 83, p. 126-150, 2020.

<sup>28</sup> GUARINELLO, Norberto. História Antiga. São Paulo: Contexto, 2013; MORALES, Fábio Augusto. **Atenas e o Mediterrâneo romano: espaço, evergetismo e integração.** 2015. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015; VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians.** New York: Cambridge University Press, 2013.

A fim de atingi-lo, traçamos cinco objetivos específicos: (a) a interpretação crítica do conceito de *história universal* em Políbio em relação às concepções ocidentais deste conceito, sobretudo àquelas presentes desde as sínteses clássicas do período helenístico, da ascensão de Roma e da categorização da historiografia da Antiguidade segundo Félix Jacoby; (b) a identificação dos trechos de polêmica historiográfica em que ocorrem as palavras, frases e expressões conformadoras do conceito de *história universal* mediante os procedimentos semasiológico e onomasiológico; (c) a compreensão, a partir das polêmicas e de modo relacional, das conceptualizações de Políbio enquanto apropriações individuais de uma cultura global de escrita da história, apropriações essas que condicionam as formas pelas quais ele olhava para seus predecessores; (d) a análise da conceptualização de *história universal* mediante a relação dos trechos identificados com as experiências de Políbio em momentos diversos de interações durante as globalizações mediterrânicas; e, finalmente, (e) a compreensão do lugar de Roma nas *Histórias*.

A principal perspectiva teórica que guia a interpretação proposta é a de conceito histórico, a partir das contribuições de Reinhart Koselleck. O conceito histórico é, essencialmente, a organização de sentidos que é produto da conformação de experiências em “circunstâncias político-sociais e empíricas”<sup>29</sup>. Com isso, a pergunta fundamental que conduz a nossa pesquisa é: qual é o sentido do conceito de *história universal* em Políbio a partir de suas condições históricas? Um passo importante da metodologia que nos permite responder essa pergunta consiste em analisar esses trechos de polêmica na linguagem natural (o grego antigo) que conceptualiza usando vocabulários específicos. A História dos Conceitos [*Begriffgeschichte*] apresenta um avanço importante nessa forma particular de análise. Tendo sido desenvolvida na convergência das áreas de Filologia, História da Filosofia, Hermenêutica, História do Direito e Historiografia, a História dos Conceitos é uma reação à História das Ideias (*Ideengeschichte* e *History of Ideas*) da forma como era majoritariamente praticada até os anos 1970. A principal crítica era que ela falhava “em relacionar seu objeto a grupos específicos ou às estruturas políticas, sociais e

---

<sup>29</sup>KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de W. P. Maas; C. A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 109.



econômicas com as quais eles funcionam”<sup>30</sup>. Com isso, ao invés de ver a *história universal* nas *Histórias* de Políbio enquanto uma ideia a ser apreendida mediante uma interpretação essencialista, pretendemos analisá-la enquanto conceito em suas condições históricas, portanto, de modo relacional às suas condições de existência. Igualmente, concebemos o conceito como cognoscível por meio da análise de um respectivo conjunto de termos significantes sincrônicos dentro de suas relações empíricas de uso e interpretação.

Relevamos que a História dos Conceitos, embora tenha sido sistematizada de forma seminal como teoria e método por Reinhart Koselleck, vai muito além dos contornos dados por esse autor, e hoje conta com uma grande diversidade de ressignificações<sup>31</sup>. Uma das principais críticas à teoria de Koselleck foi direcionada à concepção de “tempo-de-cela” (*Sattelzeit*), quando teria sido concebido o moderno conceito de história na Europa entre o final do século XVIII e início do XIX<sup>32</sup>. O sentido distintivo do conceito a partir desse momento seria o da história como coletivo singular (*die Geschichte*), i.e., o da conceptualização de muitas histórias em um curso integrador dos eventos,

<sup>30</sup>RICHTER, Melvin. Begriffsgeschichte and the History of Ideas. **Journal of the History of Ideas**, v. 48, n. 2, p. 247-263, 1987, p. 248-249.

<sup>31</sup>IFVERSEN, Jan. The Birth of International Conceptual History. **Contributions to the History of Concepts**, Helsinki, v. 16, n. 01, p. 01-15, 2021; IFVERSEN, Jan. Part 2: After the Big Bang. The Fusing of New Approaches. **Contributions to the History of Concepts**, Helsinki, v. 16, n. 02, p. v-xvii, 2021; SEBASTIÁN, Javier Fernández (org.). **Diccionario político y social del mundo iberoamericano**. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009-2014. 2v. Segundo JORDHEIM, Helge. Does Conceptual History Really Need a Theory of Historical Times? **Contributions to the History of Concepts**, Helsinki, v. 6, n. 2, p. 21-41, 2011, uma vez destacada a teoria de estratos temporais (*Zeitschichten*) da tese eurocêntrica defendida por Koselleck, as camadas históricas de sentido em cada conceito e constelação são passíveis de serem compreendidas de diferentes maneiras. Esse movimento de ressignificação reside, em parte, em uma crítica interna que continua ocorrendo, como detalham os artigos de Ifversen. Assim, poderíamos nos perguntar sobre os limites e possibilidades da História dos Conceitos também em um contexto mais que humano que abarcaria a Inteligência Artificial, como tem feito BONALDO, Rodrigo Bragio. História mais do que humana: descrevendo o futuro como atualização repetidora da Inteligência Artificial. **Revista História**, São Paulo, v. 42, e2023037, 2023, especialmente p. 09-15. Afinal, seria concebível uma *Sattelzeit* das máquinas, uma vez que elas tenham se tornado agentes semânticos e de temporalização desde que a rede de representações distribuídas encontrou o *big data*. Em parte, a crítica externa igualmente persiste, como a ontologia da inscrição do tempo no corpo proposta por MARTINS, Leda. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, a partir da qual se pode reavaliar o logocentrismo e o esvaziamento dos saberes corporais na construção do tempo e do conhecimento ao se nutrir de uma perspectiva de matriz cultural iorubá.

<sup>32</sup>PALTI, Elías José. Koselleck y la idea de *Sattelzeit*: un debate sobre modernidad y temporalidad. **Ayer**, Madrid, v. 53, p. 63-74, 2004; RIVERO, José Javier Blanco. La historia de los conceptos de Reinhart Koselleck: conceptos fundamentales: *Sattelzeit*, temporalidad e histórica. **Politeia**, Caracas, v. 35, n. 49, p. 01-33, 2012; MARQUES, Juliana Bastos. A *historia magistra vitae* e o pós-modernismo. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 63-78, 2013.

sentido esse que teria viabilizado a ciência da história (*Historik*). Não obstante o eurocentrismo morfológico em argumentos de Koselleck, reconhecemos que a sua obra contribui enormemente para uma abordagem mais compreensiva das historiografias chamadas *pré-modernas*, a fim de que compreendamos múltiplos modos de conceptualização da história. Nós nos apropriamos das ferramentas que esse campo tem a oferecer buscando distinguir euroconhecimento de eurocentrismo, como o orientador deste trabalho, Dominique Santos, costuma enfatizar em suas aulas<sup>33</sup>, entrando em sintonia com o projeto de Dipesh Chakrabarty, segundo o qual provincializamos a Europa na medida em que renovamos a nossa herança em diálogo com os ocidentais “desde e para as margens”<sup>34</sup>.

Tal proposta hermenêutica nos conduz a lidarmos com a tradição do texto como uma história das interpretações das *Histórias*. Desde a geração seguinte à de Políbio, a sua obra passou a ser usada como fonte por diversos historiadores que escreveram em língua grega e latina: desde Tito Lívio, passando por Dionísio de Halicarnasso, Plutarco, Pausânias, Arriano e, no Medievo, Procópio de Cesareia, João Zonaras, Agatias e Ana Komnena. No contexto das migrações de Bizâncio para a península itálica durante as guerras entre turco-otomanos e bizantinos, os trechos das *Histórias* de Políbio começam a ser lidos em grego, e comentados e traduzidos em latim, além de serem apropriados em língua vernacular. Destaca-se o papel do Janus Lascaris (c. 1445 – 1535), imigrante de Bizâncio para o oeste europeu, cuja tradução latina tem sido identificada aos poucos: há uma versão em grego e outra em latim do Livro V em uma lista de obras de sua posse<sup>35</sup>, e uma tradução sua do Livro VI — à época, já incompleto — indiretamente conhecida, pode ter sido aquela usada por Nicolau Maquiavel (1469 – 1527) em momentos distintos da composição da sua obra<sup>36</sup>. Embora uma tradução dos primeiros cinco livros para o latim, finalizada em 1454 por Nicolau Perroti a mando do Papa Nicolau

<sup>33</sup>Esse discernimento, que não se faz sempre presente na crítica ao eurocentrismo, nos foi apresentado com maior aprofundamento durante a disciplina intitulada *Teorias e Metodologias em História Global: sujeitos, teorias e temporalidades*, ministrada durante o primeiro semestre do ano de 2022, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH – UFSC), pelo já citado Dominique Santos. Os possíveis erros de tal exercício elucidativo nesta dissertação, justamente, são de responsabilidade nossa.

<sup>34</sup>CHAKRABARTY, Dipesh. **Al margen de Europa**: pensamiento poscolonial y diferencia histórica. Tradução de Alberto E. Álvarez e Araceli Maira. Barcelona: Tusquets, 2008, p. 45.

<sup>35</sup>JACKSON, Donald F. An Old Book Revisited: Greek Manuscripts of Janus Lascaris from the Library of Cardinal Niccolò Ridolfi, **Manuscripta**, Saint Louis, p. 77-133, 2003, p. 127.

V, tenha sido a que mais circulou pelo continente europeu durante os séculos XV e XVI, a tradução de Isaac Casaubon (1559 – 1614), inacabada, provavelmente devido à sua morte, veio a se tornar a principal referência das edições modernas<sup>37</sup>.

Concomitantemente à invenção da ideia de ocidente, entretanto, as *Histórias* conhecem uma retomada que marca profundamente a nossa tradição textual e interpretativa com a publicação de muitas edições críticas, das quais destacamos<sup>38</sup>: a por Johannes Schweighäuser em nove volumes, publicada entre 1790 e 1795, com estudo lexical e uma tradução para o latim, cujos comentários filológicos permanecem insuperáveis<sup>39</sup>; uma de Friedrich Hultsch (1867 – 1871), cujo aparato crítico concernente à língua grega é o mais completo<sup>40</sup>; e finalmente, a de Theodor Büttner-Wobst, com estudo lexical, entre 1882 – 1904, a qual estabeleceu o texto grego mais usado para a interpretação das *Histórias* desde sua publicação. Isso se deve não tanto pela revisão dos cinco primeiros livros no que diz respeito ao aparato filológico como pela organização e transcrição dos *excerpta antiqua*<sup>41</sup>. Por esse motivo, nos servimos da sua edição para esta pesquisa<sup>42</sup>.

<sup>36</sup>MONFASANI, John. Machiavelli, Polybius, and Janus Lascaris: the Hexter Thesis Revisited. **Italian Studies**, Londres, v. 71, n. 01, p. 39-48, 2016. A recepção da historiografia polibiana pode, inclusive, ter sido um agente importante na mudança conceptual do chamado *pensamento republicano* na passagem do século XIV ao XVI, cf. NEDERMAN, Cary J.; SULLIVAN, Mary Elizabeth. The Polybian Moment: the Transformation of Republican Thought from Ptolemy of Lucca to Machiavelli. **The European Legacy**, Londres, v. 17, n. 07, p. 867-881, 2012.

<sup>37</sup>“Na verdade, até a edição de Isaac Casaubon, feita em Paris, em 1609, não se pode afirmar que Políbio dispõe de uma edição mais ou menos completa”, cf. TEJERA, Alberto Díaz. Introducción. In: POLÍBIO. **Historias**. v. 1. Libros I – IV. Tradução e notas de Manuel Balasch Recor; introdução de Alberto Díaz Tejera. Madrid: Editorial Gredos, 1981, p. 07-50, p. 47-48. Para uma síntese da recepção das *Histórias* desde a Antiguidade, com especial atenção aos itálicos entre os séculos XV e XVI, ver MOMIGLIANO, Arnaldo. Polybius’ Reappearance in Western Europe. In: GABBA, Emilio (org.). **Polybe**. Entretiens sur l’antiquité classique, v. XX. Vandœuvres: Fondation Hardt, 1973, p. 345-372; MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. M. B. B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 78-92.

<sup>38</sup>Uma síntese dessa tradição textual encontra-se em TEJERA, Alberto Díaz. Introducción. In: POLÍBIO. **Historias**. v. 1. Libros I – IV. Tradução e notas de Manuel Balasch Recor; introdução de Alberto Díaz Tejera. Madrid: Editorial Gredos, 1981, p. 43-50.

<sup>39</sup>DUBUISSON, Michel. **Le latin de Polybe**: les implications historiques d’un cas de bilinguisme. Paris: Klincksieck, 1985, p. 375.

<sup>40</sup>Ibid., p. 374. Foi essa edição usada por Mário da Gama Kury na primeira publicação de sua tradução em 1985, cf. KURY, Mário da Gama. Introdução. In: POLÍBIOS. **História**. Tradução de M. G. Kury. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 31-37, p. 37.

<sup>41</sup>THÉODORE, Reinach. Polybii Historiae: eracta vit Th. Büttner-Wobst. **Révue d’Études Grecques**, Paris, tomo 18, fascículo 81, p. 403-404, 1905, p. 404.

<sup>42</sup>Além da primeira impressão entre os anos 1889 – 1905, chega ao nosso conhecimento uma segunda entre os anos de 1962 – 1967, que é a utilizada no software Διογένης [*Diogénēs*], e

Proveniente de numerosos manuscritos em diferentes graus de conservação e em diversos locais, pode-se organizar a tradição manuscrita das *Histórias* de Políbio, atualmente, em três classes: (a) a que preserva os cinco primeiros livros completos no *Vaticanus A 124*, um codex da primeira metade do século X, logo, o mais antigo, atualmente em posse do Vaticano; (b) um *Urbinas Graecus F*, também do Vaticano, que contém excertos longos dos 18 primeiros livros; (c) e a *Enciclopédia* de Constantino Porfirogênito, composta de outra série de manuscritos, contém um conjunto de excertos dos livros XX ao XXXIX conhecido pela grafia latina *excerpta antiqua* ou *excerpta constantiniana*<sup>43</sup>. Como é de conhecimento geral, a tradição manuscrita não preservou nada dos livros XVII, XXXVII e XL, enquanto se tem trechos de extensão muito variada a partir do Livro VI. Servindo-se de uma tradição textual assim multifacetada, as traduções igualmente variam de acordo com a edição grega que se tem em mãos e com o projeto editorial. Portanto, para esta pesquisa, elas nos servem como obras de referência<sup>44</sup> para que elaboremos a nossa própria tradução ou modifiquemos uma tradução já existente em língua portuguesa quando tal procedimento se mostrar necessário para dar a entender a nossa interpretação do texto grego. A fim de tornar as palavras e frases-chave gregas legíveis ao público o mais amplo possível, as transliteramos para caracteres latinos do modo como é recomendado pela Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC)<sup>45</sup>.

---

outra de 1985. Todas são apenas reimpressões sem alteração do texto grego da edição original. SEBASTIANI, Breno Battistin. **Bélica lição polibiana**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 07; SEBASTIANI, Breno B. Introdução. In: POLÍBIO. **História Pragmática**: Livros I a V. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 17-44, p. 44; MILTSIOS, Nikos. **The Shaping of narrative in Polybius**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2013, p. 150; BARONOWSKI, Donald Walter. **Polybius and Roman Imperialism**. Londres; Nova Deli; Nova York; Sydney: Bloomsbury, 2011, p. x.

<sup>43</sup>FOUCAULT, Jules-Albert de. **Recherches sur la langue et le style de Polybe**. Paris: Les Belles Lettres, 1972, p. 09. Sobre os detalhes do *Urbinas Vaticanus Graecus 124*, ver FOUCAULT, Jules-Albert de. Note sur quelques manuscrits de Polybe. **Revue d'histoire des textes**, Paris, boletim n. 01, p. 227-233, 1971, p. 227. Com relação, especialmente, aos *excerpta antiqua*, não raro, fia-se mais nas cópias (em latim) que Tito-Lívio fez (do texto grego) de Políbio, cf. ANDRÉ, Aymard. Un fragmente de Polybe mal classé. **Pallas**, Toulouse, v. 4, p. 27-37, 1956, p. 34. Contudo, sem o trabalho de Büttner-Wobst, “nós provavelmente estaríamos, com muita frequência, tateando no escuro”, cf. WALBANK, Frank William. The Manuscripts of Polybius. **The Classical Review**, Cambridge, v. 17, n. 02, p. 151-153, 1967, p. 152-153.

<sup>44</sup>Vide seção homônima nas Referências.

<sup>45</sup>PRADO, A. L. A. A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. **Classica**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 298-299, 2006.

Para a análise dos termos em grego, então cientes dos problemas referentes à preservação dos manuscritos e das traduções, combinaremos os procedimentos conhecidos da História dos Conceitos: a semasiologia (o estudo dos sentidos atribuídos a um conceito) e a onomasiologia (o estudo das palavras usadas para expressar um conceito). O *software* Διογένης [*Diogénēs*]<sup>46</sup> se faz importante para que tal mapeamento dos termos seja realizado rapidamente e com precisão. Por possibilitar buscas por ocorrências de palavras no texto grego, esse recurso digital será utilizado especialmente no procedimento onomasiológico. Algumas de suas ferramentas são: a “busca morfológica”, com base nas diferentes formas de uma mesma palavra causadas por flexões, as quais fazem parte da memória do software; a “busca simples por palavra ou frase”, que identifica as letras digitadas. Essa função também torna possível a busca por raízes e radicais de palavras, compensando a possível falta de uma flexão morfológica na memória do software, ainda que presente no texto estudado. Assim, pode-se buscar pelo substantivo *symploké*<sup>47</sup> (“entrelaçamento”, “conexão”, “conjunção”) por sua forma verbal sem o afixo, *plékō* (“[eu] entrelaço”, “conecto”), e por demais palavras que compartilham o mesmo radical (*plek-*) — que, por consequência, guardam proximidades semânticas. Para o procedimento semasiológico, i.e., o estudo dos sentidos atribuídos ao conceito, também é possível utilizar tais artifícios, uma vez que a busca pelos termos gregos na fonte histórica acaba por constituí-la em certa medida.

Partindo do princípio de que a linguagem não é a única esfera da vida humana que possibilita a existência dos conceitos e a sua consequente compreensão histórica<sup>48</sup>, mas um meio para conhecê-los e compreendê-los<sup>49</sup>, vemos que relacionar as condições históricas globais da experiência dos atores, tal como tem sido feito por muitas expressões da História Global voltadas ao

<sup>46</sup>O *software* é uma criação de Peter Heslin e conta com a colaboração de diversas universidades e projetos anteriores voltados aos Estudos Clássicos. Para mais informações, ver: <https://d.iogen.es/d/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>47</sup>Ele ocorre 49 vezes nas *Histórias* de Políbio.

<sup>48</sup>KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos**: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, [2006] 2020, p. 65-69; KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de M. Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014, p. 107.

<sup>49</sup>MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Veritas filia temporis?* O conhecimento histórico e a distinção entre filosofia e teoria da história. **Síntese**, Belo Horizonte, p. 05-34, 2009, p. 07-08.

contexto mediterrânico de Políbio<sup>50</sup>, vem se mostrando confluentes com as abordagens da História Antiga brasileira<sup>51</sup>. Por isso, pensamos que este diálogo seja adequado à nossa proposta.

Enfatizamos que essa compreensão se pretende relacional e construída no processo da pesquisa histórica, dado que nenhuma teoria sobre globalização explicaria *a priori* a história dessas experiências. Trata-se de um princípio metodológico que orienta o olhar do pesquisador em um arco temporal e espacial delimitado, mediante a alternância de escalas macro e microanalíticas a fim de fazer ver a globalidade das histórias. O grau de importância na distinção entre os mundos, sistemas ou campos, por sua vez, é relativo ao objeto analisado. É justamente por esse comprometimento com as experiências históricas da época e pela adaptabilidade ao objeto de análise que consideramos esse modelo metodológico adequado à análise conceitual, a qual é igualmente preocupada com as condições materiais de conceptualização. Assim, podemos compreender os sentidos do conceito de *história universal* nas polêmicas historiográficas de Políbio, combinando a autonomia da linguagem historiográfica com as experiências condicionadas do historiador.

Os quatro objetivos específicos balizam o empreendimento de cada capítulo organizado da seguinte forma. Primeiro, recorreremos aos livros que propõem uma síntese do que conhecemos como período helenístico e da ascensão de Roma ao buscarmos pelos processos que conduziram a essas formas hoje majoritariamente aceitas no ambiente acadêmico e, em certa medida, dependentes do projeto de Políbio e de sua interpretabilidade. Também nesse capítulo, situamos Políbio no período helenístico e a sua obra dentre as demais historiografias helenísticas. Voltando às *Histórias* com as questões suscitadas pela leitura da bibliografia recente, o nosso objetivo, no segundo capítulo, é compreender a relação entre a trajetória de Políbio e a construção

---

<sup>50</sup>VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 201; ECKSTEIN, Arthur M. **Mediterranean Anarchy, Interstate War, and the Rise of Rome**. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 2006; THONEMANN, Peter. **The Hellenistic Age**. Nova York: Oxford University Press, 2016; MORRIS, Ian. Mediterraneanization. **Mediterranean Historical Review**, Tel Aviv, n. 18, v. 2, 30-55, 2003.

<sup>51</sup>MORALES, Fábio; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 40, n. 83, p. 126-150, 2020; GUARINELLO, Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013; SCOPACASA, Rafael. Hegemonia romana e transformações culturais no mediterrâneo (séculos IV – II a.C.): novas perspectivas da história global. **Revista História**, São Paulo, n. 177, a04917, 2018.

das suas *Histórias* como expressões de um ambiente *multi-conflitivo* que resulta em um modo de se pensar a história com tal qualidade, o qual denominamos *poliagonístico*. Para interpretá-la, também analisamos a polêmica com Éforo, em que vimos como, por meio da forma de apresentação do autor a uma audiência conhecedora de historiografias de escopo abrangente, ela se diferencia daquela de seu predecessor por causa da novidade da sua época e do conseqüente modo de exposição de Políbio. O objetivo do terceiro capítulo é compreender a reavaliação do passado por meio da polêmica contra Timeu de Tauromênio, uma vez que nela se mostra o cerne da preocupação que levou Políbio a conceber a importância de todos os acontecimentos históricos de acordo com seu significado diante do espaço constituído em conflitos múltiplos chamado *ecúmeno* (*oikouménē*). A essa concepção de história damos o nome de *história ecumênica*. Assim, defendemos a tese de que o projeto historiográfico de Políbio pode ser mais adequadamente compreendido como *poliagonístico* e *ecumênico* ao invés de *universal*, uma vez que os termos mencionados por nós se distanciam do eurocentrismo próprio dos pressupostos da *história universal* enquanto conceito originalmente ocidental. O lugar de Roma, logo, só fazia sentido para Políbio, assim como para grande parte de sua audiência e de seus predecessores, no horizonte do mundo helenístico, e sua liderança sobre as demais partes do ecúmeno seria circunstancial como as demais.

## CAPÍTULO I

### POLÍBIO E AS FORMAS DA HISTÓRIA

Sendo o nosso objetivo compreender o lugar de Roma nas *Histórias* de Políbio, neste capítulo, intentamos compreender a *formação* do período helenístico e da ascensão de Roma em torno dessa obra, fenômeno que se apresenta concomitantemente à significação *universal* que a obra deste indivíduo passa a receber no que se convencionou denominar ocidente. Para tanto, analisamos a recepção das *Histórias* a partir das sínteses mais recentes e reconhecidas no âmbito acadêmico. Veremos que, ao modo de cada autor, a universalidade da história não dizia mais respeito à definição das origens do ser humano enquanto espécie no mundo — embora a ideia de Europa já fosse destacada como ápice da civilização —, como o conceito era entendido entre europeus durante o século XVII. Doravante, tratava-se de compreender um suposto “processo civilizatório que abrangeria todo o planeta em movimentos de integração em escala global desde a modernidade”<sup>52</sup>. A entidade na qual tal processo se figura, na Antiguidade, seria Roma.

Tomando como ponto de partida a de seu antecessor, Timeu de Tauromênio, as *Histórias* de Políbio convenceram muitos de seus sucessores, ao menos em relação aos eventos presenciados por ele. A geração posterior, da qual tomamos como representante Posidônio, já se apropriava profundamente das *Histórias* como forma de conhecer aquele período. Logo, Tito Lívio, Diodoro Sículo, Dião Cássio, Apiano e Trogo Pompeu, cada um a seu modo, se apropriavam da investigação polibiana. Tal prática continuou na modernidade, sendo apenas segundo a historiografia ocidental, no entanto, quando se passou a conceber a escritura de Políbio entre o período helenístico e a ascensão de Roma, formando, assim, uma distinção de ambos os fenômenos. Se considerarmos a ambivalência de sentido de *história* enquanto aquilo que acontece (*res gestae*) e a apreensão intelectual daquilo que

---

<sup>52</sup>FRANCISCO, Gilberto da Silva. O lugar da História Antiga no Brasil. *Mare Nostrum*, São Paulo, n. 8, p. 3061, 2017, p. 36.



acontece (*narratio rerum gestarum*), podemos dizer que ambos os períodos, no plano do entendimento humano, também têm a sua própria história: são as formas dadas à realidade. Sendo formas, as condições de seu surgimento e regramento — a sua *morfologia* — ocorrem na medida em que são passíveis de serem identificadas e compreendidas<sup>53</sup>. Resultando em estratos de narrativas e de conceitos, a história da historiografia resulta, nesse sentido, em uma história das formas historiográficas<sup>54</sup>.

### 1.1 AS FORMAS HISTORIOGRÁFICAS DO PERÍODO HELENÍSTICO: DA UNIVERSALIDADE À DESINTEGRAÇÃO

O objetivo deste subcapítulo é compreender como as *Histórias* de Políbio ganham a significação de *história universal* concomitantemente à formação historiográfica do período helenístico. Analisaremos com especial atenção os livros de referência para a área da História Antiga, publicados entre os séculos XVIII e XX. Sendo o tema assim circunscrito, evidentemente não é de nossa pretensão investigar a fundo a problemática concernente ao estabelecimento da ciência histórica e da História Antiga, mas apenas relacioná-las a fim de compreender a projeção do conceito moderno às conceptualizações da fonte antiga. É de relação imediata, com efeito, a busca pela compreensão deste período antigo e a recepção do texto grego das *Histórias*.

A obra de Políbio passa ainda a ser integrada aos dilemas do estabelecimento da Filologia Clássica e da disciplina de Ciências da Antiguidade (*Altertumswissenschaften*), doravante História Antiga, no debate

---

<sup>53</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. *Politeia*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

<sup>54</sup> Isto é, apenas no modo como conduziremos a análise. Sabe-se que a história da História da Historiografia e a Teoria da História vão muito além do que ora é proposto, assim como nos alerta BERBERT JÚNIOR, Carlos Oiti. **A história, a retórica e a crise dos paradigmas**. 2ª ed. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017, para quem os debates sobre narrativa e retórica são parte do imensurável labor teórico do historiador.

ocorrido na Prússia sobre as formas da história da Antiguidade<sup>55</sup>. O surgimento da metodologia hermenêutico-filológica, segundo a qual o modo de pesquisa era tão essencial quanto o objeto-texto pesquisado<sup>56</sup>, teve como maior representante Barthold Georg Niebuhr (1776 – 1831). No contexto do surgimento das Ciências da Antiguidade na Prússia, na passagem do século XVIII ao XIX, foram concebidas as suas *Lições de História Antiga*<sup>57</sup>. Somente Grécia e Roma, além dos impérios babilônico, assírio e egípcio faziam parte da história antiga de Niebuhr. Afinal, a Filologia Clássica havia delimitado os dois primeiros como origem — portanto, propriedade — do ocidente. Desde o *Discurso sobre a história universal* de Jacques Bénigne Bossuet (1627 – 1704) sustentava-se o argumento segundo o qual a história do universo seria a história do triunfo do ocidente cristão, onde a junção das histórias particulares que a compõem, desde Adão a Carlos Magno, teriam atuado “sob a lei evangélica”<sup>58</sup>. Niebuhr se apropria desse “arranjo teológico” da história, uma vez que, conforme o seu entendimento, os impérios babilônico, assírio e egípcio teriam encontrado o seu lugar na narrativa universal por intermédio da

<sup>55</sup>MOERBECK, Guilherme; FRIZZO, Fábio. **Pesquisadores da Antiguidade**: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil. Serra: Editora Milfontes, 2023; SILVA, Rafael; CARVALHO, Camila (orgs.). **O futuro do passado**: por uma história afetiva dos Estudos Clássicos no Brasil. Em Tese, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, 2021. Dossiê; LIANERI, Alexandra (org.). **The Western Time of Ancient History**: Historiographical Encounters with the Greek and Roman Pasts. Cambridge: Cambridge University Press, 2011;

<sup>56</sup>A qual fora apropriada, inclusive, por Büttner-Wobst, quem dedicou toda a sua vida à pesquisa e ao ensino dos textos de escritores antigos de língua latina e, sobretudo, grega. Ele considerava a formação humanística (*die Humanistische Bildung*) algo indispensável para uma boa formação cívica (*staatsbürgerliche Erziehung*), uma vez que que “o estudo dos escritores antigos trouxe uma contribuição importante para a formação filosófica e histórico-política dos jovens”, cf. FUCHS, Günter Ludwig. **Die Briefe von Theodor Büttner-Wobst (1854 – 1905) an Karl Krumbacher (1856 – 1909)**. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Viena, Viena, 2017, p. 08.

<sup>57</sup>Publicadas postumamente em três volumes no ano de 1852, as *Lições* são o mais extenso registro de seu curso de História Antiga ministrado na Universidade de Bonn entre 1826 e 1830, no qual o autor busca estabelecer uma macronarrativa que organize os eventos no referido período e legitime o campo, cf. SCHMITZ, L. Preface. In: NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 1. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. vii-xii. Similarmente aos seus contemporâneos, ele via na universidade a responsabilidade da formação reflexiva dos cidadãos. Sendo o resultado buscado o exercício do intelecto por meio da crítica textual ao passo que se conhecia os pensamentos e ações dos antigos, percebemos que o produto mesmo ao qual chamamos *fonte histórica* fora concebida no amálgama de pretensões universitárias e nacionais específicas.

<sup>58</sup>BOSSOUET, Jacques Bénigne. **Discours sur l’histoire universelle**. Paris: Lefèvre; Charpentier, 1841 [1681], p. 06-07.

literatura antigo-testamentária subordinada à literatura clássica; subordinada, então, ao “arranjo filológico” da história antiga “filologicamente considerada”<sup>59</sup>. Assim, Niebuhr serviu-se das historiografias antigas para responder à urgência historicista pelo arranjo das histórias do mundo, em especial as da Antiguidade, em uma narrativa por meio de duas formas: ao relacionar as histórias que possuíam real conexão no passado (a forma ordenada) com as que eram conectadas pelo pesquisador que intencionava compô-las em uma grande narração (a forma coordenada)<sup>60</sup>.

Tal dependência do pesquisador ao texto fez de Niebuhr dependente das historiografias antigas para organizar todas as suas *Lições*, sobretudo das *Histórias de Filipe (Historiae Philipicae)* de Trogo Pompeu (século I A.E.C.), sintetizada por Justino nas *Epitoma* (durante o século III ou IV E.C.)<sup>61</sup>. Na interpretação de Niebuhr, o período o qual chamamos *helenístico* desde Droysen — o qual veremos adiante — era uma história tardia da Grécia caracterizada por divisões internas e uma marcada dependência de um passado saudosista. A razão de estudá-la seria a presença perene em um conjunto de indivíduos extraordinários, dentre os quais, Políbio: ele foi um dos principais responsáveis por incluir a Grécia na história universal ao ter auxiliado na sua submissão a Roma. Afinal, a história de Roma “sombreia o mundo todo. A relação das outras nações para com Roma é consumada no momento em

<sup>59</sup>NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 1. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. 36-37.

<sup>60</sup>MORALES, Fábio. Niebuhr e a história antiga no século XIX. In: SILVA, Glaydson José; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). **Como se escreve a história da Antiguidade**: olhares sobre o antigo. São Paulo: Editora Unifesp, 2020, p. 47-62, p. 52-57.

<sup>61</sup>NIEBUHR, op. cit., p. 39; 44. Segundo a tradição, Trogo Pompeu teria igualmente escrito uma *história universal* que se apropriou dos escritos de Éforo de Cime, Teopompo e Políbio. Cobrindo todo o período de Alexandre III da Macedônia até o governo de Augusto, a história narrada por Trogo Pompeius parece carregar a forma não só das *Lições*, mas também a que prevaleceu entre os séculos XVIII e XX, qual seja, a da dominação romana do mundo — supostamente, um fenômeno de universalização, como desenvolvemos neste capítulo. A respeito de Trogo Pompeu, muito do que se conhece sobre sua obra e trajetória nos é legado por Justino. Para uma síntese a respeito de Trogo Pompeu, ver ALONSO-NUÑEZ, José Miguel. Trogue-Pompée et l'impérialisme romain. **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, Paris, n. 1, p. 72-86, 1990; MORALES, Fábio. Niebuhr e a história antiga no século XIX. In: SILVA, Glaydson José; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). **Como se escreve a história da Antiguidade**: olhares sobre o antigo. São Paulo: Editora Unifesp, 2020, p. 47-62, 55-56.

que elas são absorvidas pelo império romano”<sup>62</sup>. Mais do que a detecção de um conceito-chave ou de um gênero universal, é a centralidade de Roma concomitantemente à submissão da Grécia que aquilata as *Histórias* de Políbio como uma história universal. À semelhança de seu contemporâneo francês, Fustel de Coulanges<sup>63</sup>, o valor de Políbio residiria, em grande parte, em sua atitude então entendida como patriótica, uma vez que teria lhe sido destinado o papel de “alertar acerca da grandiosidade de Roma como centro do mundo”<sup>64</sup>. Criticando-o com resguardo, e textualmente dependente, Niebuhr teve de se fiar muito mais em Políbio do que em qualquer outro a fim de narrar com maior detalhe os acontecimentos entre os anos de 220 a 146 A.E.C.<sup>65</sup>. A forma da *história tardia da Grécia* segundo Niebuhr poderia ser entendida, nesse sentido, como profundamente dependente das *Histórias* de Políbio, ainda que tomada de modo distinto por um outro futuro professor da Universidade de Berlim.

O período helenístico como hoje o conhecemos, i.e., todo o conjunto cultural e político em que há a presença daquilo que se pode chamar *grego* entre os anos de 323 a 31 A.E.C. foi concebido por Johann Gustav Droysen (1808 – 1884). Segundo Droysen, cada cidade seria um sistema político (*politeia*), e o reino macedônico iniciado e conscientemente arquitetado por Alexandre III da Macedônia teria conferido-lhes unidade cultural — o helenismo — e, por consequência, unidade política. A divisão do reino macedônico que sucedeu a morte de Alexandre, Droysen narra como uma disputa pela liderança do conjunto de povos reunidos ao fim das expedições alexandrinas. A partir de então, formam-se as quatro dinastias — a dos Antígônidas, a dos

<sup>62</sup>NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 1. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. 37-38.

<sup>63</sup>COULANGES, Fustel de. **Polybe ou la Grèce conquise par les romains**. Amiens: T. Jeunet, 1858, p. 104.

<sup>64</sup>NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 3. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. 06.

<sup>65</sup>Como Arriano, Plutarco, Dionísio de Halicarnasso e Diodoro Sículo, cf. NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 3. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. 06-07.

Lágidas, a dos Selêucidas e a dos Ptolomaicos — que dividiriam entre si o comando dos povos, contudo, ainda assim disputariam a liderança ora vacante pela completude do reino alcançada por Alexandre. Droysen recorre ao termo grego *diádokhos* (“diádoco”, “sucessor”, “aquele que está depois do líder”; “substituto”) para caracterizar os sucessores militares de Alexandre. Aos herdeiros dos diádocos, por sua vez, Droysen designa o termo *epígonoi* (“herdeiros”). Nessa composição de forças e de outras sem ligação direta com qualquer herança de Alexandre, o equilíbrio político da disputa pela liderança de uma espécie de império de Alexandre<sup>66</sup> só teria encontrado seu fim com o erguimento de um poderio que não procede de nenhum desses reinos nem preservaria a unidade condicionada pelo helenismo: o poderio romano.

Droysen não faz muitas considerações diretamente a Políbio no corpo do texto, porém recorre diversas vezes às *Histórias* a fim de verificar, comparando com as demais fontes, a identificação de um povo ou de um lugar, bem como a ocorrência real de uma ocupação ou ato similar em locais pouco conhecidos pelas pesquisas recentes sobre a Antiguidade. Foi provavelmente esse procedimento que gerou inúmeras menções de Políbio (bem como de demais fontes) em notas de rodapé: há uma predominante confiabilidade nas informações dadas por Políbio, quando não uma defesa sua com relação a historiadores antigos e modernos que o criticaram em algum momento<sup>67</sup>.

<sup>66</sup>Droysen compreende o que chamaríamos de sistema helenístico como uma política de equilíbrio em constante disputa. “[...] o que os orienta [os Estados helênicos e helenísticos] é a vantagem do dia, o que é preciso no momento, o perigo que faz nascer, tão logo aqui quanto lá, um poder que agarra a oportunidade, o que não é a necessidade íntima de princípios nacionais, mas simplesmente o movimento exterior e de todo mecânico de uma política de equilíbrio, política invejosa que usa suas próprias forças em uma oscilação perpétua”, cf. DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**. Histoire des successeurs d'Alexandre (Épigones). Tomo III. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Angers: Ernest Leroux, 1885, p. 112.

<sup>67</sup>E.g., DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**: histoire d'Alexandre le Grand. Tomo I. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Paris: Ernest Leroux, 1883, p. 244n1; p. 257n1; a crítica de Políbio a Calístenes defendida por Droysen na p. 414, é retomada na p. 668 e, novamente, na p. 754 ao Droysen insistir sobre a “incapacidade total” de Calístenes, em acordo com Políbio no que diz respeito aos assuntos militares; DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'Hellénisme**: histoire des successeurs d'Alexandre. Tome Deuxième. Tradução de A. Bouché-Leclercq. Paris: Ernest Leroux, 1884, p. 539n4; 468n1; DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**. Histoire des successeurs d'Alexandre (Épigones). Tomo III. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Angers: Ernest Leroux, 1885, p. 83n3; p. 153n1; p. 117-124.

Vemos que, diferentemente de uma autoridade da Filologia Clássica como Ulrich von Wilamowitz Moellendorff (1848 – 1931), quem, alguns anos mais tarde, acusaria categoricamente Políbio de não ter realizado investigação nenhuma<sup>68</sup>, Droysen se mostra constantemente convencido, se não pelo método, pela sua argumentação historiográfica<sup>69</sup>.

No entanto, ao entendermos alguns de seus argumentos principais, torna-se possível a compreensão da leitura das *Histórias*. Há de se notar, antes de tudo, a inovação provocada por Droysen nas Ciências da Antiguidade (*Altertumswissenschaften*), e mesmo nos Estudos Clássicos, ao propor o período helenístico como um momento da história que possui características próprias que nada tem a ver com qualquer concepção de decadência<sup>70</sup> ou de período tardio, como fora elaborado por Niebuhr. O seu engajamento de toda uma vida, contando desde a primeira publicação de sua biografia de Alexandre até os três volumes da *História do Helenismo*, foi seminal para todo um campo de estudos ainda hoje florescente sobre o período helenístico, como se pode perceber pelas referências desta dissertação. Há de se avaliar, entretanto, os conceitos fundamentais que nos permitem compreender o modo como Droysen concebeu o referido período: o de helenização, Ocidente e Oriente.

Produto da fusão entre helenos e não helenos, o helenismo seria, sobretudo, uma cultura, e é essa cultura que constituiria a mencionada unidade do mundo civilizado, ou simplesmente a (primeira) unidade do mundo. Se a cultura helenística pode ser considerada como algo positivo, isto só se deveria pela sua finalidade civilizatória e, em certa medida, pela constituição da unidade do Oriente com o Ocidente.

<sup>68</sup>WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, Ulrich von. **Greek Historical Writing and Apollo**: Two Lectures Delivered Before the University of Oxford, June 3 and 4. Tradução de G. Murray. Londres: Oxford University Press, 1908, p. 15.

<sup>69</sup>Com efeito, DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 36, recorre à palavra grega *historia* a fim de chegar a uma definição da ciência da história: ela “é o resultado de percepções empíricas, de experiências e da pesquisa (ιστορία)”.

<sup>70</sup>PAYEN, Pascal. Johann Gustav Droysen et l’Histoire de l’Hellénisme. L’époque hellénistique entre Alexandre et la Prusse. In: DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l’Hellénisme**. v. 1. Tradução de Auguste Bouché-Leclercq. Prefácio, notas e bibliografia por Pascal Payen. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2005, p. 05-60, p. 42-45.

Assim como em nossos dias certas maneiras de ver, certos preconceitos, certas conveniências as quais os hábitos formam como que o mais alto grau, atestam a unidade do mundo civilizado, assim, à época helenística, e, deve-se presumir, sob formas análogas, foi elaborada uma civilização cosmopolita que impunha sobre as bordas do Nilo e as do Tártaro as mesmas formas convenientes como que constituindo o tom da boa sociedade, de gentes cultivadas. A linguagem e os costumes áticos foram a regra dos cursos de Alexandria e da Babilônia, da Bactria e de Pérgamo; e, enquanto o helenismo perde sua independência política face ao Estado romano, ele começa a ganhar em Roma o império dos modos e da civilização. É com justiça que podemos considerar o helenismo a primeira unidade do mundo<sup>71</sup>.

Em outras palavras, o conceito de helenismo, segundo Droysen, procede de uma organização do mundo histórico em diálogo com os conceitos de Ocidente e de Oriente. Do ponto de vista de um personagem grego como Políbio, a organização dos atores históricos é frequentemente narrada por Droysen como helenos (gregos nativos) ou helênicos (aqueles que adotam a cultura grega), de um lado, e bárbaros (toda a população não helena nem helênica), de outro. Trata-se, assim, de uma tentativa de apropriação da linguagem das fontes antigas para a conceptualização da história que as envolve.

A abordagem do pesquisador demonstra uma hermenêutica compreensiva, entretanto, essencializante: o inimigo era caracterizado como bárbaro, ao menos por Políbio, não por consequência de uma visão essencialista das identidades, mas devido à dinâmica da linguagem político-cultural que adjetivava grupos e indivíduos conforme circunstâncias mais ou menos convenientes<sup>72</sup>. Poderíamos nomear a relação entre os conceitos de bárbaro e heleno ou helênico, bem como a relação entre os de Oriente e Ocidente, como antitética e assimétrica: antitética, porque visa a refutação do inimigo, e assimétrica, porque presume o enfrentamento desigual entre duas partes<sup>73</sup>. O helenismo, contudo, teria sido o fenômeno próprio de toda uma

<sup>71</sup>DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**: histoire d'Alexandre le Grand. Tomo I. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Paris: Ernest Leroux, 1883, p. 696.

<sup>72</sup>CHAMPION, Craig B. **Cultural politics in Polybius's Histories**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2004, p. 63; 241-244.

<sup>73</sup>KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 191-231.

época que teria submetido as oposições vigorosas até então a uma unidade conciliadora erigida na cultura. Analogicamente, a cultura como fundamento da unidade seria uma resposta à política de Otto von Bismarck (1815 – 1898), a qual era defensora da militarização como base da unificação<sup>74</sup>: o helenismo da Antiguidade, assim, corresponderia à *Bildung* da Modernidade; enquanto Alexandre teria unificado o Oriente e o Ocidente pela defesa da cultura, Bismarck, agindo como que um contraexemplo de Alexandre, apostaria na militarização motivada pelo crescente autoritarismo.

De um modo ou de outro, o ponto de chegada é uma história de conquistas militares. Não só a obra de Droysen como a de outros autores marcantes para a história do período helenístico, dentre eles, Georg Grote e Victor Duruy, refletem “o contexto oitocentista da formação dos Estados nacionais e construção de impérios coloniais, oscilando entre ressaltar o militarismo e o comércio nas interpretações da montagem do império de Alexandre”<sup>75</sup>.

O valor universalizante era atribuído às *Histórias* de Políbio devido ao testemunho que elas fornecem daquilo que Droysen chamou “a primeira unidade do mundo”, sendo esta unidade, a de um “mundo histórico” entre *Oriente* e *Ocidente*. O modo como ocorre a conciliação entre essas duas entidades, é preciso destacar, seria ainda desigual. A fim de responder essa pergunta, tem-se recorrido frequentemente ao hegelianismo de Droysen, segundo o qual o helenismo teria sido a síntese encontrada por meio do encontro da civilização com a barbárie, duas forças antitéticas. Tal movimento seria próprio da história mesma<sup>76</sup>. No reino de cidades arquitetado por

<sup>74</sup>PAYEN, Pascal. Johann Gustav Droysen et l'Histoire de l'Hellénisme. L'époque hellénistique entre Alexandre et la Prusse. In: DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'Hellénisme**. v. 1. Tradução de Auguste Bouché-Leclercq. Prefácio, notas e bibliografia por Pascal Payen. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2005, p. 05-60, p. 53.

<sup>75</sup>JOLY, Fábio Duarte. Antiguidade europeia e modernidade latino-americana: a Tradição Clássica como matriz de identidades. **Praesentia**, Mérida, v. 10, p. 1-12, 2009, p. 02.

<sup>76</sup>Ainda que esse aspecto seja indispensável para compreendermos o helenismo de Droysen, há uma apropriação de Plutarco, cf. PREAUX, Claire. Réflexions sur l'entité hellénistique. **Chronique d'Égypte**, Bruxelas, v. 40, n. 79, p. 129-139, 1965, p. 136-137. Autor de um bom número de textos usados como fonte por Droysen, Plutarco defendia que aqueles submetidos a Alexandre “não teriam sido civilizados caso não tivessem sido dominados” (Plutarco, *Sobre a fortuna de Alexandre*, 328F, tradução nossa), além de que “pela fundação de cidades



Alexandre, “as distinções de Ocidente e Oriente, de gregos e de bárbaros, que até então haviam reinado na história, deveriam desaparecer na unidade de uma monarquia cosmopolita”<sup>77</sup>. A civilização do mundo teria ocorrido, então, por meio do pioneirismo de Alexandre e da aceitação dos povos ao universo político e cultural proposto pela monarquia heleno-macedônica. Entretanto, como apropriação das ideias de Hegel, esse momento seria, para Droysen, um momento de transição, no sentido de que gera um impacto que perdura para além da sua própria circunstância<sup>78</sup>. Se a historiografia, em uma de suas célebres definições, encontraria no ato de “compreender pesquisando” (*Forschende zu verstehen*) a sua razão de ser, ela seria capaz de construir universais ao articular empiria e abstração<sup>79</sup>.

Embora próximos em muitos aspectos, Droysen e Niebuhr diferem no modo de conceber a história antiga e de se apropriar de Políbio. Enquanto

---

nesses locais foi extinta a selvageria, e o pior mudou conforme os costumes do melhor” (Plutarco, *Sobre a Fortuna de Alexandre*, 329, A1, tradução nossa). Estas não seriam as únicas passagens da obra de Plutarco por meio da qual Droysen identificava a defesa de um mundo civilizado por parte de autores gregos e romanos. Em DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**. Histoire des successeurs d'Alexandre (Épigones). Tomo III. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Angers: Ernest Leroux, 1885, p. 18n, Droysen recupera uma citação de Aristóteles feita por Plutarco em *Da fortuna de Alexandre* (I, 6): “aos hegemônicos gregos e aos despóticos bárbaros age-se distintamente: como que com a solicitude de amigos e parentes aos primeiros, e como que com a procedência de animais e plantas aos segundos” (tradução nossa do grego). A ambivalência do termo entre civilizar e submeter se deixa ver na historiografia precedente pelo discurso de Mardonius, quem, buscando convencer Dario de avançar em guerra, teria dito “termine o trabalho com o qual te ocupas, mas, quando você tiver a chance de submeter (*hēmerósas*) o Egito pela insolência dele, marche contra Atenas, a fim de que falemos favoravelmente de ti e que nos resguardemos, então, de atacar a terra que te pertence” (Heródoto, *Histórias*, VII, 5, 10-11, tradução nossa). No entanto, não há uma tomada de posição tão assertiva por parte do autor na passagem de Heródoto como na de Plutarco. A preocupação que ordenava justiça e civilização em uma mesma linguagem política já circulava ao menos desde Platão (*Leis*, 937e, 1, tradução nossa): “apesar de tudo, como não pode ser bela a justiça humana, a que civilizou (*hēmérōken*) toda a humanidade?”. Não havia, no entanto, entre os antigos, uma filosofia substantiva da história segundo a qual algum modelo civilizacional tenderia a dominar o mundo inteiro.

<sup>77</sup>DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**: histoire d'Alexandre le Grand. Tomo I. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Paris: Ernest Leroux, 1883, p. 346-347.

<sup>78</sup>CALDAS, Pedro Spinola Pereira; SANT'ANNA, Henrique Modanez de. “Fixar a onda de luz”: o problema da transição das épocas históricas no conceito de helenismo em Johann Gustav Droysen. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 01, p. 88-101, 2008, p. 97.

<sup>79</sup>ASSIS, Arthur Alfaix. **What is History for?** Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography. Berghahn: New York; Oxford, 2014, p. 04-05. Como Assis argumenta, isto não anularia a teoria histórica de Droysen, mas comporia a sua complexidade em termos dialéticos.

Alexandre, segundo Niebuhr, não teria visado nenhuma helenização, mas a formação de todo reprovável de um império greco-pérsico-macedônio<sup>80</sup>, segundo Droysen, ele teria sido o exemplo máximo de liderança da unificação pela cultura, sendo essa cultura o resultado da adoção da civilização pela barbárie. Roma, para o primeiro, teria sido a consumação das nações em um império universal, enquanto, para o segundo, teria sido o fim da cultura que poderia sustentar a unificação política. Para ambos, em que pese as diferenças, as *Histórias* de Políbio são um testemunho de modos de universalização, no sentido de narrar processos de civilização que se confundem com o (suposto) rumo único da história do mundo. Desse modo, a fabricação de sentidos sobre a fonte, somada a junção e generalização de dados que ela fornece, torna-se tanto fator condicionante como condicionado da narratividade sobre o período helenístico e a obra historiográfica antiga. Essa concepção só sofreria mudanças significativas na passagem do século XIX para o XX.

A publicação da *História Social e Econômica do período helenístico* de Mikhail Rostovtzeff (1870 – 1952), originalmente publicada em 1926, marca a reviravolta provocada pela arqueologia na historiografia sobre o período helenístico — então consolidada —, que possibilitou conhecer a multiplicidade de culturas arranjadas segundo o adjetivo *helenísticas* a partir dos modos de vida mais humildes<sup>81</sup>. A interpretação da história por meio das noções de “acumulação de capitais, a luta de classes e a revolução” o conduziu a aproximar o que se conhecia como Ocidente e Oriente por meio da combinação de fontes arqueológicas e textuais de um modo que caracteriza muitas abordagens em História Antiga até hoje<sup>82</sup>. Essa nova perspectiva possibilitou certo desvio da história que encontrava seu fim na unificação

---

<sup>80</sup>NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 2. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. 421-422.

<sup>81</sup>FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Rostovtzeff e a contribuição da arqueologia para a história antiga. DA SILVA, Glaydson José; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). **Como se escreve a história da Antiguidade**: olhares sobre o antigo. São Paulo: Editora Unifesp, 2020, p. 137-149.

<sup>82</sup>GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 31-32.

política guiada por grandes homens de Estado para o dilema das condições sociais e econômicas que teriam conduzido os reinos helenísticos a uma unidade fatalmente desintegradora.

Para Rostovtzeff, Alexandre teria constituído um império politicamente, porém não economicamente, unificado aos sucessores<sup>83</sup>. O autor defende a unidade do mundo helenístico em muitas esferas da vida — o modo de vida, a educação, a arquitetura, as casas, os itinerários usados em toda sorte de interações entre as sociedades em torno do Mediterrâneo e as que compunham os reinos helenísticos da Ásia —, apesar de sua diferenciação política e rápida desintegração<sup>84</sup>. Seriam os diádocos os que teriam acabado por fragmentá-lo. A dinâmica do poder construída pela composição das monarquias helenísticas, com o passar do tempo, teria se concentrado nesses grupos, formando, assim, a complexa *unidade do mundo helenístico*. Dessa unidade e desse mundo, entretanto, povos como os itálios e fenícios não teriam desempenhado nenhum papel fundamental, ainda que tivessem histórias próprias que ocasionalmente estabeleciam contato. Rostovtzeff seleciona os grupos que fazem parte do mundo helenístico e de sua unidade porque a sua compreensão desse período é, ao mesmo tempo, a de uma difusão da civilização grega por quase todo o mundo que ele reconhece como a Antiguidade; é o momento em que o mundo civilizado vai ao *Oriente* e busca recriar seu modo de vida por lá. De certo modo, o autor atualiza a tese do desenvolvimento cultural de Droysen e se atém a ela para defender a sua concepção de unidade, de modo que a definição de um período tal como o helenístico se sustenta, em boa parte, em uma visão helenocêntrica da história antiga.

---

<sup>83</sup>ROSTOVITZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v. 1. Oxford: At the Clarendon Press, 1941, p. 185.

<sup>84</sup>ROSTOVITZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v.2. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998, p. 1053. Os tratados geográficos compostos por Eratóstenes, Políbio, Agatárquides, Artemidoro, Posidônio, e o que se pode ler deles por meio de Estrabão, somado aos trabalhos de Teopompo e Éforo sintetizados por pseudo-Scylax fariam da “unidade e homogeneidade do mundo helenístico, do ponto de vista da civilização e do modo de vida”, um fato, nas palavras de ROSTOVITZEFF, *ibid.*, p. 1039-1040.

De acordo com a perspectiva de Rostovtzeff, as *Histórias* de Políbio ganham o sentido da manutenção da unidade em circunstâncias de desintegração social e econômica. Precisamente com um pesquisador de um país sem grande projeção geopolítica na história recente — entretanto se tornava como que um novo horizonte mundial na marcha da revolução proletária —, mas que busca refúgio em países determinantes na política de grande escala do século XX. Políbio, um representante de toda a Grécia segundo Droysen e Niebuhr, passa a ser localizado como porta-voz da Confederação Aqueia e, na estrutura do mundo helenístico, Políbio é interpretado como um sensor dos conflitos de classe, precisamente das urgências do proletariado, quando a Grécia era disputada por Roma e Macedônia, além de ser uma fonte de conhecimento das “leis não escritas da guerra”<sup>85</sup>. Considerada o início de uma tradição apropriada pelas historiografias posteriores, a narrativa das *Histórias* de Políbio é, para Rostovtzeff, o que há de mais preciso sobre os acontecimentos do ano 221 ao 145 A.E.C., e suas partes faltantes seriam passíveis de serem reconstruídas por meio de Tito Lívio, Diodoro Sículo, a síntese de Justino a partir do trabalho de Pompeu Trogo, bem como Apiano e Dião Cássio (este, pela recorrência a Zonaras). No que diz respeito à crescente atenção que se voltava a Roma, a objetividade de Políbio só é posta em dúvida quando ele busca defender a Confederação Aqueia<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup>Sobre Políbio como porta-voz da Confederação Aqueia, ver ROSTOVITZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v. 1. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998, p. 24. O fornecimento de uma imagem muito mais nuançada da composição de atores históricos que poderiam responder pela entidade *Grécia* é uma contribuição de Rostovtzeff de acordo com o contexto de obras analisados por nós. Sobre o Políbio como sensor dos conflitos no período helenístico, ver ROSTOVITZEFF, *ibid.*, p. 192-194; 203; 206; ROSTOVITZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v.2. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998, p. 612.

<sup>86</sup>ROSTOVITZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v. 1. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998, p. 193-194; 195; 205; 230; ROSTOVITZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v.2. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998, p. 623. Mesmo ao informar o leitor acerca das biografias de Plutarco, ROSTOVITZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v. 1. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998, p. 44, faz questão de acentuar o uso que este fez das obras de Políbio: as biografias de Arato, Filopêmen (especificamente a biografia de Políbio dedicada a ele) e de Flaminino.

À diferença de Droysen e Niebuhr, Rostovtzeff, apesar de suas constantes transposições de análises socioeconômicas entre a Antiguidade e o Tempo Presente, não estava diretamente ligado aos compromissos de um homem de Estado ao escrever a história do período helenístico. O seu objetivo maior era compreender os conflitos de classe que promoveram a desintegração econômica e social, e a Antiguidade Clássica (ou *Civilizada*) era o seu laboratório. As *Histórias* de Políbio, por sua vez, possibilitariam conhecer as condições econômicas e sociais durante o tempo em que este historiador viveu, ele que teria sido testemunha da fatal desintegração conduzida pelos sucessores de Alexandre. Com Rostovtzeff, a desintegração se torna o fim da história experienciada por Políbio. Não se trata mais de uma concepção universalista da história, mas de como a unidade, na história, se desagrega ao suas partes seguirem diferentes vias. Permanecem, no entanto, a pretensão da unidade de um mundo helenístico e o centrismo naquilo que é considerado grego, ainda visto como sinônimo de civilização, o que pode ser interpretado como parte da tradição da história universal. O paradigma da desintegração, não obstante, foi capaz de gerar ao menos duas abordagens distintas na segunda metade do século XX.

A primeira delas foi proposta por Claire Préaux (1904 – 1979) em sua síntese de dois tomos intitulada *Le monde hellénistique: la Grèce e l'Orient (323 – 146 av. J.-C.)*, publicada em 1978. Situando o chamado período helenístico como uma parte da história da colonização grega que teve início por volta do século VIII A.E.C., Préaux busca analisar a dialética entre os espaços urbano e rural, frequentemente correlatos de grupos sociais greco-macedônicos, de um lado, e nativos, de outro. A dialética oriunda dos modos de colonização das elites macedônicas teria estabelecido um estado constante de guerras que, contra o argumento de Droysen, não seriam movidas por uma força civilizacional nem por uma suposta consciência nacional de cada entidade política, mas pela reconstrução da interdependência entre cidades e grandes entidades sociais<sup>87</sup>. Após anos de pesquisa arqueológica, o historiador

---

<sup>87</sup>PRÉAUX, Claire. **Le monde hellénistique: la Grèce et l'Orient (323 – 146 av. J.-C.)**. Tomo primeiro. Paris: Presses universitaires de France, 1978, p. 09.

se torna menos dependente das narrativas fragmentárias do período sobre os reinos helenísticos. As fontes textuais usadas para formar a narrativa continuam sendo as *Vidas* de Plutarco, trechos da *Biblioteca Histórica* de Diodoro Sículo, as *Histórias* de Políbio frequentemente reconstruídas por meio dos livros 32 – 45 de Tito Lívio, os livros I e II de *Macabeus* e os livros 11 – 12 das *Antiguidades Judaicas* de Flávio Josefo. Não obstante, uma grande importância é dada às inscrições e à papirologia, por exemplo, nesse processo de dar forma à história. Assim, rompe-se com a dependência literária e o contexto imperial de interpretação da história que havia condicionado profundamente as interpretações anteriores.

Neste contexto, Políbio é entendido como “o primeiro a ter concebido a história universal como uma estrutura que ele entende se evidenciar a partir da interdependência dos eventos”<sup>88</sup>. O uso da combinação de palavras “história universal” não se deve deixar enganar quanto ao conceito. Ao usar *interdependência* como palavra-chave, Préaux exclui do conceito de história universal toda pretensão determinista e civilizacional atuante até a primeira metade do século XX, para significar uma tessitura socioespacial de partes que, mutuamente, se sustentam (ou não). Decorrente de uma postura epistemológica desse modo pragmática, a autora problematiza o conceito de *helenístico*, defendendo que o surpreendente dos acontecimentos por ele evocado só encontraria paralelo em Políbio com a ascensão de Roma a partir do ano de 220 A.E.C., quando as partes do chamado mundo helenístico se deixariam ver, de fato, como interdependentes. As *Histórias* seriam, nesse sentido, muito mais um “fato cultural” cuja inclinação pela “polêmica” ou pelo “finalismo” seriam próprios da ciência do período<sup>89</sup>.

A segunda foi elaborada por um dos maiores especialistas em Políbio, Frank William Walbank (1909 – 2008). No seu livro *The Hellenistic World*, Walbank concebe a periodização do momento histórico chamado helenístico pela “unidade e homogeneidade da cultura helenística” representada por

---

<sup>88</sup>PRÉAUX, Claire. **Le monde hellénistique**: la Grèce et l’Orient (323 – 146 av. J.-C.). Tomo primeiro. Paris: Presses universitaires de France, 1978, p. 81.

<sup>89</sup>Ibid., p. 83.

imigrantes da classe greco-macedônica que se espalhavam por todo o território de Alexandre e, posteriormente, dos diádocos<sup>90</sup>. Esse *mundo helenístico* — termo empregado por Rostovtzeff e Préaux — se assentaria em um estado constante de conflitos entre a mencionada classe greco-macedônica e as populações locais, estado esse que persistia não por ser um sistema de balanço de poder, mas pelo fato de que não se conhecia maneira melhor de se negociar ao mesmo tempo que não havia um poderio capaz de se sobrepôr aos demais<sup>91</sup>.

Walbank não só possui uma vastíssima produção sobre o período helenístico como foi um dos maiores especialistas nas *Histórias* de Políbio. Assim, não só uma análise sinóptica do seu percurso intelectual ainda está por ser realizada, como o grau de apropriação da obra polibiana na sua percepção sobre o contexto no qual ela foi concebida mereceria um estudo muito mais denso. Se nos restringirmos ao referido livro, entretanto, podemos dizer que o Políbio de Walbank está muito mais interessado na região da Arcádia, na Confederação Aqueia e nos acontecimentos pertinentes ao mundo grego em específico, inclusive quando trata de Roma<sup>92</sup>. Ao situar a trajetória de Políbio entre os mundos que compunham o grande mundo helenístico, Walbank não o qualifica como historiador universal, mas como um dentre muitos que percorreram diversos estratos sociais e regiões possibilitados pelas migrações e pela mobilidade social próprias desse contexto, sem deixar de lado as demandas dos grupos aos quais se associavam. Desse modo, Walbank atualiza a linha investigativa das desintegrações representada por Rostovtzeff e se desvencilha ainda mais da qualificação universal às *Histórias* de Políbio a fim de acentuar as complexidades espaço-temporais características do período helenístico, representada por Préaux, entretanto com maior atenção aos eventos político-militares do que à vida cultural em sentido amplo.

---

<sup>90</sup>WALBANK, Frank William. **The Hellenistic World**. Londres: Fontana Press, [1981] 1992, p. 65.

<sup>91</sup>Ibid., p. 27; 240.

<sup>92</sup>Ibid., p. 18-19; 239-240

É entre o final do século XX e início do XXI, contudo, que a linguagem da globalização passaria a ser empregada com o fim de esmiuçar as dinâmicas espaciais. A recente síntese do período helenístico de Peter Thonemann intitulada *The Hellenistic Age* carrega uma noção abertamente pragmática com relação à forma histórica do período: ela se define em razão das funções dadas pelos historiadores, quais sejam, a de significar uma época, uma região geográfica ou fenômenos culturais típicos dessa região ou época, e Thonemann a usa nessas acepções tão simplesmente porque as considera assim vigentes<sup>93</sup>. Em diálogo com a experiência contemporânea de globalização, a cultura grega teria sido sim difundida e apropriada pelas diferentes culturas que existiam entre o Estreito de Gibraltar e o território do atual Afeganistão, porém isto seria insuficiente para dar forma à história. Thonemann problematiza, desse modo, o centralismo da Filologia Clássica oitocentista que se fazia sentir até Rostovtzeff com relação aos atores históricos convenientemente conservados pelos padrões civilizacionais em voga. Mesmo as fontes geográficas usadas pelo autor russo com o objetivo de compor uma *imago mundi* é criticada por Thonemann, uma vez que a imagem que se pretendia projetar corresponderia diretamente às intenções de uma elite local em diálogo com uma rede maior de elites identificadas por traços gregos<sup>94</sup>.

Políbio, nessa lógica, é interpretado como alguém que projetava uma imagem do mundo helenístico a partir de um lugar: a Confederação Aqueia e a rede de elites macedônicas e romanas. Há um destaque quanto a este historiador, contudo: sua obra é usada como a narrativa mais extensa que temos para compreender as relações entre Roma e os grupos políticos ao leste do Mar Adriático, de modo que o *entrelaçamento* (*symploké*, a qual Thonemann traduz por *interweaving*) do qual fala Políbio, teria sido “obra de Roma”<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup>THONEMANN, Peter. **The Hellenistic Age**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 06-07. Generalizações como “arte helenística” e “política helenística” não fariam nada além de excluir toda a realidade que se distancia daquilo que é considerado “grego” pelo intérprete (p. 07-09).

<sup>94</sup>Ibid., p. 71-75.

<sup>95</sup>Ibid., p. 35; 39; 45.



concomitante à desagregação dos reinos helenísticos. Apesar de parecer concordar com Rostovtzeff nesse ponto, Thonemann permite ao leitor depreender que a integração existente era intensamente dinâmica e desigual, e não foi consequência unicamente do avanço romano, mas de muitos outros povos sob liderança macedônica que os reinos helenísticos a muito custo mantinham sobre seu governo, como as populações do Egito e de diversas localidades da Ásia as quais posteriormente se ergueram contra Roma sob a liderança de Mitrídates e dos Partos.

Segundo Thonemann, assim, o período helenístico é uma definição arbitrária destinada a organizar uma realidade complexa. Em perspectiva crítica, os conceitos que davam forma a esse momento histórico nos séculos XIX e XX, como *unidade*, *universal*, *helenização* e *civilização*, não encontram lugar na narrativa de Thonemann, a não ser como objeto de reflexão. Esse ponto de vista proporciona uma compreensão que reconhecemos como global, dado que objetiva ter uma visão da complexidade do mundo histórico ao questionar conceitos ainda enraizados nas ocidentalidades dos mundos históricos. Assim, diversos modos de interação são passíveis de serem identificados pelo historiador e, ao mesmo tempo, possibilitam uma outra interpretação da história e mesmo a descoberta de acontecimentos previamente invisíveis ao olhar guiado pelos conceitos anteriormente mencionados. É precisamente com esta perspectiva que se torna possível uma outra avaliação daquilo que a tradição ocidental outrora reconheceu como *universal* nas *Histórias* de Políbio. Antes de analisarmos o texto grego, contudo, devemos nos ocupar do modelo explicativo segundo o qual Políbio teria narrado a universalização da história provocada pelo avanço de Roma à Grécia.

## 1.2 ROMA AVANÇA SOBRE A GRÉCIA: O SENTIDO HISTÓRICO DO “DOMÍNIO UNIVERSAL”

Uma vez que tenhamos chegado aos sentidos do conceito de *história universal* na formação do período helenístico, o nosso objetivo neste capítulo é compreender o modelo explicativo de Roma enquanto agente universalizador da história, fenômeno concebido como fato pela bibliografia analisada, a qual, por sua vez, ancora-se nas *Histórias* de Políbio. Para tanto, analisaremos os livros que se tornaram referência sobre a história do avanço de Roma sobre a Grécia no âmbito acadêmico. Veremos que tal modelo explicativo encontra as suas bases sobre os sentidos de história universal os quais vimos, *mutatis mutandis*, no subcapítulo anterior.

A historiografia sobre Roma, com efeito, buscou constantemente sua justificação pela “missão civilizacional do poder imperial”<sup>96</sup>. Segundo Norberto Guarinello, essa “pretensão de universalidade, como a História Universal, ou mesmo a História da civilização ocidental, esvaíram-se da produção acadêmica das últimas décadas” no que diz respeito à História Antiga e a história sobre Roma<sup>97</sup>. Essa discussão foi vigente entre o final do século XIX até início do século XX, quando se reformula em função dos temas do imperialismo e expansionismo romanos, os quais são mais conhecidos hoje. Uma das publicações mais significativas desta tese é o livro *War and Imperialism in Republican Rome*, de William Harris. O autor busca compreender as ações e objetivos romanos em contraposição às análises que enfatizam as relações internacionais que os romanos tiveram com demais povos. O autor se considera um continuador de Políbio, uma vez que, na Antiguidade, o historiador identificou a “ambição de expandir” dos romanos, contudo, não dera

---

<sup>96</sup>VLASSOPOULOS, Kostas. *Imperial Encounters: Discourses on Empire and the Uses of Ancient History During the Eighteenth Century*. In: BRADLEY, M. (org.). **Imperialism in the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 29-53, p. 36.

<sup>97</sup>GUARINELLO, Norberto Luiz. *Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio. Mare Nostrum*, São Paulo, v. 1, p. 113-127, 2010, p. 113.

uma resposta convincente a Harris que retoma, então, tal tema de investigação<sup>98</sup>. Harris, em particular, busca defender a tese de Políbio segundo a qual os romanos teriam claramente manifestado sua ambição de submeter “todo o mundo conhecido” desde que tomaram a cidade de Agrigento, então sob domínio cartaginês, ao fim da primeira guerra púnica (264 – 241 A.E.C.)<sup>99</sup>. Segundo Harris, o imperialismo romano se dava, sobretudo, pelo *éthos* guerreiro, pelo investimento e ganho econômico, e pela expansão como objetivo ao menos desde meados do terceiro século A.E.C. Políbio se torna, nesta perspectiva, um analista político preciso concernente às decisões romanas, a todo tempo atento às manifestações de um projeto de hegemonia.

Com a renovação dos modos de análise das Relações Internacionais guiados pela *Realpolitik*, o contexto geopolítico da Afro-Eurásia antiga passou a ser reconhecido como uma composição de forças que não possuía um único polo de poder por vez — seja a Babilônia, a Assíria, Atenas, Macedônia ou Roma —, mas múltiplos polos. A ascensão de Roma vinda na sequência da dinâmica de poder característica do período helenístico passa a ser compreendida como a transição de um mundo multipolar para um mundo unipolar. O mais conhecido representante dessa tese é Arthur Eckstein, sobretudo com o seu *Rome Enters the Greek East*. Diferentemente do entendimento defendido por Harris, Eckstein está convencido de que “a distribuição de poder por meio do sistema interestatal ajuda a moldar o comportamento dos Estados”<sup>100</sup>. Roma, portanto, teria sido pressionada em diversos momentos a agir de modo a conquistar cada vez mais hegemonia ao atender pedidos de auxílio de diferentes grupos dependentes de um poderio maior. Em um contexto no qual não só Roma, mas outras forças políticas disputavam o domínio transregional ao verem a *anarquia* entre os reinos macedônicos se desagregar, teriam sido os romanos os impelidos a se

<sup>98</sup>HARRIS, William. **War and Imperialism in Republican Rome (327-70 B.C.)**. Oxford: Clarendon Press, [1979] 1985, p. 01.

<sup>99</sup>Ibid., p. 107-117.

<sup>100</sup>ECKSTEIN, Arthur M. **Rome Enters the Greek East: from anarchy to hierarchy in the Hellenistic Mediterranean, 230 – 170 BC**. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2008, p. 358.

sobressaírem e conquistarem maior apoio. Essa percepção, entretanto, se deve frequentemente ao ponto de vista romano adotado por Eckstein, o qual pode ser problematizado pela perspectiva selêucida ou macedônica em diferentes momentos que demonstram a violência de Roma<sup>101</sup>. Isso teria se dado, sobretudo, após a Terceira Guerra Macedônica, quando a Macedônia perdera absolutamente sua força impositiva, fim do processo de estabelecimento da hierarquia por Roma no “Oriente grego”, o qual teria sido devidamente percebido e analisado por Políbio<sup>102</sup>. Assim como Tucídides, Políbio faria parte de uma tradição precursora da teoria realista de relações internacionais<sup>103</sup>.

Eckstein segue a tese defendida por Harris de que Roma era sim belicosa e seu modo aristocrata de ser era fatalmente movido pelos enfrentamentos político-militares. A novidade trazida por Eckstein é que Roma não era exceção quando se observa em macroescala quais eram as forças que disputavam um poder político maior — o que era entendido como maior liberdade —, e as causas de sua hegemonia incontestável exercida sobre diversas populações mediterrânicas, sobretudo ao atingir o leste da bacia deste mar, não seriam encontradas somente no interior da sociedade romana, mas em todo um sistema anárquico de relações entre diferentes e complexos grupos políticos. Alguns desses grupos, faz-se notar, dificilmente são apreendidos pela forma do período helenístico, pois não se tratam unicamente de culturas com o que se poderia chamar de traços gregos. Em grande medida, entretanto, ambas as perspectivas de Harris e de Eckstein se tornaram possíveis em diálogo com as *Histórias* de Políbio, uma vez que Políbio oferece uma análise tanto da sociedade romana como das diferentes sociedades em

---

<sup>101</sup>CHAMPION, Craig. Rome Enters the Greek East: From Anarchy to Hierarchy in the Hellenistic Mediterranean, 230 – 170 BC by Arthur Eckstein. **Classical Philology**, Chicago, v. 104, n. 02, p. 253-257, 2009, p. 256. Resenha.

<sup>102</sup>ECKSTEIN, Arthur M. **Rome Enters the Greek East: from anarchy to hierarchy in the Hellenistic Mediterranean, 230 – 170 BC**. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2008, p. 380.

<sup>103</sup>Esta tese é desenvolvida de modo mais detido em ECKSTEIN, Arthur. Polybios and International Systems Theory. In: AGER, Sheila A.; FABER, Riemer A. (orgs). **Belonging and Isolation in the Hellenistic World**. University of Toronto Press: Toronto, 2013, p. 131-142.

disputa desde um ponto de vista da aristocracia grega em busca de uma relativa autonomia política.

Há de se notar, contudo, que a interpretação de Eckstein serve-se muito da tradição oitocentista e novecentista sobre história de Roma. A tese de Eckstein retoma, em certa medida, a de Maurice Holleaux, para quem a política romana, mesmo quando derrotou definitivamente a Macedônia de modo a subjugar a Grécia continental, “nunca é mais do que uma resposta [...] às ameaças externas, reais ou ilusórias”, de tal sorte que, sendo preventiva, parece agressiva<sup>104</sup>. Na medida em que a chegada de Roma à Grécia imporá certa ordem, Eckstein recupera o posicionamento de Theodor Mommsen, segundo o qual os romanos “sempre enfatizaram que eles não buscaram a política da conquista, e que foram sempre os atacados ao invés dos atacantes”<sup>105</sup>. O império de Roma, reconhecido por Mommsen como *universal*, teria subjugado muitos povos porque esta era “a consequência necessária das relações internacionais da Antiguidade em geral — de modo que a questão não era decidida por provocativa oportunidade, mas era a consumação de um incontornável e, portanto, suportável destino”<sup>106</sup>. Portanto, embora a pretensão de universalidade presente na história universal de Roma e da Antiguidade, da qual falava Guarinello, não seja mais a vigente, os problemas dessa tradição, de uma forma ou de outra, persistem.

No ano de 2002, a tese de Mommsen também encontra lugar na *História da República Romana* [*Geschichte der römischen Republik*] de Klaus Bringmann, embora a transformação de Roma em um poderio mundial [*Weltmacht*], segundo este autor, tenha se dado por desenvolvimentos imprevisíveis decorrentes da mudança de postura romana, sobretudo da nobreza, em relação a ameaças exteriores após a desagregação dos tratados de paz de 201 e 196: a partir deste momento, os ataques militares teriam sido

---

<sup>104</sup>HOLLEAUX, Maurice. **Rome, la Grèce et les monarchies hellénistiques au IIIème siècle avant J.C. (273 – 205)**. Paris: E. de Boccard, 1921, p. 333.

<sup>105</sup>MOMMSEN, Theodor. **The History of Rome**. v. II. Tradução de William P. Dickson. Londres: Richard Bentley, [1862] 2009, p. 313.

<sup>106</sup>Ibid., p. 314.

uma resposta à falta de eficácia em resolver problemas por meios políticos<sup>107</sup>. As *Histórias* de Políbio, segundo essa perspectiva, seriam um reflexo da unidade mediterrânica trazida pela ascensão de Roma, reflexo o qual só se fazia presente “na consciência política de observadores inteligentes de acontecimentos contemporâneos”<sup>108</sup>. Após a crítica de Harris a esta tradição, Eckstein buscou torná-la mais nuançada no que diz respeito à iniciativa romana de constituir um polo de poder.

A reação dos diferentes grupos gregos à escalada de poder dos romanos é interpretada por Holleaux a partir das *Histórias* de Políbio. A Roma de Políbio, segundo Holleaux, seria uma sinédoque para *ocidente* e teria efetivamente submetido os gregos e demais povos. Isso se deixa entender quando traduz *néphos apò tês hespéras* (IX, 37, 10)<sup>109</sup> como “nuvem do Ocidente” (*nuée de l’Occident*), quando se poderia traduzir por “nuvem que vem do poente”, ou “nuvem que vem do oeste”, dado que a metáfora se refere à multidão de soldados romana que se projeta sobre os gregos como que em um movimento destruidor por onde quer que passe. Esse discurso indireto teria sido pronunciado por Licisco, representante dos acarnânios, em um debate público em Esparta, quando acusava os etólios, na pessoa de Cleneas, de se juntarem aos romanos com o objetivo de subjugar, com eles, toda a Grécia. Caracterizado por não ter “a arte nem a liberdade poética” de Tucídides, nem a “intemperante loquacidade” de Tito Lívio, Políbio certamente retoca os discursos redigidos em sua obra, porém, sem ter fabricado ou faltado com a precisão histórica em momento algum<sup>110</sup>. Holleaux, confiando mais na narrativa

<sup>107</sup>BRINGMANN, Klaus. **A History of the Roman Republic**. Tradução de W. J. Smyth. Malden: Polity Press, [2002] 2014, p. 106. Mesmo ao fazer a ressalva de que Roma só teria se tornado um centro de concentração de poder para sociedades no entorno do Mediterrâneo, Bringmann (p. 93) a compreende como *Weltmacht*.

<sup>108</sup>Ibid., p. 93.

<sup>109</sup>A metáfora é retomada por Políbio (*Histórias*, V, 104, 10) no plural: “as nuvens que vêm do poente” (*apò tês hespéras néphē*, tradução nossa). Esta passagem ocorre no momento decisivo em que Agelau de Naupacto, então líder da Confederação Etólia, tenta apressadamente promover um acordo de paz, antevendo o quão desastrosa seria a chegada das tropas romanas em momento politicamente instável para a Confederação. Tendo ocorrido na 140ª Olimpíada, esse seria o ápice do processo de entrelaçamento (*symplokē*) o qual Políbio busca conhecer, conforme veremos no próximo capítulo.

<sup>110</sup>HOLLEAUX, Maurice. **Rome, la Grèce et les monarchies hellénistiques au IIIème siècle avant J.C. (273 – 205)**. Paris: E. de Boccard, 1921, p. 18.

de Políbio do que na de Trogo Pompeu por meio de Justino, outrora usada por Niebuhr, acaba por enfatizar a submissão dos gregos à Roma igualada ao ocidente.

O simples olhar para as demais populações antigas não impedia a formação desse modelo explicativo. Já Mommsen entendia por “história do mundo antigo” uma história da “civilização em torno do Mediterrâneo” com estágios definidos, no qual helenos e italianos são considerados “povos gêmeos”: foram eles — nomeadamente, Tebas, Atenas, Roma e, surpreendentemente, Cartago que, apesar de não ser um povo gêmeo, teria participado de modo significativo neste estágio da civilização — os que “habilidosamente elaboraram e ricamente desenvolveram os elementos da natureza humana”<sup>111</sup>. De acordo com Mommsen, “foi a comunidade cívica de Roma a qual adquiriu a soberania, primeiramente, da Itália e, em seguida, do mundo”, de modo que o domínio romano sobre a Itália é visto como “a consolidação em um Estado unido de todo o tronco italiano”<sup>112</sup>. Mommsen assume claramente que “está incumbido ao pesquisador histórico trazer luz aos sucessivos estratos da população no país do qual ele trata a fim de traçar, desde a época mais remota possível, o processo gradual da civilização a formas mais perfeitas, e a supressão de raças menos capazes de, ou menos avançadas em, cultura por nações de posição mais alta”<sup>113</sup>. Mommsen deixa subentendido que concorda com Políbio a respeito da batalha de Pidna como “o completo estabelecimento do império universal de Roma”<sup>114</sup>. Como seus contemporâneos novecentistas, a interpretação de Mommsen sobre o período helenístico é profundamente dependente das historiografias antigas, embora

---

<sup>111</sup> MOMSEEN, Theodor. **The History of Rome**. v. I. Tradução de William Purdie Dickson. Londres: Richard Bentley & Son, [1862] 2009, p. 3. A tese de que Roma não só teria preservado a cultura helênica (o helenismo) como teria sido parte do *mundo helênico* e entrado involuntariamente na disputa internacional ainda foi defendida por TOYNBEE, Arnold. **Helenismo**: História de uma civilização. Tradução de Waltensir Dutra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1959] 1983, p. 146-162.

<sup>112</sup>Ibid., p. 06.

<sup>113</sup>Ibid., p. 08.

<sup>114</sup>MOMMSEN, Theodor. **The History of Rome**. v. II. Tradução de William P. Dickson. Londres: Richard Bentley, [1862] 2009, p. 311.

profundamente marcada pela concepção segundo a qual elas teriam narrado um processo civilizacional.

Entre o final do século XIX à segunda metade do século XX, contudo, profundas transformações ocorreram em todo o mundo. Em um contexto pós-segunda guerra mundial, inúmeros fenômenos de movimentos e guerras anti-imperialistas, da conquista da independência e de movimentos revolucionários de países em África e Ásia, do surgimento do multiculturalismo, da criação de organizações como a ONU e a OTAN, mas também do neoliberalismo e da continuidade da construção do Estado sionista de supremacia racial chamado Israel na região da Palestina histórica, para citar alguns exemplos. O ganho de autonomia de vozes diversas passa a desafiar a noção de um rumo universal da história e a prover uma observação mais nuançada da construção cultural, social e política do espaço.

Um dos estudos destacados que trazem as reflexões desse ambiente para o período ao qual nos detemos é o de Jean-Louis Ferrary. Segundo esse autor, o julgamento de Políbio acerca da política romana refletiria especificamente o das elites gregas, uma vez que parte de uma moral bem tradicional ao seguir os costumes de sua família fortemente envolvida na política da Confederação Aqueia e suas redes. Diante de cada situação e buscando refletir sobre o conjunto dos eventos, as *Histórias* de Políbio seriam o registro da ponderação das vantagens e desvantagens em aliar-se com as famílias romanas, sobretudo com a *gens* Fabia, poderosa desde o início da República romana. Essa ênfase na relação de Políbio com os Fabios, principalmente por meio do jovem Cipião Emiliano, que o teria acolhido na aristocracia durante todo o período de escrita das *Histórias*, porém, é tratada como constante negociação ao invés de uma submissão patriótica, como defendia Fustel de Coulanges. O filo-helenismo performado pelas famílias da aristocracia romana, desse ponto de vista, não seria somente cultural, mas envolvia uma profunda adaptação delas aos objetivos das elites gregas — em constante desacordo entre si — no que diz respeito a todo um modo de organização social. Embora haja diferenças entre as intervenções romanas nos



interesses gregos desde a Segunda Guerra Macedônica (200 – 197), quando se inicia a propaganda romana pela paz grega, até as Guerras Mitridáticas (88 – 63 A.E.C.), quando se faz presente formas de imposição mais intensas e sistemáticas, Ferrary considera plausível falar em uma hegemonia romana que se fazia sentir de diversos modos nas comunidades gregas<sup>115</sup>.

A tese segundo a qual Roma teria se adaptado ao universo cultural helenístico a fim de conseguir conexões e relativa estabilidade no Mediterrâneo é desenvolvida de modo diverso por Eric Gruen. Segundo este autor, não teria existido uma imposição de um sistema romano ao mundo grego, mas reações circunstanciais — e, não raro, muito violentas — a possíveis ameaças à dinâmica de poder alcançada após a derrota dos cartagineses e submissão das cidades deles e de seus aliados na Europa e na África. As comunidades do leste, então, não sofriam nenhuma espécie de imperialismo, tampouco eram contidas por alguma forma de hegemonia romana, embora algumas delas apenas evocassem o nome de Roma em negociações com o fim retórico de apresentar alianças poderosas — no que pese a indiferença dessas alianças. A imposição de um sistema romano só se verificaria quando das guerras mitridáticas, as quais se mostraram uma real ameaça ao mobilizar grandes forças da Ásia, salvo o caso dos antigônidas após a derrota de Felipe V. O modo como a aristocracia romana agia na Hélade, assim, era pautado pelas

---

<sup>115</sup>FERRARY, Jean-Louis. **Philhellénisme et impérialisme**: aspects idéologiques de la conquête Romaine du monde Hellénistique. De la Seconde Guerre de Macédoine à la guerre contre Mithridate. École Française de Rome: Palais Farnèse, 1988. Hoje, não há concordância acerca da existência da defesa de certa hegemonia ou império universal na história romana do tempo de Políbio. Se as notas fundamentais do conceito de Principado a partir da época de Augusto são compatíveis com o de imperador universal, tal como o *Shahansha* da Pérsia, cf. BANG, Peter Fibiger. Lord of All the World: the State, Heterogeneous Power and Hegemony in the Roman and Mughal Empires. *In*: BANG, P. F.; BAYLY, C. A. (orgs.). **Tributary Empires in Global History**. Londres: Palgrave Macmillan, 2011, p. 171-192, p. 177, o mesmo não se poderia dizer da monarquia de Alexandre e das de seus sucessores, nem do avanço romano contra os antigônidas na época de Filipe V (197 A.E.C.), momento em que a hegemonia romana ter-se-ia feito reconhecer entre as populações do Mediterrâneo a leste da Sicília. Segundo ANDRÉ, Alessandra. **A fabricação da 'basileia' helenística**: um estudo sobre o governo de Antígono Monoftalmo e Demétrio Poliorcetes (321 – 301). 2018. Tese (Doutorado em História) —Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018, p. 65-66, Alexandre tinha a habilidade política de “reunir, em torno de si, diversas imagens diferentes — *basileus* dos macedônios, *hegemón* dos gregos, sucessos dos Aquemênidas e filho de Zeus”, a depender do contexto no qual construía sua autoridade.

elites gregas e só poderia ser compreendido pelo historiador de hoje a partir dele. As *Histórias* de Políbio deste modo interpretadas geram um ceticismo profundo do historiador de hoje, de tal sorte que a narrativa retrospectiva de Políbio a respeito dos diversos momentos em que os romanos guerreiam e impõem-se a outros povos em movimento expansivo seria responsável por gerar a equivocada narrativa segundo a qual haveria existido um plano romano de expansão e de submissão de toda a área de influência política grega. Essa narrativa estaria provocando um mau entendimento acerca da presença romana no Mediterrâneo até hoje<sup>116</sup>.

Tal mudança na relação entre as famílias aristocráticas romanas e as elites gregas suscitam questionamentos quanto à forma da história romana, dividida, comumente, entre República e Império ou Principado a partir do governo de Augusto (27 A.E.C. – 14 E.C.). Em última instância, os romanos, desde o início se mostraram preocupados com o estabelecimento de uma “unidade de gestão e regulamentação da esfera pública”, de modo que no decorrer de seus altos e baixos, “a forte ligação dos romanos com a tradição, ou seja, o *mos maiorum* fez com que eles nunca abandonassem as antigas instituições, mas sim, reformulassem as mesmas”<sup>117</sup>. Segundo Fábio Faversani, tal separação encontra sua maior representação em *A revolução romana* de Ronald Syme, publicada em 1939, onde o autor identifica uma mudança dos conceitos estruturadores da aristocracia senatorial e dos grupos oligárquicos romanos por meio de uma história social e política. Essa mudança seria um indicativo de uma mudança real, logo, legitimadora de uma periodização que separasse a história da República da história do Império. Em contrapartida, ao compreender experiências históricas típicas, entretanto, particulares do que chamamos de República e do que chamamos de Império nas fontes, Faversani propõe a categoria de fronteira a fim de apreender a

---

<sup>116</sup>GRUEN, Erich S. Rome and the Greek World. In: FLOWER, Harriet I. (org.). **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. Nova York: Cambridge University Press, 2004, p. 242-267.

<sup>117</sup>GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os panegíricos e o conceito de Imperium: repensando os poderes dos imperadores romanos (séculos III e IV d.C.). **História e Cultura**, Franca, v. 2, n. 3, p. 216-238, 2013, p. 219.

complexidade e particularidade históricas manifestadas nas fontes<sup>118</sup>. Por meio dessa categoria seria concebida uma análise mitigada das continuidades e permanências que compõem ambos os períodos, condicionando, assim, uma narrativa integradora.

O modo de investigação do problema é muito próximo daquele de Norberto Guarinello, quem, se vinculando à História Global, se apropria de fronteira enquanto conceito, junto dos conceitos de ordem e de integração. Partindo do objetivo de compreender “a ordem romana como parte de um processo de integração”<sup>119</sup> — sendo esta ordem um modo de organização social e o processo de integração, assim como a ordem, significantes de experiências históricas com dinâmicas próprias —, as fronteiras são concebidas, em termos gerais, como toda situação em que o trabalho humano encontra um obstáculo a ser superado, aceito ou mitigado. O trabalho humano acumulado das sucessivas e plurais experiências com as fronteiras naturais, as fronteiras das comunidades, e as fronteiras do próprio trabalho humano corporificado e reproduzido, assim modificam a ordem e são por ela modificados, configurando processos integrativos. Faz-se notar que as publicações que buscam defender a universalização na Antiguidade, enfim, se sustentavam em um tipo de leitura de fontes romanas no seio da tradição eurocêntrica dos Estudos Clássicos. Mesmo redirecionando o olhar para a composição plural de agentes envolvidos na hegemonização de Roma, como o da multipolaridade do mundo de Eckstein, de certo modo já desenvolvida por Ferrary, tal modelo explicativo só encontra sustento em um centrismo dado a Roma e à esfera política. Em se tratando da historiografia da e sobre Roma antiga, nota-se como a separação de uma história interna — a emancipação da plebe — e de outra externa — as guerras de conquistas e expansão —, já viabilizada por Tito Lívio, favorecem tal argumento, dado que se negligencia a amplitude da emancipação da plebe a fim de projetar certa noção de expansão

---

<sup>118</sup>FAVERSANI, Fabio. Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira. **Mare Nostrum**, São Paulo, n. 4, p. 100-111, 2013.

<sup>119</sup>GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio. **Mare Nostrum**, São Paulo, v. 1, p. 113-127, 2010, p. 121.

territorial<sup>120</sup>. Com o aumento do número de pesquisas sobre os demais povos e a construção de uma macronarrativa plural sobre as Antiguidades, não se pode mais ignorar ou submeter as demais esferas da realidade nem submetê-las à determinação política, embora esta seja, em certos momentos, decisiva no curso da história.

Da mesma forma, como veremos, Políbio e seu público eram conscientes da pluralidade de histórias e de povos coexistentes a eles. Como os conceitos usados a fim de compreender, explicar e apontar caminhos a partir do momento histórico em que se encontravam nos permitem analisar a dimensão êmica deste complexo acontecimento, o que ocorria pode ser entendido mais nos termos das tradições historiográficas apropriadas por Políbio e nas políticas culturais características da dinâmica de poder do período helenístico desde a soberania de Filipe II sobre a Grécia, passando pelo estabelecimento dos reinos dos diádocos. Em específico, veremos como as tradições historiográficas das quais Políbio se serviu apontam para a experiência segundo a qual Roma era um poderio entre os demais que, a certa altura, tornar-se-ia favorável aos objetivos do grupo dirigente da Confederação Aqueia.

### 1.3 REPENSANDO AS *HISTÓRIAS* DE POLÍBIO NO HORIZONTE DAS HISTORIOGRAFIAS HELENÍSTICAS

As histórias sobre o momento em que Políbio viveu comumente se dividem, então, entre História da Grécia e História de Roma. Da primeira surgiu a historiografia helenística, a qual vem buscando um olhar cada vez mais amplo acerca da proposição inicial dada por Droysen; da segunda, vem se problematizando a pluralidade da história de Roma. Segundo uma perspectiva

---

<sup>120</sup>KNUST, José Ernesto Moura. Os plúvios, a emancipação da plebe e a expansão romana: conectando as histórias interna e externa da república romana. **Esboços**, Florianópolis, v. 26, n. 42, p. 234-254, 2019.

global, tanto as formas historiográficas nomeadas *Grécia, Roma, e período helenístico* seriam passíveis de crítica. Haveria dois modos mais recorrentes de fazê-lo: (a) enfatizando as interações entre diferentes grupos, comprometendo, assim, as fronteiras rígidas projetadas pelo nacionalismo novecentista à Antiguidade; (b) buscando romper com o eurocentrismo ou ocidental-centrismo presente de formas diversas na compreensão da história. Para ambos os casos, tornou-se incontornável para a historiografia brasileira a reflexão a partir da proposta de Guarinello sobre a já mencionada morfologia da história<sup>121</sup>. Recentemente, esses dois modos de investigação têm problematizado mesmo o sentido de Antiguidade ou de História Antiga, o qual, segundo as interpretações do século XIX, seria sinônimo de Grécia e Roma, ou, quando muito, sinônimo de um processo civilizatório liderado por essas duas entidades após o surgimento do monoteísmo e da agricultura atribuídos aos povos de escrita cuneiforme ou mesopotâmicos. Sendo assim, o objetivo deste subcapítulo é circunscrever, em perspectiva global, uma interpretação das *Histórias* de Políbio como uma composição cujo horizonte era o mundo helenístico e as historiografias helenísticas. Por conseguinte, o lugar de Roma, conforme essa aproximação, só poderia ter feito sentido para os seus contemporâneos diante das relações políticas e culturais desse contexto.

Em primeiro lugar, cabe clarificar o que entendemos por perspectiva global e a sua relação com o período helenístico. O conceito de Antiguidade, como vimos, sem dúvida era parte da constelação de *história universal* ao significar sociedades segundo um suposto desenvolvimento histórico que as

---

<sup>121</sup>Segundo GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A forma e a festa: homenagem a Norberto Luiz Guarinello. **Phoënix**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 14-28, 2021, p. 18, a proposta de Guarinello é um dos principais vetores para refletir acerca da construção da própria construção do ensino e da pesquisa em História Antiga. Já SILVA, Uiran Gebara. Outra História Global é possível? Desocidentalizando a história da historiografia e a história antiga. **Esboços**, v. 26, n. 43, p. 473-485, 2019, defende a apropriação da História Global com o fim de desocidentalizar a história e assim dar formas outras à história/História. Similarmente, em MORALES, Fábio. Os campos de integração em Delos no período helenístico (167 – 69 a.C.): apontamentos para uma História Antiga Global. **Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 38, p. 25-43, 2022, encontramos o projeto de formas da história para Antiguidades outras a partir da resignificação do conceito de campo segundo Pierre Bourdieu, com a finalidade de compreender interações históricas por meio dos processos de integração, sem perder de vista as fronteiras por eles erigidas.

conduzia até a Europa moderna — esta, igualmente projetada sobre elas a partir do surgimento mesmo do projeto político chamado *ocidente*, originado no século XVIII entre grupos do continente europeu. É ponto passivo que o conjunto complexo de fenômenos históricos chamados *ocidentais* têm sido frequentemente apropriado por diferentes comunidades do planeta por diferentes meios, e que há uma série de elementos disciplinares e culturais aos quais poderíamos associá-lo. Não se trataria, entretanto, de um processo de difusão do ocidente ou de ocidentalização<sup>122</sup>, mas de ocidentalidades<sup>123</sup>, i.e., de apropriações possíveis do que se entende por ocidental de modo a buscar compreender as condições particulares da experiência histórica relacionando-a a contextos globais que mostram a sua particularização. A experiência do tipo de globalidade que caracteriza as interações ou globalizações do século XX e XXI, por sua vez, condicionam novas metanarrativas sobre a história da humanidade<sup>124</sup>.

Um léxico composto por palavras e expressões como entrelaçamento, conectividade, processos de integração e interações, podem criar um contexto mais receptivo acerca das diferentes formas de conceptualização das historiografias helenísticas. Em comparação com a História Mundial (*World History, Weltgeschichte*), com a nova história universal (*Universal History, Universalgeschichte*, por vezes indistintamente nomeada *Weltgeschichte*) e com as pesquisas sobre hemisferizações<sup>125</sup> antes da invasão europeia ao

<sup>122</sup>HUNT, Lynn. **Writing History in the Global Era**. Nova York; Londres: WW Norton & Company, 2014; WOOLF, Daniel. **Uma história global da história**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, [2011] 2014; CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016; IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 04, p. 105-124, 2010.

<sup>123</sup>O termo já era empregado por IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 78-85 a fim de significar a presença de algum aspecto ocidental em uma sociedade que a recebe, presença esta visada em um processo múltiplo que abarca distintas esferas da realidade e constantemente recriada pelos estratos sociais que dela se apropriam.

<sup>124</sup>SANTOS, Milton. **Para uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 21; MARQUES, Juliana Bastos. Para compreender no século XXI as escalas e proporções do mundo antigo. **Pasado Abierto**, Mar de la Plata, n. 14, p. 118-132, 2021; VENGOA, Fazio Hugo; VARGAS, Luciana Fazio. La historia global y la globalidad histórica contemporánea. **Historia Crítica**, Bogotá, n. 69, p. 3-20, 2018.

<sup>125</sup>Pouco conhecidas no Brasil, as pesquisas sobre hemisferizações voltam-se para o modo como cada sociedade vivia em seu hemisfério como se este fosse o *globo*. A premissa

continente americano, a História Global tem enfatizado as diferentes formas de interação ao passo que procura manter um posicionamento profundamente crítico em relação à projeção teleológica ocidentalizante dos acontecimentos frequentemente identificada nas histórias universais e mundiais<sup>126</sup>. Tanto a História Universal quanto a História Mundial, enfim, frequentemente tomam como ponto de partida a Europa em sentido político-ideológico e submetem a ela as histórias do mundo<sup>127</sup>. Ao pensarmos globalmente, pretendemos,

---

fundamental é que, até o século XVI, o mundo estaria hemisferizado, quando tem início o processo de globalização.

<sup>126</sup>Há periódicos de grande renome dedicados à pesquisa sobre História Mundial, cujo maior representante é o *Journal of World History*, da Associação de História Mundial [*The World History Association*]. Em se tratando de História Global, talvez o mais significativo seja o *Journal of Global History*, sediado em Cambridge e, especialmente no Brasil, o *Esboços*, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Todavia, não se encontra nem um periódico de História Universal, embora seja possível identificar algumas de suas premissas nos materiais citados e, por exemplo, no *Journal of Comparative Studies in Society and History*. Para um levantamento estatístico que mostra tamanho desnivelamento concernente ao nome de cada corrente historiográfica, ver BOWDEN, Brett. The “Idea” of Universal History: What the Owl Heard, the Angel Saw, and the Idiot Said. **New Global Studies**, v. 11, n. 03, p. 197-209, 2017, p. 197-198. FICKER, Sandra Kuntz. Mundial, transnacional, global: um ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Paris, 2014, DOI: 10.4000/nuevomundo.66524, faz um levantamento dos usos desses termos no âmbito acadêmico durante as últimas décadas e conclui que, não raro, não há uma definição explícita dos pressupostos dessas correntes, embora suas linhas gerais — como intentamos fazer — sejam perceptíveis. Para uma reflexão sobre os limites e possibilidades da apropriação brasileira da História Global em condições socioeconômicas profundamente desiguais, precipuamente no que diz respeito a uma reavaliação do nosso lugar em uma rede mundial de pesquisadores e de nossas semelhanças com demais nações outrora coloniais, destacamos, além das citadas provenientes da área de História Antiga: ESPADA LIMA, Henrique. História global do trabalho: um olhar desde o Brasil. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 59-70, 2018; SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**, Barcelona, v. 08, n. 02 p. 210-236, 2019. Para uma postura epistemológica que preze pelo perspectivismo ao se apropriar do ferramentário oferecido pelos estudos globais, a obra mais extensiva e concisa de que temos conhecimento é a de OLSTEIN, Diego. **Pensar la historia globalmente**. Tradução de Alejandro Pérez-Sáez. México: Fondo de Cultura Económica, [2015] 2019.

<sup>127</sup>JOLY, Fábio Duarte. Antiguidade europeia e modernidade latino-americana: a Tradição Clássica como matriz de identidades. **Praesentia**, Mérida, v. 10, p. 1-12, 2009, p. 02. A forma de pensar história — a sua morfologia — é, contudo, determinante frente a identidade reclamada por cada campo. Segundo BOWDEN, Brett. Op. cit., p. 208-209, uma certa “versão da história universal transcende tanto a história mundial quanto a história global; algumas versões destas são, na verdade, histórias universais daquela mesma natureza. Com efeito, a ideia de história universal permanece central à tradição ocidental de estudo e teorização sobre história, progresso, civilização e perfectibilidade humana. Ela é uma versão guarda-chuva [*all-encompassing version*] de história que busca explicar e documentar a história da humanidade enquanto uma unidade singular e coerente de estudo. Trata-se de encaixar todos os povos e lugares na narrativa da história, o que significa localizá-los em algum lugar do continuum entre os polos de estado da natureza e de modernidade civilizada. Ao mesmo

portanto, apreender as interações e conceptualizações em sua dinâmica e sentido próprios de modo a problematizar o eurocentrismo morfológico.

Nesse sentido, o período helenístico, enquanto periodização da história, é pragmaticamente apropriado por nós, designando simplesmente os contextos apreensíveis por meio desta categoria, sem indicar qualquer narrativa da história embasada em etapas, como se fazia ainda em Droysen, entretanto sem o grecocentrismo presente ainda em Rostovtzeff, mas que encontra uma ruptura com Claire Préaux e Frank W. Walbank: o período helenístico se caracterizaria, portanto, pelas condições históricas engendradas por ações diretas ou indiretas de Alexandre e seus sucessores, incluindo as redes de grupos macedônicos que formavam comunidades, bens e ideias do Estreito de Gibraltar ao atual Afeganistão. As historiografias helenísticas, entendidas por este viés, não se dispõem em uma unidade ou uniformidade<sup>128</sup>. Entretanto, em sua natureza multiforme, elas podem ser assim qualificadas por responderem às ações desses grupos macedônicos, os quais continuaram a prática grega de usar suas culturas como modo de se fazer política. Assim, embora o uso da língua grega para a escrita da história parecesse evidente para tal qualificação, entendemos que seria inadequado excluir toda forma de investigação histórica registrada em outro idioma deste contexto macrorregional. Afinal, o uso de um idioma distinto do grego poderia ser uma forma de responder a uma ação macedônica direta — como uma invasão ou intervenção em uma comunidade específica, a presença de mercenários, uso da moeda, estabelecimento de monumentos, fundação de cidades ou confederações — ou às condições

---

tempo, isso significa saber que todos chegarão, em última instância, ao mesmo fim: civilização ou modernidade ocidental. Essa essência da ideia de história universal, a noção de que todos os povos estão destinados a traçar o mesmo destino pela história e chegar ao mesmo lugar é, precisamente, o que é tão capcioso com relação à ideia de história universal. Na face do anjo da história e de seus enfrentamentos contra a tempestade, a partir da perspectiva protegida das corujas e dos idiotas, a história universal inexoravelmente nega a tantos povos as suas próprias histórias”. Por essa razão, temos nos perguntado menos pela existência de nomes de cada campo nas fontes do que pela forma como se faz e se concebe história.

<sup>128</sup> “[...] é importante não presumir que a escrita helenística da história, da metade do quarto século A.E.C. até a época de Políbio (metade do segundo século), fosse uniforme”, cf. DILLERY, John. *Hellenistic Historiography*. In: FELDHERR, Andrew; HARDY, Grant (orgs.). **The Oxford Handbook of Historical Writing v. I: Beginnings to AD 600**. New York: Oxford University Press, 2011, p. 171-218, p. 171.



provocadas pela política de Alexandre ou de seus sucessores. A nossa atenção ao mundo grego, nesse sentido, não se deve a qualquer critério de superioridade cultural, mas tão somente a uma condição imposta pelo contexto no qual as *Histórias* de Políbio foram escritas e para o qual foram pensadas.

Segundo a datação mais frequente, o período helenístico teria começado com a morte de Alexandre III da Macedônia em 323 A.E.C. e a concomitante disputa por liderança política entre os diádocos, e terminado com a morte de Cleópatra VII e o domínio romano da última das dinastias macedônicas edificadas nesse ínterim. O sensor para tal classificação seriam as negociações e contendas entre os diádocos e suas entidades políticas. Se levarmos em consideração a já existente interferência do poderio macedônico nas cidades gregas na época de Filipe II, sobretudo desde a sua proclamação como líder (*hēgēmōn*) dos gregos no desenlace da batalha em Queroneia, em 338 A.E.C., e na formação da Liga de Corinto sob seu comando, em 337 A.E.C., as comunidades do Egeu já vivenciavam as relações de poder que se multiplicariam nas demais partes do mundo<sup>129</sup>. Na amplitude do mundo helenístico, os conflitos não se davam ao acaso, mas, via de regra, nos termos do antagonismo entre os impérios selêucida e ptolomaico a partir das comunidades do Egeu, devido à interdependência entre as instituições das cidades e confederações, de um lado, e a *basileía* helenística, de outro<sup>130</sup>. Embora houvesse tensões entre as comunidades gregas e os macedônios — além, é claro, das tensões entre os próprios gregos —, a diferença não era, na

<sup>129</sup>ANDRÉ, Alessandra. O mundo da *pólis*: reflexões a partir do modelo ateniense e da crise no território políade no século IV A.C. **Romanitas**, Vitória, n. 07, p. 29-48, 2016, p. 42.

<sup>130</sup>STROOTMAN, Rolf. 'To be magnanimous and grateful': The Entanglement of Cities and Empires in the Hellenistic Aegean. In: GYGAX, Marc Domingo; ZUIDERHOEK, Arjan. **Benefactors and the Polis: The Public Gift in the Greek Cities from the Homeric World to Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 137-178. Ainda sobre a interdependência entre os diversos estratos sociais e de poder como uma característica do mundo helenístico, ver DAVIES, J. K. Cultural, social and economic features of the Hellenistic world. In: WALBANK, F. W.; ASTIN, A. E.; FREDERIKSEN, M. W.; OGILVIE, R. M. (orgs.). **The Hellenistic World**. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1984] 2011, p. 257-320, p. 291-315. A cultura das cidades, por sua vez, não só estruturava as redes monárquicas helenísticas, como também passou a ter um papel fundamental na rede imperial com Roma, cf. MORALES, Fábio Augusto. **Atenas e o Mediterrâneo romano: espaço, evergetismo e integração**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

prática tão acentuada, de modo que ambos os grupos ocupavam posições privilegiadas nos exércitos e na burocracia<sup>131</sup>.

A problemática cultural da helenização ou romanização, portanto, perde sentido em um mundo que vai muito além de gregos e romanos, ou que busca dissociar política e cultura. Paul Veyne, ao usar a noção de aculturação, afirmava que não há algo como uma *cultura endógena*, dado que as sociedades, por princípio, mudam constantemente de cultura. Logo, a aculturação, nesses termos, não se trataria da perda de uma cultura original pela substituição de uma cultura estrangeira, mas da aporia decorrente do modo como sociedades transitam entre culturas consciente ou subconscientemente. A chamada *helenização de Roma*, entendida nesse sentido, passa a ser dinamizada pela desigualdade de poder, e não por identidades — estas apontariam para usos motivados pelo poder, e não por algum identitarismo<sup>132</sup>. Em poucas palavras, a helenização de Roma teria valido a pena como estratégia de poder em uma cultura mediterrânica de poder. Isso explicaria como, nesse ambiente, a língua latina pode ter sido a única a disputar o poder com a língua grega, especialmente a partir das primeiras guerras púnicas<sup>133</sup>; ao mesmo tempo, mostra como eram os valores culturais gregos os que determinavam, frequentemente, os rumos das negociações intercomunitárias. Isso não se dava somente por uma sorte de imposição militar, mas por uma dinâmica de integração em sentido amplo, que tem como ponto de partida a intensificação dos movimentos de colonização grega que remontam aos séculos VIII e VII A.E.C., e transcorrem a fundação de cidades como parte do projeto da *basileía* helenística<sup>134</sup>.

<sup>131</sup>WALBANK, Frank William. **The Hellenistic World**. Londres: Fontana Press, [1981] 1992, p. 14-15.

<sup>132</sup>VEYNE, Paul. The Hellenization of Rome and the Question of Acculturations. Tradução de Scott Walker. **Diogenes**, Paris, v. 27, n. 106, p. 01-27, 1979, *passim*.

<sup>133</sup>MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização**: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa. Rio de Janeiro: Zahar Editor, [1975] 1991, p. 17; 21-22.

<sup>134</sup>WALBANK, *ibid.*, p. 62; PRÉAUX, Claire. **Le monde hellénistique**: la Grèce et l'Orient (323 – 146 av. J.-C.). Paris: Presses universitaires de France, 1978. Tomo primeiro, p. 5-6. Os mercenários teriam um papel preponderante nos processos de colonização promovidos pelos governos dos diádocos, cf. SANT'ANNA, Henrique Modanez de. **História da república romana**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 80-81. Não obstante, o elemento colonial deve,

Por mais que Políbio tenha ido a Roma, “o mundo helenístico se mudou com ele, dado que o trazia incorporado dentro de seus esquemas para pensar e atuar”<sup>135</sup>. Não seria diferente no que diz respeito às tradições historiográficas. Dentre os historiadores mais elogiados — e mesmo, por vezes, defendidos — por Políbio, figuram Éforo de Cime (c. 405 – 330 A.E.C.) e Teopompo de Quios (c. 380 – c. 320). Em uma primeira apreciação, poder-se-ia dizer que o fato de ambos terem vivido no limiar do período helenístico e do período clássico da Grécia não permitiria uma aproximação com o horizonte de Políbio. Entretanto, ambos dedicaram as suas historiografias à problemática das relações políticas que já se vivenciavam no Egeu: As *Histórias* de Éforo buscavam explicar historicamente, desde os Heráclidas até o reino de Filipe II, a crise política que tanto a Grécia como todo o seu entorno vivenciavam desde a perda espartana para a nova hegemonia tebana em 371 A.E.C., seguida da já mencionada formação do poderio macedônico<sup>136</sup>, enquanto Teopompo escrevia as *Filípicas*, cuja trajetória de Filipe II conduz a análise da problemática relação entre a figura do líder macedônico e as sociedades gregas<sup>137</sup>. De forma similar, nas suas *Histórias*, Políbio se propunha a compreender, em um primeiro momento, como Roma teria crescido em autoridade diante dos poderes vigentes (I, 1, 3) e, em um segundo, como teriam sido as relações entre a liderança romana — em especial, a sua constituição (*politeía*) — e as demais comunidades (III, 4, 6-12). Em nenhum dos três casos, tratar-se-ia de narrativas sustentadas por uma filosofia do progresso — ou regresso — civilizacional que culminariam em uma entidade política que unificaria o universo. Antes, mostra-se mais razoável concebermos algumas das historiografias que eram referência para Políbio

---

necessariamente, prescindir de uma reflexão sobre suas possibilidades e limites, sob a pena de tornar o período helenístico, enquanto campo de pesquisa, um campo colonialista, cf. DAVIES, J. K. Cultural, social and economic features of the Hellenistic world. In: WALBANK, F. W. ; ASTIN, A. E. ; FREDERIKSEN, M. W. ; OGILVIE, R. M. (orgs.). **The Hellenistic World**. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1984] 2011, p. 257-320, p. 263.

<sup>135</sup>LEONI, Álvaro Moreno. Políbio, el mundo helenístico y la problemática cultural: algunas líneas de reflexión em los últimos veinte años. **De Rebus Antiquis**, Buenos Aires, Ano II, n. 02, p. 123-151, 2012, p. 136.

<sup>136</sup>PARMEGGIANI, Giovanni. **Eforo di Cuma**: Studi di storiografia greca. Bolonha: Pàtron Editore, 2011, p. 725-726.

<sup>137</sup>PÉDECH, Paul. **Trois historiens méconnus**: Théopompe, Duris, Philarque. Paris: Les Belles Lettres, 1989, p. 252.

como modos de se explicar ou compreender as complicadas relações políticas — e não menos culturais do que políticas, nesse contexto — entre cidades, confederações, ligas e impérios no decorrer da sua transformação histórica e em sua constante (re)negociação de interdependência.

Conforme essa abordagem, o lugar historiográfico de Roma nas *Histórias* de Políbio tem sido estudado direta e indiretamente. A bibliografia específica sobre as *Histórias*, em termos gerais, se caracteriza por dois modos predominantes de estudá-las: (a) um que prioriza a sua compreensão historiográfica, buscando enfrentar o predominante interesse em somente “extrair dados históricos (*realia*) da obra para reconstruir os pormenores da expansão romana” durante as Guerras Púnicas (264 – 146 A.E.C.)<sup>138</sup>; (b) e outro que prioriza a revisão do seu pensamento político, uma vez que, sendo ele substancial para compreender problemas desse gênero durante diferentes momentos da história<sup>139</sup>, acaba sendo atravessado por estratos diversos de interpretações.

As pesquisas que priorizam a compreensão historiográfica das *Histórias* têm seu ponto de encontro no *La méthode historique de Polybe*, de Paul Pédech, o primeiro a publicar “um estudo de conjunto sobre o método de Políbio”<sup>140</sup>. Dentre elas, está a do maior representante brasileiro, Breno Battistin Sebastiani, que, desde sua tese de doutoramento, define o domínio romano de todo o ecúmeno (*oikouménē*) enquanto critério de importância da narrativa do historiador e conseqüente qualidade universal de sua obra<sup>141</sup>. Em

<sup>138</sup>LEONI, Álvaro M. M. Memoria, historia Aquea y autobiografía en las *Historias* de Polibio: algunas observaciones. In: SEBASTIANI, B. B.; RODRIGUES JÚNIOR, F.; SILVA, B. C. (Orgs.). **Problemas de historiografia helenística**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 103-120.

<sup>139</sup>HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de G. J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 98-100; MARQUES, Juliana Bastos. Políbio. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e retórica**: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 45; MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de M. B. B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 78-79.

<sup>140</sup>PÉDECH, Pédech. **La méthode historique de Polybe**. Paris: Les Belles Lettres, 1964, p. 05.

<sup>141</sup>SEBASTIANI, Breno B. **Bélica lição polibiana**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 91-102. A indefinição da *oikouménē* segundo Sebastiani será fundamental para a nossa compreensão da constelação conceitual por detrás do conceito de *história universal* e para a nossa interpretação de uma história

publicação mais recente, por meio de ferramentas da Literatura Comparada e da Narratologia apropriadas para a interpretação da historiografia grega, Sebastiani compreendeu o personagem viajante Odisseu como autorrepresentação consciente da mediação de Políbio entre as alianças gregas e romanas<sup>142</sup>. Simultaneamente ao crescimento da análise narratológica da historiografia antiga — e, longe de ser um reducionismo da história à linguagem —, o estudo de Nikos Miltsios é muito representativo por explorar as “diversas técnicas usadas por Políbio no delineamento de seu relato histórico”<sup>143</sup>. Dessa maneira, é possível perceber as apropriações de culturas historiográficas na elaboração de uma narrativa que abarca a amplitude espacial intencionada na obra, a qual é, mormente, referente ao mundo helenístico. Essas pesquisas, somadas a outras numerosas, porém não tão extensas, buscam compreender o papel ativo do historiador antigo na complexidade de sua investigação e no diálogo com essa larga audiência.

Já a bibliografia que prioriza o pensamento político de Políbio encontra um ponto em comum na volumosa produção do já mencionado Frank William Walbank. O pesquisador busca identificar momentos distintos do megalopolitano e do contexto de sua vida por meio de passagens aparentemente conflitantes das *Histórias*, tendo como objetivo romper com qualquer interpretação que (super)enfatize supostas coerências internas do texto. Seu *A Historical Commentary on Polybius* (1957-1979), publicados em três volumes, aborda problemas histórico-filológicos passo a passo na obra de Políbio, sendo estes condensados em seu *Polybius* (1972) e atualizados numa coleção de dezenove ensaios<sup>144</sup>. Craig Champion se apropriou dessa postura hermenêutica combinando-a com o contextualismo linguístico de Quentin Skinner, de modo a traçar os desafios decorrentes da nova hegemonia de um povo não grego (os romanos) “para Políbio e sua ideia de história universal”

---

ecumênica nas *Histórias* de Políbio a partir do capítulo seguinte.

<sup>142</sup>SEBASTIANI, Breno B. **Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 157-164.

<sup>143</sup>MILTSIOS, Nikos. **The Shaping of narrative in Polybius**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2013, p. 02.

<sup>144</sup>WALBANK, Frank William. **Polybius, Rome and the Hellenistic World: Essays and Reflections**. New York: Cambridge University Press, 2002.

segundo a ideologia aristocrática<sup>145</sup>. Álvaro Moreno Leoni, adotando uma perspectiva similar e também desviando-se do centralismo romano, problematiza concepções de identidade e coletividade em Políbio a partir da sua trajetória com as “resistências autonomistas gregas” e da didática por ele construída na aproximação entre diferentes populações mediterrânicas<sup>146</sup>. A escritura das *Histórias*, como John Thornton vem defendendo, jamais se destacou da atividade política de um líder aqueu<sup>147</sup>.

Considerando ambos os direcionamentos de abordagens e suas ramificações, uma visão geral sobre a organização do conteúdo tratado nas *Histórias* nos proporciona uma primeira aproximação à amplitude espacial, temporal e temática consideradas na sua composição<sup>148</sup>.

Quadro 1 — organização do conteúdo nas *Histórias* de Políbio por livro

<b>Livros</b>	<b>Eixo temporal</b> (Olimpíadas e anos)	<b>Eixo espacial</b> (Lugares, datas e eventos)
I	Ol. 129/1 - 35/2 (= verão 264 – verão 238)	Primeira guerra púnica (264 – 241) Guerra dos mercenários (241-238)
II	Ol. 140 (=verão 220 - verão 216)	Amílcar na Ibéria; primeira guerra da Ilíria (237 – 228) Asdrubal na Ibéria; guerras gaulesas (229 – 221) História da Confederação Aqueia desde as origens Guerra de Demétrio (238 – 229) Guerra de Cleômenes (229 – 222)
III	Ol. 140 (= verão 220 - verão 216)	Causas e início da segunda guerra púnica Expedição de Aníbal (218 – 216)
IV	Ol. 140/1-2 (= verão 220 - verão 218)	Grécia (221 – 220) Causas da guerra social Guerras em Bizâncio, em Creta, e a de Sinope (220 – 219) Continuação da guerra social (primavera de 219 - primavera de 218)
V	Ol. 140/3-4	Continuação da guerra social (primavera 218 –

<sup>145</sup>CHAMPION, Craig B. **Cultural politics in Polybius's *Histories***. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2004, p. 02.

<sup>146</sup>LEONI, Álvaro M. M. **Entre Roma y el mundo griego: memoria, autorrepresentación y didáctica del poder en las *Historias* de Polibio**. Córdoba: Brujas, 2017, p. 15.

<sup>147</sup>THORNTON, John. **Polibio: il politico e lo storico**. Roma: Carocci Editore, 2020, 130-133.

<sup>148</sup>A tabela seguinte é uma adaptação com ligeiras modificações nossas daquela elaborada por FOULON, Éric. Polybe et l'histoire universelle. **Histoire et historiographie dans l'Antiquité** (Actes du 11<sup>ème</sup> colloque de la Villa Kérylos à Beaulieu-sur-Mer les 13 & 14 oct. 2000). Paris: Académie des Inscriptions et Belles Lettres, p. 45-82, 2001, p. 80-82. As descrições no corpo do texto seguem o bem mais resumido WOBST, Theodor Büttner-. *Historiarum conspectus*. In: POLYBII. **Historiae**. v. V. Índices e exposição sumária das *Histórias*. Stuttgart: Teubner, 1967, p. 246-251.

	(= verão 218 – verão 216)	primavera 217) Síria, Egito e guerra da Cele-Síria (223 – 217) Fim da guerra social (primavera 217 – verão 216)
VI		Raciocínio sobre a ciclicidade das constituições políticas A comparação das constituições e a constituição mista Instituições romanas
VII	OI. 141/1-2 (= verão 216 – verão 214)	Itália (216 – 215) Sicília (215 – 214), Grécia (215-214) e Ásia (214)
VIII	OI. 141/3-4 (= verão 214 – verão 212)	Sicília (213), Grécia (213), Ásia (213), Itália (inverno 213 – 212) e Sicília (212)
IX	OI. 142/1-2 (= verão 212 – verão 210)	Itália (211), Sicília (211), Ibéria (211), Itália (210), Sicília (210), Grécia (210) e Ásia (210)
X	OI. 142/3-4 (= verão 210 – verão 208)	Itália (209), Ibéria (210 – 209), Grécia (210 – 209), Ásia (210 – 209), Itália (208), Ibéria (209 – 208), Grécia (208) e Ásia (208)
XI	OI. 143/1-2 (= verão 208 – verão 206)	Itália (207), Grécia (207), Ibéria (206) e Ásia (206)
XII		História dos lócrios Polêmica historiográfica com Aristóteles, Calístenes, Calímaco, Demócates, Éforo, Teopompo e, sobretudo, com Timeu
XIII	OI. 143/3-4 (= verão 206 – verão 204)	Grécia (206 – 204) e Ásia (205)
XIV	OI. 144/1 (= verão 204 – verão 203)	Líbia (203) e Egito (217 – 204)
XV	OI. 144/2 (= verão 203 – verão 202)	Líbia (203 – 202), Grécia (203 – 202) e Egito (204 – 202)
XVI	OI. 144/3-4 (= verão 202 – verão 200)	Macedônia (201), Grécia (201), Egito (202 – 201), Síria (201), Macedônia e Grécia (201 – 200), e Ásia (200)
XVII	OI. 145/1-2 (= verão 200 – verão 198)	
XVIII	OI. 145/3-4 (= verão 198 – verão 196)	Macedônia e Grécia (198 – 197), Ásia (197), Itália (196), Grécia (197 – 196), Ásia (196), Egito (197)
XIX	OI. 146 (= verão 196 – verão 192)	
XX	OI. 147/1-2 (= verão 192 – verão 190)	Grécia (192 – 191)
XXI	OI. 146/3-4 (= verão 190 – verão 188)	Itália (191 – 190), Grécia (190), Ásia (190 – 189), Itália (primavera 189), Grécia (190 – 189) e Ásia (189 – 188)
XXII	OI. 148 (= verão 188 – verão	Grécia (187 – 185), Itália (c. 185), Macedônia (185 – 184), Creta (c. 185), Egito (c. 186), Macedônia e

	184)	Grécia (184), e Anatólia (183)
XXIII	OI. 149/1-2 (= verão 184 – verão 182)	Itália (184 – 183), Grécia e Macedônia (183), Itália (183 – 182), Macedônia (182) e Peloponeso (182)
XXIV	OI. 149/3-4 (= verão 182 – verão 180)	Itália (182 – 181), Grécia e Macedônia (181), Itália (181 – 180), Peloponeso (180) e Ásia (180)
XXV	OI. 150 (= verão 180 – verão 176)	Ibéria (179), Ásia (179), Macedônia (178), Itália (177; 176)
XXVI	OI. 151 (= verão 176 – verão 172)	Síria (175 – 172)
XXVII	OI. 152/1-2 (= verão 172 – verão 170)	Macedônia e Grécia (172 – 171), Egito (180 – 171), Macedônia e Grécia (171 – 170), e Ásia (171 – 170)
XXVIII	OI. 152/3 (= verão 170 – verão 169)	Itália (169), Macedônia e Grécia (170 – 169), Síria e Egito (169)
XXIX	OI. 152/4 (= verão 169 – verão 168)	Itália (168), Macedônia e Grécia (169 – 168), Anatólia (168), Síria e Egito (168)
XXX	OI. 153 (= verão 168 – verão 164)	Itália; Rodes; Grécia; Egito (168 – 167) Itália; Creta; Rodes; Ásia (167 – 166) Grécia (166 – 165) e Itália (165 – 164)
XXXI	OI. 154 (= verão 164 – verão 160)	Itália; Rodes; Ásia (164 – 163) Itália; Anatólia; Egito (163 – 162) Itália; Egito (162 – 161) Itália; Rodes; Ásia (161 – 160)
XXXII	OI. 155 (= verão 160 – verão 156)	Itália; Grécia (160 – 159) Itália; Anatólia (159 – 158) Itália; Anatólia; Grécia (158 – 157) Itália; Anatólia (157 – 156)
XXXIII	OI. 156 (= verão 156 – verão 152)	Itália; Rodes; Chipre; Anatólia (156 – 155) Itália; Lígúria; Itália; Anatólia (155 – 154) Itália; Creta e Rodes (154 – 153) Itália; Síria (153 – 152)
XXXIV		Reflexões geográficas
XXXV	OI. 157/1-2 (=verão 152 – verão 150)	Ibéria e Itália (152), Ibéria (151) e Itália (150)
XXXVI	OI. 157/3-4 (= verão 150 – verão 148)	Terceira guerra púnica, Líbia; Grécia; Anatólia (150 – 149) Líbia (149) e Macedônia (148)
XXXVII	OI. 158/1 (= verão 148 – verão 147)	
XXXVIII	OI. 158/2 (= verão 147 – verão 146)	Líbia (outono 147), guerra da Acaia (147 – 146), e Líbia (primavera 146)
XXXIX	OI. 158/3 (= verão 146 – verão 145)	Grécia (146 – 145) e Egito (145)



XL	Organização cronológica dos eventos pesquisados em toda a obra	
----	--	--

Fonte: adaptado de FOULON, 2001, p. 80-82, com ligeiras modificações nossas e consultas a WOBST, 1967, p. 246-251.

Certamente, quadro algum substituiria as múltiplas formas de se lidar com o espaço e o tempo no fazer historiográfico. Contudo, um olhar sinóptico para o conteúdo abordado por olimpíada e por lugar nos permitem elucidar a interpretação que buscamos construir sobre o lugar historiográfico de Roma nas *Histórias*. O espaço objetivado por Políbio é aquele do mundo helenístico. Embora um sem-número de entidades políticas e jogos de escala sejam levadas em consideração pela análise de Políbio, os fios condutores da sua narrativa são os conflitos e negociações envolvendo, principalmente, os impérios selêucida, ptolomaico e antigônida, assim como Roma e, enfim, a Grécia, donde são destacadas Esparta e a Confederação Aqueia (I, 5; III, 2-4; IV, 1; VI, 2; VIII, 2; XXXIX, 8, 3-7). O que essa composição leva a entender, é que o ganho romano de poder só faz sentido nessa composição de forças, pois foi esta a que perdurou ao menos desde o governo de Antígono Monoftalmo e Demétrio Poliorcetes (321 – 301), quando a forma da *basileía* helenística se encontra nitidamente estabelecida no Egeu e projeta-se sobre os demais diádocos<sup>149</sup>. Além de ter sido herdada de Timeu de Tauromênio e de facilitar, tanto para o autor quanto para uma audiência muito mais ampla que da pólis clássica, a sincronização dos eventos, a ordenação cronológica segundo os jogos olímpicos seguiria aquilo que se esperava do contexto helenístico. Afinal, os jogos eram momentos profundamente marcantes devido à competitividade característica do evergetismo monárquico que encontrava, nesses momentos, os seus ritos de renovação entre as cidades helenísticas e seus bem feitos<sup>150</sup>.

<sup>149</sup>ANDRÉ, Alessandra. **A fabricação da ‘basileía’ helenística**: um estudo sobre o governo de Antígono Monoftalmo e Demétrio Poliorcetes (321 – 301). 2018. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018, *passim*.

<sup>150</sup>MORALES, Fábio. Espaços competitivos: evergetismo monárquico, espaço urbano e integração na Atenas helenística (séc. II a.C.). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 29, p. 47-59, 2017, p. 50-52.

Alguns dados mais específicos da trajetória de Políbio nos auxiliam a vê-lo nesta rede de relações do mundo helenístico. Políbio (*Histórias*, X, 21) teria dedicado uma composição em dicção encomiástica — posteriormente perdida — sobre Filopêmen, a sua educação e a sua família. Licortas, seu pai, fora hiparco e integrara as embaixadas aqueias para Roma e Alexandria em 188, antes de se tornar estrategista diversas vezes na década de 180 A.E.C.; seu irmão, Theáridas, teria participado de uma missão diplomática em 159/158 A.E.C. e; o próprio Políbio teria integrado uma missão diplomática em Alexandria em 181/180 antes de se tornar hiparco em 170/169 aos 30 anos de idade, o limite para assumir tal posto<sup>151</sup>. Ao início da sua obra (I, 3, 2), declara-se continuador da de Arato de Sicione (217 – 213 A.E.C.), também eleito estrategista aqueu numerosas vezes. A inserção da atuação política de Políbio na memória cívica não se restringe a iniciativa individual (II, 40, 2). As duas estelas a ele dedicadas, erigidas em tamanho real nas cidades de Mantinea e Kleitor, na região da Arcádia, modulam a sua imagem de modo a se adaptar tanto à proximidade da ágora quanto em um santuário, bem como a públicos distintos das cidades gregas e das famílias romanas que passavam a intervir politicamente<sup>152</sup>. No santuário pan-helênico de Olímpia, situada na região da Élida, entre a Messênia e a Acaia, não só havia, ao menos, uma estátua proveniente da comunidade cívica de Élis dedicada ao Políbio historiador, como a sua imagem e discurso político foi apropriada por um Tito Flávio Políbio, messênio, estrategista dos aqueus e agonóteta das festividades antinoeias entre os períodos adriano e antonino<sup>153</sup>. Seja na linha de Arato com relação à

<sup>151</sup>CHAMPION, Craig B. **Cultural politics in Polybius's *Histories***. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2004, p. 15. PAGKALOS, Manolis E. **Perceiving The Past in the Early Hellenistic Period: The Uses of the Past in Remodelling Reality**. Doutorado (PhD) — Universidade de Leicester, Escola de Arqueologia e História Antiga, Leicester, 2018, p. 160.

<sup>152</sup>MELFI, Milena. The Stele of Polybios: Art, Text and context in Second-Century BC Greece. BERTI, I.; BOLLE, K.; OPDENHOFF, F.; STROTH, F. (orgs.). **Writing Matters: Presenting and Perceiving Monumental Inscriptions in Antiquity and the Middle Ages**. Berlim; Boston: De Gruyter, 2017, p. 191-203.

<sup>153</sup>HELLER, Anna. D'un Polybe à l'autre: statuaire honorifique et mémoire des ancêtres dans le monde grec d'époque impériale. **Chiron** (Mitteilungen der Kommission für Alte Geschichte und Epigraphik des Deutschen Archäologischen Instituts), Leiden, v. 41, p. 287-312, 2011. Agonóteta era o responsável por financiar e organizar as festividades e jogos. As antinoeias, em particular, provavelmente aconteciam em Mantinea na época em que foram feitas as

Macedônia, ou na de Filopêmen e Licortas com relação a Roma, Políbio pertencia a uma tradição da elite aqueia que tratava com moderação o poderio que determinasse as condições mais favoráveis para o grupo ao qual pertencia<sup>154</sup>.

Na sua busca por criar uma imagem de uma Confederação Aqueia que unisse todo o Peloponeso e, assim, corroborasse com a soberania romana diante das cidades gregas<sup>155</sup>, Políbio acaba passando por cima de uma série de problemáticas envolvendo o projeto político aqueu: desde a integração coerciva de demais povos a partir de 251 A.E.C., passando pela exclusividade da elite em ocupar cargos políticos importantes e diversos episódios em que cedia a hegemonias gregas até então, inimigas, para beneficiar os objetivos desse mesmo grupo, tanto no plano das cidades como no do mundo helenístico<sup>156</sup>. As cidades e confederações lidavam com as vicissitudes do estado de constante guerra e competitividade como os grandes poderios<sup>157</sup>. No lado romano, com efeito, Filopêmen, que teria sido o primeiro a reunir todo o Peloponeso (Políbio, *Histórias*, II, 40, 2)<sup>158</sup>, teria sido uma espécie de líder de conflitos de fronteiras da parte de Tito Quíncio Flaminino<sup>159</sup>, aquele que teria se

---

inscrições (p. 291).

<sup>154</sup>THORNTON, John. Polybius in Context: The Political Dimension of the *Histories*. In: GIBSON, Bruce; HARRISON, Thomas (orgs.). **Polybius and his World: Essays in Memory of F. W. Walbank**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 213-229, p. 223

<sup>155</sup>CHAMPION, Craig B. **Cultural politics in Polybius's Histories**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2004, p. 100-144, compreendeu o paralelismo narrativo entre o crescimento de Roma e o da Confederação Aqueia, sendo alguns dos líderes desta última, personificações da comunidade como um todo projetada por Políbio enquanto membro de um dos grupos dirigentes.

<sup>156</sup>PAGKALOS, Manolis E. **Percieving The Past in the Early Hellenistic Period: The Uses of the Past in Remodelling Reality**. Doutorado (PhD) — Universidade de Leicester, Escola de Arqueologia e História Antiga, Leicester, 2018, p. 167-168. KRALLI, Ioanna. **The Hellenistic Peloponnese: Interstate relations**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2017, p. 151-152.

<sup>157</sup>ECKSTEIN, Arthur M. **Mediterranean Anarchy, Interstate War, and the Rise of Rome**. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 2006, p. 89-90.

<sup>158</sup>Segundo KRALLI, Ioanna. **The Hellenistic Peloponnese: Interstate relations**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2017, p. 329, um estrategista chamado Diofanos, filho de Diaios, representando a cidade de Elis, era lembrado como tendo sido o primeiro a reunir o Peloponeso sob a Confederação Aqueia. Assim se dava o conflito entre memórias cívicas na diversidade frequentemente abstraída pelo discurso político que busca construir a imagem de um grupo fortemente coeso.

<sup>159</sup>KRALLI, *ibid.*, p. 330.

declarado libertador das comunidades gregas a ele aliadas quando do desfecho da terceira guerra macedônica (Políbio, *Histórias*, XVIII, 46, 5).

Ao percebermos a indissociabilidade de política e cultura, bem como a amplitude espacial e temporal das *Histórias*, em termos gerais, torna-se possível pensá-las no mundo helenístico por meio de um gradualismo que nos permite chegar a uma compreensão de um horizonte historiográfico igualmente helenístico da parte de Políbio. Situando-as nesses termos, o nosso objetivo é compreendê-las em diálogo com os conceitos usados pelo autor, precipuamente a constelação conceitual que, segundo a tradição ocidental, tem se entendido pela manifestação da *história universal* em um momento em que a história teria se universalizado pelo crescimento do poder romano entre comunidades gregas. Tendo em mente a nossa experiência em um momento de crítica ao ocidental-centrismo e de uma profunda revisão acerca das apropriações dessa tradição de pesquisa sobre a Antiguidade, analisaremos as fontes com o intuito de continuar compreendendo o modo como Políbio pensava história e o lugar historiográfico de Roma, agora com uma atenção mais detida aos conceitos do seu texto historiográfico.

## CAPÍTULO II

### DA CONFEDERAÇÃO AQUEIA À “THÁLASSA HĒMŌN”: O MODO POLIAGONÍSTICO DE SE PENSAR HISTÓRIA

O objetivo deste capítulo é discutir o modo como Políbio pensa história por meio de conceitos que o indicam, a fim de compreendê-lo em seu contexto na medida em que nos distanciamos dos pressupostos da história universal identificados na bibliografia sobre o período helenístico e o avanço romano em direção à Grécia. Em primeiro lugar (2.1), em uma leitura orientada pelo conceito de *empeiria*, identifica-se tanto a conceptualização quanto a comunicação de uma experiência histórica ecumênica por parte de Políbio à sua audiência. Em seguida (2.2), analisa-se o modo como Políbio pensa história das partes ao todo, de modo a estabelecer o grau de importância de cada uma das partes no plano prático e no plano da composição do texto historiográfico. O capítulo se encerra (2.3) com uma reflexão sobre o que Políbio teria pretendido dizer com a polêmica com Éforo, segundo a famosa autodeclaração de si mesmo enquanto continuador de uma forma abrangente de escrita da história. Considerando tais pontos, construímos uma interpretação sobre a criação historiográfica de Políbio enquanto modo de apreensão intelectual de um espaço que se construía, na prática, conforme conflitos múltiplos entre entidades políticas. Buscando uma palavra adequada que sintetize tal compreensão nossa desse modo conflitivo de se pensar uma pluralidade de histórias que se mostra conflitiva na historiografia polibiana, chegamos ao qualificativo *poliagonístico(a)* a partir da composição de duas palavras em língua grega (*polýs* + *agōnistikós*).

## 2.1 POSSUIRIA POLÍBIO UMA EXPERIÊNCIA DE QUASE TODO O MUNDO CONHECIDO?

As *Histórias* de Políbio, conforme vistas pelo capítulo anterior, foram recepcionadas como uma forma de história universal no horizonte ocidental de interpretação. O motivo principal seria a defesa de Roma como elemento universalizador da história ao avançar sobre a Grécia banhada pelo Mar Egeu. Considerando o horizonte de Políbio como o do mundo helenístico, o objetivo com este subcapítulo é analisar algumas das principais passagens as quais indicariam uma suposta centralidade de Roma nas *Histórias*. Nesta primeira aproximação ao texto grego, apontamos indícios de uma leitura que compreenderia o lugar de Roma, no entendimento de Políbio, como mutuamente dependente de diversas outras forças políticas envolvidas no contexto do autor. Assim, a nossa interpretação problematiza o entendimento do ecúmeno (*oikouménē*) como “todo o mundo conhecido” e o tipo de conhecimento que Políbio possuía — ou argumentava que possuía — acerca desse espaço. Diferentemente, argumentamos que o ecúmeno teria sido uma conceptualização dessas forças interdependentes, e que Políbio teria oferecido à audiência um conhecimento sobre essa rede se fundamentando na sua própria experiência — um conhecimento, portanto, empírico-ecumênico.

A passagem a seguir, talvez a mais célebre das *Histórias* de Políbio, sugeriria que a sua investigação só ganharia sentido com Roma.

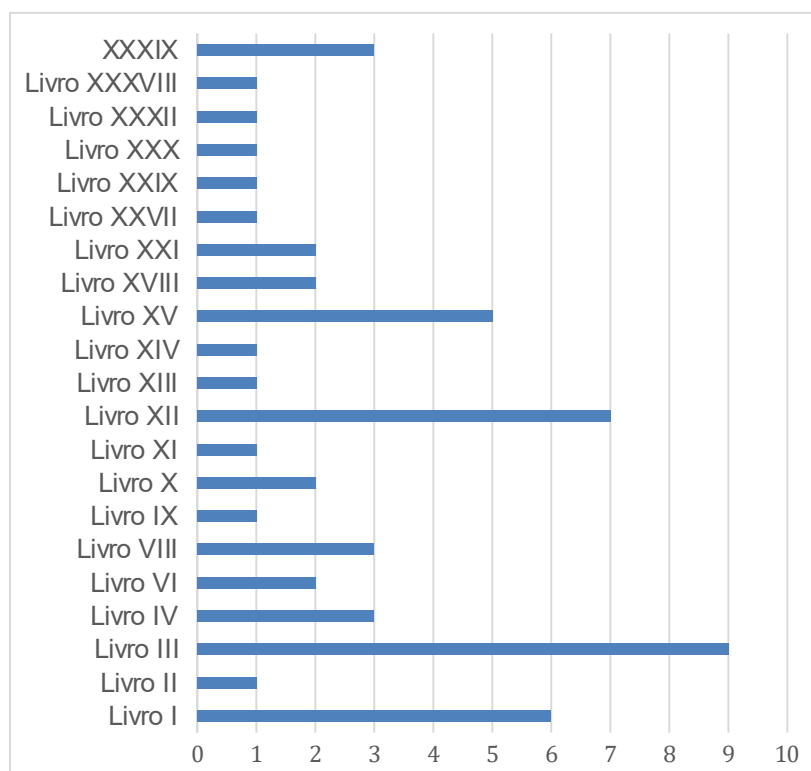
Quem há de simplório e leviano, que não deseja saber como e por que gênero de constituição vieram a subjugar quase todas as [partes] sobre o ecúmeno (*oikouménēn*) e, sem completar cinquenta e três anos, caíram sob o comando único dos romanos, fato o qual não se encontra precedente? Quem [estaria] tomado por outros gêneros de espetáculos ou aprendizados (*mathēmátōn*) o qual se faria mais vantajoso do que o conhecimento dessa experiência (*empeirías*)?<sup>160</sup>

<sup>160</sup>τίς γὰρ οὕτως ὑπάρχει φαῦλος ἢ ῥάθυμος ἀνθρώπων ὃς οὐκ ἂν βούλοιο γινῶναι πῶς καὶ τίνοι γένει πολιτείας ἐπικρατηθέντα σχεδὸν ἅπαντα τὰ κατὰ τὴν οἰκουμένην οὐχ ὅλοις πενήτηκοντα καὶ τρισὶν ἔτεσιν ὑπὸ μίαν ἀρχὴν ἔπεσε τὴν Ῥωμαίων, ὃ πρότερον οὐχ εὕρισκεται γεγονός, τίς δὲ πάλιν οὕτως ἐκπαθῆς πρὸς τι τῶν ἄλλων θεαμάτων ἢ μαθημάτων ὃς προυργιαίτερον ἂν τι ποιήσαιτο τῆσδε τῆς ἐμπειρίας; (Políbio, *Histórias*, I, 1, 5-6, tradução nossa).

Dado o enquadramento proposto por nós, o primeiro passo seria recuperar a importância do ecúmeno nas *Histórias* por meio do seu sentido de coletivo singular, bem como o tipo de conhecimento que Políbio advoga ter construído sobre ele desde a referida passagem. Este segundo passo, em específico, se fundamenta pelo uso que Políbio realiza do conceito de experiência (*empeiria*) ao contextualizá-lo com o conceito de ecúmeno (*oikouménē*), de modo que o autor defenderia sua obra pela empiria no tratamento das ações que ocorreram no ecúmeno. Ele seria defensor, então, de um conhecimento empírico-ecumênico — localizado e generalizável nos limites do ecúmeno, o espaço político objetivado pela sua investigação —, e não de um conhecimento universal. Roma, por sua vez, seria somente uma das partes do ecúmeno; teria o seu lugar circunscrito em uma complexa coletividade. O desenvolvimento narrativo dos primeiros parágrafos da obra (I, 1-10), nos quais nos concentraremos, talvez seja o exemplo mais representativo desse acordo comunicativo entre autor e audiência, e por isso nos servem como ponto de partida para encontrá-lo em formulações posteriores dentro da mesma obra.

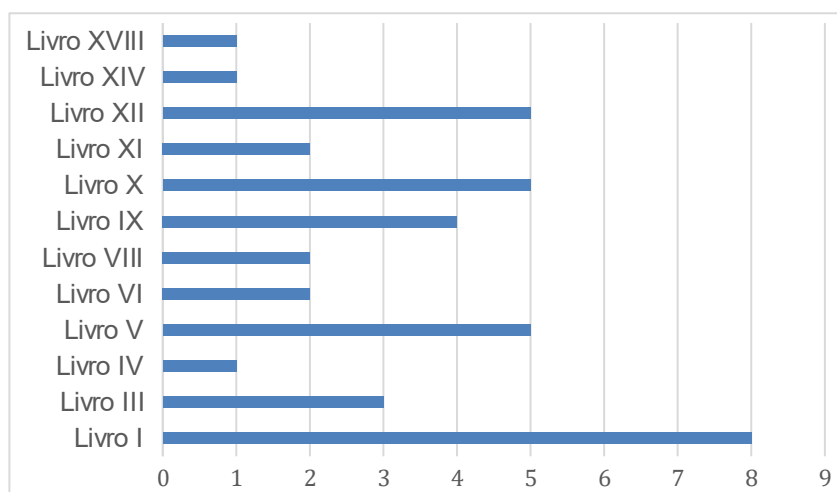
Convém clarificar que as palavras usadas possuem muitas acepções. A palavra “ecúmeno” (*oikouménē*) ocorre 55 vezes nas *Histórias*, enquanto “experiência” (*empeiria*), 49, inclusive nas suas formas verbal e adverbial.

Tabela 1 — Número de ocorrências da palavra *oikouménē* nas *Histórias* de Políbio por livro



Fonte: elaborado pelo autor

Tabela 2 — Número de ocorrências da palavra *empeiria* nas *Histórias* de Políbio por livro



Fonte: elaborado pelo autor

Não são poucas as vezes em que a palavra *empeiria* é usada para significar o conhecimento decorrente da vivência e da investigação de um



indivíduo ou grupo em um ou mais locais específicos, tanto referente às transformações do meio natural quanto dos padrões de comportamento humano e suas mudanças. Por essa razão, ela pode ser definida como “a ciência do concreto”<sup>161</sup>. Passaremos por algumas delas adiante a fim de compreender como essa semântica se constitui sempre ligada a práticas específicas que o autor exerce e pretende comunicar.

Há a empiria dos líderes, cujo exercício constante é também referido pela palavra *tribé*. Ela frequentemente se manifesta como forma de conhecimento derivada da experiência em um local específico. Políbio chega a definir uma “metódica empiria da capacidade de um estrategista” (*empeiría methodikè kai stratēgikè dýnamis*) por oposição a uma “longa inexperiência irracional de um soldado” (*apeirías kai tribês alógou (kai) stratiōtikēs*)<sup>162</sup>, na ocasião, elogiando a repressão das tropas cartaginesas lideradas por Amílcar contra aquelas africanas lideradas por Mato, Zarzas e Espêndio, após a primeira guerra púnica. Xantipo, mercenário espartano convocado a liderar as tropas cartaginesas, também é descrito como “tendo vasta experiência na guerra” (*tribèn en toís polemikoís ékhonta sýmmetron*)<sup>163</sup>. Flaminio chamou alguns etólios devido ao conhecimento local (XVIII, 19, 9). Quinto Fábio “sempre marchava paralelo aos inimigos e ocupava de antemão, com perícia, os locais bem situados”<sup>164</sup>. Massinissa também tinha conhecimento local (XIV, 3, 7). A perícia como Aníbal se favorece das condições geográficas para fins estratégicos (I, 47, 1). Em III, 78, 6, o verbo *empeiréō* ocorre no infinitivo (*empeireîn*), ligado à *khóra*; trata-se de Aníbal que, ao inquirir os habitantes de uma região a fim de traçar uma estratégia contra Flamínio, se apropria das vantagens do espaço. O cretano Bolis passa um tempo em Sárdis a fim de adquirir conhecimento do local (VIII, 15, 4), em mais um uso raro da forma verbal *empeireîn*. Há travessias que exigem experiência (local) para que sejam

<sup>161</sup> PÉDECH, Paul. **La méthode historique de Polybe**. Paris: Belles Lettres, 1964, p. 211.

<sup>162</sup> ἐμπειρία μεθοδική καὶ στρατηγική δύναμις ἀπειρίας καὶ τριβῆς ἀλόγου (καὶ) στρατιωτικῆς (Políbio, *Histórias*, I, 84, 6, tradução nossa).

<sup>163</sup> τριβὴν ἐν τοῖς πολεμικοῖς ἔχοντα σύμμετρον (Políbio, *Histórias*, I, 32, 1, tradução nossa).

<sup>164</sup> κατὰ τοὺς ἐξῆς χρόνους ἀντιπαρήγεν τοῖς πολεμίοις αἰεὶ καὶ τοὺς εὐκαίρους προκατελάμβανε τόπους κατὰ τὴν ἐμπειρίαν (Políbio, *Histórias*, III, 90, 1, tradução de B. B. Sebastiani).

feitas (I, 42, 7), sejam terrestres ou marítimas, porquanto é um conhecimento fundamental a se ter ou se investigar a fim de tê-lo (IX, 13, 6). Um soldado de cavalaria deve, por princípio, adquirir autoridade pelo conhecimento/experiência de comandante (X, 24, 4). Ao analisar uma solução possível para a captura do general ateniense Nícias, sugere-se que, caso ele tivesse pesquisado com experientes (*tôn empeirôn historésas*), teria aproveitado o eclipse lunar a fim de agir fora do campo de visão; por princípio, homens experientes usam a ignorância dos inimigos (IX, 19, 3-4). Com efeito, “não se pode considerar de pouca importância o local da ação, dado que, muitas vezes, as que são consideradas impossíveis são possíveis, enquanto as possíveis acabam por se mostrar impossíveis”<sup>165</sup>.

Há a *empeiria* dos povos, com os quais os bons líderes aprendem sobre as especificidades locais. É atribuída uma “experiência dos locais” (*tôn tópon empeirías*) da parte dos selges, que viviam no sudoeste asiático sob o reino selêucida, enaltecendo o uso deles dessa habilidade em estratégias militares (V, 65, 1). Os romanos agem com experiência (VI, 52, 8). Os “bárbaros” da Hircânia possuem conhecimento local que os permite realizar travessias estratégicas com cavalos. Os cartagineses, não menos, dado que, certa vez, os seus pilotos, “prevendo o futuro e predizendo o que ocorreria em razão de sua perícia dos locais e da situação, persuadiram Cartalão a evitar a tempestade e dobrar o promontório Paquino”<sup>166</sup>.

Durante um bom número de vezes, portanto, com experiência e o tipo de conhecimento que se entende por “*empeiria*”, Políbio se refere às ações que edificam líderes e populações em situação de confronto pelo conhecimento do local que se constrói a cada circunstância. Das três vidas paralelas que se destacam nas *Histórias*, as de Filopêmen, Cipião e Aníbal, a *empeiria* é uma

<sup>165</sup>τὸν τόπον τῆς πράξεως ἐν μικρῷ θετέον, ἐπειδὴ πολλάκις παρὰ τοῦτο τὰ μὲν ἀδύνατα δοκοῦντ' εἶναι δυνατά, τὰ δὲ δυνατὰ πέφηνεν ἀδύνατα (Políbio, *Histórias*, IX, 13, 8, tradução nossa).

<sup>166</sup>διὰ τε τὴν τῶν τόπων καὶ τὴν τοῦ πράγματος ἐμπειρίαν προορώμενοι τὸ μέλλον καὶ προλέγοντες τὸ συμβησόμενον ἐπεισαν τὸν Καρθάλωνα φυγεῖν τὸν χειμῶνα καὶ κάμψαι τὴν ἄκραν τοῦ Παχύνου (Políbio, *Histórias*, I, 54, 6, tradução B. B. Sebastiani).

das faculdades principais desses líderes<sup>167</sup>. Políbio declara que teria dedicado a Filopêmen uma biografia de caráter encomiástico (X, 21, 8), e ainda uma outra obra sobre táticas<sup>168</sup>. A *empeiría*, assim sendo, se constitui como parte fundamental daquilo que é necessário ao conhecimento local (*supra* e IX, 14, 1-6). Competências como o cultivo de um caráter austero e estratégico, o conhecimento das travessias e dos locais, o reconhecimento das horas do dia por meio da observação do céu; todas essas atividades, enfim, “advêm de prática constante, de investigação; da observação de experiência metódica”<sup>169</sup>. Por princípio, um general deve conhecer geometria e astronomia a fim de ser bem-sucedido nas suas travessias (IX, 15, 2-3). É nessa junção, portanto, que Políbio defende uma prática investigativa e política por meio das investigações em locais específicos, a única que seria digna de credibilidade em função da vivacidade da informação obtida e da aprendizagem objetivada.

Algo que retoma a passagem com a qual iniciamos este subcapítulo (I, 1, 4-5), é o argumento segundo o qual a *empeiría* seria passível de ser adquirida por meio do estudo da historiografia<sup>170</sup>. Somente assim, o historiador

<sup>167</sup>FOULON, Éric. Philopœmen, Hannibal, Scipion: trois vies parallèles chez Polybe. **Revue des Études Grecques**, Paris, n. 106, p. 333-379, 1993, p. 341.

<sup>168</sup>“Concernente a esse assunto, nos manifestamos minuciosamente nos escritos sobre táticas” (ὕπερ ὧν ἡμῖν ἐν τοῖς περὶ τὰς τάξεις ὑπομνήμασιν ἀκριβέστερον δεδήλωται) (Políbio, *Histórias*, IX, 20, 4-5, tradução nossa).

<sup>169</sup>τὰ μὲν ἐκ τριβῆς, τὰ δ' ἐξ ἱστορίας, τὰ δὲ κατ' ἐμπειρίαν μεθοδικὴν θεωρεῖται (Políbio, *Histórias*, IX, 14, 1, tradução nossa).

<sup>170</sup>“[...] pois a todos os homens são facultados dois modos de aprimorar-se: um, por meio dos próprios fracassos, outro, pelos alheios. O que deriva dos próprios revezes é mais vivaz, e menos danoso o que deriva dos alheios. Por isso jamais o primeiro deve ser voluntariamente escolhido, pois aperfeiçoa com muitas penas e perigos, mas deve-se almejar sempre o outro, pois nele é possível distinguir sem prejuízo a melhor opção. Quem o fizer deve tomar por educação excelente para uma vida verdadeira o conhecimento fornecido pela história pragmática (*tên ek tês pragmatikês historías periginoménēn empeirian*), a única que forma sem danos juizes competentes para qualquer situação e circunstância” (δυσὲν γὰρ ὄντων τρόπων πᾶσιν ἀνθρώποις τῆς ἐπὶ τὸ βέλτιον μεταθέσεως, τοῦ τε διὰ τῶν ἰδίων συμπτωμάτων καὶ τοῦ διὰ τῶν ἀλλοτρίων, ἐναργέστερον μὲν εἶναι συμβαίνει τὸν διὰ τῶν οἰκείων περιπετειῶν, ἀβλαβέστερον δὲ τὸν διὰ τῶν ἀλλοτρίων. διὸ τὸν μὲν οὐδέποθ' ἐκουσίως αἰρετέον, ἐπεὶ μετὰ μεγάλων πόνων καὶ κινδύνων ποιεῖ τὴν διόρθωσιν, τὸν δ' αἰεὶ θηρευτέον, ἐπεὶ χωρὶς βλάβης ἔστιν συνιδεῖν ἐν αὐτῷ τὸ βέλτιον. ἐξ ὧν συνιδόντι καλλίστην παιδείαν ἡγήτεον πρὸς ἀληθινὸν βίον τὴν ἐκ τῆς πραγματικῆς ἱστορίας περιγινόμενην ἐμπειρίαν· μόνη γὰρ αὕτη χωρὶς βλάβης (ἐπὶ) παντὸς καιροῦ καὶ περιστάσεως κριτὰς ἀληθινούς ἀποτελεῖ τοῦ βελτίονος (Políbio, *Histórias*, I, 35, 7-10, tradução de B. B. Sebastiani). Toda historiografia grega, desde a Antiguidade à Antiguidade Tardia, tinha como objetivo o aprendizado daquele que a lê, e isso não constitui especificidade daquilo que Políbio chama de *história pragmática*, cf. PÉDECH, Paul. **La méthode historique de Polybe**. Paris: Belles Lettres, 1964, p. 30-32. Para a história pragmática enquanto gênero e epistemologia históricos, ver SEBASTIANI, Breno Battistin.

seria capaz de oferecer uma *empeiría* de partes diversas da *oikouménē*, além dos demais passos que compõem a pesquisa historiográfica. Tal tipo de preocupação educativa provedora de *empeiría* se faz notar como quando o autor se certifica de “haver conferido suficiente perícia (*empeirian*) aos leitores atentos para que não se equivoquem quanto à exatidão dos detalhes cronológicos, porque referimos com frequência inícios e fins de cada um, ou seja, sob quais épocas de uma olimpíada específica recaem também as ações na Grécia”<sup>171</sup>. Os referidos inícios e fins seriam, nesse sentido, as ações que constituem o início e o fim de um acontecimento. O conhecimento demasiadamente abstrato seria dificultoso, uma vez que se afasta mais daquilo que é concreto; “aquilo, porém, que é o mais fácil e de maior utilidade em momentos inseguros, isso todos negligenciamos, embora pudéssemos, durante um honroso e entretido repouso, adquirir esse conhecimento (*empeirian*) por meio da história e do estudo”<sup>172</sup>. A historiografia proveria, assim, uma formação destinada à análise das próprias ações e daquelas que, de algum modo, reclamam a atenção da audiência.

A atenção destinada à temporalidade não é dissociada da espacialidade. Pelo fato de Políbio atribuir grande importância à aprendizagem geográfica por meio da sua obra (III, 36), a distinção entre aquilo que se entende como a terra como um todo e, por outro lado, o conceito político de *ecúmeno*, se faz um ponto de partida a fim de apreender o espaço no qual se realizam as ações historiadas. Assumindo a ciência comum dos quatro pontos cardeais, algo “válido em toda a Terra (*tês hólēs gés*), seguir-se-ia que levaríamos os leitores

---

**Bélica lição polibiana.** 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 102-106; SILVA, Dyel; SANTOS, Dominique. A historiografia antiga e a consciência do método da investigação histórica: uma leitura das *Histórias* de Políbio de Megalópolis. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 15, n. 40, p. 162-185, p. 166-173, 2022.

<sup>171</sup> τοῦ μὲν γὰρ μὴ τῆς τῶν κατὰ μέρος καιρῶν ἀκριβείας διαμαρτάνειν τοὺς ἀκούοντας ἰκανὴν τοῖς φιλομαθοῦσι πεπεισμεθα παρασκευάζειν ἐμπειρίαν ἐκ τοῦ τὰς ἐκάστων ἀρχὰς καὶ συντελείας παρῦπομιμνήσκειν, καθ' ὁποῖους ἐγίνοντο καιροὺς τῆς ὑποκειμένης ὀλυμπιάδος καὶ τῶν Ἑλληνικῶν πράξεων· (V, 31, 3, tradução de B. B. Sebastiani).

<sup>172</sup> ὃ δ' ἐστὶ ῥᾶστον μὲν τῶν ὄντων, μεγίστας δὲ παρέχεται χρείας ἐν τοῖς ἐπισηφάλοισι καιροῖς, τούτου πάντες κατολιγοῦμεν, καὶ ταῦτα δυνάμενοι μετ' εὐσχήμονος ἀναπαύσεως ἅμα καὶ διαγωγῆς ἐκ τῆς ἱστορίας καὶ πολυπραγμοσύνης περιποιεῖσθαι τὴν τοιαύτην ἐμπειρίαν (V, 75, 6, tradução de B. B. Sebastiani).

à observação do ecúmeno (*oikouménēs*) ao nosso tempo”<sup>173</sup>. Desenvolve-se a distinção entre a totalidade da terra enquanto soma de todos os territórios que existem — inclusive aqueles que estão para além do conhecimento pormenorizado — e o ecúmeno. Antes de Alexandre III da Macedônia e da autoridade romana, “quase todos e, senão, a maioria dos historiadores, quando tentaram explicar as particularidades e situações dos territórios nos confins do ecúmeno à nossa época, erraram em muitos pontos”<sup>174</sup>. O autor se estende, argumentando que, “no passado, raramente se encontraria um grego devotado a estudar tais confins, pois a empreitada era impossível. [...] mas se alguém, por necessidade ou escolha, alcançasse os limite do ecúmeno, nem assim realizava tal projeto”<sup>175</sup>. Entre as razões, estavam as dificuldades linguísticas, de mobilidade geográfica e de uma grave dependência no ouvir-dizer (III, 58, 8-9). Devido à tarefa dispendiosa, “é justo elogiá-los e admirá-los por quanto aprenderam e avançaram em perícia (*empeirian*) a respeito naqueles tempos”<sup>176</sup>. O argumento é que ele pode tornar conhecido os locais desconhecidos, o motivo pelo qual “suportamos perigos e padecimentos vagando pela África e pela Ibéria, além da Gália e do mar que envolve esses territórios, a fim de que, após retificarmos a ignorância de antecessores, tornássemos conhecidas aos gregos também essas partes do ecúmeno”<sup>177</sup>.

<sup>173</sup>δὲ περὶ τῆς ὅλης γῆς ὑποκειμένων, ἀκόλουθον ἂν εἶη τὸ καὶ περὶ τῆς καθ' ἡμᾶς οἰκουμένης ἀνὰ τὸν αὐτὸν λόγον διελομένους εἰς ἐπίστασιν ἀγαγεῖν τοὺς ἀκούοντας (Políbio, *Histórias*, III, 37, 1, tradução B. B. Sebastiani com modificações nossas).

<sup>174</sup>σχεδὸν γὰρ πάντων, εἰ δὲ μὴ γε, τῶν πλείστων συγγραφέων πεπειραμένων μὲν ἐξηγεῖσθαι τὰς ιδιότητας καὶ θέσεις τῶν περὶ τὰς ἐσχατιὰς τόπων τῆς καθ' ἡμᾶς οἰκουμένης, ἐν πολλοῖς δὲ τῶν πλείστων διημαρτηκῶτων (Políbio, *Histórias*, III, 58, 2, tradução B. B. Sebastiani com modificações nossas).

<sup>175</sup>ἐν μὲν γὰρ τῷ προγεγονότι χρόνῳ σπανίους ἂν εὔροι τις τῶν Ἑλλήνων τοὺς ἐπιβεβλημένους πολυπραγμονεῖν τὰ κατὰ τὰς ἐσχατιὰς διὰ τὸ τῆς ἐπιβολῆς ἀδύνατον. πολλοὶ μὲν γὰρ ἦσαν οἱ κατὰ θάλατταν τότε κίνδυνοι καὶ δυσεξαριθμητοὶ, πολλαπλάσιοι δὲ τούτων οἱ κατὰ γῆν. ἀλλ' εἰ καὶ τις ἢ κατ' ἀνάγκην ἢ κατὰ προαίρεσιν ἐξίκοιτο πρὸς τὰ πέρατα τῆς οἰκουμένης, οὐδ' οὕτως ἦνυεν τὸ προκείμενον (Políbio, *Histórias*, III, 58, 5-7, tradução B. B. Sebastiani com modificações nossas).

<sup>176</sup>ἐπιτιμᾶν αὐτοῖς ἄξιον, ἀλλ' ἐφ' ὅσον ἔγνωσάν τι καὶ προεβίβασαν τὴν ἐμπειρίαν τὴν περὶ τούτων ἐν τοιοῦτοις καιροῖς (Políbio, *Histórias*, III, 59, 2, tradução B. B. Sebastiani).

<sup>177</sup>ἐπειδὴ καὶ τὸ πλεῖον τούτου χάριν ὑπεδεξάμεθα τοὺς κινδύνους [καὶ τὰς κακοπαθείας] τοὺς συμβάντας ἡμῖν ἐν πλάνῃ τῇ κατὰ Λιβύην καὶ κατ' Ἰβηρίαν, ἔτι δὲ Γαλατίαν καὶ τὴν ἔξωθεν ταύταις ταῖς χώραις συγκυροῦσαν θάλατταν, ἵνα διορθωσάμενοι τὴν τῶν προγεγονότων ἄγνοιαν ἐν τούτοις γνώριμα ποιήσωμεν τοῖς Ἑλλήσι καὶ ταῦτα τὰ μέρη τῆς οἰκουμένης (Políbio, *Histórias*, III, 59, 7-8, tradução B. B. Sebastiani com modificações nossas).

Tal posicionamento não deixa de trazer consigo o anúncio de uma crítica corretiva, “de modo algum nos cabe deixá-los de lado, mas contradizê-los não de modo esparso ou acessório, antes pela ciência, sem censurá-los nem reprová-los, porém elogiando-os e retificando-lhes o desconhecimento, por sabermos que, tivessem vivido até os tempos atuais, teriam retificado e alterado muito do que escreveram”<sup>178</sup>. A contemporização pode, assim, abrir caminho para a admiração; entretanto, se a audiência concorda com esses termos, necessariamente ela concordará com as críticas referentes àquilo que os predecessores não fizeram a fim de elaborar uma história verdadeira, embora as condições para tal lhes tivessem sido dadas. E Políbio, ao mesmo tempo, busca convencê-la de que ele seria a pessoa mais qualificada para tal.

Um dos fundamentos da crítica de Políbio que nos interessa é a concepção do ecúmeno como um espaço construído por relações de força. Desde a passagem com a qual abrimos este subcapítulo, passando pela última citada e chegando às que citaremos adiante, o ecúmeno é sempre o espaço construído na disputa, e que se move em disputa. A concepção de “toda a Terra” (*tês hólēs gês*) pode sugerir, prioritariamente, a imagem de um espaço que independe das ações humanas, enquanto o ecúmeno expressa a própria construção espacial das ações conflitivas onde se fazem a história e um dos objetos da historiografia.

Convém, então, uma explicação sobre a nossa tradução de *oikouménē* por “ecúmeno”. Etimologicamente, *oikouménē* deriva de *oikos*, que, dentre inúmeras acepções, são as principais: “moradia”, “habitação”, “lugar onde se habita” e “pátria”, além de muitas outras composições possíveis<sup>179</sup>. Todos os dicionários etimológicos por nós consultados<sup>180</sup> remetem a origem da palavra *oikouménē* na composição do verbo *oikéō*, advindo de *oikos*, com o particípio

<sup>178</sup> παραλείπειν μὲν οὐδαμῶς καθήκει, ῥητέον δὲ τι πρὸς αὐτοὺς οὐκ ἐκ παρέργου καὶ διερριμμένως ἀλλ' ἐξ ἐπιστάσεως, καὶ ῥητέον οὐκ ἐπιτιμῶντας οὐδ' ἐπιπλήττοντας, ἐπαινοῦντας δὲ μᾶλλον καὶ διορθομένους τὴν ἄγνοιαν αὐτῶν, γινώσκοντας ὅτι κάκεῖνοι τῶν νῦν καιρῶν ἐπιλαβόμενοι πολλὰ τῶν αὐτοῖς εἰρημένων εἰς διόρθωσιν ἂν καὶ μετάθεσιν ἤγαγον (Políbio, *Histórias*, III, 58, 3-4, tradução B. B. Sebastiani).

<sup>179</sup> CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. 4 v. Paris: Éditions Klincksieck, 1968, p. 781-782.

<sup>180</sup> Vide a lista de obras de referências.

feminino *ménē* (donde “fixa”, “estabelecida”, “habitada”). Beekes e Beek trazem uma informação importante quanto a *oîkos*: a palavra encontra seu correspondente latino em *vīcus*, que significa “grupo de moradias, vila, área”<sup>181</sup>. Partindo desse campo semântico, é difícil imaginar o aspecto universalizante que parece ter vindo somente no latim tardio *oecūmenicus* (séc. XVII), o qual marca o uso de “ecumênico” no português contemporâneo<sup>182</sup>. Todavia, segundo o léxico de Adamantíou, o qualificativo grego *oikoumenikós*, que deu origem à correspondente latina tardia *oecūmenicus*, significaria, por extenso, no latim clássico, *ad orbem terrarum pertiens* (“pertencente ao mundo terrestre” ou “pertencente à ordem do que é ligado à terra”), dando a entender, ainda assim, que certo senso de posse relacionado a (alguma extensão de) terra (habitável) é mais típico da Antiguidade dada a sua raiz em *oîkos*<sup>183</sup>. Recuperando os significados de ecúmeno e ecumênico anteriores ao século XVII, vemos uma possibilidade de apreender de forma mais adequada a mensagem transmitida por Políbio aos seus contemporâneos quando ele falava da *oikouménē* enquanto horizonte conhecido ao traduzirmo-la pela palavra referida.

A contextualização dos espaços de ação no ecúmeno enquanto área circunscrita pela experiência do autor se mostra, assim, fundante ao objetivo de Políbio com suas *Histórias*: trata-se de um historiador que teria inquirido regiões pouco conhecidas ao seu público, especialmente as que se envolveram direta e indiretamente com a transformação das relações intercomunitárias ocorridas entre a primeira guerra púnica e o momento de escritura da sua obra. Porém, ainda nos é preciso entender como, nestas primeiras passagens, se teria identificado uma história universal no projeto do historiador.

Ao fim do quarto parágrafo do primeiro livro, o autor ter-nos-ia dito de forma categórica: “é possível conceber certa ideia pelas partes do todo, mas

<sup>181</sup>BEEKES, Robert; BEEK, Lucien van. **Etymological Dictionary of Greek**. 2 v. Leiden: Brill, 2010, p. 1056.

<sup>182</sup>CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010, p. 234.

<sup>183</sup>ADAMANTÍOY, Cristo M. **Ελληνο-λατινικόν λέξικον**. Atenas: εκ των Βιβλιοεκδοτικών Καταστημάτων Αναστασίου Δ. Φεξη, 1908, p. 330.

não chegar a uma ciência e entendimento precisos. Por isso, deve-se considerar a história que chega em uma só parte totalmente superficial se comparada à empiria e à credibilidade do conjunto de todas as partes”<sup>184</sup>. O que traduzimos por “o conjunto de todas as partes” é comumente traduzido por “História Universal”, possivelmente devido ao modo como se pensa no contrário de uma história que não atinge senão uma parte de uma história maior. Essa possibilidade de interpretação pode ser identificada nas traduções em língua latina, que possuem um papel estruturante na leitura das *Histórias* pelo ocidente.

Johannes Schweighäuser traduziu o famoso trecho para o latim “por qual razão e por qual gênero de Estado administrativo quase todo o universo das terras do Orbe foi reduzido, em cerca de 53 anos, a um só império, nomeadamente, o dos romanos?”<sup>185</sup>. Ao fim do mesmo parágrafo, Schweighäuser traduz *empeiría* por “*rerum cognitione*”, algo que poderia ser entendido em português tanto como “cognição das coisas” quanto “cognição da história”, sendo “história” a palavra para se referir ao acontecimento das coisas mesmas. O texto vertido para o latim de Isaac Casaubon diz “como e a que gênero de administração estatal quase todo o universo das terras do orbe foi reduzido, sem mesmo completar 53 anos, a um império, o do povo romano?”<sup>186</sup> Mais adiante, igualmente traduz *empeiría* por “*rerum cognitione*”. Casaubon traduz *tèn tòn hólōn empeirían kai pístin* por *ad rerum universarum cōferre notitiam & fidem*, assim como Schweighäuser, *ad rerum universarum confere notitiam et fidem*. O sentido de *rerum universarum* oscila, assim, entre o

<sup>184</sup> ἔννοιαν μὲν γὰρ λαβεῖν ἀπὸ μέρους τῶν ὅλων δυνατόν, ἐπιστήμην δὲ καὶ γνῶμην ἀτρεκῆ σχεῖν ἀδύνατον. διὸ παντελῶς βραχὺ τι νομιστέον συμβάλλεσθαι τὴν κατὰ μέρος ἱστορίαν πρὸς τὴν τῶν ὅλων ἐμπειρίαν καὶ πίστιν (Políbio, *Histórias*, I, 4, 9-10, tradução nossa).

<sup>185</sup> “[...] *qua ratione, et quo rerum administrandarum genere, universus prope Orbis terrarum annis fere LIII sub unius imperium, populi scilicet romani, fuerit redactus?*”, em ΠΟΛΥΒΙΟΣ. **Polybii megalopolitani historiarum**: quidquid superest. Introdução, tradução e estudo crítico de Johannes Schweighæuser. Londres; Oxford: Impensis G. et W. B. Whittaker; J. Parker, et R. Bliss, 1823. Edição grego-latim, *ad locum*.

<sup>186</sup> “[...] *quomodo & quo rerum administrandarum genere, universus prope orbis terrarum annis LIII ac ne iis quidem totis, sub unius Populi Romani imperium fuerit redactus?*”, em POLYBII LYCORTAE F. MEGALOPOLIANI. **Historiarum libri qui supersunt**. Tradução de Isaac Casaubon. Typis VVechelianis apud Claudium Marnium & Hæredes Iohannis Aubrij, 1609. Edição grego-latim, *ad locum*.



conjunto dos acontecimentos historiados em um espaço específico, e a capacidade de determinar a história de todo o planeta por eles por meio da sua generalização.

Na edição comentada do texto grego de Schweighäuser, em particular, há uma marginália em língua latina referente ao trecho em grego I, 4, 2-6, dizendo “*historia universalis*”<sup>187</sup>. Orientando o mesmo raciocínio na leitura, a marginália correspondente ao trecho I, IV, 7-11 diz “*Ex disjectis membris non licet judicare de Toto*”. Como nas traduções em mais línguas contemporâneas, a expressão *de Toto* foi vertida do grego “*tôn hólōn*”: um coletivo singular que, no plural, pode ser entendido como “todas as partes (de um todo subentendido)”, ou “o conjunto de todas as partes”. O fato de Schweighäuser ter escolhido iniciar esse *Toto* com letra maiúscula nos parece significar a atribuição de um todo em grau superlativo, logo, congruente com a qualificação de um rumo único da história, o que era característico do que se entendia por história universal segundo o contexto do tradutor. O conjunto dessas partes, por sua vez, entendida em língua grega e de acordo com a nossa interpretação, seria o grande espaço objetivado pela sua investigação e pelo qual ele trouxe conhecimento novo a partir da própria experiência: o ecúmeno (*oikouménē*). O pronome demonstrativo na frase seguinte, “quem [estaria] tomado por outros gêneros de espetáculos ou aprendizados os quais se fariam mais vantajosos do que o conhecimento *dessa* experiência (*tésde tēs empeirías*)?”, sugere a aquisição da experiência por meio da obra que fala à audiência<sup>188</sup>.

É imperativa a grandiosidade do crescimento do poder romano e a sua significância nas *Histórias*. O que pretendemos destacar, entretanto, é o horizonte ecumênico, e não universal, sobre o qual ela se projeta. Nesta passagem, primeiramente, é aquilo que está subentendido na oração *tà katà tēn oikouménēn*: quais são “as sobre o ecúmeno”? Essa mesma oração é

<sup>187</sup> ΠΟΛΥΒΙΟΣ. **Polybii megalopolitani historiarum**: quidquid superest. Introdução, tradução e estudo crítico de Johannes Schweighæuser. Londres; Oxford: Impensis G. et W. B. Whittaker; J. Parker, et R. Bliss, 1823. Edição grego-latim, *ad locum*.

<sup>188</sup> MOORE, Daniel Walker. **Polybius**: Experience and the Lessons of History. Leiden; Boston: Brill, 2020, p. 16.

retomada em VI, 2, 3 e XXXIX, 8, 7, as únicas em que o verbo *epikratéō* é usado no particípio aoristo passivo (*epikratēthénta*), indicando, assim, a raridade do enunciado e o evento único em estado processual acabado: o de exercer poder sobre quase todas as partes.

Que isso fosse, desde o início, apenas uma das partes necessárias de todo o projeto, em muitas ocasiões eu pude deixar claro, sobretudo no princípio e na exposição preliminar da história, se dizia que o que há de mais belo e, ao mesmo tempo, mais útil no nosso projeto aos leitores da obra é saber e aprender como e por qual gênero de constituição vieram a ser subjugadas quase todas as [partes] do ecúmeno (*skhedòn pánta tà katà tèn oikouménēn*), sem completar cinquenta e três anos caíram sob o comando único dos romanos, fato o qual não se encontra precedente<sup>189</sup>.

Deste momento em diante, falávamos daquilo que resulta o mais belo e, ao mesmo tempo, mais vantajoso aos amantes do aprendizado: e isto era o saber como e por que gênero de constituição vieram a ser subjugadas quase todas as [partes] do ecúmeno (*skhedòn hápanta tà katà tèn oikouménēn*), caíram sob o comando único dos romanos, acontecimento fato o qual não se encontra precedente<sup>190</sup>.

Não há importância em contar uma história dos romanos em si, como em uma espécie de etnografia de uma população específica, nem como em uma história militar de um só povo — algo que, inclusive, inexistente segundo o nosso conhecimento sobre historiografias antigas. Roma — entendida como sinédoque das comunidades lideradas pelas famílias romanas das quais se destacam as *gentēs* Fabia e Paulii — e sua história só interessam a Políbio na medida em que elas participam do conflito entre as muitas outras histórias compositoras da história do ecúmeno. Em outras palavras, o grau de importância atribuído a Roma reside no papel que as ações realizadas em nome desta tiveram neste todo complexo e conflitivo — este coletivo singular

<sup>189</sup>έμοι δ' ὅτι μὲν ἦν ἐξ ἀρχῆς ἐν τι τῶν ἀναγκαίων καὶ τοῦτο τὸ μέρος τῆς ὅλης προθέσεως, ἐν πολλοῖς οἴμαι δῆλον αὐτὸ πεπεικέναι, μάλιστα δ' ἐν τῇ καταβολῇ καὶ προεκθέσει τῆς ἱστορίας, ἐν ἧ τούτο κάλλιστον ἔφαμεν, ἅμα δ' ὠφελιμώτατον εἶναι τῆς ἡμετέρας ἐπιβολῆς τοῖς ἐντυγχάνουσι τῇ πραγματείᾳ τὸ γνῶναι καὶ μαθεῖν πῶς καὶ τίνοι γένει πολιτείας ἐπικρατηθέντα σχεδὸν πάντα τὰ κατὰ τὴν οἰκουμένην ἐν οὐδ' ὅλοις πεντήκοντα καὶ τρισὶν ἔτεσιν ὑπὸ μίαν ἀρχὴν τὴν Ῥωμαίων ἔπεσεν, ὃ πρότερον οὐχ εὕρισκεται γεγονός (Políbio, *Histórias*, VI, 2, 2-3, tradução nossa).

<sup>190</sup>ἐξ ὧν τὸ κάλλιστον ἔφαμεν, ἅμα δ' ὠφελιμώτατον περιγενέσθαι τοῖς φιλομαθοῦσι· τοῦτο δ' ἦν τὸ γνῶναι πῶς καὶ τίνοι γένει πολιτείας ἐπικρατηθέντα σχεδὸν ἅπαντα τὰ κατὰ τὴν οἰκουμένην ὑπὸ μίαν ἀρχὴν ἔπεσε τὴν Ῥωμαίων, ὃ πρότερον οὐχ εὕρισκεται γεγονός (Políbio, *Histórias*, XXXIX, 8, 7, tradução nossa).

— chamado ecúmeno. O objeto construído da investigação desse todo conflitivo a partir da experiência dos locais e do conhecimento desta, derivada dentre os procedimentos da pesquisa histórica, resultaria, enfim, em um conhecimento empírico-ecumênico. O argumento de Políbio segundo o qual se pode obter experiência de todos os locais do ecúmeno, por consequência, só pode ser concebido na medida em que ele abre mão do aprendizado da experiência por meio da leitura de historiografias anteriores. Por mais que ele se aproprie de conhecimentos locais, sobretudo de locais não tão conhecidos pela tradição historiográfica até então, o conhecimento sobre todo o conjunto das ações não deixa de depender de um grau de generalização. Tal fragilidade é minimizada pela forma como o autor discursa acerca da sua experiência — a construção do caráter digno de credibilidade do seu eu-discursivo, do seu *éthos*. A fim de compreender esse todo conflitivo e como Políbio trabalha com ele, entretanto, precisamos analisar os modos de relação entre as partes e o conjunto delas nos termos do autor.

## 2.2 *KAI KATHÓLOU KAI KATÀ MÉROS*: O LUGAR DE ROMA AO SE PENSAR A HISTÓRIA DAS PARTES AO TODO

Ao nos questionarmos sobre o lugar historiográfico de Roma ao se pensar a história tanto como um todo quanto por partes, nos aproximamos do entendimento de Paul Pédech, segundo o qual a história dita *universal* de Políbio não seria um tema ou objeto de narração, mas algo como “um método de explicação”<sup>191</sup>. Uma vez que buscamos compreender como Políbio concebia esse lugar em seus próprios termos, convém analisarmos o modo como ele articula o par categorial “partes” (*mérē*) e “todo” (*kathólou*), a fim de chegarmos a um entendimento sobre o seu modo de pensar história.

<sup>191</sup>PÉDECH, Paul. *La méthode historique de Polybe*. Paris: Belles Lettres, 1964, p. 497.

Não é por acaso que certas ocorrências das palavras “parte” e “todo”, quando se trata da escrita da história, tenham sido traduzidas em línguas modernas por *história universal*. Há duas passagens no Livro VIII que dialogam diretamente com a passagem I, 1, 5-6, conjugando a experiência das partes com a proposta de uma investigação histórica mais ampla. Elas ocorrem em um momento de retomada da promessa inicial da narrativa.

Entendo, devido ao que havíamos dito inúmeras vezes no início da nossa obra e aos feitos de agora, obter verdadeira credibilidade; isto é, que não há como visualizar, por meio dos escritores das histórias parciais, a economia de todos eles (*oukh hoíōn te dià tôn tās katà méros historías graphóntōn syntheásthai tēn tōn hólōn oikonomían*). Como, pois, simplesmente as aceitar, lendo cada qual as ações siceliotas ou ibéricas; saber e aprender, seja a grandeza dos acontecimentos (*tò mégethos tōn gegonótōn*) ou aquilo que perdura: qual modo e qual gênero de constituição, segundo o nosso trabalho, o acaso consumou o mais surpreendente? Isto é, liderar, sob um poderio, a completude das partes reconhecidas do ecúmeno, fato o qual não encontra precedente? Como, pois, os romanos tomaram Siracusa e como contiveram a Ibéria, também não é impossível saber, por um certo tempo, por meio das composições [escritas sobre] as partes; mas como atingiram a hegemonia de todas e, como, diante das investidas de quase todas elas, as contra-atacou uma a uma e, como, novamente, ainda cooperou nos momentos oportunos, [torna-se] difícil apreender sem a história do conjunto das ações. Não seria de fácil percepção o grandioso dos fatos (*tò mégethos tōn érgōn*) nem o poder do governo por meio dessas razões. Pois não seria admirável pretender discursar sobre cada um dos atos dos romanos de vir a disputar pela posse da Ibéria ou, novamente, da Sicília, e de vir a expedir poderosas infantarias e frotas navais. Ao mesmo tempo, eles vieram a concorrer ainda com muitos outros nessa época, aperfeiçoando seu governo e constituição, observando em paridade a particularidade das regiões, manejando sob circunstâncias difíceis e no decorrer de todas as guerras mencionadas. Somente assim ficam claros os acontecimentos e maravilhas; assim convém, sobretudo, que recebam a devida atenção. Tais coisas, enfim, havíamos dito aos que supõem proporcionar a experiência da história global e coletiva por meio da organização de cada parte (*dià tēs tōn katà méros syntáxeōs empeirian poiésasthai tēs katholikēs kai koinēs historías*)<sup>192</sup>.

<sup>192</sup> Δι' ὧν ὑπολαμβάνω τὸ πολλάκις ἐν ἀρχαῖς ἡμῖν τῆς πραγματείας εἰρημένον νῦν δι' αὐτῶν τῶν ἔργων ἀληθινὴν λαμβάνειν πίστιν. τοῦτο δ' ἦν ὡς οὐχ οἶόν τε διὰ τῶν τὰς κατὰ μέρος ἱστορίας γραφόντων συνθεάσασθαι τὴν τῶν ὅλων οἰκονομίαν. πῶς γὰρ ἐνδέχεται ψιλῶς αὐτὰς καθ' αὐτὰς ἀναγνόντα τὰς Σικελικὰς ἢ τὰς Ἰβηρικὰς πράξεις, γνῶναι καὶ μαθεῖν ἢ τὸ μέγεθος τῶν γεγονότων ἢ τὸ συνέχον, τίτι τρόπῳ καὶ τίτι γένει πολιτείας τὸ παραδοξότατον καθ' ἡμᾶς ἔργον ἢ τύχη συνετέλεσε; τοῦτο δ' ἔστι τὸ πάντα τὰ γνωριζόμενα μέρη τῆς οἰκουμένης ὑπὸ μίαν ἀρχὴν καὶ δυναστείαν ἀγαγεῖν, ὃ πρότερον οὐχ εὐρίσκεται γεγονός. πῶς μὲν γὰρ εἶλον Συρακούσας Ἰρωμαῖοι καὶ πῶς Ἰβηρίαν κατέσχον, οὐκ ἀδύνατον καὶ διὰ τῶν κατὰ μέρος ἐπὶ ποσὸν γνῶναι συντάξεων· πῶς δὲ τῆς ἀπάντων ἡγεμονίας καθίκοντο, καὶ τί πρὸς τὰς

Na passagem acima, ocorre novamente *tôn hólōn*, aqui se referindo à *tôn érgōn*, enfatizando a economia entre esses *érgōn*. Por último, no mesmo parágrafo, Políbio relaciona esses sentidos com o de experiência, insistindo contra as obras que trataram, segundo ele, somente de uma parte da *oikouménē*: “nós deixamos ditas estas coisas contra os que supõem que através do arranjo (*syntáxeōs*) das partes produz-se experiência (*empeiría*) da história integral dos povos”<sup>193</sup>. “Arranjo”, aqui, significaria a composição de uma história em macroescala exclusivamente pelo método de recorrer a obras de microescala de terceiros e de escrever uma narrativa que apreenda a sua comunidade; ou seja, sem a experiência concreta das partes, sem um conhecimento empírico-ecumênico.

A fim de compreender o modo como Políbio trabalha com esse todo conflitivo, nos auxilia uma análise da relação estabelecida entre o geral e o particular indicada por meio da expressão *kai kathólou kai katà méros* que, em termos amplos, significa “tanto no geral quanto no particular”. Duas são as passagens mais revisitadas a fim de entendê-las devido à conexão direta que o autor realiza (III, 59, 9; XXXIX, 8, 3). Elas podem, igualmente, nos sugerir uma interpretação sobre os dois qualificativos usados para história (*historía*): *katholiké kai koiné*.

---

ὄλοσχερεῖς αὐτοῖς ἐπιβολὰς τῶν κατὰ μέρος ἀντέπραξε, καὶ τί πάλιν καὶ κατὰ τίνας καιροὺς συνήρησε, δυσχερὲς καταλαβεῖν ἄνευ τῆς καθόλου τῶν πράξεων ἱστορίας. οὐ μὴν τὸ μέγεθος τῶν ἔργων οὐδὲ τὴν τοῦ πολιτεύματος δύναμιν εὐμαρὲς κατανοῆσαι διὰ τὰς αὐτὰς αἰτίας. τὸ γὰρ ἀντιποιήσασθαι Ῥωμαίους Ἰβηρίας ἢ πάλιν Σικελίας, καὶ στρατεῦσαι πεζικαῖς καὶ ναυτικαῖς δυνάμεσιν, αὐτὸ καθ' αὐτὸ λεγόμενον οὐκ ἂν εἴη θαυμαστόν. ἅμα δὲ τούτων συμβαινόντων καὶ πολλαπλασίων ἄλλων κατὰ τὸν αὐτὸν καιρὸν ἐπιτελουμένων ἐκ τῆς αὐτῆς ἀρχῆς καὶ πολιτείας, καὶ θεωρουμένων ὁμοῦ τούτοις τῶν κατὰ τὴν ἴδιαν χώραν ὑπαρχουσῶν περιστάσεων καὶ πολέμων περὶ τοὺς ἅπαντα τὰ προειρημένα χειρίζοντας, οὕτως ἂν εἴη μόνως σαφῆ τὰ γεγονότα καὶ θαυμαστὰ καὶ μάλιστα ἂν οὕτως τυγχάνοι τῆς ἀρμοζούσης ἐπιστάσεως. ταῦτα μὲν οὖν ἡμῖν εἰρήσθω πρὸς τοὺς ὑπολαμβάνοντας διὰ τῆς τῶν κατὰ μέρος συντάξεως ἐμπειρίαν ποιήσασθαι τῆς καθολικῆς καὶ κοινῆς ἱστορίας (Políbio, *Histórias*, VIII, 2, tradução nossa). Das passagens em que Políbio retoma a fórmula referente às partes comandadas pelos romanos (abordadas no subcapítulo 1.1), essa é a única em que se diz “todas as partes reconhecidas do ecúmeno”. O resguardo que o impede de dizer, enfaticamente, “todas, sem exceção”, não adviria somente do bom senso do autor como também do limite imposto pelo conhecimento da audiência.

<sup>193</sup>ταῦτα μὲν οὖν ἡμῖν εἰρήσθω πρὸς τοὺς ὑπολαμβάνοντας διὰ τῆς τῶν κατὰ μέρος συντάξεως ἐμπειρίαν ποιήσασθαι τῆς καθολικῆς καὶ κοινῆς ἱστορίας (Políbio, *Histórias*, VIII, 2, 11, tradução nossa).

*Kathólou* e *katà méros* são frequentemente entendidos como necessariamente excludentes quando concebidos como *gêneros historiográficos*. Enquanto *kathólou* — abreviado de *kat' hólou*, "segundo o todo", "conforme o todo", ou, simplesmente, "o todo", "a totalidade", "universal" — corresponderia ao *gênero universal*, *katà méros* faria referência ao *gênero parcial* ou *monografia*, ou seja, às histórias que se ocupariam de conflitos específicos, mormente àqueles diretamente ligados aos acontecimentos do povo ou cidade de onde provém o historiador ou interessam à Grécia antiga do modo como é concebida pelo pesquisador. Mais do que uma discussão sobre palavras, tais interpretações do texto grego são desenvolvimentos de certos pressupostos da história da historiografia grega antiga, cujas linhas gerais encontram-se nos escritos de Felix Jacoby.

Com efeito, Jacoby categorizou “História Universal e Contemporânea” (*Universal- und Zeitgeschichte*), respectivamente, como “histórias de povos” e “helênicas” (*koinai historiai* e *hellēniká*) no primeiro volume do segundo tomo da sua reunião de fragmentos e testemunhos textuais de historiadores antigos (*Die Fragmente der Griechischen Historiker*). Dentre eles, estão as *Hellēniká* de Teopompo de Quios e as *Historíai* de Éforo de Cime<sup>194</sup>, por exemplo. No segundo volume, entram as “Histórias especiais e Monografias” (*Spezialgeschichte und Monographien*), concebidas como *katà mēros sýntaxeis*, uma expressão grega que teria sido extraída de Políbio como que considerando certa consciência de um tal gênero historiográfico<sup>195</sup>. A tradução alemã *Monographie* — cuja escrita alternativa *Monografie* se emprega atualmente com maior frequência — já era usada, no início dos anos 1900, para designar histórias de comunidades específicas<sup>196</sup>, de modo que, organicamente, depreende-se *Spezialgeschichte* como um de seus sinônimos.

<sup>194</sup>Os *fragmenta* e *testimonia* de Teopompo terão a nossa atenção adiante, enquanto os de Éforo, no subcapítulo 2.3.

<sup>195</sup>ROOD, Tim. The Development of the War Monograph. In: MARINCOLA John (org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 v. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2007, p. 147-158, p. 148.

<sup>196</sup>MONOGRAFIE. Dicionário Digital de Língua Alemã (*Digitale Wörterbuch der Deutschen Sprache*). Disponível em: <https://www.dwds.de/wb/Monographie?o=monographie>. Acesso em: 25 dez. 2023.

A tradução inglesa “*monography*” pode ser entendida como “tratados particulares” sobre espécies de plantas ou animais, dada a sua origem no século XVIII, enquanto a palavra *monógraphos*, apesar de sua morfologia similar (grosseiramente traduzindo-a, “monógrafo”), só é identificada nos papiros helenísticos para significar “tabelião”<sup>197</sup>.

De todo modo, o interesse principal de Jacoby, segundo ele mesmo, é o desenvolvimento dos diferentes gêneros, especialmente o da “monografia”, dado que, nela, o objetivo mesmo da historiografia antiga teria sido alcançado segundo a sua materialização nas *Histórias* de Heródoto e na *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides: “o pensamento histórico e o elemento narrativo imperam em seu mais completo rigor”<sup>198</sup>. Dentre as sucessoras das *monografias*, se encontram as *Filípicas* (*Philippiká*) de Teopompo de Quios e outra composição de mesmo nome por Anaxímenes de Lâmpsaco; os trabalhos dos chamados historiadores de Alexandre, bem como dos diádocos, tanto concernentes aos conflitos do período como assuntos relativos à educação e feitos dos reis, com alguma exceção para as histórias do líder cartaginês Aníbal; e os fragmentos da biografia de Políbio sobre Filopêmen<sup>199</sup>.

Voltando-nos para as *Histórias* de Políbio, a palavra *kathólou* é usada 195 vezes com diferentes acepções para se referir àquilo que diz respeito a um todo, a um conjunto ou a uma apreensão intelectual sintética formadora de um todo (ideal) correspondente a particularidades (factuais). Este todo, assim como quando referencia tropas, significa o conjunto das tropas; quando

<sup>197</sup>ROOD, Tim. The Development of the War Monograph. In: MARINCOLA John (org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 v. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2007, p. 147-158, p. 148.

<sup>198</sup>JACOBY, Felix. On the Development of Greek Historiography and the Plan for a new Collection of the Fragments of the Greek Historians. Tradução de Mortimer Chambers e Stefan Schorn. **Histos**, Newcastle, suplemento n. 3, [1956], 2015, p. 38. Para FORNARA, Charles William. **The nature of History in ancient Greece and Rome**. Berkley; Los Angeles: University of California Press, 1983, p. 29-32, a categoria de *monografia* elaborada por Jacoby pode ser apropriada com a única diferença de que as *Histórias* de Heródoto — e, conseqüentemente, todas as demais *monografias* — seriam um desenvolvimento da narrativa homérica, e não da circunscrição temática de Hecateu de Mileto em uma guerra específica e suas origens, dado que Fornara parte da premissa que a história, enquanto gênero literário da Antiguidade, proviria, muito antes, de uma natureza mimética.

<sup>199</sup>Listadas em JACOBY, Felix (org.). **Die Fragmente der Griechischen Historiker**. 2º v. Zeitgeschichte A: Universalgeschichte und Hellēnika. Leiden: Brill, [1926], 1986, p. 03-10.

referencia a história, significa o conjunto das ações do ecúmeno, dado que o ecúmeno expressaria o ambiente todo passível de ser empiricamente conhecido, tanto em particular quanto com relação a um outro espaço objetivado.

Segundo a nossa análise, *kathólou* e *katà méros* não seriam gêneros historiográficos, mas *categorias necessariamente dependentes uma da outra que buscam apreender acontecimentos igualmente dependentes um do outro*. Eles podem significar a relação complementar de se pensar o todo e os detalhes de um plano de batalha, como com o mercenário espartano Xantipo comandando tropas cartaginesas (I, 33, 11); com uso adverbial, ao se referir a instrumentos (I, 20, 2; I, 20, 13), a uma abstração de comportamento geral, por exemplo, dos romanos quando em terra ou no mar (I, 37, 7); do comportamento nem um pouco equilibrado de Aníbal (III, 48, 3) a um resumo advindo da leitura de uma obra historiográfica, como na polêmica com Filarco (II, 56, 3)<sup>200</sup>; a uma síntese de uma situação (III, 15, 9) ou de uma constituição, como quando identifica aspectos gerais comuns entre as constituições romana, espartana e cartaginesa (VI, 51, 2) — a fim de expressar o tratamento dos detalhes que marcam as diferenças entre elas, Políbio usa a expressão *katà méros* (VI, 52, 1). A expressão é passível de ter uma das palavras trocadas sem perder a referida relação, como quando Políbio (II, 30, 7) se refere à comparação “tanto tropa a tropa quanto homem a homem” (*kai kathólou kai kat' ándra*)<sup>201</sup> entre o grupo formado por ísubres, boios e tauriscos em confronto com as legiões romanas.

*Katà méros* é usada a fim de expressar o processo de decomposição de um objeto em suas partes a fim de analisá-lo, um tratamento “em detalhes”, “por partes”, como na polêmica com Filino de Agrigento (III, 26, 5). Os detalhes (*mérē*) sobre as tropas romanas e seus métodos de acampamentos (VI, 42, 6), a relação seguida de verbo *tò kathólou kai katà méros ginóskein* é usada para descrever o fato de os romanos conhecerem tanto a região da cidade como o lugar exato desta onde estão acampados, devido à aplicação de um modelo

<sup>200</sup>A qual será objeto de nossa atenção no capítulo seguinte.

<sup>201</sup>*καὶ καθόλου καὶ κατ' ἀνδρα* (Políbio, *Histórias*, II, 30, 7, tradução nossa).



prévio de organização (VI, 41, 11). Por outro lado, seria típico entre os gregos a dificuldade de cada um se situar *kai tòν kat' idían kai tòν katà méros*, i.e., tanto no seu lugar individual quanto em cada parte compositora do acampamento — apesar de não estar explícito, ao se fazer menção a uma parte (*méros*), subentende-se um todo (*kathólou*). Em VI, 41, 11 é feita mais uma vez essa relação. Ao tratar da agência de Licurgo na construção de uma constituição (*politeía*), “no que concerne a aquisição de territórios vizinhos e a hegemonia e, em geral, a ambição das ações, não se precaveu em absolutamente nada, penso eu, nem com relação às partes nem com relação ao todo [da constituição]”<sup>202</sup>.

A palavra *katholiké* é usada para qualificar a explicação que seria, então, sumária sobre muitos acontecimentos: “uma explicação geral (*katholikês apopháseōs*) sobre eles e sobre o resultado de sua ambição pode conduzir à noção do que foi mencionado”<sup>203</sup>. O autor alega a necessidade de uma síntese que destaque aquilo que é essencial à audiência saber acerca de uma série de acontecimentos e ações de povos e forças diferentes constituintes de um evento, tal qual a primeira guerra púnica. Afinal, “as razões e as maneiras pelas quais, dia após dia, arquitetavam um contra o outro emboscadas, contraemboscadas, ataques e assaltos, o escritor não as conseguiria enumerar, e para os leitores a prática da leitura se tornaria interminável e inútil”<sup>204</sup>. Em polêmica com Zenão e Antístenes, ambos de Rodes, Políbio usa *katholiké* como “todo” em relação a *méros*, o qual significaria uma parte desse todo. Nesse sentido, seria intercambiável com *kathólou*, com a única diferença que nesse trecho a palavra tem função qualificativa, ou seja, que “tanto em

<sup>202</sup>πρὸς μέντοι γε τὴν τῶν πέλας κατάκτησιν καὶ πρὸς ἡγεμονίαν καὶ καθόλου πρὸς πραγμάτων ἀμφισβήτησιν οὐτ' ἐν τοῖς κατὰ μέρος οὐτ' ἐν τοῖς ὅλοις δοκεῖ μοι προνοηθῆναι καθάπαξ οὐδέν (Políbio, *Histórias*, VI, 48, 6, tradução nossa).

<sup>203</sup>ἐκ δὲ τῆς καθολικῆς ἀποφάσεως περὶ αὐτῶν καὶ τοῦ τέλους τῆς φιλοτιμίας μᾶλλον ἢ τις εἰς ἔννοιαν ἔλθοι τῶν προειρημένων (Políbio, *Histórias*, I, 57, 4, tradução de B. B. Sebastiani).

<sup>204</sup>τὰς μὲν γὰρ αἰτίας ἢ τοὺς τρόπους, δι' ὧν ἅν' ἐκάστην ἡμέραν ἐποιοῦντο κατ' ἀλλήλων ἐνέδρας, ἀντενέδρας, ἐπιθέσεις, προσβολάς, οὐτ' ἂν ὁ γράφων ἐξαριθμούμενος ἐφίκοιτο, τοῖς τ' ἀκούουσιν ἀπέραντος ἅμα δ' ἀνωφελῆς ἂν ἐκ τῆς ἀναγνώσεως γίνοιτο χρεία· (Políbio, *Histórias*, I, 57, 3, tradução de B. B. Sebastiani).

detalhes quanto em explicações globais (*kai dià tôn katà méros kai dià tês katholikês apofáseōs*) mostram os ródios vitoriosos”<sup>205</sup>.

Há um detalhe em uma das ocorrências que indicia a audiência para a qual o historiador escrevia. O objetivo seria extrair do raciocínio “sobre a natureza da transformação das constituições”<sup>206</sup> aquilo que convém aos propósitos das *Histórias*: “por isso, conquanto pretendemos apropriá-lo para a história pragmática e a inteligência comum, tentaremos sumariamente percorrê-lo: assim, caso a alguém pareça negligenciar o uso da explicação global, o discurso detalhado, verbalizado em seguida, se fará suficiente e compensador às questões agora levantadas”<sup>207</sup>. O uso da palavra *katholiké* para qualificar *empháseōs* designa o ato de tornar algo visível a alguém, neste caso, um raciocínio discutido por numerosos filósofos, que, pelo menos desde Platão tornar-se-ia conhecido à “inteligência comum” ou “de todos”, devido à capacidade de síntese e de comunicação de Políbio. Se trocássemos o objeto de discussão por histórias de diferentes lugares do ecúmeno, teríamos o mesmo argumento que defende o procedimento de seleção dos detalhes necessários para que o evento deles composto seja compreensível a um público amplo.

É possível identificar, nos trechos acima, uma associação semântica entre *historía*, as palavras compostas com o radical *phainō* e *katholikês*. Enquanto a *historía* pode ser entendida, por um lado, como a competência em ver claramente um acontecimento por meio de investigação metódica<sup>208</sup> e, por outro, como o ato de fazer pessoas se sentarem a fim de que apreciem a exposição imparcial de partes discordantes acerca de um acontecimento<sup>209</sup>, *phainō* acentua o aspecto do esclarecimento da situação visado pelo historiador

<sup>205</sup>καὶ διὰ τῶν κατὰ μέρος καὶ διὰ τῆς καθολικῆς ἀποφάσεως νικῶντας ἀποφαίνουσι τοὺς Ῥοδίου (Políbio, *Histórias*, XVI, 15, 7, tradução nossa).

<sup>206</sup>ὁ περὶ τῆς κατὰ φύσιν μεταβολῆς τῶν πολιτειῶν (Políbio, *Histórias*, VI, 5, 1, tradução nossa).

<sup>207</sup>διόπερ ὅσον ἀνήκειν ὑπολαμβάνομεν αὐτοῦ πρὸς τὴν πραγματικὴν ἱστορίαν καὶ τὴν κοινὴν ἐπίνοιαν, τοῦτο πειρασόμεθα κεφαλαιωδῶς διελεῖν· καὶ γὰρ ἂν ἐλλείπειν τι δόξη διὰ τῆς καθολικῆς ἐμφάσεως, ὁ κατὰ μέρος λόγος τῶν ἐξῆς ῥηθησομένων ἱκανὴν ἀνταπόδοσιν ποιήσει τῶν νῦν ἐπαπορηθέντων (Políbio, *Histórias*, VI, 5, 2-3, tradução nossa).

<sup>208</sup>PRÉVOT, A. Verbes relatifs à la vision et noms de l’oeil. **Revue de Philologie, de Littérature et d’Histoire Anciennes**. v. 3, tomo IX, p. 133-279, 1935.

<sup>209</sup>FLOYD, Edwin D. The Sources of Greek ἵστωρ “Judge, Witness”. **Glotta**, v. 64, n. 4, p. 157-166, 1990.

— ou *hístōr* —, aclaramento este que é mediado por seu constructo discursivo. Nesse sentido, *katholiké* designaria tanto o procedimento investigativo quanto a preparação discursiva e a qualidade acabada do texto historiográfico fornecedor de uma visão de conjunto derivada desse processo. Em nenhum momento, entretanto, ela deixaria de ser *koiné*.

Ainda nos falta a qualificação *koiné*, a qual ganha sentido pelo tipo de feitos (singular *érgon*, plural *érga*) historiados. Ela parte da posição interpretativa de um político advindo de uma comunidade, de uma *koiné*, buscando negociar com demais *koiné*<sup>210</sup>. É nessa postura que Políbio se apresenta, em dicção impessoal, como um “escritor das ações públicas” (*syngraphéa de koinôn práxeōn*), o qual “não deve mostrar, de modo algum, qualquer outra coisa além da verdade” (*oud’ hólōs apodeiktéon tòn állo ti peri pleíonos poiuménon tēs alētheías*)<sup>211</sup>. Sendo o contexto dessa passagem uma reflexão de um grego sobre as decisões de todos os povos que compartilhariam da mesma identidade acerca dos últimos acontecimentos que acometeram todos, entende-se que o autor conversaria com o público que participa, ao menos institucionalmente, dos rumos da comunidade. Logo, ela pressupõe o vínculo político de Políbio com a *akhaïon koinón*, sobretudo o modo como sustentava sua ambição de unificação em uma realidade confederacionista bem complicada. Ao falar do momento em que as guerras na Itália, na Grécia e na Líbia se tornaram indissociáveis, Políbio diz que “a

<sup>210</sup>Para a acepção de *koiné* enquanto comunidade, ou seja, a dimensão coletiva da vida, mormente entendida enquanto comunidade cívica, ver XXXVIII, 3, 7; III, 4, 6; V, 88, 3; VI, 48, 3. É certo que a palavra é, no mínimo, tão abrangente quanto “povo”. A escolha nos parece proposital pelo intuito de alcançar a mais ampla audiência, como argumentamos a seguir. Para a variedade das formas de organização política que iam muito além da pólis — a qual já era muito diversa — e até mesmo do modelo federacionista que dela se apropriava, ver CONSTANTAKOPOULOU, Christy. *Beyond the Polis: Island Koina and Other Non-polis Entities in the Aegean*. In: TAYLOR, Claire; VLASSOPOULOS, Kostas (orgs.). **Communities and Networks in the Ancient Greek World**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 213-238; MACKIL, Emily. **Creating a Common Polity: Religion, Economy, and Politics in the Making of the Greek Koinon**. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 2013; RIZAKIS, Athanasios D. *L’expérience de l’organisation intercívique et supracívique dans la confédération achéene*. In: LOMBARDO, Mario (org.). **Forme sovrapoleiche e interpoleiche di organizzazione nel mondo greco antico**. Atti del Convegno Internazionale LECCE, 17-20 Settembre 2008. Gelatina; Milão: Congedo Editore, 2008, p. 274-292.

<sup>211</sup>συγγραφέα δὲ κοινῶν πράξεων οὐδ’ ὅλως ἀποδεκτέον τὸν ἄλλο τι περὶ πλείονος ποιούμενον τῆς ἀληθείας (Políbio, *Histórias*, XXXVIII, 4, 5, tradução nossa).

história de todas se fazia coletiva” (*λοιπὸν ἐδέε κoinḗν ποιέσασθαι περὶ πάντων τὴν historían*), justificando, assim, a organização da sua exposição<sup>212</sup>.

Segundo o meio cultural helenístico, a escalada ao poder era legítima, e as elites locais entravam no jogo de negociação por uma política de comportamento moderado<sup>213</sup>. Dentre as audiências identificáveis pelo texto de Políbio, apesar de serem muitas, pode-se dizer que a predileção seria por aqueles que teriam alguma condição de decidirem os rumos da política em sua comunidade, seja direta ou indiretamente<sup>214</sup>. Escrevendo nesse contexto de interdependência e recordando muitas circunstâncias anteriores em que mesmo os mais estimados líderes aqueus cambiavam aqueles pelos quais se cultivava boa-disposição (*eúnoia*), sustentar que Roma determinaria todo o rumo da história resultaria não só em um contrassenso argumentativo, como uma atitude aquém do razoável quando considerados os limites do poder daquele que escreve. Seria forçoso conceber, logo, outra forma de atuação que não prezasse pela interação entre aqueles que detêm a maior concentração de poder e aqueles que negociam essa relação de dependência mútua em determinada circunstância, ao invés de uma suposta determinação concentrada em uma só das partes do ecúmeno.

No chamado segundo sumário, Políbio amplia o escopo de sua obra historiográfica no sentido de acrescentar

a conduta dos vencedores — qual foi depois disso e como se sobrepôs a tudo —, e a aceitação e as concepções dos demais povos — quantas e quais ocorreram relativas aos dominadores; além disso, explicar os ímpetos e rivalidades — quais vigiam para cada um prevaleciam em suas vidas particulares e constituições. É claro que, com isso, ficará evidente aos nossos coetâneos se o poderio romano

<sup>212</sup>λοιπὸν ἤδη κοινῆν ποιήσασθαι περὶ πάντων τὴν ιστορίαν (Políbio, *Histórias*, IV, 28, 4, tradução nossa). O comentário de WALBANK, Frank William. **A historical commentary on Polybius**. v 1. Oxford: At The Clarendon Press, 1957, p. 476, referente à passagem IV, 28, indica que ela é elucidada pelos trechos V, 31, 4 e adiante, assim como V, 105, 9-10, uma vez que são nessas passagens que se defende a tese da *symploké* na Olimpíada de 220 – 216 A.E.C., sendo os acontecimentos principais os de Trasimene, Raphia e a Conferência de Naupactus.

<sup>213</sup>LEONI, Álvaro Moreno. **Entre Roma y el mundo griego**: Memoria, autorrepresentación y didáctica del poder en las *Historias* de Polibio. Córdoba: Brujas, 2017, p. 29.

<sup>214</sup>MILTOSIOS, Nikos. **The Shaping of narrative in Polybius**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2013, p. 145-146.

deve ser rejeitado ou aceito, e os pósteros poderão julgar se o império deles foi elogiável e emulável ou censurável. [...] Por isso, a finalidade dessa obra será esta: entender a situação de cada povo, qual era após todos entrarem em conflito e tombarem sob o poder romano, até o tumulto e a agitação que se seguiram<sup>215</sup>.

A indefinição de um gênero de história universal, em teoria, derivado da pretensão de uma história do ecúmeno<sup>216</sup>, parece ter se constituído, em termos pragmáticos, como a prática segundo a qual se discursava para uma audiência situada nesse espaço conflitivo capaz de engajar-se em uma ação coordenada de umas partes contra outras. A noção de sucessão de impérios —, a qual teria sido primeiramente codificada por Heródoto e Ctésias de Cnido e, em um segundo momento, desenhada em detalhes por Políbio —, teria sido o principal aspecto daquilo que pode ter sido chamado de história universal na historiografia grega<sup>217</sup>. O entendimento de certa *translatio imperii*, contudo, não poderia nos fazer acreditar na existência de um rumo único da história. Na visão de Políbio, “o fato de os romanos continuarem ampliando suas conquistas enquanto o historiador ainda vivia foi algo que ele nunca viu como eterno e inabalável”<sup>218</sup>. Assim, aquilo pelo qual se prezava era a reflexão sobre a dependência mútua e as ações possíveis — e impossíveis — nas circunstâncias as quais o historiador e o seu interlocutor se encontravam.

<sup>215</sup>τὴν τε τῶν κρατούντων αἴρεσιν, ποία τις ἦν μετὰ ταῦτα καὶ πῶς προεστάτει τῶν ὄλων, τὰς τε τῶν ἄλλων ἀποδοχὰς καὶ διαλήψεις, πόσαι καὶ τίνες ὑπῆρχον περὶ τῶν ἡγουμένων, πρὸς δὲ τούτοις τὰς ὁρμὰς καὶ τοὺς ζήλους ἐξηγητέον, τίνες παρ' ἐκάστοις ἐπεκράτουσαν καὶ κατίσχυον **περὶ τε τοὺς κατ' ἰδίαν βίους καὶ τὰς κοινὰς πολιτείας**. ὁ δὲ γὰρ ὡς ἐκ τούτων φανερόν ἐστι τοῖς μὲν νῦν οὖσιν πότερα φευκτὴν ἢ τούναντίον αἰρετὴν εἶναι συμβαίνει τὴν Ῥωμαίων δυναστείαν, τοῖς δ' ἐπιγενομένοις πότερον ἐπαιετὴν καὶ ζηλωτὴν ἢ ψεκτὴν γεγονέναι νομιστέον τὴν ἀρχὴν αὐτῶν. [...] διὸ καὶ τῆς πραγματείας ταύτης τοῦτ' ἐστὶν τελεσιουργημα, τὸ γινῶναι τὴν κατάστασιν παρ' ἐκάστοις, ποία τις ἦν μετὰ τὸ καταγωνισθῆναι τὰ ὅλα καὶ πεσεῖν εἰς τὴν τῶν Ῥωμαίων ἐξουσίαν ἕως τῆς μετὰ ταῦτα πάλιν ἐπιγενομένης ταραχῆς καὶ κινήσεως (Políbio, *Histórias*, III, 4, 6-12, tradução B. B. Sebastiani).

<sup>216</sup>SEBASTIANI, Breno B. **Bélica lição polibiana**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 97-98. FOULON, Éric. Polybe et l'histoire universelle. **Histoire et historiographie dans l'Antiquité** (Actes du 11<sup>ème</sup> colloque de la Villa Kérylos à Beaulieu-sur-Mer les 13 & 14 oct. 2000). Paris: Académie des Inscriptions et Belles Lettres, p. 45-82, 2001, p. 45, por outro lado, define a conjunção das partes ao todo operada por Políbio: “a história da οἰκουμένη, do mundo habitado, isto é, a história universal”.

<sup>217</sup>MOMIGLIANO, Arnaldo. The origins of Universal History. **Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa**, Classe di Lettere e Filosofia, Pisa, série III, v. 12, n. 2, p. 533-560, 1982, p. 545-547

<sup>218</sup>SEBASTIANI, *ibid.*, p. 298.

Tal preocupação teria emergido de maneira mais nítida a partir do momento em que o autor dá início à reflexão que justificaria um novo começo. Nada impede que parte da justificativa seria ter participado como testemunha, colaborador e diretor de certos acontecimentos, durante e após o exílio, e que essa condição fizesse com que ele tivesse passado a “escrever um outro início” (*arkhên poiēsámenos állên gráphein*) para a sua história (III, 4, 13). A reflexão proposta sobre o avanço romano, em um segundo momento, “implicou, para Políbio, uma transformação dos fundamentos hegemônicos de sua aliança com diferentes povos”, tanto da elite aqueia quanto de seus aliados<sup>219</sup>. Essa preocupação o teria conduzido a uma economia narrativa segundo a qual haveria uma unidade entre os livros XVI e XXIX, cujo fio condutor seria a análise do período circunscrito entre o desfecho da segunda guerra púnica até a vitória romana sobre os antigônidas, somada às consequências imediatas dessa escalada de poder<sup>220</sup>. Políbio analisa a situação segundo um modo helenístico já conhecido ao conceber certa equivalência entre “vidas particulares e constituições” dessas populações.

O Livro VI, sendo uma análise da constituição romana em comparação (*sýnkrisis*) com muitas outras do conhecimento de Políbio, indicaria esse modo de raciocínio<sup>221</sup>. No entanto, olhar para um predecessor nos auxilia a compreender como tal raciocínio é apropriado para se fazer uma *koiné historia*. Um exemplo representativo de como se pensava na mútua dependência entre o comportamento individual e o coletivo nos é dado por Teopompo de Quios. Teopompo defendia uma noção de justiça na indissociabilidade entre ambos:

<sup>219</sup>LEONI, Álvaro M. M. **Entre Roma y el mundo griego**: memoria, autorrepresentación y didáctica del poder en las *Historias* de Polibio. Córdoba: Brujas, 2017, p. 169.

<sup>220</sup>CHAMPION, Craig B. **Cultural politics in Polybius's *Histories***. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2004, p. 145.

<sup>221</sup>Esse é um dos temas que mais despertam a atenção dos estudiosos, sobretudo devido à análise da constituição e das instituições romanas e, mais recentemente, devido ao modo como Políbio dialoga com uma audiência mais ampla do mundo helenístico. Ver, e.g., FRITZ, Kurt von. **The Theory of the Mixed Constitution in Antiquity**: a Critical Analysis of Polybius' Political Ideas. New York: Columbia University Press, 1958; WALBANK, Frank William. **Polybius, Rome and the Hellenistic World**: Essays and Reflections. New York: Cambridge University Press, 2002, p. 277-292; ECKSTEIN, Arthur. **Moral Vision in the *Histories* of Polybius**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1995; CHAMPION, op. cit., p. 67-172; MOORE, Daniel Walker. **Polybius**: Experience and the Lessons of History. Leiden; Boston: Brill, 2020, p. 92-110.

“comer demais e, ainda, comer carne, exaure o raciocínio e torna lerdo o espírito, além de enchê-los de irascibilidade, rudeza e insensibilidade”<sup>222</sup>. Ateneu testemunha um trecho que clarifica ainda mais esse par categorial: reportando-se às *Filípicas*, “Teopompo teria dito que os bizantinos e os calcedônios, ao se integrarem aos primeiros, ‘foram corrompidos pela luxúria \*\* e passaram de uma vida diária das mais prudentes e moderadas a beberrões e extravagantes’”, devido a uma excessiva acomodação a um regime democrático<sup>223</sup>. Os tessálios, eles preferem viver em lassidão “ao invés de ter as suas vidas bem ordenadas”<sup>224</sup>. Já o modo de vida dos atenienses, a sua constituição política, não seria receptiva a um modo permissivo de se viver (Teopompo, F 105).

As críticas de Teopompo, como se poderia esperar, lhe renderam má fama, como nos conta Flávio Josefo: “assim como ultrajou alguns dos povos e das cidades mais benquistas, tentou injuriar a nobreza e as constituições: Teopompo o fez contra os atenienses, e Polícrates contra os lacedemônios”<sup>225</sup>. Os maus hábitos e o destino terrível de outro membro da realeza macedônica, Filipe II, já haviam recebido um tratamento historiográfico por Teopompo. Políbio (*Histórias*, VIII, 9) o critica duramente por ter elogiado o rei macedônico no início e acentuado os aspectos negativos por todo o restante da obra. Filipe II, cujo título público era o de “rei” ou “imperador” (*basileús*), é descrito por Teopompo (F 224) como apenas um “soldado” (*stratiótēs*)<sup>226</sup>. Filipe, continua

<sup>222</sup>Θεόπομπος οὖν ἐν <ε> Φιλιππικῶν φησι [2] <«τὸ γὰρ ἐσθίειν πολλὰ καὶ κρεαφαγεῖν τοὺς μὲν λογισμοὺς ἐξαιρεῖ καὶ τὰς ψυχὰς ποιεῖται βραδυτέρας, ὀργῆς δὲ καὶ σκληρότητος καὶ πολλῆς [5] σκαιότητος ἐμπύπλησι.»> (F 57 = Ateneu, *Deipnosophistae*, IV, 46, tradução nossa).

<sup>223</sup>διεφθάρησαν εἰς τρυφὴν \*\* καὶ τὸν καθ' ἡμέραν βίον ἐκ σωφρονεστάτων καὶ μετριωτάτων φιλοπτόται καὶ πολυτελεῖς γενόμενοι (F 62 = Ateneu, *Deipnosophistae*, XII, 32, 13, tradução nossa). Os asteriscos indicam a falta de informação no texto grego.

<sup>224</sup>ἢ τὸν αὐτῶν βίον ὅπως παρασχέσονται κεκοσμημένον, Teopompo, F 49 = Ateneu, *Deipnosophistae*, XII, 33, tradução nossa. A mesma linha de raciocínio se encontra no F 4 e no F 162.

<sup>225</sup>καὶ γὰρ ἐθνῶν τινες καὶ τῶν ἐνδοξοτάτων πόλεων ῥυπαίνειν τὴν εὐγένειαν καὶ τὰς πολιτείας ἐπεχείρησαν λοιδορεῖν, Θεόπομπος μὲν τὴν Ἀθηναίων, τὴν δὲ Λακεδαιμονίων Πολυκράτης (F 306 = Flávio Josefo, *Contra Apiano*, I, 220-221, tradução nossa).

<sup>226</sup>Em outro momento, Teopompo chega a dizer que “a Europa jamais carregara consigo um tal homem assim como Filipe de Aminto” (μηδέποτε τὴν Εὐρώπην ἐνηνοχέειν τοιοῦτον ἄνδρα παράπαν οἷον τὸν Ἀμύντου Φίλιππον) (F 27 = Políbio, *Histórias*, VIII, 1, tradução nossa). A ambiguidade da expressão “carregar” (*enēnokhénai*) designaria menos alguém trazido com esmero do que um peso, de modo que Políbio tenha passado despercebido pela ironia do autor, sendo que o acusa de ter iniciado as *Filípicas* com essas palavras, a princípio,

Teopompo, era “extraordinariamente habilidoso em abocanhar os assuntos”<sup>227</sup>. A referência ao aparelho digestivo provavelmente remete ao hábito pelo qual Filipe conduziria os assuntos públicos em reuniões: sempre se entregando aos banquetes<sup>228</sup>. Amigos de Filipe, como o tebano Timolau, eram cúmplices das más práticas: “no Livro XLV, ele [Teopompo] diz o seguinte sobre o tebano: não poucos tornaram-se permissivos nas suas vidas diárias (*perì tòν bíon tòν kath' hēméran*) e com a bebida; não sei de ninguém nas comunidades (*politeías*) que seja mais descontrolado ou guloso ao tornar-se, antes, um escravo dos prazeres, se não, como eu disse, Timolau”<sup>229</sup>.

Embora apenas Teopompo seja nomeado, o assunto abordado na polêmica que o envolve trata de historiadores que preservam ou uma “boa disposição” (*eúnoian*) ou um “medo mortal” (*tanantía phóbou*) (Políbio, *Histórias*, VIII, 8, 4) para com os imperadores envolvidos nos acontecimentos que formam a imagem de Filipe V, em primeiro lugar, à Messênia (VIII, 12) e, em seguida, à Ilíria (VIII, 13-14). A polêmica funcionaria como uma digressão que prepararia a audiência para fazer a transição do cerco de Siracusa (215 – 214 A.E.C.) para os assuntos mencionados e — o que é mais importante —, teria o objetivo de preparar o ânimo da audiência com relação ao que Políbio diria sobre uma realeza tão controversa. Afinal, quando se fala de uma liderança, se fala também da constituição política (*politeía*) por meio da qual ela se comporta e depreende-se a dos seus inimigos e aliados. Já Filipe II teria ganhado a confiança de muitos gregos, assim como Alexandre III e, inclusive, Filipe V no contexto da guerra social<sup>230</sup>, segundo o argumento do autor

---

elogiosas, para, em seguida, realizar sérias acusações ao líder macedônico.

<sup>227</sup><<«δεῖνός ὢν»> φησὶν <«ὁ Φίλιππος ἀναγκοφαγῆσαι <τὰ> πράγματα.»> (F 262 = T 41 = Anônimo, XXXI, 1, tradução nossa).

<sup>228</sup>Como também sugere o F 81 = Ateneu, *Deipnosophistae*, VI, 76-77, e o extrato que Políbio faz em *Histórias*, VIII, 9.

<sup>229</sup>ἐν δὲ τῇ τεσσαρακοστῇ πέμπτῃ ὁ αὐτὸς περὶ Τιμόλαου λέγων τοῦ Θηβαίου φησὶν· <«οὐκ ὀλίγων γὰρ ἤδη γενομένων ἀσελγῶν περὶ τὸν βίον τὸν καθ' ἡμέραν καὶ τοὺς πότους οὐδένα νομίζω τῶν ἐν ταῖς πολιτείαις ὄντων οὔτ' ἀκρατέστερον οὔτε λιχνότερον οὔτε δοῦλον γεγονέναι μᾶλλον τῶν ἡδονῶν, εἰ μὴ, ὥσπερ εἶπον, Τιμόλαον (F 210 = Ateneu X, 47, p. 436 B, tradução nossa).

<sup>230</sup>Os discursos de Licisco e Cleneias diante dos lacedemônios acerca de persuadi-los a apoiar ou os macedônios ou os romanos durante a guerra social é uma das passagens mais marcantes nas *Histórias* (IX, 28-39) concernente a esse clima controverso. Sobre esse reavivamento de questões similares à da ascensão da Macedônia de Filipe II no contexto de



(Políbio, *Histórias*, VIII, 9-10). Desse modo, Políbio não só manteria o leitor atento à sua narrativa, como poderia convencê-lo acerca da sua avaliação de um acontecimento passado cujos desdobramentos se mostram ainda candentes após a terceira guerra macedônica — coerentemente ao trecho citado anteriormente por nós (Políbio, *Histórias*, XXXVIII, 4, 5), segundo o qual um historiador das ações desempenhadas pelas *koiné* não poderia manter a perspectiva de uma só comunidade. Em se tratando especialmente das comunidades cívicas gregas que teriam cooperado com os antigônidas contra os romanos na guerra social — os acarnânios, os beócios, epirotas e messênios —, essa era uma das oportunidades de (re)conquistar uma cooperação. Essa era, ao mesmo tempo, uma chance para Políbio recuperar apoio da própria elite da Confederação Aqueia, a qual também havia apoiado os macedônicos<sup>231</sup>.

Ainda que em diálogo constante com os seus predecessores, é algo particular de Políbio conceber uma escritura específica da história sobre circunstâncias tais, em que um grande número de comunidades cívicas (*koinai*) se reconhece mutuamente dependente não só dos poderios até então conhecidos, como também do romano. O desfecho da terceira guerra macedônica provocou a necessidade de ampliar o olhar pelo qual a rede interdependente de cidades, confederações e poderes imperiais na qual o grupo dirigente dos aqueus se percebia — é nesse sentido que a história de todos teria se feito *coletiva* (*koiné*), para retomar uma das passagens citadas anteriormente (Políbio, *Histórias*, IV, 28, 4). Nesse cenário, Políbio concebe uma história que pretendia ser, ao mesmo tempo, *koiné* e *katholiké*, i.e., que congregasse todas as comunidades cívicas envolvidas em uma exposição clara e abrangente preparada pela investigação de um político ativo. Essa

---

Políbio, ver WALBANK, Frank William. **Polybius, Rome and the Hellenistic World: Essays and Reflections**. New York: Cambridge University Press, 2002, p. 92-96.

<sup>231</sup>É interessante lembrar o momento de uma batalha em Pidna em 148 A.E.C., com desfecho favorável aos romanos contra os macedônicos, e outra anterior no mesmo local, em 167 A.E.C., quando Políbio acabou sendo exilado pelos romanos. Os constrangimentos dessa mudança de aliados podem ser identificados em mais passagens, como faz, por exemplo, SEBASTIANI, Breno B. **Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 48-50.

forma de conceptualizar a história, que se conjuga com o par categorial *parte e todo*, pode ser compreendida na narração da guerra da Acaia: “todos esses fatos se davam a um só tempo, e a fixação pelas partes (*katà méros*) sempre recaía sobre as pessoas e tirava delas a observação vagarosa e a concepção de todas as partes (*tôn hólōn*), por meio da qual se previa que todos corriam em direção à própria ruína com suas mulheres e crianças”<sup>232</sup>.

O contexto de ambições conflitantes frequentemente esquecido por nós e que subjaz no mundo do autor, todavia, precisa ser constantemente recuperado. Por isso não basta dizer que a história de Políbio era sobre conflitos, mas que ela era concebida em um contexto *poliagonístico* e concebia a si mesma como uma arma de combate. A ação só poderia partir do reconhecimento dessa relação de mútua dependência, a qual se traduz, em linguagem historiográfica, por histórias (partes) que ora passam a constituir uma mesma história (todo). Por essa razão, a história conceptualizada por Políbio é, ao mesmo tempo, múltipla (*polýs*) e competitiva ou conflitiva (*agonistikós*). Conceber a entrada de Roma como *a chegada da civilização* cuja história substituiria e daria sentido a todos os demais povos é uma noção completamente estranha à constelação conceitual do político e historiador aqueu.

Retomando, então, os principais trechos desta subseção (VIII, 2; III, 4, 6-12) a partir dos quais se depreenderia uma história da universalização de Roma ou da existência de um gênero de história universal na época de Políbio, vimos que o historiador negociava, por meio da sua escrita da história, com grupos específicos. A fim de persuadir todo aquele que pudesse interferir direta ou indiretamente nos rumos políticos de algum grupo — a sua audiência —, o autor necessariamente reconsiderava como e com quais poderios os grupos dirigentes gregos se aliavam ao menos desde o tempo de Filipe II. O lugar historiográfico de Roma é apreendido e definido pelo uso do par categorial

<sup>232</sup> ἀπάντων (δὲ) τούτων ἐν ἐνὶ καιρῷ συμβαινόντων, ἢ τῶν κατὰ μέρος αἰεὶ προσπιπτόντων κατάπληξιν ἀφηρεῖτο τῶν ἀνθρώπων τὴν ὑπὲρ τῶν ὅλων ἐπίστασιν καὶ διάληψιν, δι' ἧς ἔμελλον προνοεῖσθαι (δι)ὅτι πάντες εἰς πρόδηλον ὄλεθρον ἄγονται μετὰ τέκνων καὶ γυναικῶν (Políbio, *Histórias*, XXXVIII, 16, 1, tradução nossa).

*méros* e *kathólou*. No todo das partes conflitantes chamado *ecúmeno*, Roma, embora passe a exercer um poder excepcional, seria apenas uma das partes envolvidas. Em momento algum ela passaria a ser equivalente à completude desse espaço, como se a história de Roma, por si só, substituísse ou condensasse as demais, ainda que ela se entrecruzasse na medida em que intervém nas constituições políticas. Haveria mais categorias a serem abordadas no que diz respeito às qualificações da historiografia de Políbio como universal, mundial, global ou similares — como concomitâncias, paralelos, comparatismos etc. Entretanto, nos parece razoável afirmar que o núcleo que condiciona o uso destas seria formado pela dinâmica entre parte e todo nos termos ora expostos. O uso das categorias de "todo" e "parte" por Políbio em demais polêmicas historiográficas, entretanto, permitem ver objetivos pertinentes a serem analisados em particular. Afinal, há uma dimensão menos assertiva do que retórica cuja análise mediada pela categoria de polêmica historiográfica permite nuançar. É o que faremos no subcapítulo seguinte.

### 2.3 SERIA ÉFORO O PREDECESSOR DE UMA HISTORIOGRAFIA EM LARGA ESCALA?

Uma vez que Éforo é seguidamente referido como o primeiro historiador universal, e há uma passagem muito importante tomada nesse sentido nas *Histórias* de Políbio, convém algumas palavras sobre a vida e obra do autor. Em seguida, analisamos a polêmica entre ambos. Concluimos que o objetivo de Políbio com essa disputa era se alinhar a uma forma conhecida de se fazer história que, entretanto, carecia da conjunção dos acontecimentos da 140<sup>a</sup> olimpíada, i.e., do “entrelaçamento” (*symploké*) da própria história. Roma, por sua vez, não seria mais do que um dos agentes daquilo pelo qual Políbio reclama novidade.

Antes de entrar na famosa passagem sobre Éforo como predecessor de Políbio, convém situar o seu lugar na obra. Enquanto digressão que precede o tratamento da guerra entre Antíoco e Ptolomeu pela Cele-Síria, o autor demonstra um cuidado substancial com sua economia narrativa, dialogando diretamente com a audiência.

A fim de tornar a narrativa fácil de acompanhar e clara, consideramos que nada é mais necessário, nesta olimpíada, do que não misturar as ações entre si, e sim separá-las e dividi-las conforme possível (*mè symplékein allélais tàs práxeis, allà khōrízein kai diaireîn autàs kath' hóson esti dynatón*), até que, alcançando a olimpíada seguinte, comecemos a escrever ano a ano as ações contemporâneas. Uma vez que optamos por escrever sobre as ações em todo o mundo, e não apenas algumas, e elaboramos uma concepção de história maior do que a de nossos predecessores, por assim dizer, conforme já antes demonstramos (*epei gàr ou tiná, tà dè parà pāsi gegonóta gráphein proērémetha, kai skhedòn hōs eipeîn megístē tōn progegonótōn epibolē kekhrémetha tēs historías*), seria necessário que tivéssemos a maior providência quanto ao seu tratamento e organização (*prónoian kai tou kheirismoū kai tēs oikonomías*), a fim de que no detalhe e no todo a obra seja clara (*hína kai katà méros kai kathólou safēs tò sýntagma gínētai tēs pragmateías*). Por isso agora, depois de remontar um pouco nos reinados de Antíoco e de Ptolomeu, tentaremos definir inícios assentes e reconhecidos daquilo que será relatado, o que é absolutamente o mais necessário<sup>233</sup>.

Dois pontos importantes para a nossa argumentação são: (a) ao narrar os precedentes da guerra pela Cele-Síria, os eventos devem ser mostrados como desconexos e; (b) o duplo sentido ao qualificar a sua história como “maior” em relação aos predecessores. Em seguida, Políbio atenta, em mais um parágrafo, para o cuidado na preparação expositiva que deveria caracterizá-lo como em constante preocupação explicativa, assim como para o leitor, quem teria o dever de captar diligentemente o que se diz a fim de não se

<sup>233</sup>τὸ δ' εὐπαρακολούθητον καὶ σαφῆ γίνεσθαι τὴν διήγησιν οὐδὲν ἀναγκαιότερον ἐπὶ ταύτης τῆς ὀλυμπιάδος ἡγοῦμεθ' εἶναι τοῦ μὴ συμπλέκειν ἀλλήλαις τὰς πράξεις, ἀλλὰ χωρίζειν καὶ διαιρεῖν αὐτὰς καθ' ὅσον ἐστὶ δυνατόν, μέχρις ἂν ἐπὶ τὰς ἐξῆς ὀλυμπιάδας ἐλθόντες κατ' ἔτος ἀρξώμεθα γράφειν τὰς κατάλληλα γενομένας πράξεις. ἐπεὶ γὰρ οὐ τινά, τὰ δὲ παρὰ πᾶσι γεγονότα γράφειν προηρήμεθα, καὶ σχεδὸν ὡς εἰπεῖν μεγίστη τῶν προγεγονότων ἐπιβολῇ κεκρήμεθα τῆς ἱστορίας, καθάπερ καὶ πρότερόν που δεδηλώκαμεν, δεόν ἂν εἶη μεγίστην ἡμᾶς ποιεῖσθαι πρόνοιαν καὶ τοῦ χειρισμοῦ καὶ τῆς οἰκονομίας, ἵνα καὶ κατὰ μέρος καὶ καθόλου σαφὲς τὸ σύνταγμα γίνηται τῆς πραγματείας. διὸ καὶ νῦν βραχὺ προσαναδραμόντες περὶ τῆς Ἀντιόχου καὶ Πτολεμαίου βασιλείας πειρασόμεθα λαμβάνειν ἀρχὰς ὁμολογουμένας καὶ γνωριζόμενας περὶ τῶν λέγεσθαι μελλόντων, ὅπερ ἐστὶ πάντων ἀναγκαιότατον (Políbio, *Histórias*, V, 31, 4-8, tradução B. B. Sebastiani).

deixar enganar (V, 32; outrora, também III, 31, 21). Nesta digressão — possivelmente em função de distinguir a guerra social, relatada anteriormente, da guerra pela Cele-Síria, iniciando na sequência —, chega-se à passagem que tanta discussão suscita quanto à existência de um gênero de história universal o qual teria sido reconhecido por Políbio.

Não ignoro, contudo, que muitos outros escritores emitiram opinião idêntica à minha, afirmando que escreveram sobre tudo e se devotaram a obra maior do que a de seus predecessores (*pháskontes tà kathólou gráfein kai megístēn tōn progēgonótōn apibēblēsthai pragmateíān*). A respeito disso, pondo de lado Éforo, o primeiro e único a devotar-se a escrever a respeito de tudo (*tōn prōton kai mónon epibēblēmēnon tà kathólou gráphein*), renunciarei a mencionar o nome de algum outro e a me estender exceto no seguinte (*tò mēn pleiō légein ē mnēmoneúein tinōs tōn állōn ep' onómatos parēsō, mékhri dé toutou mnēsthēsomai*), que muitos dos escritores de história nossos contemporâneos, que nos explicam em três ou quatro páginas a guerra entre romanos e cartagineses, afirmam escrever sobre tudo. Contudo, que muitas e grandiosas ações outrora se realizaram na Ibéria, na África, na Sicília e na Itália; que a guerra de Aníbal foi a mais notável e duradoura depois da pela Sicília, e que todos fomos forçados a prestar atenção a ela por sua grandiosidade, receosos de seus resultados e desdobramentos, quem é tão obtuso que não o sabe? Mas alguns dos que trataram disso nem sequer mencionam particularidades cronológicas como os cidadãos que o fazem em pedra, mas afirmam ter abarcado as ações da Grécia e dos bárbaros (*katà tēn Elláda kai bárbaron perieilēphēnai práxeis*). Isso ocorre porque é demasiado fácil arrogar-se as maiores obras com palavras, mas bem o contrário alcançar excelência pelos atos. O primeiro é corrente e, por assim dizer, comum a todos que forem capazes tão somente de bravatear; o segundo é muito raro e advém raras vezes na vida. Optei por dizer isso em razão da jactância dos que se orgulham de si mesmos e de suas próprias obras, mas retorno ao início de meu plano<sup>234</sup>.

<sup>234</sup>Καίτοι γ' οὐκ ἀγνοῶ διότι καὶ πλείους ἕτεροι τῶν συγγραφέων τὴν αὐτὴν ἔμοι προεῖνται φωνήν, φάσκοντες τὰ καθόλου γράφειν καὶ μεγίστην τῶν προγεγονότων ἐπιβεβλησθαι πραγματείαν· περὶ ὧν ἐγώ, παραιτησάμενος Ἔφορον τὸν πρῶτον καὶ μόνον ἐπιβεβλημένον τὰ καθόλου γράφειν, τὸ μὲν πλείω λέγειν ἢ μνημονεύειν τινὸς τῶν ἄλλων ἐπ' ὀνόματος παρήσω, μέχρι δὲ τούτου μνησθήσομαι, διότι τῶν καθ' ἡμᾶς τινες γραφόντων ἱστορίαν ἐν τρισὶν ἢ τέτταρσιν ἐξηγησάμενοι σελίσιν ἡμῖν τὸν Ῥωμαίων καὶ Καρχηδονίων πόλεμον φασὶ τὰ καθόλου γράφειν. καίτοι διότι πλείσται μὲν καὶ μέγισται τότε περὶ τε τὴν Ἰβηρίαν καὶ Λιβύην, ἔτι δὲ τὴν Σικελίαν καὶ Ἰταλίαν ἐπετελέσθησαν πράξεις, ἐπιφανέστατος δὲ καὶ πολυχρονιώτατος ὁ κατ' Ἀννίβαν πόλεμος γέγονε πλὴν τοῦ περὶ Σικελίαν, πάντες δ' ἠναγκάσθημεν πρὸς αὐτὸν ἀποβλέπειν διὰ τὸ μέγεθος, δεδιότες τὴν συντέλειαν τῶν ἀποβησομένων, τίς οὕτως ἐστὶν ἀδαῆς ὃς οὐκ οἶδεν; ἀλλ' ἔνιοι τῶν πραγματευομένων οὐδ' ἐφ' ὅσον οἱ τὰ κατὰ καιροὺς ἐν ταῖς χρονογραφίαις ὑπομνηματιζόμενοι πολιτικῶς εἰς τοὺς τοίχους, οὐδ' ἐπὶ τοσοῦτο μνησθέντες, πάσας φασὶ τὰς κατὰ τὴν Ἑλλάδα καὶ βάρβαρον περιειληφέναι πράξεις. τοῦτο δ' ἐστὶν αἴτιον, ὅτι τὸ μὲν τῷ λόγῳ τῶν μεγίστων ἔργων ἀντιποιήσασθαι τελείως ἐστὶ ῥᾶδιον, τὸ δὲ τοῖς πράγμασιν ἐφικέσθαι τινὸς τῶν καλῶν οὐκ εὐμαρές. διὸ καὶ τὸ μὲν ἐν μέσῳ κεῖται καὶ πᾶσι κοινὸν ὡς ἔπος εἰπεῖν τοῖς μόνον τολμᾶν δυναμένοις ὑπάρχει, τὸ δὲ καὶ λίαν ἐστὶ σπάνιον καὶ

Ao menos em parte, não há dúvida de que, mais uma vez, Políbio procura convencer sua audiência a persistir na leitura (III, 32, 1). Afinal — e então chegamos na crítica da presente passagem —, haveria mais pessoas advogando para si a capacidade de escrever em poucas páginas sobre os mais importantes acontecimentos dos últimos anos. Tal conhecimento poderia ser, de fato, decisivo em situações políticas; não faltariam razões para que Políbio levasse esse assunto a sério. E com intuito de ser recepcionado com seriedade, ele tempera o seu discurso, sendo ora propositivo, ora assertivo. Uma outra interpretação para a frase que menciona Éforo — seguindo algumas sugestões de Gavin Weaire<sup>235</sup> —, seria “com o perdão de Éforo, o primeiro e único a ter pretendido escrever sobre o todo, eu me abstenho de dizer mais ou lembrar do nome de outrem. Mas eu lembrarei do seguinte”, para então denunciar aqueles que não fazem mais do que espécies de resumos sobre eventos chamativos. A ambiguidade em “maior”, assim, implica tanto uma aceção mais lúdica da extensão dos livros, quanto uma aceção qualitativa da obra, i.e., a sua importância. Não bastaria narrar muito; haveria de se narrar os acontecimentos mais importantes de todo o ecúmeno.

Convém deixar em suspenso a questão da separação dos eventos até a 140<sup>a</sup> Olimpíada para entendermos o que Políbio pretendia ao dizer que Éforo teria sido o primeiro e único a escrever uma história assim. Pois o assunto da economia narrativa adequada a feitos interatuantes, faz com que a audiência de Políbio associe-o a Éforo, um historiador pouco acessível ao público brasileiro e de língua portuguesa<sup>236</sup>.

Quando falamos de economia nas *Histórias* de Éforo, nos referimos a duas aceções indissociáveis: economia narrativa e economia de histórias das

---

σπανίοις συνεξέδραμε κατὰ τὸν βίον. ταῦτα μὲν οὖν προήχθην εἰπεῖν χάριν τῆς ἀλαζονείας τῶν ὑπερηφανούντων ἑαυτοὺς καὶ τὰς ἰδίας πραγματείας· ἐπὶ δὲ τὴν ἀρχὴν ἐπάνεμι τῆς ἑμαυτοῦ προθέσεως (Políbio, *Histórias*, V, 33, tradução de B. B. Sebastiani).

<sup>235</sup>WEAIRE, Gavin. Revisiting τὰ καθόλου and κατὰ μέρος in Polybius. *Classical Philology*, Chicago, v. 115, p. 26-44, 2021, p. 39.

<sup>236</sup>Não nos é conhecida nenhuma pesquisa dedicada a Éforo de Cime em língua portuguesa. Mesmo enquanto fonte secundária, os seus *fragmenta* e *testimonia* continuam pouquíssimo usados.

coisas mesmas interagindo no mundo. Orientando a sua investigação por meio dessa categoria, Éforo se interessa por “avizinhar os eventos e representá-los [...] em recíproca interação, real ou possível”<sup>237</sup>. Nos fragmentos abaixo, é possível ter uma noção dessa historiografia que era conhecida por Políbio e sua audiência.

A primeira faz referência aos acontecimentos gregos e persas, especificamente o caso de corte que desempenharia um papel importante nos rumos da política de ambos.

[Éforo] Diz, pois, no Livro XVII, que Ciro e os lacedemônios preparavam juntos em segredo a guerra contra o irmão de Artaxerxes, e Alcibiades, informado de algum plano de Ciro, buscou Farnabazo e lho descreveu em detalhes, pedindo que lhe fosse concedida a abertura de uma expedição contra Artaxerxes: desejava, por certo, ser o primeiro a revelar ao rei o que se tramava contra ele<sup>238</sup>.

O jogo de pretensões e contatos reais entre uma comunidade grega, ora referida como os lacedemônios, uma personalidade grega e três persas, busca nuançar os espaços de ação política entre uma hegemonia regional e o império asiático. As relações greco-persas já eram historiadas anteriormente. Convém notar aqui o modo como Éforo conjuga as interações de modo particularmente sintético. Essa constância da sua obra pode ser também observada no trecho seguinte:

Os atenienses, antes que Dionísio e os lacedemônios se unissem, enviaram um estratego de nome \* com mais navios contra os trirremes de Dionísio e um outro de nome \* contra os lacedemônios, tomou toda a frota de Dionísio e venceu os lacedemônios em Lêucadi<sup>239</sup>.

<sup>237</sup>PARMEGGIANI, Giovanni. **Eforo di Cuma**: Studi di storiografia greca. Bolonha: Pàtron Editore, 2011, p. 179.

<sup>238</sup>φησί γὰρ κατὰ τὴν ἑπτακαιδεκάτην βίβλον Κύρον μὲν καὶ Λακεδαιμονίου λάθραι παρασκευάζεσθαι ἅμα πολεμεῖν πρὸς Ἀρταξέρξην τὸν ἀδελφόν, Ἀλκιβιάδην δὲ διὰ τινων αἰσθόμενον τὴν Κύρου προαίρεσιν ἔλθειν πρὸς Φαρνάβαζον καὶ περὶ τούτων ἐξηγήσασθαι κατὰ μέρος, ἀξιῶσαι δὲ αὐτὸν δοῦναι ἀναβάσεως ὁδὸν πρὸς Ἀρταξέρξην· βούλεσθαι γὰρ ἐμφανίσει πρῶτον τὴν ἐπιβουλὴν τῷ βασιλεῖ (F 70 = Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, XIV 11, 2, tradução nossa).

<sup>239</sup>Ἀθηναῖοι δὲ, πρὶν Διονύσιον καὶ Λακεδαιμονίου συμμίξει ἀλλήλοισι, πέμπαντες στρατηγὸν ὄνομα \* μετὰ πλείστων νεῶν πρὸς τὰς Διονυσίου τριήρεις καὶ ἕτερον ὄνομα \* πρὸς Λακεδαιμονίου εἶλον μὲν πᾶν τὸ Διονυσίου ναυτικόν, κατεπολέμησαν δὲ Λακεδαιμονίου ἐπὶ Λευκάδι (F 211 = Scholia in Aelium Aristides, *Panathenaicus*, 313, tradução nossa).

Apesar de carecermos dos nomes devido à lacuna textual, é possível notar a ênfase nas interações entre o tirano da Sicília, Dionísio, os lacedemônios e os atenienses em conflito. O escopo, entretanto, não se limitaria ao Mediterrâneo, como mostra o próximo fragmento.

Pois Éforo historia que, preparando Xerxes a expedição contra a Grécia, convocaram para estar na ocasião Gelão, o tirano, suplicando-lhe para vir reunir-se com os gregos; os persas e os fenícios convocaram os cartagineses a juntarem-se, ordenando-lhes avançar contra a Sicília com o maior exército possível a fim de assujeitar aqueles que se alinhavam com os helenos, e de navegar contra o Peloponeso. Feitos os acordos entre as partes, desejaram que lerão se aliasse com os helenos. Dispostos os cartagineses a cooperarem com Xerxes, Gelão — que havia preparado um exército de duzentos navios, dois mil cavaleiros e dez mil soldados — soube que um exército dos cartagineses circum-navegava a Sicília: combateu-os ardorosamente e não só libertou os siceliotas, como toda a Grécia<sup>240</sup>.

Neste último fragmento, destaco como a economia éforana permitiu ver o engendramento das ações cartaginesas, persas, siceliotas e peloponésias, comprometendo mutuamente a região central do Mediterrâneo e os bálcãs. O uso da categoria de economia, enfim, faz com que histórias interatuantes sejam adequadamente representadas no texto. Segundo Políbio, Éforo conquistaria a credibilidade da audiência pela pertinência das suas reflexões nas digressões (*parékbasis*) (XII, 28, 20). Políbio mesmo declara sistematizar as suas digressões, retornando ao plano inicial, com o objetivo de expor adequadamente “os lugares mais deslumbrantes do ecúmeno e as ações [as quais se deram] neles, em uma só aproximação, sempre conforme seu lugar no intervalo, e novamente narrando as ações concomitantes” (XXXVIII, 6, 4-5,

<sup>240</sup>ιστορεῖ γὰρ Ἔφορος τοιοῦτον, ὅτι παρασκευαζομένου Ξέρξου τὸν ἐπὶ τῇ Ἑλλάδι στόλον, πρέσβεις παραγενέσθαι πρὸς Γέλωνα τὸν τύραννον ἰκετεύοντας εἰς τὸν τῶν Ἑλλήνων σύλλογον ἔλθειν· ἐκ δὲ Περσῶν καὶ Φοινίκων πρέσβεις πρὸς Καρχηδονίου προστάσσοντας ὡς πλεῖστον δέοι στόλον εἰς Σικελίαν βαδίζειν <καὶ> καταστρεψαμένους τοὺς τὰ τῶν Ἑλλήνων φρονούντας πλεῖν ἐπὶ Πελοπόννησον. ἀμφοτέρων δὲ τὸν λόγον δεξαμένων καὶ τοῦ μὲν Ἰέρωνος συμμαχῆσαι τοῖς Ἑλλησι προθυμουμένου, τῶν δὲ Καρχηδονίων ἐτοιμῶν ὄντων συμπράξαι τῷ Ξέρξει, Γέλωνα διακοσίας εὐτρεπίσαντα ναῦς καὶ δισχιλίους ἵππεῖς καὶ πεζοὺς μυρίους κατακοῦσαι στόλον Καρχηδονίων καταπλεῖν ἐπὶ Σικελίαν, καὶ διαμαχησάμενον μὴ μόνον τοὺς Σικελιώτας ἐλευθερῶσαι, ἀλλὰ καὶ σύμψασαν τὴν Ἑλλάδα (F 186, Éforo, *Histórias*, tradução nossa). Essa imagem positivada de Gelão seria combatida por Timeu de Tauromênio, como veremos no 3.1.



tradução nossa). O aspecto de grandeza dos feitos narrados e de economia narrativa, desse modo, se alinham quando aproximamos Políbio e Éforo.

O trabalho narrativo, como dissemos, precisa elaborar uma imagem razoável dos acontecimentos mesmos. Com o objetivo de apreender diversas regiões na medida em que o horizonte grego se ampliava, algumas reflexões sobre método foram desenvolvidas. Acusando Timeu de não ter buscado informações mais precisas sobre lugares,

tudo aquilo que concerne a parte das interrogações orais foi completamente negligenciado por ele: eis que é a parte principal da história. Pois, desde que as ações se consumam simultaneamente em muitos lugares, torna-se impossível presenciá-las todas no mesmo momento, assim como não é possível a um só converter-se em testemunha ocular de todos os locais do ecúmeno e de suas particularidades, o que resta é inquirir um grande número de pessoas, acreditar nos dignos de credibilidade, e discernir das informações recolhidas aquilo que não for ruim<sup>241</sup>.

Tal método se encontra em continuidade com Éforo que, provavelmente não obtendo mobilidade tal qual a de Políbio, pode ter desenvolvido ainda mais a capacidade de discernimento acerca da informação, testemunha ou historiador que se faria digno de credibilidade. Isso se dava — como começa a crítica de Políbio a Timeu no contexto do trecho citado — na desconfiança com que Éforo interpretava escritos de historiadores que lidavam com acontecimentos muito antigos:

[...] pois, sobre os acontecimentos contemporâneos a nós, temos como os de maior credibilidade os que falam com a maior exatidão, enquanto aqueles que contam assim detalhadamente os [acontecimentos] remotos, pensamos ser os menos persuasivos, considerando que nem as ações todas nem os discursos longos são razoavelmente trazidos à memória desse modo<sup>242</sup>.

<sup>241</sup>καθόλου διότι τὸ περὶ τὰς ἀνακρίσεις μέρος ἐπισέσσυρται παρ' αὐτῷ τελῶς· ὅπερ ἐστὶ κυριώτατον τῆς ἱστορίας. ἐπειδὴ γὰρ αἱ μὲν πράξεις ἅμα πολλαχῆ συντελοῦνται, παρεῖναι δὲ τὸν αὐτὸν ἐν πλείοσι τόποις κατὰ τὸν αὐτὸν καιρὸν ἀδύνατον, ὁμοίως γε μὴν οὐδ' αὐτόπτην γενέσθαι πάντων τῶν κατὰ τὴν οἰκουμένην τόπων καὶ τῶν ἐν τοῖς τόποις ἰδιωμάτων τὸν ἕνα δυνατόν, καταλείπεται πυνθάνεσθαι μὲν ὡς παρὰ πλείστων, πιστεύειν δὲ τοῖς ἀξίοις πίστεως, κριτὴν δ' εἶναι τῶν προσπιπτόντων μὴ κακόν (Políbio, *Histórias*, XII, 4c, 2-5, tradução nossa).

<sup>242</sup><<περὶ μὲν γὰρ τῶν καθ' ἡμᾶς γεγενημένων>> φησί <<τοὺς ἀκριβέστατα λέγοντας πιστοτάτους ἡγούμεθα, περὶ δὲ τῶν παλαιῶν τοὺς οὕτω διεξιόντας ἀπιθανωτάτους εἶναι νομίζομεν, ὑπολαμβάνοντες οὔτε τὰς πράξεις ἀπάσας οὔτε τῶν λόγων τοὺς πλείστους εἰκὸς

A novidade geográfica de Políbio estava a oeste do Mar Egeu<sup>243</sup>, e ele teve a chance de examinar localidades e inquirir pessoas que estavam em circulação nessa direção. A expressão *thálassa hēmôn*, frequentemente usada por Políbio (I, 3, 9; III, 37, 6-10; IV, 42, 3; XVI, 29, 6; XXIX, 9; XXXIV, 8, 6; XXXIX, 4), não seria um indicativo de romanização, uma vez que já se usava a expressão em língua grega anteriormente à latina *Mare Nostrum*<sup>244</sup>. Além disso, como temos argumentado, o horizonte de Políbio é substancialmente helenístico, e mesmo o seu modo de pensar o oeste mediterrânico dá-se nesses termos.

Se Políbio se associa a Éforo como um sucessor na economia narrativa, podemos entender que, quando se referia a ele como “primeiro e único”, Políbio criava um debate que reivindicava respeito da parte da audiência e os demais historiadores que ela pudesse conhecer — dentre eles, como vimos, Éforo. Ao mesmo tempo, entretanto, essa estratégia permitiria Políbio a se apresentar como diferente. Isso faz com que retomemos a questão da separação dos eventos na 140<sup>a</sup> Olimpíada, mencionada anteriormente (V, 31, 4-7). Afinal, é pela insistência na não mistura ou entrelaçamento das ações (*mè symplokein allélais tàs práxeis*) que a novidade da sua obra poderia ser destacada de modo mais incisivo com relação à de seu predecessor. Além disso, os próprios acontecimentos legitimariam as palavras do autor, que defende terem ocorrido somente a partir do referido período.

O momento em que ações na Líbia, Sicília, Itália, Egito, Ásia, Macedônia e Grécia teriam se tornado indissociáveis é significado por Políbio pela palavra *symploké*. Muito se tem dito sobre o assunto nos últimos anos. No entanto, para o nosso objetivo, é importante esclarecer como esse pode ter sido um modo do autor diferenciar-se de seu predecessor.

---

εἶναι μνημονεύεσθαι διὰ τοσούτων.»> (Éforo, FGrHist F 9, tradução nossa).

<sup>243</sup>ANDREOTTI, Gonzalo Cruz. Geografía e historiografía clásica: el ejemplo de Polibio. **Revista de Historiografía**, Madrid, n. 1, p. 60-70, 2004, p. 65.

<sup>244</sup>LEONI, Álvaro Moreno. Polibio, el mundo helenístico y la problemática cultural: algunas líneas de reflexión em los últimos veinte años. **De Rebus Antiquis**, Buenos Aires, Año II, n. 02, p. 123-151, 2012, p. 137-138.

Políbio (*Histórias*, I, 3, 1-2) se posiciona como sucessor de Arato de Sicíone, cuja obra teria como conclusão a conjugação do fim da guerra social, a guerra pela Cele-Síria e a segunda guerra púnica. Só então vem a exposição do acontecimento da 140<sup>a</sup> Olimpíada que marcaria o início em que ele se compromete a “narrar com demonstração” (III, 3, 1, 3).

Antes dessa época, os eventos do mundo estavam, por assim dizer, desconexos (*sporádas*), pois cada fato era distinto por seu início, conclusão e localização. A partir de então, porém, a História se tornou como que um corpo único: os fatos da Itália e da África se coligaram (*symplékesthai*) aos da Ásia e da Grécia, e todos convergiram para um único fim<sup>245</sup>.

Após a “preparação” (*prokataskeuē*) dos dois primeiros livros, chegaria o primeiro momento em que o autor, com maior autonomia relativa aos antecessores, demonstraria (*apódeixis*) a sua investigação. Durante os livros III e IV, ter-se-ia discutido as causas da segunda guerra púnica, a guerra social na Grécia e mais conflitos envolvendo o reino antigônida. Já que “as guerras na Itália, na Grécia e na Ásia tiveram inícios distintos mas finais comuns, decidimos também narrá-las distintamente, até chegarmos essa ocasião em que as mencionadas ações se conectaram (*synepláskēsan*) mutuamente e começaram a se referir a um único fim”<sup>246</sup>. Do uso verbal ao uso nominal, a “conexão (*symploké*) dessas ações ocorreu pelo final da guerra, durante o terceiro ano da 140<sup>a</sup> olimpíada”<sup>247</sup>, ou seja, entre os anos de 218-217 A.E.C.

<sup>245</sup> ἐν μὲν οὖν τοῖς πρὸ τούτων χρόνοις ὡσανεὶ σποράδας εἶναι συνέβαινε τὰς τῆς οἰκουμένης πράξεις (διὰ τὸ καὶ (κατὰ) τὰς ἐπιβολάς, (ἔτι) δὲ (καὶ τὰς) συντελείας αὐτῶν ὁμοίως δὲ) καὶ κατὰ το(ύς τόπους διαφέρ)ειν ἕκαστα (τῶν πεπραγμ)ένων. ἀπὸ δὲ τούτων τῶν καιρῶν οἰοεὶ σωματοειδῆ συμβαίνει γίνεσθαι τὴν ἱστορίαν, συμπλέκεσθαί τε τὰς Ἰταλικὰς καὶ Λιβυκὰς πράξεις ταῖς τε κατὰ τὴν Ἀσίαν καὶ ταῖς Ἑλληνικαῖς καὶ πρὸς ἓν γίνεσθαι τέλος τὴν ἀναφορὰν ἀπάντων (Políbio, *Histórias*, I, 3, 3-4, tradução B. B. Sebastiani). Sobre a noção de *sōmatoeidēs* enquanto senso de “unidade de uma obra escrita”, apropriada da teoria literária helenística por Políbio, ver WALBANK, Frank William. *Symploke: It's Role in Polybius' Histories*. In: KAGAN, Donald. **Studies in the Greek Historians**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 197-212, 1975, p. 199.

<sup>246</sup> τὰ τε κατὰ τὴν Ἰταλίαν καὶ κατὰ τὴν Ἑλλάδα καὶ κατὰ τὴν Ἀσίαν τὰς μὲν ἀρχὰς τῶν πολέμων τούτων ἰδίας εἰλήφει, τὰς δὲ συντελείας κοινάς, καὶ τὴν ἐξήγησιν περὶ αὐτῶν ἐκρίναμεν ποιήσασθαι κατ' ἰδίαν, ἕως ἂν ἐπὶ τὸν καιρὸν ἔλθωμεν τοῦτον ἐν ᾧ συνεπλάκησαν αἱ προειρημέναι πράξεις ἀλλήλαις καὶ πρὸς ἓν τέλος ἤρξαντο τὴν ἀναφορὰν ἔχειν (Políbio, *Histórias*, IV, 28, 3, tradução de B. B. Sebastiani).

<sup>247</sup> ἐγένετο δ' ἡ συμπλοκὴ τῶν πράξεων περὶ τὴν τοῦ πολέμου συντέλειαν κατὰ τὸ τρίτον ἔτος τῆς ἑκατοστῆς καὶ τετρακακοστῆς ὀλυμπιάδος (Políbio, *Histórias*, IV, 28, 5, tradução de B. B.

No Livro V, a guerra pela Cele-Síria entre Antíoco e Ptolomeu vem integrar-se aos demais acontecimentos, ao passo em que Roma começa a ser sentida como uma força decisiva na política grega e chama a atenção antigônida — “nós, conforme a promessa original, demonstramos claramente, penso, quando, como e por que causas as ações na Grécia se combinaram com as na Itália e na África”<sup>248</sup>.

Assim as palavras passam a expressar linguisticamente o sentido dessa experiência. Ela é, entretanto, um processo que encontra conclusão dentro da própria obra. Ela teria iniciado na Conferência de Naupactus em 217 (III, 32, 2-3) e finalizado em 167 A.E.C., com o desfecho da terceira guerra macedônica (XXIX, 14-18). Esse acontecimento representou uma mudança séria na rede macedônica, sobretudo para a região do Mar Egeu, onde a dinastia antigônida se fazia mutuamente dependente das cidades e confederações gregas<sup>249</sup>. As relações entre cartagineses, gregos, siceliotas e itálicos não eram estranhas a Éforo. Em última instância, as *Histórias* de Éforo surgiam daquilo que era considerado candente na época: o contexto político grego-bárbaro nos anos sessenta do século IV A.E.C., marcado pela crise de Esparta, pelo crescimento da Macedônia e pelas novas coligações de forças que daí se formavam<sup>250</sup>. Mas um mundo que, ao contrário de ver o crescimento da Macedônia pela dinastia argéada, presencia a sua desestruturação com a dinastia antigônida, revela a conclusão de um período histórico.

Consoante ao que argumentamos, a visão de conjunto ou sinopse seria o produto de uma narrativa que buscasse apreender a completude dos feitos — expor uma *koiné kai katholiké historia* —, sendo o espaço objetivado aquele que se forma em múltiplos conflitos e ambições. Tal visão de conjunto prometeria conhecimento seguro à audiência e, por consequência, capacidade de juízo sobre o acontecido e sobre o que se deve fazer na atual circunstância.

---

Sebastiani).

<sup>248</sup> ἡμεῖς δ' ἐπειδὴ κατὰ τὴν ἐξ ἀρχῆς ὑπόσχεσιν σαφῶς, οἶμαι, δεδείχαμεν πότε καὶ πῶς καὶ δι' ἃς αἰτίας αἱ κατὰ τὴν Ἑλλάδα πράξεις συνεπλάκησαν ταῖς Ἰταλικαῖς καὶ Λιβυκαῖς (Políbio, *Histórias*, V, 105, 9, tradução de B. B. Sebastiani).

<sup>249</sup> Como abordado no subcapítulo 1.3.

<sup>250</sup> PARMEGGIANI, Giovanni. **Eforo di Cuma**: Studi di storiografia greca. Bolonha: Pàtron Editore, 2011, p. 726.

Por ventura, então, as exposições preliminares sobre todas as olimpíadas trazem os leitores à introdução, tanto devido à numerosidade quanto à grandeza dos acontecimentos, como que sob uma sinopse (*sýnopsin*) teriam trazido para si os feitos de todo o ecúmeno: mas os que se deram, sobretudo, durante esta olimpíada<sup>251</sup>, penso que os leitores virão a observar com a mesma atenção, primeiramente, porque durante os anos de conflitos sobre a Itália e a Líbia durante esses tempos vieram a alcançar a consumação: quem não desejaria historiar qual revés e qual fim tiveram? Pois, naturalmente, todas as pessoas, caso admitissem inteiramente os feitos e discursos em detalhes, igualmente o fim de cada um ansiariam aprender: com eles, no decorrer desse período, vêm a se tornar mais nítidas as intenções dos reis: eis porquanto falou-se sobre esses por primeiro, quando ficou claramente entendido entre todos, inclusive entre aqueles que não tinham absolutamente nenhuma inclinação à investigação. Por isso, desejando elaborar narração conforme ao valor dos feitos, não nos ocuparemos dos pormenores das ações advindas dos dois anos em um livro, conforme apresentamos nos [livros] anteriores<sup>252</sup>.

Embora a palavra *sýnopsis* seja de uso mais restrito, a *symploké*, dentre suas muitas conotações, pode ter sido escolhida pelo seu ar filosófico, desde que era frequentemente usada entre os chamados atomistas, como Leucipo e Demócrito, a fim de significar “a combinação dos elementos”<sup>253</sup>. Para a nossa proposta, ao circunscrever temporal e espacialmente um fenômeno, vemos a *symploké* também assim usada como argumento para identificar a distinção da obra de Políbio com relação a todas as antecessoras: dado que não teriam existido as condições para que eventos de espaços diversos se conjugassem de tal modo, não teria existido nenhuma historiografia capaz de pensar sobre

<sup>251</sup>A 144<sup>a</sup> olimpíada, ocorrida entre os anos de 204 e 201 A.E.C.

<sup>252</sup>Ἴσως μὲν οὖν ἐπὶ πάσαις ταῖς ὀλυμπιάσιν αἱ προεκθέσεις τῶν πράξεων εἰς ἐπίστασιν ἄγουσι τοὺς ἐντυγχάνοντας καὶ διὰ τὸ πλῆθος καὶ διὰ τὸ μέγεθος τῶν γεγονότων, ὡς ἂν ὑπὸ μίαν σύνοψιν ἀγομένων τῶν ἐξ ὅλης τῆς οἰκουμένης ἔργων· οὐ μὴν (ἀλλὰ) τὰ κατὰ ταύτην τὴν ὀλυμπιάδα μάλιστα νομίζω συνεπιστήσειν τοὺς ἀναγινώσκοντας διὰ τὸ πρῶτον μὲν τοὺς κατὰ τὴν Ἰταλίαν καὶ Λιβύην πολέμους ἐν τούτοις τοῖς χρόνοις εἰληφέναι τὴν συντέλειαν· ὑπὲρ ὧν τίς οὐκ ἂν ἱστορῆσαι βουλευθεῖη ποία τις ἢ καταστροφή καὶ τί τὸ τέλος αὐτῶν ἐγένετο; φύσει γὰρ πάντες ἄνθρωποι, κἂν ὀλοσχερῶς (παρα)δέχωνται τὰ κατὰ μέρος ἔργα καὶ λόγους, ὅμως ἐκάστων τὸ τέλος ἰμείρουσι μαθεῖν· πρὸς δὲ τούτοις συμβαίνει καὶ τὰς προαιρέσεις τῶν βασιλέων ἐκφανεστάτας γεγονέναι κατὰ τοὺς αὐτοὺς χρόνους· ἃ γὰρ πρότερον ἐλέγετο περὶ αὐτῶν, τότε σαφῶς ἐπεγνώσθη πάντα παρὰ πᾶσι καὶ τοῖς μὴδ' ὅλως ἐθέλουσι πολυπραγμονεῖν. διὸ καὶ βουλόμενοι κατ' ἀξίαν τῶν ἔργων ποιήσασθαι τὴν ἐξήγησιν, οὐ τὰς ἐκ τῶν δυεῖν ἐτῶν πράξεις κατατετάχαμεν εἰς μίαν βύβλον, καθάπερ ἐν τοῖς πρὸ τούτων ἀποδεδώκαμεν (Políbio, *Histórias*, XIV, 1a, tradução nossa).

<sup>253</sup>PÉDECH, Pédech. *La méthode historique de Polybe*. Paris: Les Belles Lettres, 1964, p. 507.

os modos de interações de comunidades cívicas (*koiné*) e constituições (*politeía*) entre eles (III, 4, 6). Políbio, assim, sugere um olhar particular, historicamente justificado<sup>254</sup>, sobre as historiografias precedentes: pode-se avaliá-las na medida em que elas tornam-se úteis para a compreensão de tal constituição conflitiva do ecúmeno. A falta da apreensão intelectual de tal processo em toda a sua amplitude impossibilitaria a ação política em qualquer uma das partes.

Vimos a intencionalidade do uso ambíguo de “grande” para se referir à própria obra histórica — tanto a acepção de material extenso quanto de obra importante —, e como Políbio usa-o para qualificar a sua própria composição. Identificando similaridades com relação a Éforo, pudemos compreender com o autor buscou se apresentar como novo diante de historiografias que já se preocupavam em apreender e representar ações interatuantes em lugares diversos: foi com a apresentação do seu conceito de *symploké*, o qual daria sentido a uma experiência única. Frente ao novo estado-de-coisas, Políbio argumenta que somente uma narrativa preocupada em prover uma visão sinóptica (*synopsis*) poderia criar uma imagem razoável das novas interações entre as comunidades cívicas, mais uma vez se diferenciando de Éforo. Roma seria um desses agentes. Falta, no entanto, compreendermos, de forma mais nuançada, como e por que Políbio teria entrado em polêmica com historiadores que teriam escrito sobre o passado romano. É o que faremos no capítulo seguinte.

---

<sup>254</sup>As condições materiais referentes ao maior e melhor espaço de circulação, primeiro no tempo de Alexandre III da Macedônia, depois com a aliança romana, já haviam sido relevados em III, 58.

### **CAPÍTULO III**

#### **A OIKOUMÉNĒ NA POLÊMICA COM TIMEU: UMA DEFINIÇÃO DE HISTÓRIA ECUMÊNICA**

Tendo chegado a uma compreensão do modo como Políbio pensa história das partes ao todo, e de como ele pretende construir uma imagem clara e integrada das comunidades cívicas do mundo helenístico, o objetivo deste capítulo é compreender como Políbio situa o conceito de ecúmeno nessa constelação conceitual. A polêmica contra um de seus predecessores chamado Timeu de Tauromênio deixa ver com maior clareza tal movimento. Portanto, em primeiro lugar, devido ao alcance da controvérsia entre Timeu e Políbio na bibliografia, procuramos identificar algumas das linhas gerais que caracterizam a vida e obra do tauromenita. Considerando o seu foco em defender um passado da Sicília e do sul da Itália desfavorável ao governo de Agátocles e o modo como tal passado era percebido no entorno de Políbio, analisamos a polêmica entre ambos na obra historiográfica do último. O objetivo principal de Políbio, segundo a nossa interpretação, era estabelecer uma perspectiva ecumênica como critério que sobrepusesse todos os demais na escrita da história. Com esse argumento historiográfico, Políbio simultaneamente alinhava os seus objetivos políticos.

##### **3.1 TIMEU DE TAUROMÊNIO PARA ALÉM DA SOMBRA DE POLÍBIO**

A polêmica entre Políbio e Timeu tem sido a mais comentada, talvez por ser a mais explícita e extensa daquilo que nos restou das *Histórias*. Enquanto historiador que também teria escrito sobre a Itália em grego e a partir da Grécia, entende-se, frequentemente, que a razão pela qual Políbio teria polemizado com ele seria unicamente a de se sobrepor como historiador de

Roma. Devido a tais controvérsias, convém distinguir, ainda que de modo introdutório, a vida e obra de Timeu de Tauromênio por meio de mais olhares para, enfim, compreendermos melhor a polêmica com Políbio.

Especialmente entre leitores brasileiros e de língua portuguesa, a historiografia de Timeu passa a ser conhecida, senão pela leitura de Políbio, pelo famoso livro de Arnaldo Momigliano derivado das suas brilhantes *Sather Lectures*, intitulado *As raízes clássicas da historiografia moderna*<sup>255</sup>. O olhar aguçado de Momigliano, não obstante, transmite a ideia de que a obra de Timeu teria sido uma história de Roma — assim como defende a criação da história nacional de Roma por Fábio Píctor, o que nos parece suficientemente debatido por Juliana Bastos Marques, quem defende que a escrita de Píctor se

---

<sup>255</sup>Isto, é claro, para leitores não especializados. Faz-se indispensável a perspectiva de BARBO, Daniel. A polêmica do Livro XII de Políbio e os tempos históricos. In: SEBASTIANI, Breno Battistin; RODRIGUES JR., Fernando; COSTA e SILVA, Bárbara da (orgs.). **Problemas de historiografia helenística**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, 121-138, p. 129, para quem a análise da polêmica entre Políbio e Timeu teria que começar por situar cada qual em seu tempo histórico, para, então, reconstituir a particularidade de seus métodos historiográficos. Não menos importante, SEBASTIANI, Breno B. Políbio contra Timeu, ou o direito de criticar. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**, n. 2, p. 6-25, 2008, identifica o intuito de Políbio em persuadir a audiência de que o modo como ele alia epistemologia histórica e prática política seria muito mais útil do que como seu predecessor o faz. Outrora, SEBASTIANI, Breno Battistin. **Bélica lição polibiana**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 45-59, havia interpretado as críticas a Timeu como fonte privilegiada para compreender o princípio metodológico de Políbio. O estudo de Sebastiani, igualmente, fora citado na introdução desta dissertação como uma referência para se pensar a polêmica historiográfica em seu contexto cultural. Recentemente, procuramos relevar o ganho teórico que se tem hoje com a epistemologia polibiana da história, servindo-nos, em grade medida, dos trechos de crítica, em SILVA, Dyel; SANTOS, Dominique. A historiografia antiga e a consciência do método da investigação histórica: uma leitura das *Histórias* de Políbio de Megalópolis. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 15, n. 40, p. 162-185, 2022, p. 168-169. Não se pode deixar de lado BENINI, Flávia Fernandes. **A crítica de Políbio à composição de discursos históricos por Timeu (Plb. 12.25a-28a)**. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica (Graduação em Letras – Grego) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, quem acentua a construção do caráter (*éthos*) de Políbio por meio da invectiva. A idealização de Políbio do retrato de si, enquanto historiador, ao dizer aquilo que faltaria em Timeu, fora sublinhado por CAMPOS, Camilla Nunes. **A escrita da história em Políbio: Timeu e a antítese do historiador ideal**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso — Bacharelado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Os ataques a Timeu como meio para delimitar uma historiografia pragmática, caracterizada pela utilidade política, havia sido considerada por SANT'ANNA, Henrique Modanez de. Políbio e os princípios de sua investigação histórica: algumas considerações. **Revista Mundo Antigo**, Niterói, v. 01, n. 02, p. 141-153, 2012, p. 151-152. Neste capítulo, procuramos contribuir com essa bibliografia ao nos concentrarmos na seleção das ações mais importantes em toda a *oikouménē* como princípio axiológico da história *poliagonística* e *ecumênica* de Políbio, a qual teria sido defendida por ele na polêmica com Timeu, conforme continuamos desenvolvendo.



fazia em um ambiente de integração cultural helenística<sup>256</sup>. Nas últimas décadas, foi possível construir outras interpretações sobre o assunto. Nos parece razoável a de Christopher Baron, qual seja, a de que Timeu estava precipuamente interessado nas relações entre colonos gregos e os demais habitantes do multifacetado sul da Itália, e seu exílio em Atenas nuançava as suas reflexões<sup>257</sup>. Algumas aproximações sobre a sua vida e obra, nessa direção, podem nos auxiliar a compreender melhor os objetivos do historiador e por qual razão Políbio, posteriormente, teria polemizado com ele a fim de defender uma história de perspectiva ecumênica.

Como é de conhecimento geral, a obra de Timeu, assim como a da maior parte dos historiadores antigos e, em especial, dos helenísticos, só nos é conhecida por fragmentos e indícios de terceiros. O fragmento media o alcance do nosso conhecimento sobre aquilo que estaria originalmente escrito. Até onde sabemos, Timeu teria escrito uma obra historiográfica conhecida como *Italikà kai Sikeliká* (“[Ações] Itálicas e Sicílicas”), ou *Sikeliká* (“[Ações] Sicílicas”), ou ainda *Historíai* (“Histórias”), que eram compostas por uma extensa introdução (*prokataskeuè*) sobre a antiguidade das regiões da Itália e da Sicília, para chegar a uma análise mais detalhada e extensiva do período de Dionísio e Timoleão. Ela seria uma continuação da sua *Tà peri Pýrrhou* (literalmente, “As [ações] em torno de Pirro”, “Feitos da época de Pirro”, “História sobre Pirro” ou, simplesmente, “Sobre Pirro”)<sup>258</sup>. A sua atenção enquanto historiador estaria — diferentemente de Políbio —, muito mais voltada para a geografia e a etnografia; assumindo as palavras de Baron, as

<sup>256</sup>MARQUES, Juliana Bastos. Dilemas sobre o surgimento da historiografia latina: Momigliano e o estudo de Fábio Píctor. **Revista de Teoria da História**, ano 07, n. 13, p. 87-109, 2015.

<sup>257</sup>BARON, Christopher A. **Timaeus of Tauromenium and Hellenistic historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, *passim*, com atenção especial a p. 93-98.

<sup>258</sup>VATTUONE, Riccardo. Western Greek Historiography. In: MARINCOLA John (org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 v. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2007, p. 189-199, p. 197. Segundo o comentário de Craig Champion ao T1 de Timeu no *Brill's New Jacoby*, a existência de uma obra dedicada exclusivamente sobre a cronologia de todas as olimpíadas, como dito pelo autor da *Suda*, não se comprova em nenhuma outra fonte.

*Histórias* de Timeu seguiam uma linha muito mais herodoteana do que tucidideana<sup>259</sup>.

No plano político, Timeu era filho de Andrômaco, o qual se associava ao grupo de Timoleão (Plutarco, *Timoleão*, X, 5-7). Tendo sido exilado por Agátocles, Timeu teria reunido forças a fim de persuadir os atenienses de que o projeto político de Agátocles, especialmente demonstrada pela sua autoprocamação em 307/6, configuraria uma tirania que, por definição, deveria ser combatida<sup>260</sup>.

Não se pode ignorar que, em um contexto mais amplo, a política dos povos da Sicília e seus contatos era extremamente dinâmica. As relações culturais e econômicas entre gregos e romanos são datadas desde o século VIII A.E.C.<sup>261</sup>. Do século VII A.E.C. em diante, surgem a colônia de Cirene, na Líbia, além de muitas outras no Mediterrâneo e em torno do Mar Negro<sup>262</sup>. Os cartagineses já eram, desse modo, conhecidos entre gregos por volta dos séculos V e IV A.E.C., quando se inicia o período helenístico e as interações tornam-se ainda mais intensas<sup>263</sup>. Só na cidade de Segesta, na parte oeste da ilha, os elmíios dividiam a área de ocupação com outros povos nativos, como os sicanos e sicilianos, e viviam em fronteira com grupos de origem fenícia,

<sup>259</sup>BARON, Christopher A. **Timaeus of Tauromenium and Hellenistic historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 232-255. Para MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. M. B. B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 75, essa era uma (acertada, diríamos hoje) suspeita. Em um olhar mais amplo, “a importância de Heródoto para os historiadores do período helenístico é inquestionável: as conquistas de Alexandre no oriente ampliaram a perspectiva geográfica dos historiadores e Heródoto provia um ponto de referência para qualquer historiador que lidasse com terras distantes e, em certo sentido, exóticas”, cf. MATIJAŠIĆ, Ivan. **Shaping the canons of ancient Greek historiography: imitation, classicism, and literary criticism**. Berlin; Boston: de Gruyter, 2018, p. 133.

<sup>260</sup>VATTUONE, Riccardo. Western Greek Historiography. In: MARINCOLA John (org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 v. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2007, p. 189-199, p. 198. Entretanto, não há ponto passivo sobre a qualificação de Agátocles e seu governo como uma tirania aos moldes clássicos, pois poderia ter sido um caso de *imitatio Alexandri*, como argumenta SANT’ANNA, Henrique Modanez de. Agátocles de Siracusa e o nascimento da *Basileia* helenística na Sicília Grega. **Ágora**, Aveiro, v. 21,103-115, 2019.

<sup>261</sup>CORNELL, T. J. **The Beginnings of Rome: Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000 – 264 BC)**. New York: Routledge, 1995, p. 87.

<sup>262</sup>VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 81.

<sup>263</sup>PILKINGTON, Nathan. **An Archeological History of Carthaginian Imperialism**. 2013. Tese (Doutorado em História) — Universidade de Columbia, Columbia, 2013.

além das intervenções da cidade de Cartago e das populações gregas na ilha<sup>264</sup>. Timeu estava diante de não menor complexidade dessas redes ao refletir politicamente e escrever história, se compararmos com os demais historiadores que abordamos.

A fama de *epitímaios* não só nos é atestada pela Suda, a qual informa que o apelido seria reconhecido entre os atenienses (Suda T 602 = T 1). Já Diodoro Sículo nos reporta que Timeu seria, “com razão, criticado devido às suas longas e importunas reprovações (*epitiméseis*), tanto que sua excessiva repreensão (*epitiméseōs*) lhe rendeu o nome de *Detrator (Epitímaios)*”<sup>265</sup>. A ambiguidade do nome cuja raiz vem de *timé* oscila, na língua grega, entre aquele que é digno, valoroso, honroso, e aquele que avalia. Não se pode deixar de notar a insalubridade entre Políbio e Timeu também pelo jogo de palavras usadas por Estrabão, quando referencia certa correção de Políbio concernente à geografia itálica: “sobre as bocas do Ródano, Políbio censura Timeu (*Polýbios epitimâ Timaíō*); diz ter não cinco, mas duas embocaduras”<sup>266</sup>. Esse comentário adquire certo peso na tradição historiográfica, uma vez que Timeu, como nos mostra Estrabão, ainda seria tido como um dos principais historiadores da geografia e etnografia itálicas no século I E.C.

Dentre as primeiras palavras, Flávio Josefo já diria “Timeu mostrou as falsidades de Éforo, os que vieram depois de Timeu, as suas, e todos de Heródoto. Nem sobre as ações da Sicília Timeu posicionou-se em acordo com Antioco, Filisto e Kallias”<sup>267</sup>. Os três nomes mencionados ao fim da citação seriam predecessores de Timeu na historiografia sobre o sul da Itália, e Éforo, como vimos, teria abordado a história da Sicília de uma perspectiva mais

<sup>264</sup>KORMIKIARI, Maria Cristina N. The punic *chora* of Sicily and Sardinia: a comparative approach. *Folia Phoenicia*, Pisa e Roma, v. 01, p. 70-73, 2017.

<sup>265</sup>διὰ τὰς ἀκαίρους καὶ μακρὰς ἐπιτιμήσεις εὐλόγως διαβάλλεται, καὶ διὰ τὴν ὑπερβολὴν τῆς πιτιμήσεως Ἐπιτίμαιος ὑπὸ τινων ὠνομάσθη. (T 11 = Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, V, 1, 3, tradução nossa).

<sup>266</sup>Περὶ δὲ τῶν τοῦ Ῥοδανοῦ στομάτων Πολύβιος... ἐπιτιμᾶ Τιμαίω, φήσας εἶναι μὴ πεντάστομον, ἀλλὰ δίστομον (Políbio, *Histórias*, XXXIV, 10, 5 = Estrabão, *Geografia*, IV, 1, 8, tradução nossa).

<sup>267</sup>Ἐφορον (*FGrH* 70 T30a) δὲ Τίμαιος καὶ Τίμαιον οἱ μετ’ ἐκεῖνον γεγονότες (scil. ψευδόμενον ἐπιδεικνύουσιν), Ἡρόδοτον δὲ πάντες. (17) ἀλλ’ οὐδὲ περὶ τῶν Σικελικῶν τοῖς περὶ Ἀντίοχον καὶ Φίλιστον ἢ Καλλίαν Τίμαιος συμφωνεῖν ἠξίωσεν (T 17 = Flávio Josefo, *Contra Apiano*, I, 16-17, tradução nossa).

ampla. A denúncia de Josefo, todavia, sugere a circulação de uma leitura segundo a qual Timeu teria se imposto de modo notavelmente assertivo diante dos seus predecessores, ou como ela era percebida, em termos gerais, pela audiência. Entretanto, a polêmica é sempre usada a fim de defender uma imagem específica do passado. No caso de Timeu, sendo o seu objetivo deslegitimar Agátocles e seus aliados, o mais provável é que a sua investigação histórica tenha proposto uma avaliação de boa parte das de seus predecessores, as quais, por justificarem o governo de Dionísio e de Gelão, acabavam por fornecer explicações históricas favoráveis ao contexto representado por Agátocles<sup>268</sup>. A apresentação feita por Plutarco de um Timoleão combatente de uma tirania estrangeira, teria sido de descrição similar feita por Timeu nas suas *Histórias*<sup>269</sup>.

Destacamos duas características fundamentais de Timeu: a sincronização e a comparação. O modo pelo qual Timeu apreendia intelectualmente as interações do contexto que vimos, residia, em grande medida, na sincronização das suas histórias. Diodoro Sículo reconhecia que Timeu teria “trabalhado com excepcional precaução a exatidão cronológica e a reflexão advinda de grande experiência”<sup>270</sup>. O estabelecimento de uma cronologia comum se tornou a base sobre a qual se elaboram as sincronias. Não se poderia mais usar as estações do ano, como outrora fez Tucídides ao narrar as guerras entre atenienses e peloponésios. O calendário que unia todo o espaço pelo qual se espalhavam as colônias gregas era o das olimpíadas, constituindo, assim, uma espécie de cronologia pan-helênica (Políbio, *Histórias*, I, 5, 1).

<sup>268</sup>VATTUONE, Riccardo. Western Greek Historiography. In: MARINCOLA John (org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 v. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2007, p. 189-199, p. 197.

<sup>269</sup>“A fonte principal da *Vida de Timoleão* é, com certeza, a *História da Sicília* que Timeu de Tauromênio compusera na primeira metade do século III a.C”, cf. FLACELIÈRE, Robert; CHAMBRY, Émile. Notice. In: PLUTARQUE. **Vies**: Timoleón, Paul Émile, Pélopidas, Marcellus. Ed. e tradução de Robert Flacelière e Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1966, p. 03-15, p. 06.

<sup>270</sup>Τίμαιος μὲν οὖν μεγίστην πρόνοιαν πεπρωμένος τῆς τῶν χρόνων ἀκριβείας καὶ τῆς πολυπειρίας πεφροντικῶς (T 11 = Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, V, 1, 3, tradução nossa).

Conforme expõe Dionísio, “o último povoamento ou edificação, seja lá como se deveria chamá-la, realizado por Roma, segundo Timeu, o Siceliota, empregando não sei qual cânone, aconteceu ao mesmo tempo que a edificação de Cartago no trigésimo oitavo ano anterior à primeira Olimpíada”<sup>271</sup> (ou seja, no ano 814/813). Apesar de Dionísio de Halicarnasso buscar deslegitimar Timeu nesta passagem, ele nos comunica a sincronização como modo de comparação, ou como a palavra grega leva a entender, uma crítica comparada (*sýnkrisis*).

Há mais sincronizações entre cartagineses e gregos nas suas relações com os deuses.

Os gelanos tinham uma estátua monumental de bronze dedicada a Apolo fora da cidade. Os cartagineses a tomaram e a enviaram a Tiro. Em seguida, os gelanos a instalaram conforme pronunciamento divino; e os habitantes de Tiro, em período posterior, quando cercados por Alexandre da Macedônia, desrespeitaram a divindade como se ela lutasse ao lado dos inimigos. Mas Alexandre apoderou-se da cidade, como diz Timeu, no mesmo dia e hora em que os cartagineses haviam tomado Apolo de Gela, aconteceu que a divindade foi honrada pelos gregos com os maiores dos sacrifícios e procissões, como se tivesse causado a sua captura<sup>272</sup>.

Segundo testemunho de Cícero, Timeu teria informado que Alexandre nasceu na mesma noite em que o templo efésio dedicado a Diana fora queimada (F 150a = Cícero, *Sobre a natureza dos deuses*, II, 69), indicando a ausência da divindade neste local por meio da reflexão comparativa. As negociações entre cartagineses e fenícios mediados pelo tirano da Sicília Agátocles, por sua vez, são objeto de reflexão no que diz respeito à interação entre as partes comparadas (F 120 = Diodoro, *Biblioteca Histórica*, XX, 79, 5).

<sup>271</sup> τὸν δὲ τελευταῖον γενόμενον τῆς Ῥώμης οἰκισμὸν ἢ κτίσιν ἢ ὅτι δῆποτε χρῆ καλεῖν Τίμαιος μὲν ὁ Σικελιώτης (οὐκ οἶδ' ὅτι κανόνι χρησάμενος) ἅμα Καρχηδόνι κτιζομένῃ γενέσθαι φησὶν ὀγδόωι καὶ τριακοστῶι πρότερον ἔτει τῆς πρώτης Ὀλυμπιάδος (F 60 = Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, I, 74, 1, tradução nossa).

<sup>272</sup> ἐχόντων δὲ τῶν Γελῶιων ἐκτὸς τῆς πόλεως Ἀπόλλωνος ἀνδριάντα χαλκοῦν σφόδρα μέγαν, συλήσαντες αὐτὸν ἀπέστειλαν εἰς τὴν Τύρον. τοῦτον μὲν οἱ Γελῶιοι κατὰ τὸν τοῦ θεοῦ χρῆσμον ἀνέθηκαν, οἱ δὲ Τύριοι καθ' ὃν καιρὸν ὕστερον ὑπ' Ἀλεξάνδρου τοῦ Μακεδόνα ἐπολιορκοῦντο, καθύβριζον ὡς συναγωνιζόμενοι τοῖς πολεμίοις. Ἀλεξάνδρου δ' ἐλόντος τὴν πόλιν, ὡς Τίμαιος φησὶ, κατὰ τὴν ὁμώνυμον ἡμέραν καὶ τὴν αὐτὴν ὥραν ἐν ἣι Καρχηδόνιοι τὸν Ἀπόλλωνα περὶ Γέλαν ἐσύλησαν, συνέβη τιμηθῆναι θυσίαις καὶ προσόδοις ταῖς μεγίσταις τῶν Ἑλλήνων ὡς αἴπιον γεγενημένον τῆς ἀλώσεως (F 106 = Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, XIII, 108, 4, tradução nossa).

A sincronização assentada sob uma cronologia comum parece ter sido uma ferramenta eficaz para o objetivo de Timeu em compreender como cada comunidade se formava separadamente, mas que, não obstante, em algum momento interagiam. Uma das críticas recebidas desde a Antiguidade a esse modo de trabalho é o consequente isolamento analítico de uma das partes, que pode resultar em uma percepção isolacionista de um povo, fazendo-o mais importante do que outros. Em outras palavras, é o conhecido problema do excepcionalismo<sup>273</sup>. Em termos de amplitude geográfica, é mister ter em mente que a obra historiográfica de Timeu de Tauromênio se ocupa, sobretudo, das relações entre as colônias gregas no Mediterrâneo com demais povos, tais como cartagineses, fenícios, etruscos e romanos. Ressalvamos que, na época de Timeu, os romanos não apresentavam destaque algum no cenário das hegemonias regionais, mas eram apenas uma população itálica como outras<sup>274</sup>.

Nesse sentido, não era concebível a sinédoque Roma para o conjunto dos povos itálicos na época de Timeu. Dionísio de Halicarnasso teria transmitido uma imagem de Timeu como historiador de Roma. Como vimos, não é razoável sustentar que ele tenha o sido. Todavia, o modo como Dionísio o apresenta nas suas *Antiguidades Romanas* é elucidativo do tipo de leitura que era realizado: “o primeiro, até onde sei, a ter percorrido a antiguidade romana, foi Jerônimo de Cardia, na sua obra sobre os feitos dos epígonos; em seguida, Timeu, o siciliota, abordou feitos antigos na sua história sobre povos, e as guerras de Pirro de Épiro em uma obra separada”<sup>275</sup>. Até onde vai a nossa leitura, as *taîs koinaîs historíais* das quais fala Dionísio seria uma forma de se

<sup>273</sup>Ele será debatido por Políbio, ao ler a sua obra, e terá a nossa atenção no próximo subcapítulo.

<sup>274</sup>BARON, Christopher A. **Timaeus of Tauromenium and Hellenistic historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 105.

<sup>275</sup>πρώτου μὲν, ὅσα κἀμὲ εἰδέναι, τὴν Ῥωμαϊκὴν ἀρχαιολογίαν ἐπιδραμόντος Ἰερωνόμου τοῦ Καρδιανοῦ συγγραφέως ἐν τῇ περὶ τῶν ἐπιγόνων πραγματείᾳ· ἔπειτα Τιμαίου τοῦ Σικελιώτου τὰ μὲν ἀρχαῖα τῶν ἱστοριῶν ἐν ταῖς κοιναῖς ἱστορίαις ἀφηγησαμένου, τοὺς δὲ πρὸς Πύρρον τὸν Ἑπειρώτην πολέμους εἰς ἰδίαν καταχωρίσαντος πραγματείαν (Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, I, 6, 1, tradução nossa). Na sequência, Dionísio desqualifica Antígono, Políbio e Sileno, pois teriam “escrito o que casualmente lhes chegou aos ouvidos” (ἀλλ’ ἐκ τῶν ἐπιτυχόντων ἀκουσμάτων συνθεῖς ἀνέγραψεν) (Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, I, 6, 1, tradução nossa).

referir ao caráter, por assim dizer, herodoteano, abundante em conhecimento etnográfico e geográfico, nos termos que discutimos, das *Histórias* de Timeu. Nessa perspectiva, Dionísio se apropria de certas informações providas por ele. Não por acaso, Timeu é referido após Jerônimo de Cardia, que teria escrito sobre os sucessores de Alexandre, especificamente os epígonos, do ponto de vista de um político atuante, primeiro na corte de Eumenes e, depois, como aliado de Demétrio<sup>276</sup>. Na verdade, Timeu não teria abordado nem mesmo o período republicano de Roma<sup>277</sup>.

Não encontramos razões, portanto, para que a historiografia de Timeu de Tauromênio fosse concebida como uma *história de Roma*. Preocupado em encontrar uma saída para as turbulências políticas da área de colonização grega da Sicília por meio de uma imagem do passado que depusesse Agátocles, Timeu teve que realizar diversas críticas aos seus predecessores, o que lhe rendeu a fama de detrator pela tradição posterior. No campo de atuação de Políbio, a sua obra exercia certo poder de persuasão em personalidades com grande poder político, promovendo argumentos mormente destoantes dos seus. A polêmica que assim se engendra é analisada na subseção seguinte.

### 3.2 A OIKOUMÉNĒ COMO PARÂMETRO: O LUGAR DA SICÍLIA NA HISTÓRIA EM LARGA ESCALA

Tendo em mente os cuidados com relação à leitura da historiografia de Timeu de Tauromênio, torna-se possível um entendimento razoável dos objetivos de Políbio ao entrar em polêmica com ele em passagens específicas. No decorrer da análise, identificamos indícios que apontam para a defesa, da

---

<sup>276</sup>HORNBLOWER, Jane. **Hieronimus of Cardia**. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 05-17.

<sup>277</sup>BARON, Christopher A. **Timaeus of Tauromenium and Hellenistic historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 50.

parte de Políbio, de uma história que deveria ter como eixo de valoração os acontecimentos de todo o ecúmeno (*oikouménē*). O movimento conceitual do historiador insere o conceito de ecúmeno na constelação compreendida por nós até então. Por esse motivo, propomos que seria adequado qualificar a história de Políbio — ambas a sua visão de história e de historiografia — como história *ecumênica*. Esta deve ser entendida, não obstante, com as tentativas de captação de um público específico do político-historiador aqueu, como desenvolvemos na sequência.

Convém uma primeira aproximação à leitura da obra de Timeu no meio de Políbio. Uma passagem representativa nesse sentido ocorre na transição entre um assunto que nos é conhecido e outro não, devido ao estado lacunar da fonte. O conhecido refere-se à situação no Egito, quando uma rebelião reclamou pelo retorno do rei Ptolomeu, ainda criança, e pelo consequente assassinato de Agátocles e de alguns de seus parentes e amigos. Políbio, refletindo sobre o relato que acabara de construir — muito provavelmente se utilizando da historiografia sobre o assunto, pois as cenas que dão destaque a abalos emocionais pessoais costumam se dar nessa dicção, além de que o historiador nascera após esses eventos —, releva, em parte da sua digressão, as qualidades de Agátocles e Dionísio. Assim, refere-se à obra de Timeu, a qual, como vimos, já veiculava argumentos históricos contra ambos.

Desses dois o primeiro partiu da posição obscura de homem do povo; de fato Agátocles, como diz Tímaios ridicularizando-o, era um oleiro que, deixando a sua roda, a argila e a fumaça, veio para Siracusa ainda jovem. Em primeiro lugar, ambos se tornaram nas suas respectivas épocas tiranos de Siracusa, uma cidade que desfrutava então do maior prestígio e opulência, e depois foram reconhecidos como reis de toda a Sicília e passaram a dominar até algumas regiões da Itália. E Agátocles não somente tentou conquistar a Líbia mas se manteve no apogeu até a morte. Por isso dizem que Públio Cipião, o primeiro vencedor de Cartago, quando alguém lhe perguntou quais haviam sido na sua opinião os maiores estadistas, dotados ao mesmo tempo de inteligência e ousadia, respondeu “os siceliotas Agátocles e Dionísios”. Convém, realmente chamar a atenção dos leitores para a carreira de tais homens, fazendo algumas alusões à inconstância do acaso e à incerteza das coisas humanas e de um modo geral acrescentando algumas reflexões edificantes à narração; em relação, porém, aos homens mencionados



anteriormente, esse procedimento não seria cabível de modo algum<sup>278</sup>.

O que vemos na passagem acima, em primeiro lugar, é a defesa da memória de Agátocles e Dionísio na medida em que elas se entrelaçam com a da avaliação de Públio Cipião. Sendo o pai que adotaria Cipião Emiliano, o qual era instruído por Políbio durante o seu exílio em Roma, a defesa de seu posicionamento incidia sobre uma política de ação que se mostrava diacronicamente nos empreendimentos dos cipiões<sup>279</sup>. Como abordado no subcapítulo anterior, a historiografia sobre a Sicília acabava por ser favorável aos chamados *tiranos*, e Timeu abertamente procurava romper com tal avaliação dos fatos. A referência a certas autoridades, longe de se limitar a intrigas individuais — que existiriam —, enseja a audiência a reconsiderar o passado da Sicília e a sua imagem perante as demais comunidades cívicas. Se há de se ponderar sobre negociações com os cipiões e seus aliados, o entendimento acerca dos valores de um comandante deve ser acordado e cultivado.

Em segundo lugar, a referida passagem é construída com um argumento muito utilizado por Políbio: o da escrita austera. Nesta outra parte

<sup>278</sup>ἐκείνων γὰρ ὁ μὲν ἕτερος ἐκ δημοτικῆς καὶ ταπεινῆς ὑποθέσεως ὀρμηθεὶς, ὁ δ' Ἀγαθοκλῆς, ὡς ὁ Τίμαιος ἐπισκώπτων φησί, κεραμεὺς ὑπάρχων καὶ καταλιπὼν τὸν τροχὸν (καὶ τὸν) πηλὸν καὶ τὸν καπνόν, ἦκε νέος ὢν εἰς τὰς Συρακούσας. καὶ τὸ μὲν πρῶτον ἐγενήθησαν ἀμφοτέρω κατὰ τοὺς ἰδίους καιροὺς τύραννοι Συρακουσῶν, πόλεως τῆς μέγιστον ἀξίωματότε καὶ μέγιστον πλοῦτον περιποιησαμένης, μετὰ δὲ ταῦτα βασιλεῖς ἀπάσης Σικελίας νομισθέντες καὶ τινῶν καὶ τῆς Ἰταλίας μερῶν κυριεύσαντες. Ἀγαθοκλῆς δ' οὐ μόνον καὶ τῶν τῆς Λιβύης ἀπεπείρασεν, ἀλλὰ καὶ τέλος ἐναπέθανε ταῖς ὑπεροχαῖς ταύταις. διὸ καὶ Πόπλιον Σκιπίωνά φασι τὸν πρῶτον καταπολεμήσαντα Καρχηδονίους ἐρωτηθέντα τίνας ὑπολαμβάνει πραγματικωτάτους ἄνδρας γεγονέναι καὶ σὺν νῶ τολμηροτάτους, εἰπεῖν τοὺς περὶ Ἀγαθοκλέα καὶ Διονύσιον τοὺς Σικελιώτας. καὶ περὶ μὲν τῶν τοιούτων ἀνδρῶν εἰς ἐπίστασιν ἄγειν τοὺς ἀναγινώσκοντας, καὶ που καὶ τῆς τύχης ποιήσασθαι μνήμην, ἔτι δὲ τῶν ἀνθρωπείων πραγμάτων, καὶ καθόλου προστιθέναι τὸν ἐπεκδιδάσκοντα λόγον, ἐπὶ δὲ τῶν προειρημένων ἀνδρῶν οὐδαμῶς ἀρμόζει (XV, 35, 2-7, tradução de M. da G. Kury com modificações nossas).

<sup>279</sup>Sobre a temporalização particularmente retrospectiva de Políbio, ver GRETHLEIN, Jonas. **Experience and Teleology in Ancient Greek Historiography: 'Futures Past' from Herodotus to Augustine**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 224-267. Em certo sentido, se poderia dizer que a abertura do futuro experienciada por Políbio teria condicionado tal temporalização da história, a qual marcaria a sua diferença para com os predecessores e, desse modo, se desenharia o lugar para a crítica de avaliações anteriores sobre o passado, como defende BARBO, Daniel. *Temporal Perspective of Polybius' Historiographical Method*. In: DEVILLERS, Olivier; SEBASTIANI, Breno Battistin (orgs.). **Sources et modèles des historiens anciens**. v. 2. Bordeaux: Ausonius, 2021, p. 119-129.

da digressão, que antecede imediatamente a menção a Timeu, Políbio acusa muitos historiadores de exagerarem o relato dos acontecimentos por meio da introdução de uma série de dispositivos narrativos sensacionalistas. Tem-se discutido e problematizado sobre o assunto, de modo que se pode entender que o historiador que realiza tais acusações faz igualmente uso das emoções dos leitores, entretanto, convenientemente à construção de um caráter (*éthos*) confiável. Consoante com essa conclusão, é pertinente destacar que nesse trecho Políbio ataca não somente o extraordinário na narrativa, mas enfatiza a capacidade de valorar aquilo que deve ou não entrar na escrita da história.

Não ignoro que alguns autores, descrevendo esses eventos, introduziram na sua versão episódios extraordinários e cenas de efeito sensacionalista, manipulando os dados disponíveis com a intenção de tornar o conjunto mais impressionante para os leitores e deturpando substancialmente o essencial para dar coerência à sua narrativa. Alguns deles atribuem tudo ao acaso, enfatizando a sua inconstância e a impossibilidade de os homens fugirem a ela, enquanto outros levam em conta a estranheza desses acontecimentos, tentando atribuir razões ou causas prováveis a tudo. Quanto a mim, meu objetivo não era tratar do assunto dessa maneira [...]. Em decorrência da incapacidade de Filopátor como governante ele [Agátocles] ascendeu a uma posição elevada, e nessa posição viu-se após a morte daquele rei bafejado pelas circunstâncias mais favoráveis para manter-se à frente do poder, mas perdeu tanto o poder quanto a vida, por causa de sua covardia e indolência, e tornou-se alvo da reprovação geral dentro de bem pouco tempo<sup>280</sup>.

Desse modo, o destaque a Agátocles e Dionísio seria devido à importância de ações de ambos e suas conexões com demais. É esse o critério repetidamente enfatizado pelo autor no desenvolvimento da sua polêmica com Timeu. O modo como Políbio o utiliza insere o conceito de ecúmeno na

<sup>280</sup> ἔγῳ δ' οὐκ ἀγνοῶ μὲν τὰς τερατείας καὶ διασκευάς, αἷς κέχρηται πρὸς ἔκπληξιν τῶν ἀκουόντων ἔνιοι τῶν γεγραφότων τὰς πράξεις ταύτας, πλείω τὸν ἐπιμετροῦντα λόγον διατιθέμενοι τοῦ συνέχοντος τὰ πράγματα καὶ κυρίου, τινὲς μὲν ἐπὶ τὴν τύχην ἀναφέροντες τὰ γεγονότα καὶ τιθέντες ὑπὸ τὴν ὄψιν τὸ ταύτης ἀβέβαιον καὶ δυσφύλακτον, οἱ δὲ τὸ παράδοξον τῶν συμβεβηκότων ὑπὸ λόγον ἄγοντες, πειρώμενοι τοῖς γεγονόσιν αἰτίας καὶ πιθανότηας ὑποτάττειν. οὐ μὴν ἔγωγε προεθέμην τούτῳ χρήσασθαι τῷ χειρισμῷ περὶ τῶν προειρημένων [...]. προαγωγῆς μὲν γὰρ ἔτυχε παραδόξου διὰ τὴν τοῦ Φιλοπάτορος ἀδυναμίαν τοῦ βασιλεύειν· τυχῶν δὲ ταύτης καὶ παραλαβῶν εὐφυέστατον καιρὸν μετὰ τὸν ἐκείνου θάνατον πρὸς τὸ συντηρῆσαι τὴν ἐξουσίαν, ἅμα τὰ πράγματα καὶ τὸ ζῆν ἀπέβαλε διὰ τὴν ἰδίαν ἀνανδρίαν καὶ ῥαθυμίαν, ἐν πάνυ βραχεῖ χρόνῳ καταγνωσθεῖς (XV, 34, 1-6, tradução de M. da G. Kury com modificações nossas).

constelação conceitual de história, especialmente naquilo que ela tem de *katholiké* e *koiné*.

Para tanto, o passado dos governantes da Sicília deveria ser coerente com o das demais partes do mundo helenístico, tanto no sentido do juízo sobre as ações quanto no sentido de estarem articuladas em uma mesma visão sinóptica da história. É por essa razão que a polêmica com Timeu é articulada àquela com Teopompo: Agátocles e Dionísio precisariam ser comparados com Filipe II e a dinastia antigônida. “Assim como a amargura do historiador Timeu, a qual emprega contra Agátocles, o dinasta da Sicília, embora pareça exagerada, ainda tem argumento — pois que o acusa de ter sido odioso, vil e de proclamar-se tirano”<sup>281</sup>. Mais à frente, Políbio viria a contra-argumentar Timeu lançando-o contra si, uma vez que o último teria reprovado Agátocles usando uma linguagem que ultrapassaria os limites do uso de um discurso amargo, ao mesmo tempo em que o descreveria como um sujeito que teria transitado da quase invisibilidade social para ter “se tornado senhor de toda a Sicília, causado grandes perigos aos cartagineses e, por fim, tendo crescido em poder, terminou a sua vida com o título de rei”<sup>282</sup>.

Não se pode ignorar que a crítica a Teopompo visava uma avaliação mais ponderada de Felipe II, pois que a imagem de toda a dinastia antigônida seria melhorada. Não é por acaso que uma outra visão de Agátocles é proposta na mesma digressão ao voltar-se contra Timeu. Ao incentivar o discurso moderado para com a dinastia antigônida, Políbio pretendia legitimar o espaço de ação ambivalente dos membros dirigentes da Confederação Aqueia entre Roma e Macedônia. Com essa atitude, o autor busca fundamentar racionalmente a alternância de posição atual de aliança romana. Tal performance captaria a audiência composta por seus antigos e possíveis novos aliados que teriam permanecido neutros ou contra os romanos em prol da

<sup>281</sup> ὥστε τὴν μὲν Τιμαίου τοῦ συγγραφέως πικρίαν, ἣ κέχρηται κατ’ Ἀγαθοκλέους τοῦ Σικελίας δυνάστου, καίπερ ἀνυπέμβλητον εἶναι δοκοῦσαν, ὅμως λόγον ἔχειν – ὡς γὰρ κατ’ ἐχθροῦ καὶ πονηροῦ καὶ τυράννου διατίθεται τὴν κατηγορίαν (F 124a = Políbio, *Histórias*, VIII, 10, 12, tradução nossa).

<sup>282</sup> κύριος μὲν ἐγεννήθη πάσης Σικελίας, μεγίστους δὲ κινδύνους περιέστησε Καρχηδονίους, τέλος ἐγγηράσας τῇ δυναστείᾳ κατέστρεψε τὸν βίον βασιλεῦς προσαγορευόμενος (F 124b = Políbio, *Histórias*, XII, 15, 7, tradução nossa).

Macedônia. Todavia, aliar-se com Roma significaria menos um apoio irrestrito do que aceitar cooperar com o grupo dirigente da Confederação aqueia no Peloponeso, assim como com as famílias romanas, que lhes garantiriam prestígio entre os próprios peloponésios<sup>283</sup>. Segundo essa lógica, os macedônios haveriam de ser respeitados, tendo sido dignos da escolha da Confederação em momento propício, e inimigos dignos dos romanos. No fim, o argumento defenderia a aliança aqueus-Roma, dado que uma boa imagem da realeza macedônica assim lhe favorecia.

Além do mais, os romanos apreciavam Agátocles, conforme declaração de Cipião. Políbio (*Histórias*, XII, 25k, 2, 2) dá a entender que conhecia a historiografia precedente à de Timeu para apontar também ao público conhecedor da história da Sicília a particularidade da narrativa dele e defender a tradição precedente. Não obstante, o próprio Políbio se dá ao trabalho de refazê-la destacando aquilo que é considerado o mais importante para uma história que tenha como referência as ações que proporcionam uma visão do ecúmeno em apenas 40 livros. Éforo e Teopompo teriam, ambos, escrito sobre a história da Sicília (Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, XVI, 71, 3; 76, 5) em perspectiva similar. Dessa maneira, a polêmica historiográfica engendra imagens de passado construídas a partir de pontos de vistas distintos e, não raro, conflitantes. E o político que deseja argumentar historicamente se via obrigado a examiná-las a fim demonstrar a sua tese.

Tais acusações apontam para uma disputa historiográfica acerca do tratamento adequado à *oikouménē*. A passagem que ocorre no primeiro parágrafo das *Histórias* de Políbio (I, 1, 3) poderia constituir o que Francisco Murari Pires caracterizou como o princípio axiológico da narrativa grega. Segundo Pires, esse princípio, “identificando o critério determinante da *seletividade* episódica da narrativa, apreende a dimensão de *grandeza* que a práxis humana comporta, especialmente relevando sua portentosidade *trágica*”<sup>284</sup>. Breno Battistin Sebastiani, consoante a Pires, identificou a

<sup>283</sup>Como vimos no subcapítulo 1.3, especialmente com as estelas, estátuas e inscrições honoríficas.

<sup>284</sup>PIRES, Francisco Murari. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 148, grifos do autor.

*oikouménē* como parte do princípio axiológico polibiano<sup>285</sup>. Diante disso, seria possível continuar analisando os sentidos dessa axiologia na polêmica com Timeu de Tauromênio, uma vez que ela nos auxilia na compreensão do lugar historiográfico de Roma nas *Histórias* de Políbio.

É amplamente conhecido que o Livro XII concentra as polêmicas contra Timeu. Muitas nuances e desdobramentos dessa polêmica têm sido trabalhados<sup>286</sup>. Segundo a nossa proposta de análise, em particular, defendemos que Políbio teria insistido que a obra de Timeu teria sido pautada em uma supervalorização de uma só parte do ecúmeno. Essa seria a continuidade do critério exposto na passagem do Livro XV, vista anteriormente.

Mas penso que Timeu havia se convencido de que, assim como Timoleão, quem havia procurado obter glória na Sicília — como que numa vasilha para vinagre —, parece compará-lo aos heróis os mais deslumbrantes e, ele, tendo escrito unicamente sobre a Itália e a Sicília, com razão se avaliaria lado a lado aos que compuseram obras sobre o ecúmeno e sobre o conjunto das ações [no ecúmeno]<sup>287</sup>.

Com o uso da figura da vasilha de vinagre — *oxýbaphon*, donde *oxýs* significa “vinagre” e *báptō*, “mergulhar” —, Políbio evoca a imagem do pequeno recipiente, que não costumava suportar mais do que alguns mililitros do líquido derivado do vinho e se limitar a dar um leve gosto ao sabor do alimento mergulhado. Não se pode deixar de notar a ambiguidade derivada da raiz *oxýs* que, em grego, além de acidez, pode se referir a algo pontiagudo, afiado, que espeta<sup>288</sup>. Assim, além de estarem limitados a um pequeníssimo espaço, Timeu e Timoleão teriam, ainda por cima, um temperamento tal qual o da

<sup>285</sup>SEBASTIANI, Breno Battistin. **Bélica lição polibiana**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 33-34. Especificamente na p. 34, Sebastiani supõe a formação da *oikouménē* como restrita à bacia do Mediterrâneo para Políbio, atentando, todavia, ao uso do conceito em prol de uma pretensão de unidade política de raiz isocrática.

<sup>286</sup>Vide nota de rodapé nº 255.

<sup>287</sup>ἀλλά μοι δοκεῖ πεισθῆναι Τίμαιος ὡς, ἂν Τιμολέων, πεφιλοδοξηκῶς ἐν αὐτῇ Σικελία, καθάπερ ἐν ὄξυβάφῳ, σύγκριτος φανῆ τοῖς ἐπιφανεστάτοις τῶν ἡρώων, κἄν αὐτὸς ὑπὲρ Ἰταλίας μόνον καὶ Σικελίας πραγματευόμενος εἰκότως παραβολῆς ἀξιωθῆναι τοῖς ὑπὲρ τῆς οἰκουμένης καὶ τῶν καθόλου πράξεων πεπονημένοις τὰς συντάξεις (Políbio, *Histórias*, XII, 23, 7, tradução nossa).

<sup>288</sup>GERONTAS, Apostolos K. “Sharp of taste”: the concept of acidity in the Greek system of natural explanation. **Foundations of Chemistry**, Dordrecht, 2023, p. 05-07.

especiaria à base de álcool: seriam ácidos, provocadores e de pouca relevância. Assim, por meio da redução do oponente, o autor visa circunscrever a importância das ações pelo alcance que tiveram a diferentes partes do ecúmeno. Segundo esse raciocínio, por mais que a Sicília, seus povos e muitos de seus governantes tenham exercido feitos notáveis, eles perdem o seu valor na medida em que se limitam a um contexto exclusivamente local. Timeu, como o seu pai e a posição política que representavam, teriam alcance restrito e limitado com relação aos partidários de Agátocles e Dionísio. Voltando a atenção para aquele que tece a crítica, por outro lado, a audiência identificaria um político atuante e preocupado com uma rede de atuação muito mais ampla.

Desse modo, Políbio abertamente defende Aristóteles, Teofrasto, Éforo e Demócates das críticas de Timeu (XII, 23, 8). Ao mencionar esses nomes, pode-se ver que não se trataria de compor histórias que discorressem em detalhes sobre cada uma das partes do ecúmeno, mas de escrever história desde uma perspectiva do ecúmeno a fim de selecionar os feitos os mais importantes. Afinal, não há conhecimento de obra desses autores à semelhança de Políbio, a não ser Éforo. Portanto, é montada uma contraposição: de um lado, há os que escrevem história de um ponto de vista, por assim dizer, ecumênico e, de outro, os que, ignorando-a, deixar-se-iam fatalmente levar por eventos secundários. Os seus escritos e a imagem do passado que procuram defender e veicular, por conseguinte, seriam marginais com relação aquelas que proveriam um quadro, por assim dizer, completo da situação.

Dentre os numerosos fatores que Políbio retém das *Histórias* de Timeu, enfatiza que o tauromenita tentou “fazer uma Sicília mais grandiosa que toda a Grécia, e as ações nela as mais deslumbrantes e belas que as do restante do ecúmeno”<sup>289</sup>. Criticando o limite de perspectiva e, a esta altura, de escopo, Políbio insinua que o tratamento dado por Timeu a diferentes localidades faria parecer à audiência que “todos os outros escritores dormiram sobre as obras e

<sup>289</sup>ποιεῖται σπουδῆν περὶ τοῦ τὴν μὲν Σικελίαν μεγαλομερεστέραν ποιῆσαι τῆς συμπάσης Ἑλλάδος, τὰς δ' ἐν αὐτῇ πράξεις ἐπιφανεστέρας καὶ καλλίους τῶν κατὰ τὴν ἄλλην οἰκουμένην (Políbio, *Histórias*, XII, 26b, 4, tradução nossa).

procederam de modo superficial com o ecúmeno<sup>290</sup>. Afinal, tendo ele disposto de numerosos livros e se servido substancialmente deles para compor a sua historiografia, a impressão que poderia ser causada na audiência seria a de que historiadores siciliotas olhariam apenas para si mesmos. É muito provável que essa impressão ocorresse em mais leitores devido ao projeto de Timeu de reconstruir o passado da Sicília a fim de deslegitimar o governo de Agátocles. Um empreendimento assim poderia ter exigido tamanho foco em uma região ou conjunto de regiões que as demais figurariam em segundo plano.

A perspectiva ecumênica da história não se confundiria com precisão geográfica. Provendo a imagem do território italiano em forma de triângulo, Políbio realiza uma introdução geográfica, etnográfica e econômica da região que se situa ao pé da cadeia de montanhas dos Alpes, “que se deve entender como a base do triângulo, encontram-se as mais extremas planícies de toda a Itália de sul a norte — sobre elas é este relato — distintas pela excelência e extensão dentre quantas da Europa são abarcadas por nossa história<sup>291</sup>. O momento narrativo recua temporalmente para que se entenda o início e a causa da segunda guerra púnica. No meio da exposição é dito que “quando chegar a ocasião apropriada faremos menção conveniente, sobretudo devido à ignorância de Timeu relativamente aos locais mencionados<sup>292</sup>. De fato, o conhecimento geográfico derivado, preferencialmente, da experiência própria, desempenha papel fundamental no caráter do historiador que Políbio desenha. Entretanto, ela não seria determinante quando o objetivo é prover uma visão do todo.

Em concepção similar de economia narrativa identificada anteriormente em Éforo — não por acaso, dado que o contexto do qual trata a narrativa é a desagregação da Macedônia, cuja ascensão Éforo outrora historiou —, a

<sup>290</sup> τοὺς ἄλλους συγγραφῆας ἅπαντας συγκεκοιμηῆσθαι τοῖς πράγμασι καὶ κατεσχεδιακῆναι τῆς οἰκουμένης (Políbio, *Histórias*, XII, 26d, 3, tradução nossa).

<sup>291</sup> παρὰ δὲ τὴν προειρημένην παρῶρειαν, ἦν δεῖ νοεῖν ὡσανεὶ βάσιν τοῦ τριγώνου, παρὰ ταύτην ἀπὸ μεσημβρίας ὑπόκειται πεδία τῆς συμπάσης Ἰταλίας τελευταία πρὸς τὰς ἄρκτους, ὑπὲρ ὧν ὁ νῦν δὴ λόγος, ἀρετῇ καὶ μεγέθει διαφέροντα τῶν κατὰ τὴν Εὐρώπην, ὅσα πέπτωκεν ὑπὸ τὴν ἡμετέραν ἱστορίαν (Políbio, *Histórias*, II, 14, 7, tradução de B. B. Sebastiani).

<sup>292</sup> μεταλαβόντες δὲ καιρὸν ἀρμόττοντα ποιησόμεθα τὴν καθήκουσαν μνήμην, καὶ μάλιστα διὰ τὴν Τιμαίου περὶ τοὺς προειρημένους τόπους ἄγνοιαν (Políbio, *Histórias*, II, 16, 15, tradução de B. B. Sebastiani).

passagem seguinte das *Histórias* de Políbio enfatiza de tal sorte a competência do historiador em selecionar os feitos os mais importantes que todas as demais prescindiriam desta:

Quando tratam de um assunto simples e uniforme esses escritores querem ser considerados historiadores não pela qualidade do seu trabalho, mas pelo grande número de livros de sua obra, e para causar a impressão já mencionada por mim eles são compelidos a tornar grandes ações pequenas (*tà mèn mikrà megála poieîn*), a desenvolvê-las longamente, quando caberiam em poucas palavras, e a converter feitos puramente acidentais e sem importância em eventos e ações transcendentais, relatando minuciosamente, como se se tratasse de combates e batalhas regulares, escaramuças nas quais as perdas de infantaria foram às vezes de dez homens ou talvez um pouco mais, e as de cavalaria foram ainda menores. Quanto aos cercos, descrições de lugares e assuntos análogos, não se se trataria dignamente (*axíōs*) e com profundidade devido à indigência das obras. Os que escrevem sobre o conjunto [das ações], todavia, agem exatamente da maneira oposta. Não devemos, portanto, ser censurados por negligenciar certas ações, quando ora omitimos, ora relatamos sumariamente certos feitos aos quais outros autores dedicaram muito espaço e descrições elaboradas; ao contrário, devemos merecer credibilidade por dar a cada assunto a sua importância adequada (*pisteúein hóti tòn kathékonta lógon hekástois apodídomen*). [...] Essas mesmas observações aplicam-se às descrições de batalhas, às transcrições de discursos e às outras partes da História<sup>293</sup>.

A grandeza de sua obra com relação aos predecessores é enfatizada (e não teria relação direta com Timeu do ponto de vista da mudança de conteúdo narrativo, uma vez que se tratava das guerras na Síria). Toda sorte de erro concernente a localizações, nomes de lugares ou de povos, “a amplitude da minha obra é uma desculpa suficiente. Somente se eu for considerado culpado

<sup>293</sup>τούτου δ' αἰτίον ἐστὶν ὅπερ ἡμῖν εἴρηται διὰ πλειόνων. ὅταν γὰρ ἀπλᾶς καὶ μονοειδεῖς λαβόντες ὑποθέσεις βούλωνται μὴ τοῖς πράγμασιν, ἀλλὰ τῷ πλήθει τῶν βύβλων ἱστοριογράφοι νομίζεσθαι καὶ τὴν τοιαύτην ἐφέλκεσθαι φαντασίαν, ἀναγκαῖόν ἐστι τὰ μὲν μικρὰ μεγάλα ποιεῖν, τὰ δὲ βραχέως εἰρημένα διασκευάζειν καὶ λογοποιεῖν, ἔνια δὲ τῶν ἐν παρέργῳ πεπραγμένων ἔργα καὶ πράγματα κατασκευάζειν, ἀγῶνας διαπιθεμένους καὶ παρατάξεις ἐξαγγέλλοντας, ἐν αἷς ἐνίοτε πεζοὶ μὲν ἔπεσον δέκα, ποτὲ (δὲ) μικρῶ πλείους, ἵππεῖς δ' ἔ(τι) τούτων ἐλάττους. πολιορκίας μὲν γὰρ καὶ τοπογραφίας καὶ τὰ παραπλήσια τούτοις οὐκ ἂν εἴποι τις ἀξίως ἐφ' ὅσον ἐξεργάζονται διὰ τὴν ἀπορίαν τῶν πραγμάτων. περὶ δὲ τοὺς τὰ καθόλου γράφοντας ἐναντίος ἐστὶν ὁ τρόπος· διόπερ οὐ χρὴ κατα γινώσκειν ὡς ἡμῶν ἐπισυρόντων τὰς πράξεις, ὅταν τὰ παρ' ἐνίοις πολλοῦ τετευχότα λόγου καὶ διασκευῆς ἡμεῖς ποτὲ μὲν παραλείπωμεν, ποτὲ δὲ βραχέως ἐξαγγέλλωμεν, ἀλλὰ πιστεύειν ὅτι τὸν καθήκοντα λόγον ἐκάστοις ἀποδίδομεν. [...] ἢ δ' αὐτὴ καὶ περὶ παρατάξεων ἡμῖν ἔστω καὶ δημηγοριῶν ἀπόφασις, παραπλησίως δὲ καὶ τῶν ἄλλων μερῶν τῆς ἱστορίας (Políbio, *Histórias*, XXIX, 12, tradução de M. da G. Kury, com modificações nossas).



num trecho ou noutro de falsear a verdade deliberadamente ou com o intuito de tirar algum proveito, não peço para ser desculpado, como já disse e repeti várias vezes ao longo desta obra ao referir-me a esse assunto”<sup>294</sup>. Tal linha de raciocínio se harmoniza com a do Livro XII, desde que “deve seguir-se necessária correção benévola aos que escrevem falsidades por ignorância, mas acusação inflexível aos que o fazem por intenção”<sup>295</sup>. Nesse sentido, as últimas passagens do Livro XII (27a-28) seriam tão insistentes no argumento da preparação do historiador (a sua *empeiría*) na medida em que o historiador experiente — ou o “homem pragmático” (*anér pragmatikós*) — selecionaria aquilo que é mais importante de ser lembrado e investigado<sup>296</sup>.

O final do Livro XXXIX, que encerra a narrativa polibiana para dar lugar ao esquema cronológico e topográfico abordado em todos os livros — o Livro XL, há muito perdido —, indiciam os objetivos do autor com a sua obra.

Foi esse o desfecho dos acontecimentos, e chegando ao fim de toda a minha obra desejo, depois de relembrar aos meus leitores o plano inicial que lhes expus como arcabouço das minhas *Histórias*, resumir toda a matéria tratada aqui, estabelecendo tanto para o conjunto quanto para as diversas partes a conexão entre o início e o fim (*tên arkhên tōi télei kai kathólou kai katà méros*). Expliquei inicialmente que o ponto de partida dos meus livros introdutórios coincidiria com o fim da obra de Timeu, e depois de um exame perfunctório dos eventos na Itália, na Sicília e na Líbia — o autor supramencionado tratou apenas dessas partes do mundo na sua *História* (*epeidē peri mónōn tōn tōpōn toutōn kakeînos pepoiētai tēn historían*) — chegando à época em que Aníbal assumiu o comando das forças cartaginesas, quando Filipe, filho de Demétrio, subiu ao trono da Macedônia, quando o espartano Cleômenes foi banido da Hélade e quando Antíoco herdou o trono da Síria e Ptolomeu Filopátor do

<sup>294</sup>τὸ γὰρ μέγεθος τῆς πραγματείας ἱκανόν ἐστιν ἡμᾶς ἐν ἅπασιν τοῦτοις παραιτεῖσθαι· πλὴν ἐάν που κατὰ πρόθεσιν ἢ (κέρδους) τινὸς ἔνεκεν εὕρισκώμεθα ψευδογραφοῦντες· τοῦτο γὰρ οὐ παραιτούμεθα, καθάπερ ἤδη καὶ πλεονάκις ἐν τῇ πραγματείᾳ περὶ τοῦτου τοῦ μέρους διεστάλμεθα (Políbio, *Histórias*, XXIX, 12, 11-12, tradução de M. da G. Kury).

<sup>295</sup>τοῖς μὲν γὰρ κατ' ἄγνοιαν ψευδογραφοῦσιν ἔφαμεν δεῖν διόρθωσιν εὐμενικὴν καὶ συγγνώμην ἐξακολουθεῖν, τοῖς δὲ κατὰ προαίρεσιν ἀπαραίτητον κατηγορίαν (Políbio, *Histórias*, XII, 7, 6, tradução nossa).

<sup>296</sup>Para o uso de Políbio da imagem de Odisseu para ilustrar o que ele chama de “homem pragmático”, ver SILVA, Dyel; SANTOS, Dominique. A historiografia antiga e a consciência do método da investigação histórica: uma leitura das *Histórias* de Políbio de Megalópolis. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 15, n. 40, p. 162–185, 2022, p. 168-169. Para a defesa que Políbio faz da existência histórica de Odisseu, e como usa esse personagem para sua autorrepresentação de mediador, ver o anteriormente citado SEBASTIANI, Breno B. **Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 157-164.

Egito, anunciei que adotaria como novo ponto de partida a 139ª Olimpíada, e daí em diante trataria das ações das comunidades do ecúmeno (*diéximen tās koinās tēs oikouménēs práxeis*), balizando-as por Olimpíadas, distinguindo-as em anos e comparando as concomitantes por aposição até a captura de Cartago, a batalha entre os aqueus e os romanos no Istmo e a consequente reorganização da Hélade. Uma obra concebida dessa maneira, como eu já disse, prestaria os maiores serviços aos leitores desejosos de instruir-se, permitindo-lhes saber como e devido a que constituição quase todas as partes do ecúmeno caíram sob um só comando, o dos romanos, fato o qual não se encontra precedente<sup>297</sup>.

Políbio teria reservado, igualmente, um lugar ao final de suas *Histórias* para comparar com a de seu predecessor Timeu, precisamente no que diz respeito ao escopo da sua obra. Além da perspectiva mais ou menos abrangente, há também uma crítica ao escopo. O alcance geográfico de Timeu não teria sido apenas restrito, como já se mostraria ultrapassado por seu sucessor. Além disso, considerando as críticas de Políbio referentes à imprecisão das informações geográficas, o novo autor teria tido a oportunidade de verificar de modo muito mais preciso a realidade de cada local, seja se deslocando até eles — vide as condições mais favoráveis no que diz respeito à mobilidade (III, 58-59) —, ou realizando interrogações orais de pessoas que os visitaram, ou ainda recorrendo a obras escritas que contivessem tais detalhes.

Relembrando a leitura de Timeu testemunhada por Políbio anteriormente, é razoável a identificação de uma audiência romana. Do ponto

<sup>297</sup>Καὶ ταῦτα μὲν οὕτω γενέσθαι συνέπεσεν· ἡμεῖς δὲ παραγεγονότες ἐπὶ τὸ τέρμα τῆς ὅλης πραγματείας βουλόμεθα, προσαναμνήσαντες τῆς ἀρχῆς καὶ τῆς προεκθέσεως ἧς ἐποιήσαμεθα καταβαλόμενοι τὴν ἱστορίαν, συγκεφαλαιώσασθαι τὴν ὅλην ὑπόθεσιν, οἰκειώσαντες τὴν ἀρχὴν τῷ τέλει καὶ καθόλου καὶ κατὰ μέρος. ἐξεθέμεθα τοιγαροῦν ἐν ἀρχαῖς ὅτι τῆς μὲν προκατασκευῆς ποιησόμεθα τὴν ἀρχὴν ἀφ' ἧν Τίμαιος ἀπέλιπεν· ἐπιδραμόντες δὲ κεφαλαιωδῶς τὰς κατὰ τὴν Ἰταλίαν καὶ Σικελίαν καὶ Λιβύην πράξεις, ἐπειδὴ περὶ μόνων τῶν τόπων τούτων κάκεῖνος πεποιήται τὴν ἱστορίαν, ὅτ' ἀνήλθομεν ἐπὶ τοὺς χρόνους, ἐν οἷς Ἀννίβας μὲν παρέλαβε τὰς Καρχηδόνος δυνάμεις, ὁ δὲ Δημητρίου Φίλιππος τὴν ἐν Μακεδονίᾳ βασιλείαν, Κλεομένης δ' ὁ Σπαρτιάτης ἔφυγεν ἐκ τῆς Ἑλλάδος, ἅμα δὲ τούτοις Ἀντίοχος μὲν τὴν ἐν τῇ Συρίᾳ βασιλείαν διεδέδεκτο, Πτολεμαῖος δὲ τὴν κατ' Αἴγυπτον ὁ κληθεὶς Φιλοπάτωρ, ἐπηγγειλάμεθα διότι πάλιν ἀπὸ τούτων τῶν καιρῶν ἀρξάμενοι καθ' οὓς ἦν Ὀλυμπιάς ἐνάτη καὶ τριακοστὴ πρὸς ταῖς ἑκατόν, διέξιμεν τὰς κοινὰς τῆς οἰκουμένης πράξεις, περιγράφοντες κατ' Ὀλυμπιάδας καὶ διαιροῦντες κατ' ἔτος καὶ συγκρίνοντες ἐκ παραβολῆς τὰς καταλλήλους ἕως τῆς Καρχηδόνος ἀλώσεως καὶ τῆς Ἀχαιῶν καὶ Ῥωμαίων περὶ τὸν Ἴσθμὸν μάχης, ἔτι δὲ τῆς ἐπιγενομένης ἐκ τούτων ἀποκαταστάσεως περὶ τοὺς Ἕλληνας. ἐξ ἧν τὸ κάλλιστον ἔφαμεν, ἅμα δ' ὠφελιμώτατον περιγενέσθαι τοῖς φιλομαθοῦσι· τοῦτο δ' ἦν τὸ γινῶναι πῶς καὶ τίνοι γένει πολιτείας ἐπικρατηθέντα σχεδὸν ἅπαντα τὰ κατὰ τὴν οἰκουμένην ὑπὸ μίαν ἀρχὴν ἔπεισε τὴν Ῥωμαίων, ὃ πρότερον οὐχ εὕρισκεται γεγονός. (Políbio, *Histórias*, XXXIX, 8, 3-7, tradução M. da G. Kury com modificações nossas).

de vista dessa, Timeu já não poderia ter sido identificado como um historiador de Roma. Isso poderia ter servido para Políbio reivindicar para si o tratamento mais extenso dado à sociedade romana, nos termos da sua axiologia, e, assim, tornar a imagem do passado construída em suas Histórias muito mais digna de atenção do que a de Timeu. Não obstante, tendo em vista que somente durante a vida de Políbio a autoridade romana teria se feito sentir de modo decisivo na Sicília e entre os demais itálicos com a conclusão da segunda guerra púnica em Zama (202 A.E.C.), foi a partir de então que grupos na Líbia passaram a negociar com os romanos, aos quais Massinissa teria garantido a vitória<sup>298</sup>. A destruição de Cartago sob o comando de Cipião teria simbolizado esse objetivo. As investigações de Políbio, portanto, ofereceriam modos de interação com os povos dessa região, além de recursos naturais que seriam de proveito excepcional às novas autoridades. Tamanha preocupação com a autoridade conferida a Timeu na leitura do seu relato sugere o quão delicada e oportuna poderia ser a ação de uma obra historiográfica devido à imagem do passado que ela veicula.

Como se não bastasse, na mesma passagem, Políbio retoma o diálogo com as comunidades cívicas de diversas partes do ecúmeno até chegar aos aqueus, guardando menção à batalha no Istmo e a uma reorganização da Grécia que teria ocorrido na sequência. O autor performa para membros das comunidades cívicas de colônias gregas, assim como para a Hélade e para os romanos, alguém capaz de negociar com todos; o historiador-político que dialoga simultaneamente com gregos, romanos e aliados. Somente uma história que garantisse narrar e investigar as ações as mais determinantes

---

<sup>298</sup>A dinastia à qual pertencia Massinissa fora a mais bem sucedida dos berberes, tendo exercido o poder entre os séculos III e I A.E.C., cf. KORMIKIARI, Maria Cristina N. Norte da África na antiguidade: os reis berberes númidas e suas iconografias monetárias. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 17, p. 251-292, 2007, p. 255. Mais adiante, a autora mostra como a iconografia real nas moedas berberes estava em sintonia com as dos diádocos — o que os romanos também fizeram no tempo da república — e, posteriormente, com as dos imperadores romanos. Políbio (XV, 17-18) nos reporta as negociações entre Aníbal, Massinissa e Cipião Emiliano dando a entender que os dois últimos tinham objetivos e vantagens estratégicas desproporcionais ao primeiro. Afinal, o exército de Massinissa teria se voltado surpreendentemente contra o de Aníbal em Zama quando a vitória deste estava quase garantida, provocando, assim, uma virada decisiva para o lado romano e númida no desfecho da segunda guerra púnica (Políbio, *Histórias*, XV-14).

nessa rede de mútua dependência — o ecúmeno — proveria uma visão do “todo e suas partes”, parafraseando Políbio. Não estaria no horizonte abocanhar toda a terra, mas exclusivamente aquilo que interessa nessa rede, pois é esta o parâmetro da história. A perspectiva do historiador deveria, para Políbio, ser necessariamente ecumênica, assim como a sua historiografia.

Como vimos anteriormente, para Políbio, nenhuma história que apreendesse os entrelaçamentos seria concebível antes da 140<sup>a</sup> olimpíada. Já uma perspectiva ou escopo de um todo abrangente, ou de todas as partes em conflito mútuo porque interdependentes (o ecúmeno), seria, aos olhos de Políbio, não só concebível como necessária. Nem mesmo Roma encontraria o seu lugar se não houvesse, antes, a apreensão intelectual e a qualidade em grau superlativo das ações em todo o espaço agônico. Com esse argumento, o autor não teria somente Timeu como alvo, senão todo e qualquer historiador — ou, porventura, todo político que buscasse sustentar certa tese com embasamento histórico — que propusesse um plano de cooperação destoante do seu. Tendo em mente a problemática concernente à arbitrariedade na seleção das ações mais importantes, precisamos alguns dos sentidos na história de Políbio quando a nomeamos ecumênica no subcapítulo a seguir.

### 3.3 SOBRE O VALOR DE UM PASSADO (IN)COMUM

Considerando que Políbio defendia o ecúmeno como régua da sua axiologia, surgem algumas reflexões sobre a qualificação que damos à sua história de história ecumênica. Ao demonstrar a grandeza dos acontecimentos narrados em comparação com os impérios anteriores, do ponto de vista argumentativo da polêmica historiográfica, Políbio apresentaria o seu trabalho como uma espécie de conclusão dos poderios antecedentes, i.e., os persas, os lacedemônios e os macedônios, respectivamente, Heródoto, Tucídides,

Xenofonte e Teopompo<sup>299</sup>. Visto sob a ótica do *translatio imperii*, pareceria haver uma visão de mundo segundo a qual subentendia-se que o sentido da história se formava de acordo com a sucessão de impérios. Foi justamente esta visão que, para Arnaldo Momigliano, tornaria as *Histórias* de Políbio passíveis de serem reconhecidas como uma história universal<sup>300</sup>. Políbio, que já vinha de um meio militarizado, chegou em Roma no período da terceira guerra púnica e do desfecho da terceira guerra macedônica. Ele haveria experimentado um ambiente aristocrático que ostentava a “afirmação desse domínio por ações altamente impositivas”, concomitantemente às “dissensões na *nobilitas*”<sup>301</sup>. Por consequência da mentalidade das elites helenísticas, haveria uma séria omissão de estratos sociais subalternos na sua historiografia<sup>302</sup>. O aspecto bélico e as ambições das elites, assim, permeiam toda a experiência histórica dos conceitos que analisamos.

Com efeito, a representação do todo aliada a uma noção de objetividade que não penderia para nenhum dos lados em disputa apontaria tanto para uma audiência que desconfiaria de Políbio enquanto aliado aos romanos, quanto para a complicada história política do grupo dirigente da Confederação Aqueia, à qual o historiador pertencia. Se essas são as suas preocupações principais — especialmente apontadas nos trechos XXIX, 12 e XII, 23, 7 —, segue-se que aquilo que chamar-se-ia de história universal se daria na conjunção das preocupações políticas e historiográficas do autor: seria necessário dialogar não só com gregos e romanos, mas com todos os aliados por meio da construção de uma imagem razoável (*eikós*) do passado<sup>303</sup>. Uma vez que

<sup>299</sup>MILTSIOS, Nikos. **The Shaping of narrative in Polybius**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2013, p. 09.

<sup>300</sup>MOMIGLIANO, Arnaldo. The origins of Universal History. **Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa**. Classe di Lettere e Filosofia, Pisa, série III, v. 12, n. 2, p. 533-560, 1982, p. 542-544.

<sup>301</sup>RODRIGUES DA SILVA, José Guilherme. **Roma e a representação de domínio do mundo no contexto das guerras púnicas**: uma leitura das *Histórias* de Políbio. 2010. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010, p. 161.

<sup>302</sup>MILIA, María Leonor; LIZÁRRAGA, Claudio Horacio. O pensamento histórico de Políbio: uma ponte entre a tradição grega e a universalização da História. In: SILVA, Glaydson José da; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). **A ideia de história na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, 189-218, p. 216.

<sup>303</sup>O *eikós* era um dos critérios pelos quais se poderia fundamentar um argumento historiográfico ou sofístico com base na razoabilidade daquilo que é dito ao invés da

Políbio se encontrava no campo historiográfico, ele não poderia prescindir de argumentar sobre os seus objetivos e os do grupo o qual representa sem demonstrar o domínio do arsenal analítico que tal tradição heteróclita trazia consigo.

Algumas das suas últimas palavras nas *Histórias* podem parecer revelar, à primeira vista, uma declaração aberta de partidarismo que invalidaria toda a sua reflexão até então:

Tendo cumprido o que nos fora designado, regressamos de Roma, e como que obtivemos ganho de alguns capitais das atuações políticas antecedentes, um retorno valoroso da boa disposição (*eunoías*) para com os romanos. Por isso, rogamos preces a todos os deuses para que as condições de hoje assim permaneçam pelo resto da vida, observando o acaso como que apto a se opor às pessoas, principalmente nesses momentos, quando prevalece na vida de quem está mais feliz e realizado<sup>304</sup>.

Já havia, em Tucídides, uma preocupação evidente com a *eúnoia* entre os participantes de ambos os partidos da guerra: o dos peloponésios e o dos atenienses<sup>305</sup>. O historiador, pela sua qualidade inerente, faria a crítica dos

---

demonstração por meio de prova factual, conclusiva. “*Eikos* evoca um sentido fortemente normativo na medida em que depende da manipulação de estereótipos do que é normal. Assim, um orador ganha a audiência ao apresentar como evidência uma suposição que é geralmente aceita, mas não explicitamente declarada, muito menos provada”, cf. CONDILO, Camila. Mito e história nas *Histórias* de Heródoto. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 26, p. 13-39, 2018, p. 22.

<sup>304</sup>οὖν ἡμεῖς καταπράξαντες ἐκ τῆς Ῥώμης ἐπανήλθομεν, ὡσανεὶ κεφάλαιά τινα τῶν προπεπολιτευμένων κατειργασμένοι, χάριν ἀξίαν τῆς πρὸς Ῥωμαίους εὐνοίας. διὸ καὶ πᾶσι τοῖς θεοῖς εὐχὰς ποιούμεθα τὸ λοιπὸν μέρος τῆς ζωῆς ἐν τούτοις καὶ ἐπὶ τούτων διαμεῖναι, θεωροῦντες τὴν τύχην ὡς ἔστιν ἀγαθὴ φθονῆσαι τοῖς ἀνθρώποις καὶ μάλιστα κατὰ τοῦτο τὸ μέρος ἰσχύει καθ’ ὃ τις ἂν δοκῆ μάλιστα μακαρίζεσθαι καὶ κατορθοῦν ἐν τῷ βίῳ (Políbio, *Histórias*, XXXIX, 8, 1-2, tradução nossa). A mudança para a primeira pessoa do plural mostraria a preocupação com uma audiência criteriosa leitora de historiografia. “[...] alternando entre a terceira pessoa (a convenção literária usual em escrita da história) e a primeira pessoa do singular ou do plural (uma prática típica de [livros de] memórias) ao referir a si mesmo, ele procura moderar a irritação que provavelmente seria causada pela ênfase deixada na apresentação de suas próprias ações nos últimos poucos livros de sua obra”, cf. MILTSIOS, Nikos. **The Shaping of narrative in Polybius**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2013, p. 133.

<sup>305</sup>“Mas [eu] laboriosamente descobria [o que realmente havia acontecido], uma vez que os participantes de cada evento não falavam sobre os acontecimentos, mas como que a partir da inclinação (*eunoías*) ou da memória que acabavam por ter de cada um dos lados” (ἐπιπόνως δὲ ἠύρισκετο, διότι οἱ παρόντες τοῖς ἔργοις ἐκάστοις οὐ ταῦτὰ περὶ τῶν αὐτῶν ἔλεγον, ἀλλ’ ὡς ἐκατέρων τις εὐνοίας ἢ μνήμης ἔχοι) (Tucídides, *Histórias*, I, 22, 3. Tradução nossa). Segundo PIREs, Francisco Murari. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 1999, 278-292,

relatos a fim de chegar a uma imagem verdadeira do passado. Com Políbio, não seria tão diferente. As palavras acima se harmonizam com a investigação polibiana porque, nos termos do autor, não haveria uma contradição entre ambas. Pelo contrário: para Políbio, historiografia e política não se confundem, mas se complementam. O historiador, assim como o político — o qual Políbio (XII, 27-28) exorta a ser também historiador —, agiriam corretamente na medida em que cultivassem boa-disposição (*eúnoia*) para com as partes que se mostram estrategicamente dignas de tanto. Isso não significaria, é claro, transformar a historiografia em um panegírico ou em um subgênero do discurso encomiástico, mas trabalhar simultaneamente com o político e com a escrita da história. Afinal, a qualquer momento, a configuração de forças poderia ser alterada por uma das partes em disputa ou uma outra parte que passa a integrar o todo conflitivo.

No entanto, o meio político específico que se vive condiciona as decisões do político-historiador. E é na ambivalência do contexto em que se vive e das ações que se escolhe realizar em que reside a arbitrariedade inerente à seleção dos eventos os mais dignos de serem lembrados, de entrarem na escrita da história. Neste dilema é circunscrita a axiologia polibiana.

A história *poliagonística* e *ecumênica* se fundamenta em uma reflexão sobre a axiologia da história. Há problemas aparentemente similares com a noção de história universal, uma vez que surgem de uma possível arbitrariedade na seleção dos episódios narrados. No entanto, são problemas de todo o pensar histórico. É verdade que em qualquer concepção ou gênero de escrita, a tarefa do historiador reside, em larga medida, em certa arbitrariedade pressuposta na própria elaboração dos critérios de seleção. E

---

Tucídides informa os problemas e não as soluções em função da sua retórica metódica, segundo a qual o autor supera desafios imprevisíveis a fim de conseguir custosamente a verdade histórica, atos esses que aquilatam-lhe heroicidade. Políbio, de outro lado, dá a entender que é uma obrigação do historiador expor e justificar o seu método de modo muito claro ao leitor. Assim foi percebido por BOUCHOT, F. Préface. In: POLYBE. **Histoire générale**. v. 1. Paris: Adolphe Delahays, 1847, p. vi-xxiv, p. xiii-xiv: “o que Tucídides comumente relega nos seus discursos e nalgumas digressões raras, Políbio expõe complacientemente a cada página”.

tais pressupostos não são compreendidos somente em momentos de exposição sobre o método, mas em um contexto mais amplo no qual a visão do sujeito é formada e formadora do(s) mundo(s). No caso de Políbio, pudemos notar como o seu olhar estava majoritariamente voltado para as elites, tanto na complicada composição política do Peloponeso, como de todas as demais colônias gregas e seus aliados.

A história e a construção das imagens do passado se davam em múltiplas formas da vida social e política na Antiguidade, e encontram apropriações particulares nas historiografias gregas e helenísticas<sup>306</sup>. Em suma, a disputa pelo passado era parte do modo de se conhecer o próprio fenômeno investigado, uma vez que a investigação (*historía*) tem como sua razão de ser, justamente, a construção de um conhecimento pertinentemente demonstrável acerca de um ou mais acontecimentos que, dada a sua relevância, modifica a compreensão humana sobre a sua própria história e aponta para ações e pensamentos a serem tomados<sup>307</sup>. As controvérsias historiográficas, por sua vez, são um resultado inerente à prática historiográfica tanto antiga quanto moderna, devido a essa premissa própria que a fundamenta<sup>308</sup>.

Vimos com os historiadores estudados, especialmente com Políbio e Timeu, que a defesa de uma imagem do passado veiculada por uma obra historiográfica poderia adquirir um significativo poder de ação. Mais sério ainda, em situações de arbitragem em que cidades disputam por um território, narrativas de historiadores eram usadas para fundamentar a argumentação e a

---

<sup>306</sup> MARINCOLA, John; LLOYD, Llewellyn-Jones; MACIVER, Calum (orgs.). **Greek Notions of the Past in the Archaic and Classical Eras: History Without Historians**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.

<sup>307</sup> CONDILLO, Camila. Autoria, autoridade e escrita da história na Grécia antiga. **História**, São Paulo, v. 40, e2021040, 2021, p. 08-09; THOMAS, Rosalind. **Polis Histories, Collective Memories and the Greek World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019; GRETHLEIN, Jonas. The Rise of Greek Historiography and the Invention of Prose. *In*: FELDHER, Andrew; HARDY, Grant (orgs.). **The Oxford History of Historical Writing**. Volume 1: Beginnings to AD 600, 2011, p. 148-170.

<sup>308</sup> CORREA, Denis Renan. **Controvérsias na historiografia grega: Hecateu, Heródoto, Helânico e Tucídides**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos) — Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021.



posse de terras e pessoas<sup>309</sup>. Por outro lado, a violência como tema seminal da história não deixa de ser uma construção, tanto na Antiguidade quanto na história dos receptores que selecionam as obras e, inclusive, os trechos de obras que permanecerão. A *História Natural* de Plínio, o Velho, foi considerada uma coleção de curiosidades ao invés de ter sido reconhecida como “uma história que permite falar sobre paz, sobre os pequenos feitos do cotidiano e de homens que possuem suas virtudes na construção de um aviário, [...] e não nos campos de batalhas”<sup>310</sup>. Em se tratando de Políbio, os seus manuscritos ganharam atenção sobretudo em épocas que tratar de guerra e poder era o que retinha a atenção. De ambos os lados, segundo os termos que trazemos para a discussão, uma disputa de axiologias parece permear a história do pensamento histórico; a questão sobre o sentido do curso da história, em linguagem polibiana, seria uma questão sobre a axiologia da ação humana.

Desde que se propõe a discutir aquilo que mais importa, pode-se dizer que reflexões sobre o sentido da história já veiculavam em diversas obras historiográficas, dentre as quais encontra-se a de Políbio. Não obstante, a conferência de sentido não adviria de um fim determinado da história para Políbio, como se encontra na história universal. Não só certa predominância de Roma logo encontraria o seu fim, como o apoio ou não a ela oscilaria conforme a análise histórica e de conjuntura que outrora faziam com os gregos (especialmente os aqueus) alternassem tantas vezes o seu posicionamento frente à Macedônia. Mesmo a *symploké* encontraria seu fim na própria obra. É arriscado, portanto, confundir a busca por cooperação de forças vinda de uma elite periférica com o estabelecimento do rumo e sentido únicos vindos de uma visão ocidental de mundo durante o período em que este fora o centro.

Diante dessa situação, vemos que problematizar preconceitos a partir do caso de Políbio auxilia a compreendê-lo e a dar maior visibilidade a historiografias outras. Afinal, “se almejamos escrever histórias pós-

---

<sup>309</sup>PAGKALOS, Manolis E. Legitimising the Present through the Past: Some Observations on the Use of the Past in Territorial Disputes. *Graeco-Latina*, Brunensia, v. 22, b. 02, p. 241-253, 2017, p. 250.

<sup>310</sup>STADLER, Thiago David. *Plínio, o Velho: nos caminhos da História Natural*. Campo Mourão: FECILCAM, 2021, p. 129.

eurocêntricas em um mundo moderno globalizado, a história da historiografia deverá desempenhar um papel significativo ao explorar maneiras de se atingir tal objetivo”<sup>311</sup>. Cabe ao historiador, enquanto mais criador e intérprete (especializado) da história, “fazer a crítica da tradição, destas representações arbitrárias e sem coesão que podemos perceber no presente e que têm como referente o passado”<sup>312</sup>. Pois, o ser humano não se contenta em somente contar o que aconteceu; ele busca “uma reconstrução do passado a qual seja simultaneamente inteligente e inteligível”<sup>313</sup>. Não obstante, quando o objetivo é compreender um mundo diferente do nosso, o exercício predominante resulta, em certo sentido, em um processo de desconstrução. Por isso, compartilhamos das seguintes palavras de Fabio Faversani, quem sustenta que

Na minha visão, mais uma forma de estudar a Antiguidade, assim, não tem nada a ver com descobrir a forma verdadeira de estudar o passado, mas com mais um grupo que se coloca no debate e ajuda a produzir uma comunidade ainda mais ampla e diversificada de historiadores da Antiguidade, que nos levará não à verdade, mas em sermos ainda melhores em descobrir o que é falso, quais caminhos não são válidos à luz da crítica<sup>314</sup>.

Pelos traços que identificamos como os que causam um equívoco interpretativo com relação ao modo como Políbio pensa e faz história, assim como pela análise do seu vocabulário e contexto, chegamos ao conceito de *poliagonístico* e de *história ecumênica*. Com isso, descobrimos o que não se sustenta pela heurística e a hermenêutica crítica-compreensiva. O meio em que Políbio vivia e a sua experiência como combatente, exilado e historiador, fizeram com que o seu modo de pensar história fosse *poliagonístico*. Esse

<sup>311</sup>Vlassopoulos, Kostas. Acquiring (a) Historicity: Greek History, Temporalities and Eurocentrism in the Sattelzeit (1750-1850). In: LIANERI, Alexandra (org.). **The Western Time of Ancient History: Historiographical Encounters with the Greek and Roman Pasts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 156-178, p. 157.

<sup>312</sup>Faversani, Fábio. Escrita da história e as histórias dos antigos. In: CERQUEIRA, Fábio Vergara; GONÇALVES, Ana Teresa Marques; MEDEIROS, Edalaura Berny; BRANDÃO, José Luís Lopes (orgs.). **Saberes e poderes no mundo antigo**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 19-34, p. 20.

<sup>313</sup>Walsh, W. H. **Philosophy of History: An Introduction**. New York: Harper Torchbooks, 1960, p. 32.

<sup>314</sup>Faversani, *ibid.*, p. 33.

modo de pensar, por sua vez, direcionou-o para a elaboração e a defesa de uma *história ecumênica*. A sua axiologia foi, ao mesmo tempo, formadora das e formada pelas *Histórias*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de história universal mostrou-se, no início, diretamente relacionado com a bibliografia sobre o período helenístico e com o modelo explicativo segundo o qual Roma teria sido o agente universalizador da história na Antiguidade. Especialmente após a segunda metade do século XX, essas noções foram substituídas pela complexificação da construção política do espaço. As *Histórias* de Políbio que, por sua vez, eram usadas para legitimar a primeira interpretação vigente, passou a integrar a segunda, ao mesmo tempo em que o próprio meio do autor veio a ser entendido de forma mais nuançada. Assim, o autor e a sua obra passaram de testemunhas da universalização da história para uma das múltiplas vozes que compunham o mundo helenístico. Não menos importante, a escritura de Políbio passou a ser reconhecida como uma historiografia dentre as demais que se deram no período.

No decorrer da análise, pudemos compreender alguns dos principais conceitos que indicavam a experiência de Políbio na escrita da sua história. Dentre eles, destacamos o ecúmeno (*oikouménē*) como um coletivo singular, que indicaria a conceptualização de um conjunto específico das ações humanas. Ele pôde ser compreendido na medida em que nos orientamos pelo conceito de *empeiría*, o qual significaria, especialmente para a nossa proposta, o conhecimento de locais específicos edificado pelo labor individual. Esse conhecimento, quando apropriado pelo historiador, é oferecido à audiência como um conhecimento de diversos locais que pode ser adquirido por meio do estudo diligente da sua obra. Nesse sentido, Roma e sua história só entrariam no escopo de Políbio na medida em que elas participassem do conflito entre as muitas outras histórias compositoras do ecúmeno.

O modo como Políbio pensa história se torna mais claro na medida em que analisamos o seu uso do par categorial “parte” e “todo” (*kathólou kai katà méros*). Afinal, o lugar historiográfico de Roma é apreendido por ele. Embora a nova força política do ecúmeno passe a exercer um poder fora do comum,

especialmente após o desfecho da segunda guerra púnica e da terceira guerra macedônica, ela não deixaria de ser apenas uma das partes envolvidas; em momento algum ela passaria a ser o fim último da história ou a substituição das demais. Essa concepção sobre o rumo dos acontecimentos, por sua vez, já destoaria da premissa da história universal, que preza pela conferência de sentido ao mundo na medida em que a história do próprio ocidente fosse a história do mundo. O conceito de *koiné*, sobretudo quando significa, na visão político-institucional de Políbio, comunidades cívicas, aponta para uma audiência que se reconhece mutuamente dependente não só, até então, dos poderios do mundo helenístico, como também, a partir de certa altura, do romano. Dialogando com elas e com seus predecessores — não raro, conhecidos também pela audiência —, o autor concebe tal interdependência de histórias como uma *koiné história*, uma história coletiva. Buscando uma exposição clara e de conjunto dessas interações, é adicionado o qualificativo *katholiké*, o qual a designaria.

Assim, percebemos como o modo de Políbio pensar história não somente se dá em um ambiente conflitivo, mas ele mesmo seria conflitivo e o seu produto historiográfico era uma arma de combate. Uma vez que se tratava de uma estratégia de cooperação entre muitas partes de ambições destoantes, ela deveria buscar o seu lugar em meio à batalha. Buscando recuperar esse campo de sentido próprio ao contexto político e cultural do autor e de sua audiência, atribuímos a esse modo de pensar história o nome de *poliagonístico*. Afinal, não haveria apenas uma competitividade inerente ao próprio meio no qual Políbio se insere. É preciso relevar que ela viria de tantos lados quanto a audiência das suas *Histórias* tivessem; ou seja, de múltiplos lados. A defesa de Roma como uma chegada da civilização, nesse horizonte comunicativo, seria inconcebível, uma vez que o próprio autor se inseria em uma estrutura de mútua dependência, assim como a sua audiência e, guardadas as devidas proporções, um poderio como o romano é, foi e poderia ser.

Diante de um público familiarizado com as disputas pelo passado, o historiador precisaria defender a novidade da sua proposta. Assim, vimos na polêmica com Éforo de Cime que, embora Políbio tenha se apropriado — dentre outras ferramentas conhecidas pelo primeiro — da economia narrativa de histórias interatuantes e do discernimento de relatos dignos de credibilidade sobre eventos impossíveis de serem presenciados pelo autor, ele buscou se diferenciar pela interação dos eventos exclusiva de sua época e pelo provimento de uma visão sinóptica. Os conceitos indicadores dessa experiência são, respectivamente, *symploké* (“entrelaçamento”, “conexão”, “conjunção”) e *synopsis* (“visão sinóptica”). Assim, a ambiguidade de “grande” (*tò mégethos*), na polêmica com Éforo, aponta tanto para a exclusividade dos acontecimentos narrados quanto para a amplitude de compreensão — a qual, necessariamente, se convidaria como uma recompensa ao leitor que tivesse que passar pelos seus 40 livros, quando obras mais curtas de arco temporal similar estariam à disposição.

Entretanto, Éforo não teria sido considerado, pelos modernos, um historiador de Roma, tal como um de seus sucessores, Timeu de Tauromênio. Antes de buscar compreender como e por que Políbio teria entrado em polêmica com Timeu, procuramos interpretá-lo para além da exclusividade do olhar de Políbio. Uma vez que Timeu teria escrito as suas *Histórias* com o intuito de construir uma imagem do passado da Sicília e do sul da Itália que deslegitimasse o governo de Agátocles, ele, por consequência, entrava em um embate com outras tradições que legitimavam o tirano e seu antecessores. Devido às frequentes polêmicas historiográficas na sua obra, lhe teria sido atribuída a fama, pelos inimigos da sua imagem do passado, de *detrator*. Isso nos indicou o poder de persuasão de uma historiografia em personalidades com grande poder político.

Timeu havia apenas perpassado a história dos romanos, que não exerciam o poder excepcional que passaram a exercer posteriormente. No entanto, a Sicília, local o qual havia investigado com profundidade, continuava em disputa na época de Políbio. Buscando deslegitimar o seu predecessor pelo

poder de convencimento das imagens do passado siciliota e de líderes como Agátocles que a obra dele veiculava, Políbio entra em uma polêmica que marcou quase tudo o que restou do seu Livro XII. De acordo com o enquadramento proposto pela nossa pesquisa, compreendemos que o argumento central de Políbio contra Timeu — estendido a todos os demais historiadores — era o de que a história deveria ter como perspectiva todo o ecúmeno. O conjunto dos eventos nesse espaço interdependente e de disputa, segundo esse raciocínio, seria a régua com a qual se selecionaria as ações que entrariam ou não na escrita da história. Assim, o conceito de ecúmeno é situado na constelação conceitual acima descrita. A essa perspectiva defendida por Políbio, demos o nome de *história ecumênica*, dado que difere substancialmente daquilo que a história universal evocaria. Em especial, a história ecumênica de Políbio, por ser voltada para o ecúmeno nos termos expostos, reivindica uma experiência, uma conceptualização e uma axiologia próprias que não encontram paralelo na filosofia da história pressuposta pela história universal. Nem mesmo Roma, a qual teria sido o agente universalizador do ponto de vista da história universal, encontraria o seu lugar na história ecumênica de Políbio se não houvesse, antes, a apreensão intelectual e a qualidade em grau superlativo das ações em todo o espaço agônico do ecúmeno. Ela prescinde, portanto, do modo *poliagonístico* de pensar história.

Não se pode negar que haveria uma zona intermediária entre o ambiente que se vive e as escolhas que se faz, onde residiria certa arbitrariedade na seleção dos episódios a serem narrados. No contexto de Políbio, política e historiografia se complementavam, de modo que seria vital ao autor conjugar as regras de ambos. Afinal, segundo o seu raciocínio, a investigação histórica propiciaria o conhecimento sobre com quem cultivar boa-disposição (*eúnoia*) em uma dada circunstância. A noção segundo a qual o poder romano seria passageiro e a configuração de forças poderia mudar a qualquer momento não era estranha a Políbio nem à sua audiência, como já mostravam as constantes renegociações e novas coligações de força dos

líderes da Confederação Aqueia, assim como a sua própria historiografia concebe o lugar de Roma como um dentre muitos.

A compreensão dessa constelação conceitual nos auxiliou a conhecer o lugar de Roma nas *Histórias* de Políbio, interpretadas por nós como uma dentre as historiografias helenísticas. Para Políbio, assim como para muitos de seus predecessores gregos e de sua audiência desde a época de Felipe II, Roma, enquanto entidade política e histórica, somente fazia sentido no horizonte das redes macedônicas de negociação; em outras palavras, em um horizonte helenístico. O crescimento romano em autoridade entre as cidades e confederações gregas, bem como a interferência indireta nos impérios selêucida e ptolomaico, era visto como a liderança circunstancial de um império sobre outros, e não como grau último da história. Apesar das políticas culturais gregas, afinal, não havia nada como uma filosofia do progresso da civilização no contexto ao qual nos detemos que justificasse tal interpretação. Aquilo que se chama de história universal em Políbio, portanto, não seria mais do que uma conceptualização da história mediante o diálogo do historiador com comunidades cívicas capazes de cooperarem com a política do grupo dirigente da Confederação Aqueia e de suas (possíveis) alianças.



## REFERÊNCIAS

### A) FONTES

ANÔNIMO. **Suidae Lexicon**, I-V. Ed. Ada Adler. Leipzig: Teubner, 1928-1938. Texto grego.

ATENEU. *Deipnosophistae*. Ed. G. Kaibel. *In: Athenaei Naucraticae deipnosophistarum libri XV*. 3 v. Leipzig: Teubner, 1887-1890.

BUTTS, James R. **The “Progymnasmata” of Theon**: a new text with translation and commentary. 1987. Tese de Doutorado (PhD) — Claremont Graduate School, Claremont, 1987. Edição grego-inglês.

CICERO. **De Natura Deorum**. Ed. O. Plasberg. Leipzig: Teubner, 1917. Texto em latim.

DIODORUS SICULUS. **Diodori Bibliotheca Historica**. 5 V. Ed. Immanuel Bekker, Ludwig Dindorf e Friedrich Vogel. Leipzig: Teubner, 1888-1906. Texto grego.

DIONYSII HALICARNASEI. **Antiquitatum Romanarum quae supersunt**, v. I-IV. Ed. Karl Jacoby. Leipzig: Teubneri, 1885. Edição em grego.

DUARTE, Rui Miguel de Oliveira. **Os Exercícios preparatórios de Élio Téon de Alexandria**: estudo introdutório e tradução. 1995. Tese de Doutorado (Estudos Clássicos) — Universidade da Madeira, Funchal, 1995. Edição em português.

EPHORUS. *Fragmenta e testimonia*. **Die Fragmente der Griechischen Historiker**. V. 2, tomo A, 37-109. Ed. Felix Jacoby. Berlin: Weidmann, 1926. Historiador n. 70.

FLAVIUS JOSEPHUS. **Contra Apionem**. *In: FLAVII IOSEPHI OPERA*. Ed. B. Niese. Berlin: Weidmann, 1892.

PLUTARCH. **De Alexandri Magni Fortuna aut Virtute**. *In: PLUTARCH. Moralia*. Ed. E tradução de Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1936. v 4.

PLUTARQUE. Timoleón. *In: PLUTARQUE. Vies: Timoleón, Paul Émile, Pélpidas, Marcellus*. Ed. e tradução de Robert Flacelière e Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1966, p. 15-58. Edição grego-francês.

POLYBE. **Histoires**: Livre XII. Tradução de P. Pédech. Paris: Belles Lettres, 1961.

POLYBII. **Historiae**. Ed. T. Büttner-Wobst. 4 v. Stuttgart: Teubner, 1985. Edição em grego.

POLYBII LYCORTAE F. MEGALOPOLIANI. **Historiarum libri qui supersunt**. Tradução de Isaac Casaubon. Typis VVecheliani apud Claudium Marnium & Hæredes Iohannis Aubrij, 1609. Edição grego-latim.

POLIBIO. **Le Storie**. Tradução de C. Schick. 3 v. Itália: Arnaldo Mondadori Editore, 1955.

POLIBIO. **Historia**. Tradução de M. B. Recort. 3 v. Madrid, Espanha: Editorial Gredos, 1981.

POLÍBIO. **História pragmática**: Livros I a V. Tradução de B. B. Sebastiani. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2016.

POLÍBIOS. **História**. Tradução de M. G. Kury. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

ΠΟΛΥΒΙΟΣ. **Polybii megalopolitani historiarum**: quidquid superest. Introdução, tradução e estudo crítico de Johannes Schweighæuser. Londres; Oxford: Impensis G. et W. B. Whittaker; J. Parker, et R. Bliss, 1823. Edição grego-latim.

POLYBIUS. **The Histories**. Tradução de W. R. Paton. 6 v. Londres: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's Sons, 1925.

POLYBIUS. **The Histories**. Tradução de R. Waterfield. Introdução e notas por B. McGing. Oxford: Oxford University Press, 2010.

SCHOLIA IN AELIUM ARISTITEM. Ed. E. Dindorf. Scholia Vetera. *In*: ARISTIDES. v. 3. Leipzig: Reimer, 1829.

TIMAIOS. Fragmentos e testemunhos. Ed. Felix Jacoby. **Brill's New Jacoby**. Autor n. 566. Tradução e comentários de Craig Champion. Texto grego-inglês. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com/entries/bri<wbr></wbr>ll-s-new-jacoby/timaiois-566-a566>. Acesso em: 01 out. 2023.

THEOPOMPUS. Fragmenta e testimonia. **Die Fragmente der Griechischen Historiker**. V. 2, tomo B, 526-617. Ed. Felix Jacoby. Berlim: Weidmann, 1926-1930. Historiador n. 115.

TRYPHON. **Tryphonis Grammatici Alexandrini Fragmenta**. Ed. Arthurus de Velsen. Berlim: F. Nicolai, 1853.

## B) OBRAS DE REFERÊNCIA

BAILLY, M. P. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Gérard Gréco, 2020.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots**. 4 v. Paris: Éditions Klincksieck, 1980.

COLLATZ, C. F.; GÜTZLAF, M.; HELMS, H. (eds). **Polybios-Lexicon**. v. 3. Berlim: Akademie Verlag, 2002.

DIGGLE, J. **The Cambridge Greek Lexicon**. 2 v. Padstow: Cambridge University Press, 2021.

HELMS, H. (Org.). **Polybios-Lexicon**. v. 2. Berlim: Akademie Verlag, 1998.  
LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon, 1996.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (coord.). **Dicionário grego-português**. 2ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra, SP: Editora Mnema, 2022.

MAUERSBEGGER, A. (Org.). **Polybios-Lexicon**. v. 1. Berlim: Akademie Verlag, 2000.

PEREIRA, I. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. 8ª ed. Braga: Livraria A.I., 1998.

ROCCI, L. **Vocabolario Greco-Italiano**. 37ª ed. Roma: Società editrice Dante Alighieri, 1993.

WOBST, Theodor Büttner-. *Historiarum conspectus*. In: POLYBII. **Historiae**. v. V. Índices e exposição sumária das *Histórias*. Stuttgart: Teubner, 1967, p. 246-251.

YARZA, F. I. S. (Org.). **Diccionario Griego-Español**. 2 v. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1998.

## C) BIBLIOGRAFIA

ABURTO, Leslie Lagos; PIÑA, Felipe Montanares-. La geografía en la historiografía helenística. El concepto de oikoumene en las *Histórias* de Polibio. **Byzantion Nea Hellás**, n. 39, p. 101-124, 2020.

ALONSO-NUÑEZ, José Miguel. Trogue-Pompée et l'impérialisme romain. **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, Paris, n. 1, p. 72-86, 1990.

ANDRÉ, Alessandra. **A fabricação da 'basileia' helenística**: um estudo sobre o governo de Antígono Monoftalmo e Demétrio Poliorcetes (321 – 301). 2018. Tese (Doutorado em História) —Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

ANDRÉ, Alessandra. O mundo da *pólis*: reflexões a partir do modelo ateniense e da crise no território políade no século IV A.C. **Romanitas**, Vitória, n. 07, p. 29-48, 2016.

ANDRÉ, Aymard. Un fragmente de Polybe mal classé. **Pallas**, Toulouse, v. 4, p. 27-37, 1956.

ANDREOTTI, Gonzalo Cruz. Geografía e historiografía clásica: el ejemplo de Polibio. **Revista de Historiografía**, Madrid, n. 1, p. 60-70, 2004.

ASSIS, Arthur Alfaix. **What is History for?** Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography. Berghahn: New York; Oxford, 2014.

BANG, Peter Fibiger. Lord of All the World: the State, Heterogeneous Power and Hegemony in the Roman and Mughal Empires. *In*: BANG, P. F.; BAYLY, C. A. (orgs.). **Tributary Empires in Global History**. Londres: Palgrave Macmillan, 2011, p. 171-192.

BARBO, Daniel. Temporal Perspective of Polybius' Historiographical Method. *In*: DEVILLERS, Olivier; SEBASTIANI, Breno Battistin (orgs.). **Sources et modèles des historiens anciens**. v. 2. Bordeaux: Ausonius, 2021, p. 119-129.

BARBO, Daniel. A polémica do Livro XII de Políbio e os tempos históricos. *In*: SEBASTIANI, Breno Battistin; RODRIGUES JR., Fernando; COSTA e SILVA, Bárbara da (orgs.). **Problemas de historiografia helenística**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, 121-138.

BARON, Christopher A. **Timaeus of Tauromenium and Hellenistic historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BARONOWSKI, Donald Walter. **Polybius and Roman Imperialism**. Londres; Nova Deli; Nova York; Sydney: Bloomsbury, 2011.

BERBERT JÚNIOR, Carlos Oiti. **A história, a retórica e a crise dos paradigmas**. 2ª ed. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

BENINI, Flávia Fernandes. **A crítica de Políbio à composição de discursos históricos por Timeu (Plb. 12.25a-28a)**. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica (Graduação em Letras – Grego) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BOSSOUET, Jacques Bénigne. **Discours sur l'histoire universelle**. Paris: Lefèvre; Charpentier, 1841 [1681].

BOUCHOT, F. Préface. *In*: POLYBE. **Histoire générale**. v. 1. Paris: Adolphe Delahays, 1847, p. vi-xxiv.

BOWDEN, Brett. The “Idea” of Universal History: What the Owl Heard, the Angel Saw, and the Idiot Said. **New Global Studies**, v. 11, n. 03, p. 197-209, 2017.

BRINGMANN, Klaus. **A History of the Roman Republic**. Tradução de W. J. Smyth. Malden: Polity Press, [2002] 2014.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira; SANT'ANNA, Henrique Modanez de. “Fixar a onda de luz”: o problema da transição das épocas históricas no conceito de helenismo em Johann Gustav Droysen. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 01, p. 88-101, 2008.

CAMPOS, Camilla Nunes. **A escrita da história em Políbio: Timeu e a antítese do historiador ideal**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso — Bacharelado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Al margen de Europa: pensamiento poscolonial y diferencia histórica**. Tradução de Alberto E. Álvarez e Araceli Maira. Barcelona: Tusquets, 2008.

CHAMPION, Craig B. **Cultural politics in Polybius's Histories**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2004.

CHAMPION, Craig. Rome Enters the Greek East: From Anarchy to Hierarchy in the Hellenistic Mediterranean, 230 – 170 BC by Arthur Eckstein. **Classical Philology**, Chicago, v. 104, n. 02, p. 253-257, 2009.

COLLINGWOOD, R. G. **The Idea of History**. Oxford: At the Clarendon Press, 1946.

CONDILO, Camila. Aútoría, autoridade e escrita da história na Grécia antiga. **História**, São Paulo, v. 40, e2021040, 2021.

CONDILO, Camila. Mito e história nas *Histórias* de Heródoto. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 26, p. 13-39, 2018.

CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016.

CONSTANTAKOPOULOU, Christy. Beyond the Polis: Island *Koina* and Other Non-polis Entities in the Aegean. *In*: TAYLOR, Claire; VLASSOPOULOS, Kostas (orgs.). **Communities and Networks in the Ancient Greek World**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 213-238.

CORREA, Denis Renan. **Controvérsias na historiografia grega**: Hecateu, Heródoto, Helânico e Tucídides. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos) — Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021.

COULANGES, Fustel de. **Polybe ou la Grèce conquise par les romains**. Amiens: T. Jeunet, 1858.

DAVIES, J. K. Cultural, social and economic features of the Hellenistic world. *In*: WALBANK, F. W. ; ASTIN, A. E. ; FREDERIKSEN, M. W. ; OGILVIE, R. M. (orgs.). **The Hellenistic World**. 2<sup>a</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1984] 2011, p. 257-320.

DILLERY, John. Hellenistic Historiography. *In*: FELDHERR, Andrew; HARDY, Grant (orgs.). **The Oxford Handbook of Historical Writing v. I: Beginnings to AD 600**. New York: Oxford University Press, 2011, p. 171-218. DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**: histoire d'Alexandre le Grand. Tomo I. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Paris: Ernest Leroux, 1883.

DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**: histoire d'Alexandre le Grand. Tomo I. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Paris: Ernest Leroux, 1883.

DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'Hellénisme**: histoire des successeurs d'Alexandre. Tomo II. Tradução de A. Bouché-Leclercq. Paris: Ernest Leroux, 1884.

DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'hellénisme**. Histoire des successeurs d'Alexandre (Épigones). Tomo III. Tradução sob a direção de A. Bouché-Leclercq. Angers: Ernest Leroux, 1885.

- DROYSEN, Johann Gustav. **Histórica**: lecciones sobre la enciclopedia y metodología de la historia. Tradução de E. G. Valdés; R. G. Girardot. Barcelona: Editorial Alfa, 1983.
- DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- DUBUISSON, Michel. **Le latin de Polybe**: les implications historiques d'un cas de bilinguisme. Paris: Klincksieck, 1985.
- ECKSTEIN, Arthur M. Polybius, Phylarcus, and Historiographical Criticism. **Classical Philology**, v. 108, n. 4, p. 314-338, 2013.
- ECKSTEIN, Arthur M. **Mediterranean Anarchy, Interstate War, and the Rise of Rome**. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 2006.
- ECKSTEIN, Arthur M. **Rome Enters the Greek East**: from anarchy to hierarchy in the Hellenistic Mediterranean, 230 – 170 BC. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2008.
- ECKSTEIN, Arthur. Polybios and International Systems Theory. *In*: AGER, Sheila A.; FABER, Riemer A. (orgs). **Belonging and Isolation in the Hellenistic World**. University of Toronto Press: Toronto, 2013, p. 131-142.
- ESPADA LIMA, Henrique. História global do trabalho: um olhar desde o Brasil. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 59-70, 2018.
- FAVERSANI, Fabio. Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira. **Mare Nostrum**, São Paulo, n. 4, p. 100-111, 2013.
- FAVERSANI, Fábio. Escrita da história e as histórias dos antigos. *In*: CERQUEIRA, Fábio Vergara; GONÇALVES, Ana Teresa Marques; MEDEIROS, Edalaura Berny; BRANDÃO, José Luís Lopes (orgs.). **Saberes e poderes no mundo antigo**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 19-34.
- FERRARY, Jean-Louis. **Philhellénisme et impérialisme**: aspects idéologiques de la conquête Romaine du monde Hellénistique. De la Seconde Guerre de Macédoine à la guerre contre Mithridate. École Française de Rome: Palais Farnèse, 1988.
- FICKER, Sandra Kuntz. Mundial, transnacional, global: um ejercicio de clarificación conceptual de los estúdios globales. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Paris, 2014, DOI: 10.4000/nuevomundo.66524.

FLOYD, Edwin D. The Sources of Greek ἵστωρ “Judge, Witness”. *Glotta*, v. 64, n. 4, p. 157-166, 1990.

FORNARA, Charles William. **The nature of History in ancient Greece and Rome**. Berkley; Los Angeles: University of California Press, 1983.

FOUCAULT, Jules-Albert de. Note sur Quelques manuscrits de Polybe. *Revue d'histoire des textes*, Paris, boletim n. 01, p. 227-233, 1971.

FOUCAULT, Jules-Albert de. **Recherches sur la langue et le style de Polybe**. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

FOULON, Éric. Polybe et l'histoire universelle. **Histoire et historiographie dans l'Antiquité** (Actes du 11 ème colloque de la Villa Kérylos à Bealieu-sur-Mer les 13 & 14 oct. 2000). Paris: Académie des Inscriptions et Belles Lettres, p. 45-82, 2001.

FOULON, Éric. Philopœmen, Hannibal, Scipion: trois vies parallèles chez Polybe. *Revue des Études Grecques*, Paris, n. 106, p. 333-379, 1993.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. O lugar da História Antiga no Brasil. **Mare Nostrum**, São Paulo, n. 8, p. 30-61, 2017.

FRITZ, Kurt von. **The Theory of the Mixed Constitution in Antiquity: a Critical Analysis of Polybius' Political Ideas**. New York: Columbia University Press, 1958.

FUCHS, **Günter Ludwig**. **Die Briefe von Theodor Büttner-Wobst (1854 – 1905) an Karl Krumbacher (1856 – 1909)**. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Viena, Viena, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Rostovtzeff e a contribuição da arqueologia para a história antiga. DA SILVA, Glaydson José; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). **Como se escreve a história da Antiguidade: olhares sobre o antigo**. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3ª edição. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

GERONTAS, Apostolos K. “Sharp of taste”: the concept of acidity in the Greek system of natural explanation. **Foundations of Chemistry**, Dordrecht, 2023. DOI: 10.1007/s10698-023-09483-w.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A forma e a festa: homenagem a Norberto Luiz Guarinello. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 14-28, 2021.



GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Entre gregos e romanos: história e literatura no Mundo Clássico, **Revista Tempo**, Niterói, v. 20, p. 1-14, 2014.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os panegíricos e o conceito de *Imperium*: repensando os poderes dos imperadores romanos (séculos III e IV d.C.). **História e Cultura**, Franca, v. 2, n. 3, p. 216-238, 2013.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Desafios da pesquisa em História Antiga no Brasil. **Dimensões**, Vitória, v. 11, p. 167-174, 2000.

GRETHLEIN, Jonas. **Experience and Teleology in Ancient Greek Historiography: 'Futures Past' from Herodotus to Augustine**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GRUEN, Erich S. Rome and the Greek World. *In*: FLOWER, Harriet I. (org.). **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. Nova York: Cambridge University Press, 2004, p. 242-267.

GUARINELLO, Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio. **Mare Nostrum**, São Paulo, v. 1, p. 113-127, 2010.

HARRIS, William. **War and Imperialism in Republican Rome (327-70 B.C.)**. Oxford: Clarendon Press, [1979] 1985.

HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de G. J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da História Universal à História Global? **História, histórias**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 164-179, 2013.

HEADLAND, Thomas N.; PIKE, Kenneth L.; HARRIS, Marvin (orgs.). **Emics and Etics: The Insider/Outsider Debate**. Newbury Park: Sage Publications, 1990.

HELLER, Anna. D'un Polybe à l'autre: statuaire honorifique et mémoire des ancêtres dans le monde grec d'époque impériale. **Chiron** (Mitteilungen der Kommission für Alte Geschichte und Epigraphik des Deutschen Archäologischen Instituts), Leiden, v. 41, p. 287-312, 2011.

HOLLEAUX, Maurice. **Rome, la Grèce et les monarchies hellénistiques au IIIème siècle avant J.-C. (273 – 205)**. Paris: E. de Boccard, 1921.

HORNBLOWER, Jane. **Hieronymus of Cardia**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HUNT, Lynn. **Writing History in the Global Era**. Nova York; Londres: WW Norton & Company, 2014.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 04, p. 105-124, 2010.

IFVERSEN, Jan. The Birth of International Conceptual History. **Contributions to the History of Concepts**, Helsinki, v. 16, n. 01, p. 01-15, 2021.

IFVERSEN, Jan. Part 2: After the Big Bang. The Fusing of New Approaches. **Contributions to the History of Concepts**, Helsinki, v. 16, n. 02, p. v-xvii, 2021.

JACKSON, Donald F. An Old Book Revisited: Greek Manuscripts of Janus Lascaris from the Library of Cardinal Niccolò Ridolfi, **Manuscripta**, Saint Louis, p. 77-133, 2003.

JACOBY, Felix. On the Development of Greek Historiography and the Plan for a new Collection of the Fragments of the Greek Historians. Tradução de Mortimer Chambers e Stefan Schorn. **Histos**, Newcastle, suplemento n. 3, [1956], 2015.

JOLY, Fábio Duarte. Antiguidade europeia e modernidade latino-americana: a Tradição Clássica como matriz de identidades. **Praesentia**, Mérida, v. 10, p. 1-12, 2009.

JOLY, Fábio Duarte. Apresentação. *In*: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e retórica**: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 8-11.

JORDHEIM, Helge. Does Conceptual History Really Need a Theory of Historical Times? **Contributions to the History of Concepts**, Helsinki, v. 6, n. 2, p. 21-41, 2011.

KRALLI, Ioanna. **The Hellenistic Peloponnese**: Interstate Relations. Swansea: The Classical Press of Wales, 2017.

KNUST, José Ernesto Moura. Os plúucios, a emancipação da plebe e a expansão romana: conectando as histórias interna e externa da república romana. **Esboços**, Florianópolis, v. 26, n. 42, p. 234-254, 2019.

KORMIKIARI, Maria Cristina N. The punic *chora* of Sicily and Sardinia: a comparative approach. **Folia Phoenicia**, Pisa e Roma, v. 01, p. 70-73, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de W. P. Maas; C. A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos**: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, [2006] 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de M. Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

KURY, Mário da Gama. Introdução. In: POLÍBIOS. **História**. Tradução de M. G. Kury. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 31-37.

LEONI, Álvaro M. M. Memoria, historia Aquea y autobiografía en las Historias de Polibio: Algunas observaciones. In: SEBASTIANI, B. B.; RODRIGUES JÚNIOR, F.; SILVA, B. C. (Orgs.). **Problemas de historiografia helenística**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 103-120.

LEONI, Álvaro M. M. **Entre Roma y el mundo griego**: memoria, autorrepresentación y didáctica del poder en las *Historias* de Polibio. Córdoba: Brujas, 2017.

LEONI, Álvaro Moreno. Polibio, el mundo helenístico y la problemática cultural: algunas líneas de reflexión em los últimos veinte años. **De Rebus Antiquis**, Buenos Aires, Año II, n. 02, p. 123-151, 2012.

LIANERI, Alexandra (org.). **The Western Time of Ancient History**: Historiographical Encounters with the Greek and Roman Pasts. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. Vida e obra de Eurípides Simões de Paula. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 39, n. 97, p. 294-295, 2000.

MACKIL, Emily. **Creating a Common Polity**: Religion, Economy, and Politics in the Making of the Greek Koinon. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 2013.

MARINCOLA, John. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Chippenham: Cambridge University Press, 1999.

- MARINCOLA, John. Universal History from Ephorus to Diodorus. *In*: MARINCOLA John (org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 v. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2007, p. 171-179.
- MARINCOLA, John; LLOYD, Llewellyn-Jones; MACIVER, Calum (orgs.). **Greek Notions of the Past in the Archaic and Classical Eras**: History Without Historians. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.
- MARQUES, Juliana Bastos. Historicizando as categorias de Felix Jacoby: os gêneros historiográficos da Antiguidade e sua classificação pelos modernos. *In*: GUARINELLO, Norberto Luiz; SILVA, Uiran Gebara da; OLIVEIRA, Gustavo Junqueira Duarte; PIZA, Pedro Luís de Toledo (Orgs.). **Fronteiras mediterrânicas**: estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 225-250.
- MARQUES, Juliana Bastos. Para compreender no século XXI as escalas e proporções do mundo antigo. **Pasado Abierto**, Mar de la Plata, n. 14, p. 118-132, 2021.
- MARQUES, Juliana Bastos. A *historia magistra vitae* e o pós-modernismo. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 63-78, 2013.
- MARQUES, Juliana Bastos. Políbio. *In*: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e retórica**: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007.
- MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Veritas filia temporis?* O conhecimento histórico e a distinção entre filosofia e teoria da história. **Síntese**, Belo Horizonte, p. 05-34, 2009.
- MARTINS, Leda. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MATIJAŠIĆ, Ivan. **Shaping the canons of ancient Greek historiography**: imitation, classicism, and literary criticism. Berlin; Boston: de Gruyter, 2018.
- MILIA, María Leonor; LIZÁRRAGA, Claudio Horacio. O pensamento histórico de Políbio: uma ponte entre a tradição grega e a universalização da História. *In*: SILVA, Glaydson José da; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). **A ideia de história na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, 189-218.
- MILTSIOS, Nikos. **The Shaping of narrative in Polybius**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2013.
- MELFI, Milena. The Stele of Polybios: Art, Text and context in Second-Century BC Greece. BERTI, I.; BOLLE, K.; OPDENHOFF, F.; STROTH, F. (orgs.).

**Writing Matters:** Presenting and Perceiving Monumental Inscriptions in Antiquity and the Middle Ages. Berlin; Boston: De Gruyter, 2017, p. 191-203.

MOELLENDORFF, Ulrich von Wilamowitz-. **Greek Historical Writing and Apollo:** Two Lectures delivered before the University of Oxford, June 3 and 4. Tradução de G. Murray. London; Edinburgh; New York; Toronto: Oxford University Press, 1908.

MOERBECK, Guilherme; FRIZZO, Fábio. **Pesquisadores da Antiguidade:** a formação de um campo interdisciplinar no Brasil. Serra: Editora Milfontes, 2023.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna.** Tradução de M. B. B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização:** a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa. Rio de Janeiro: Zahar Editor, [1975] 1991.

MOMIGLIANO, Arnaldo. The origins of Universal History. **Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa**, Classe di Lettere e Filosofia, Pisa, série III, v. 12, n. 2, p. 533-560, 1982.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Polybius' Reappearance in Western Europe. *In:* GABBA, Emilio (org.). **Polybe.** Entretiens sur l'antiquité classique, v. XX. Vandœuvres: Fondation Hardt, 1973, p. 345-372.

MOMMSEN, Theodor. **The History of Rome.** v. I. Tradução de William Purdie Dickson. Londres: Richard Bentley & Son, [1862] 2009.

MOMMSEN, Theodor. **The History of Rome.** v. II. Tradução de William P. Dickson. Londres: Richard Bentley, [1862] 2009.

MONFASANI, John. Machiavelli, Polybius, and Janus Lascaris: the Hexter Thesis Revisited. **Italian Studies**, Londres, v. 71, n. 01, p. 39-48, 2016.

MONOGRAFIE. Dicionário Digital de Língua Alemã (*Digitale Wörterbuch der Deutschen Sprache*). Disponível em: <https://www.dwds.de/wb/Monographie?o=monographie>. Acesso em: 25 dez. 2023.

MORALES, Fábio; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 40, n. 83, p. 126-150, 2020.

MORALES, Fábio. Os campos de integração em Delos no período helenístico (167 – 69 a.C.): apontamentos para uma História Antiga Global. **Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 38, p. 25-43, 2022.

MORALES, Fábio. Niebuhr e a história antiga no século XIX. *In*: SILVA, Glaydson José; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). **Como se escreve a história da Antiguidade**: olhares sobre o antigo. São Paulo: Editora Unifesp, 2020, p. 47-62.

MORALES, Fábio. Espaços competitivos: evergetismo monárquico, espaço urbano e integração na Atenas helenística (séc. II a.C.). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 29, p. 47-59, 2017.

MORALES, Fábio Augusto. **Atenas e o Mediterrâneo romano**: espaço, evergetismo e integração. 2015. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MORALES, Fábio A. **A democracia ateniense pelo avesso**: os metecos e a política nos discursos de Lísias. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MORRIS, Ian. Mediterraneanization. **Mediterranean Historical Review**, Tel Aviv, n. 18, v. 2, 30-55, 2003.

MOORE, Daniel Walker. **Polybius**: Experience and the Lessons of History. Leiden; Boston: Brill, 2020.

NEDERMAN, Cary J.; SULLIVAN, Mary Elizabeth. The Polybian Moment: the Transformation of Republican Thought from Ptolemy of Lucca to Machiavelli. **The European Legacy**, Londres, v. 17, n. 07, p. 867-881, 2012.

NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 1. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852.

NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 2. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852.

NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History**: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus. v. 3. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852.

OLSTEIN, Diego. **Pensar la historia globalmente**. Tradução de Alejandro Pérez-Sáez. México: Fondo de Cultura Económica, [2015] 2019.

PAGKALOS, Manolis E. **Percieving The Past in the Early Hellenistic Period**: The Uses of the Past in Remodelling Reality. Doutorado (PhD) — Universidade de Leicester, Escola de Arqueologia e História Antiga, Leicester, 2018.

PAGKALOS, Manolis E. Legitimising the Present through the Past: Some Observations on the Use of the Past in Territorial Disputes. **Graeco-Latina**, Brunensia, v. 22, b. 02, p. 241-253, 2017.

PALTI, Elías José. Koselleck y la idea de *Sattelzeit*: un debate sobre modernidad y temporalidad. **Ayer**, Madrid, v. 53, p. 63-74, 2004.

PARMEGGIANI, Giovanni. **Eforo di Cuma**: Studi di storiografia greca. Bolonha: Pàtron Editore, 2011.

PAYEN, Pascal. Johann Gustav Droysen et l'Histoire de l'Hellénisme. L'époque hellénistique entre Alexandre et la Prusse. *In*: DROYSEN, Johann Gustav. **Histoire de l'Hellénisme**. v. 1. Tradução de Auguste Bouché-Leclercq. Prefácio, notas e bibliografia por Pascal Payen. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2005, p. 05-60.

PÉDECH, Paul. **Trois historiens méconnus**: Théopompe, Duris, Philarque. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

PÉDECH, Paul. La culture de Polybe et la science de son temps. *In*: GABBA, Emilio (org.). **Polybe**. Entretiens sur l'antiquité classique, v. XX. Vandœuvres: Fondation Hardt, 1973, p. 39-60.

PÉDECH, Pédech. **La méthode historique de Polybe**. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

PERNAU, Margrit. Para onde vai a História dos Conceitos? Das histórias nacionais às histórias entrelaçadas. **Esboços**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 197-211, 2021.

PERNAU, Margrit; SACHENMAIER, Dominic. **Global Conceptual History: A Reader**. Londres; Nova York: Bloomsbury, 2016.

PILKINGTON, Nathan. **An Archeological History of Carthaginian Imperialism**. 2013. Tese (Doutorado em História) — Universidade de Columbia, Columbia, 2013.

PIRES, Francisco Murari. Ranke e Niebuhr: a apoteose tucidideana. **Revista de História**, São Paulo, n. 166, p. 71-108, p. 71-108, 2012.

PIRES, Francisco Murari. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 1999.

PRADO, A. L. A. A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. **Classica**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 298-299, 2006.

PREAUX, Claire. Réflexions sur l'entité hellénistique. **Chronique d'Égypte**, Bruxelles, v. 40, n. 79, p. 129-139, 1965.

PRÉAUX, Claire. **Le monde hellénistique**: la Grèce et l'Orient (323 – 146 av. J.-C.). Paris: Presses universitaires de France, 1978. Tomo primeiro.

PRÉAUX, Claire. **Le monde hellénistique**: la Grèce et l'Orient (323 – 146 av. J.-C.). Paris: Presses universitaires de France, 1978. Tomo segundo.

RICHTER, Melvin. Begriffsgeschichte and the History of Ideas. **Journal of the History of Ideas**, v. 48, n. 2, p. 247-263, 1987.

RIVERO, José Javier Blanco. La historia de los conceptos de Reinhart Koselleck: conceptos fundamentales: Sattelzeit, temporalidad e histórica. **Politeia**, Caracas, v. 35, n. 49, p. 1-33, 201, 2012.

RIZAKIS, Athanasios D. L'expérience de l'organisation intercivique et supracivique dans la confédération achéene. *In*: LOMBARDO, Mario (org.). **Forme sovrappoleiche e interpoleiche di organizzazione nel mondo greco antico**. Atti del Convegno Internazionale LECCE, 17-20 Settembre 2008. Gelatina; Milão: Congedo Editore, 2008, p. 274-292.

RODRIGUES DA SILVA, José Guilherme. **Roma e a representação de domínio do mundo no contexto das guerras púnicas**: uma leitura das *Histórias* de Políbio. 2010. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

ROOD, Tim. The Development of the War Monograph. *In*: MARINCOLA John (org.). **A Companion to Greek and Roman Historiography**. 2 v. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2007, p. 147-158.

ROSTOVTZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. Oxford: At the Clarendon Press, 1941.

ROSTOVTZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v. 1. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998.

ROSTOVTZEFF, Mikhaïl. **The Social and Economic History of the Hellenistic World**. v. 2. Oxford: At the Clarendon Press, [1941] 1998.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. Agátocles de Siracusa e o nascimento da *Basíleia* helenística na Sicília Grega. **Ágora**, Aveiro, v. 21, 103-115, 2019.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. **História da república romana**. Petrópolis: Vozes, 2015.



SANT'ANNA, Henrique Modanez de. Políbio e os princípios de sua investigação histórica: algumas considerações. **Revista Mundo Antigo**, Niterói, v. 01, n. 02, p. 141-153, 2012.

SANTOS, Dominique. Eurípides Simões de Paula: pioneiro na formação da área de História Antiga no Brasil. *In*: MOERBECK, Guilherme; FRIZZO, Fábio. **Pesquisadores da Antiguidade: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil**. Serra: Editora Milfontes, 2023, p. 31-52.

SANTOS, Dominique. Apresentação ao dossiê “A escrita da história na Antiguidade”. **Revista de Teoria da História**, ano 7, n. 13, p. 7-18, 2015.

SANTOS, Milton. **Para uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História Global: um empreendimento intelectual em curso. **Tempo**, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017.

SCANLON, Thomas F. **Greek Historiography**. Malden; Oxford; Chichester: Wiley Blackwell, 2015.

SCHMITZ, L. Preface. *In*: NIEBUHR, Barthold G. **Lectures on Ancient History: from the Earliest Times to the Taking of Alexandria by Octavianus**. v. 1. Tradução de Leonhard Schmitz. Philadelphia: Blanchard and Lea, 1852, p. vii-xii.

SCOPACASA, Rafael. Hegemonia romana e transformações culturais no mediterrâneo (séculos IV – II a.C.): novas perspectivas da história global. **Revista História**, São Paulo, n. 177, a04917, 2018.

SEBASTIÁN, Javier Fernández (org.). **Diccionario político y social del mundo iberoamericano**. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009-2014. 2v.

SEBASTIANI, Breno B. **Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

SEBASTIANI, Breno B. Políbio contra Filarco, ou crítica à historiografia trágica. **Hypnos**, n. 19, p. 68-84, 2007.

SEBASTIANI, Breno B. Políbio contra Timeu, ou o direito de criticar. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**, n. 2, p. 6-25, 2008.

SEBASTIANI, Breno Battistin. **Bélica lição polibiana**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SEBASTIANI, Breno B. Introdução. *In*: POLÍBIO. **História Pragmática**: Livros I a V. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 17-44.

SILVA, Patrícia Helena Gomes da. **Um soldado do ofício**: análise da trajetória intelectual de Eurípides Simões de Paula nos anos 1940 - 1960. 2019. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

SILVA, Dyel; SANTOS, Dominique. A historiografia antiga e a consciência do método da investigação histórica: uma leitura das *Histórias* de Políbio de Megalópolis. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 15, n. 40, p. 162–185, 2022.

SILVA, Rafael; CARVALHO, Camila (orgs.). **O futuro do passado**: por uma história afetiva dos Estudos Clássicos no Brasil. Em Tese, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, 2021. Dossiê.

SILVA, Uiran Gebara da; FRIZZO, Fabio; GONTIJO LEITE, Priscilla. Devemos fazer Tábula Rasa dos Passados Distantes? A Antiguidade na Cultura Histórica e nas escolas brasileiras. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 05-27, 2023.

SILVA, Uiran Gebara. Outra História Global é possível? Desocidentalizando a história da historiografia e a história antiga. **Esboços**, v. 26, n. 43, p. 473-485, 2019.

SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**, Barcelona, v. 08, n. 02 p. 210-236, 2019.

SKINNER, Quentin. **Visions of Politics**: Regarding Method. v. I. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

STADLER, Thiago David. **Plínio, o Velho**: nos caminhos da História Natural. Campo Mourão: FECILCAM, 2021.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, p. 219-240, 2017.

TEJERA, Alberto Díaz. Introducción. *In*: POLÍBIO. **Historias**. v. 1. Libros I – IV. Tradução e notas de Manuel Balasch Recor; introdução de Alberto Díaz Tejera. Madrid: Editorial Gredos, 1981, p. 07-50.

THÉODORE, Reinach. Polybii Historiae: eracta vit Th. Büttner-Wobst. **Révue d'Études Grecques**, Paris, tomo 18, fascículo 81, p. 403-404, 1905.

THONEMANN, Peter. **The Hellenistic Age**. Nova York: Oxford University Press, 2016.

THORNTON, John. **Polibio**: il politico e lo storico. Roma: Carocci Editore, 2020.

THORNTON, John. Polybius in Context: The Political Dimension of the *Histories*. In: GIBSON, Bruce; HARRISON, Thomas (orgs.). **Polybius and his World**: Essays in Memory of F. W. Walbank. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 213-229.

TOYNBEE, Arnold. **Helenismo**: História de uma civilização. Tradução de Waltensir Dutra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1959] 1983.

TULLY, John. Ephorus, Polybius, and τὰ καθόλου γράφειν: Why and How to Read Ephorus and his Role in Greek Historiography without Reference to 'Universal History'. In: PARMEGGIANI, Giovanni (Org.). **Between Thucydides and Polybius**: The Golden Age of Greek Historiography. Washington: Harvard University Press, 2014, p. 153-195.

VENGOA, Fazio Hugo; VARGAS, Luciana Fazio. La historia global y la globalidad historica contemporánea. **Historia Crítica**, Bogotá, n. 69, p. 3-20, 2018.

VARGAS, Anderson Zalevski. Uma ambiguidade tucidideana: a interconexão entre o humano e o inumano no relato dos sofrimentos da guerra. **Revista de Teoria da História**, v. 13, n. 1, p. 52-86, 2015.

VEYNE, Paul. The Hellenization of Rome and the Question of Acculturations. Tradução de Scott Walker. **Diogenes**, Paris, v. 27, n. 106, p. 01-27, 1979.

VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. New York: Cambridge University Press, 2013.

VLASSOPOULOS, Kostas. Acquiring (a) Historicity: Greek History, Temporalities and Eurocentrism in the Sattelzeit (1750-1850). In: LIANERI, Alexandra (org.). **The Western Time of Ancient History**: Historiographical Encounters with the Greek and Roman Pasts. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 156-178.

VLASSOPOULOS, Kostas. Constructing Antiquity and Modernity in the Eighteenth Century. In: FOXHALL, Lin; GEHRKE, Hans-Joachim (orgs.). **Intentional History**: Spinning Time in Ancient Greece. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2010, p. 343-357.

VLASSOPOULOS, Kostas. Imperial Encounters: Discourses on Empire and the Uses of Ancient History During the Eighteenth Century. *In*: BRADLEY, M. (org.). **Classics and Imperialism in the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 29-53.

WALBANK, Frank William. **The Hellenistic World**. Londres: Fontana Press, [1981] 1992.

WALBANK, Frank William. Polemic in Polybius. **The Journal of Roman Studies**, v. 52, 1962.

WALBANK, Frank William. **A historical commentary on Polybius**. 3 v. Oxford: At The Clarendon Press, 1957-1979.

WALBANK, Frank William. **Polybius**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1972.

WALBANK, Frank William. **Polybius, Rome and the Hellenistic World: Essays and Reflections**. New York: Cambridge University Press, 2002.

WALBANK, Frank William. The Manuscripts of Polybius. **The Classical Review**, Cambridge, v. 17, n. 02, p. 151-153, 1967.

WALSH, W. H. **Philosophy of History: An Introduction**. New York: Harper Torchbooks, 1960.

WEAIRE, Gavin. Revisiting τὰ καθόλου and κατὰ μέρος in Polybius. **Classical Philology**, Chicago, v. 115, p. 26-44, 2021.

WOOLF, Daniel. **Uma história global da história**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, [2011] 2014.